

RAYMUNDO JOSÉ DA SILVA

**IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE NA LITERATURA DE
CORDEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* – Mestrado em Letras, do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como exigência para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof^a Dr^a Marlene Durigan.

Área de Concentração: Estudos Lingüísticos

**TRÊS LAGOAS
2008**

COMISSÃO JULGADORA**DEFESA DE DISSERTAÇÃO - MESTRADO**

Presidente e Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marlene Durigan (UFMS)

1º Examinador: Prof. Dr. Alvaro Luiz Hattnher (UNESP)

2º Examinador: Prof^ª Dr^ª Vânia Maria Lescano Guerra (UFMS)

Três Lagoas, 01 de dezembro de 2008.

À minha esposa, Ilma, e aos meus filhos, Paulo, Raphael e Guilherme, por terem sempre acreditado em mim.

AGRADECIMENTOS

Antes, agradeço a Deus por me permitir a conclusão do Mestrado, importante passo em minha vida.

Agradeço à minha família e ao amigo Cândido, pela força, acreditando sempre.

Agradeço à Coordenação e à Secretaria do PGLETRAS/UFMS/CPTL, sempre cordiais, e aos colegas de turma, pelo relacionamento harmonioso que mantivemos.

Meus agradecimentos aos professores Edgar Nolasco, Celina Nascimento e Vânia Guerra, pela competência e modéstia com que elucidaram nossas dúvidas.

Agradeço, de modo especial, à professora Marlene Durigan, pela forma gentil, tranqüila e segura com que me orientou no decorrer da pesquisa, tornando sumamente gratificante um trabalho que poderia ser tão somente exaustivo.

SILVA, Raymundo José da. *Identidades e representações do Nordeste na literatura de cordel*. Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2008, 85f. (Dissertação - Mestrado em Letras)

Assim como ocorrera em Portugal, muitos séculos antes, com os jograis do Trovadorismo perambulando pelas cidades e interpretando as Cantigas, mais tarde, no Brasil, os cantadores ambulantes do Cordel escreviam e apregoavam suas obras nas praças de vilarejos do Nordeste. Surge, então, uma produção rural essencialmente poética denominada Literatura de Cordel, capaz de reunir determinados valores sócio-histórico-culturais e se constituir como movimento portador da identidade e da representação do povo do sertão. O objetivo deste trabalho é identificar, por meio da análise das práticas discursivas (os cordéis), como se produzem e se representam o homem, a vida e os valores nordestinos, bem como as vozes e (inter)discursos que os constituem nessas representações. Para tanto, foi constituído um *corpus* com trinta e cinco textos de diferentes cordelistas e de distintas épocas (de 1900 a 1980), de que são recortadas seqüências discursivas, examinadas segundo princípios teóricos e procedimentos da Análise do Discurso de orientação francesa, particularmente as balizas teóricas contidas nas obras de Bakhtin (1995) e Pêcheux (1995), segundo os quais todos os discursos são os mesmos, como ecos de outras vozes que se repetem, em épocas, condições e lugares diferentes. A esses construtos vêm agregar-se alguns princípios fundamentais dos Estudos Culturais, especialmente no que tange às questões identitárias. O trabalho estrutura-se em dois capítulos. No primeiro, *Do Nordeste ao Cordel*, registram-se os elementos que compõem as condições de produção do Cordel, como a seca, o cangaço, a religiosidade, os aspectos sociais do povo do sertão, além dos principais autores e características das obras, tais como a linguagem e os temas explorados; no segundo capítulo, *Sujeitos, (Inter)discursos e sentidos em folhetos de Cordel*, encontram-se as análises de 11 textos, de cujas histórias e formações discursivas emergem os traços marcantes de identidade e ideologia do sertanejo. Por fim, feita a análise de dois textos atuais e seu cotejo com os mais antigos, destacam-se as principais diferenças entre eles, culminando com indícios do processo de (des)identificação das produções mais recentes, em relação à ideologia da comunidade sertaneja, sob a influência da globalização.

Palavras-chave: Nordeste; cordel; identidade; representação.

ABSTRACT

*As it was in Portugal few centuries before, with the jograls (singers) of trovadorism (Galician-Portuguese Lyrics) singing around the towns and interpreting Cantigas (the lyrics), later in Brazil, the walking singers of Cordel used to write and spread out their pieces at squares and little villages in the Northeast of Brazil. It came out then a kind of country-side production essentially poetic named Cordel literature. It was able to join socio-historic-cultural values and constitute itself as a movement carrying the identity and representation of the people of sertao (draught region in the northeast of Brazil). This study aims to identify through analysis of discursive practices (cordeis), how man, life and Northeast of Brazil values are produced and represented as well as are the voices and the inter-discourses that constitute those representations. In order to do so it was constituted a corpus with thirty five texts of different Cordelistas (writers of Cordel) and from distinct period (from 1900 to 1980). Discursive sequences taken from these texts are examined according to French discourse analysis methods, notably, using theoretical references from Bakhtin (1995) and Pecheu (1995), accordingly to whom discourses are the same, but as echoes from other voices which repeat themselves in different epoch, conditions and places. These constructs put together some fundamental principles of Cultural Studies, specially concerning to the identity questions. The study is organized in two chapters. In the first, *Do Nordeste ao Cordel*, it is described the elements which compose the condition of the production of Cordel such as the draught, the cangaco (“social banditry”), the religiosity, and the social aspects of the sertao people. Beside that in this chapter, the most important authors and the characteristics of the literatures such as language and themes are explored. In the second chapter, *Sujeitos, (Inter)discursos e sentidos em folhetos de Cordel*, are the analysis of ten texts from which, history and discursive formation, emerges the strong traces of the identity and the ideology of the sertanejo (people from sertao). Finally, after the analysis of two recent texts and the comparison of them to older ones, it is highlighted the important differences between them, arriving to traces of the process of (des)identification of the production more recent in relation to the ideology of the sertanejo community under the influence of globalization.*

KEYWORDS: *Northeast; Cordel; identity; representation.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
DO NORDESTE AO CORDEL.....	19
1.1O Nordeste e a seca.....	22
1.2 A era do cangaço.....	25
1.2.1 Personagens do cangaço.....	26
1.2.2 “Cabras” de Lampião e outros personagens.....	31
1.3 A religiosidade nordestina.....	33
1.3.1 Antônio Conselheiro.....	34
1.3.2 Padre Cícero.....	35
1.3.3 Frei Damião.....	36
1.4 O povo do sertão: formação e aspectos sociais.....	37
1.5 Discursos-temas do cordel.....	40
1.6 A forma de divulgação.....	42
1.7 Dos “autores”.....	44
1.8 Da “linguagem” do cordel.....	55
SUJEITOS, (INTER)DISCURSOS E SENTIDOS EM FOLHETOS DE CORDEL.....	59
2.1 Ancorando as análises: esboços de teoria.....	59
2.2 Folhetos de Cordel: análises de textos.....	62
2.2.1 T01: A moça que bateu na mãe e virou cachorra.....	63

2.2.2 T02: <i>História de Juvenal e o dragão</i>	67
2.2.3 T03: <i>Dimas e Madalena nos labirintos da sorte</i>	70
2.2.4 T04: <i>Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás</i>	72
2.2.5 T05: <i>A moça que casou quatorze vezes e continuou donzela</i>	77
2.2.6 T06: <i>História da princesa da pedra fina</i>	79
2.2.7 T07: <i>A camponesa e o príncipe encantado</i>	82
2.2.8 T08: <i>O romance de João Besta e a Jia da lagoa</i>	85
2.2.9 T09: <i>História do capitão do navio</i>	88
2.2.10 T10: <i>O sertanejo Antônio Cobra Choca</i>	90
2.2.11 T11: <i>Cidrão e Helena</i>	93
2.3 <i>Das regularidades e das materialidades lingüísticas</i>	96
2.3.1 <i>De versos e rimas</i>	96
2.3.2 <i>De estruturas textuais</i>	107
2.4 <i>Em tempos de globalização, um “novo” Cordel?</i>	109
2.4.1TA: <i>Homenagem à pequena Isabela</i>	111
2.4.2TB: <i>A vorta da carístia!</i>	114
2.5 <i>O Cordel: sobrevivência e luta na (pós-) modernidade</i>	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é identificar, por meio da análise das práticas discursivas (os folhetos de cordel), como se produzem e se representam o homem, a vida e os valores nordestinos, bem como as vozes e (inter) discursos que os constituem nessas representações.

Quando se fala da Região Nordeste do Brasil, alguns aspectos, dos mais relevantes que a caracterizam, são emblemáticos e imediatamente lembrados: as secas famosas e terríveis, antes cíclicas, que marcaram épocas; depois mais frequentes, que, ao longo dos séculos, têm agravado a pobreza, as desigualdades e injustiças sociais, e provocam o ainda insanável problema das migrações; a era do Cangaço, fruto da pobreza e da ignorância, que deu origem a bandoleiros folclóricos e nacionalmente conhecidos, figuras históricas: Lampião, Corisco, Volta Seca e Antônio Silvino; por fim, a crença no sobrenatural e o sincretismo da religiosidade, que favoreceram o aparecimento de figuras lendárias de beatos como Antônio Conselheiro e padres canonizados pela fé popular como Frei Damião e Padre Cícero. (VAINSENER, 2008).

Formada por nove Estados da Federação e com uma área territorial de 1.561.177,8 Km², a Região Nordeste do Brasil é banhada, a Leste, pelo Oceano Atlântico. A extensa faixa territorial de clima úmido, próxima à costa, abrigava, no passado, grande parte da Mata Atlântica. Atualmente, depois de quatro séculos de contínua degradação em benefício do cultivo da cana-de-açúcar e de outras culturas, pouco resta da antiga e exuberante vegetação que deslumbrou os descobridores portugueses. No litoral, excetuando Teresina, situam-se as capitais, onde, desde os primeiros séculos pós-descobrimento, aglomera-se a maior parte da população nordestina.

Avançando para o interior, após a região produtiva e de clima fértil e úmido denominada Zona da Mata, apresenta-se o extenso sertão: primeiro, o agreste semi-árido que constitui uma faixa de transição com relativa umidade, ainda ameno e perfeitamente habitável. Aí, nessa região, dentre os vários aglomerados urbanos, destacam-se algumas cidades expressivas e mais populosas, como Caruaru, em Pernambuco, Campina Grande, na Paraíba, e Feira de Santana, na Bahia; depois, aparece a árida caatinga de sol causticante, solo seco e ríspido. Esta região representa o coração do sertão, de chuvas rápidas e irregulares, com a característica vegetação retorcida e de porte baixo, a agricultura de plantios frustrados e

colheitas freqüentemente perdidas. Na caatinga inóspita, os sertanejos, a duras penas, resistem e criam os bichos mais resistentes à alta temperatura, como os caprinos, além dos jumentos, tradicionais companheiros na difícil luta do sertanejo contra o flagelo da seca.

Da flora da região, adaptada às securas do meio ambiente, destacam-se as cactáceas, tais como as palmatórias, os mandacarus, os xique-xiques e os facheiros. Além das cactácias, medram as resistentes bromeliáceas, como as macambiras, cróias e croatais. Ainda igualmente afeitos ao intenso calor, sobrevivem o juazeiro e o umbuzeiro, sob o império quase absoluto do sol, do clima hostil, região conhecida como polígono da seca (CASTRO, 1980).

Certamente os dois contrastes geográficos, litoral e interior, por si mesmos, já seriam suficientemente decisivos para produzir consideráveis desníveis e alarmantes problemas sócio-econômico-culturais entre os habitantes. Entretanto, somadas a essas condições adversas e irremediáveis impostas pela Natureza, com o decorrer dos séculos, surgiram, no Nordeste, desigualdades tão aprofundadas que se podem considerar desumanas. Estas, de um lado, muitas vezes aguçadas por uma injustiça social exacerbada, são representadas por senhores de engenho e coronéis abastados, os detentores do mandonismo local; de outro, os empregados servis e dependentes, como os vaqueiros desempregados e peões desvalidos que, nas secas mais cruéis, tornavam-se nômades e, com suas famílias, engrossavam as caravanas de retirantes famintos.

Ao redor das grandes fazendas e engenhos, gravitavam as famílias mais humildes, de modo que, às catástrofes das secas, misturam-se, ainda, aspectos socioeconômicos e políticos que lhes tiram o caráter único de desastre natural. A esse respeito, eis o que dizem Medeiros Filho & Souza (1988, p. 24):

Coronéis e senhores de engenho dominavam, sem concorrentes, as câmaras municipais e as representações políticas tanto a nível estadual quanto a nível federal. Por isso, cada coronel ou senhor de engenho possuía em torno de si pequenos exércitos de cangaceiros formados pela parentela numerosa, pelos agregados e moradores. Aos que não pertenciam a esta instituição restavam apenas o silêncio e a resignação.

A seca foi, assim, deslocando-se de fenômeno natural para um problema social e político, com resultados cada vez mais devastadores, em face de interesses particulares e das ações do homem. Vale registrar o modo como o escritor Jorge Amado (1978, p. 189),

conhecedor da realidade local, refere-se ao problema no romance *Tereza Batista cansada de guerra*: “Pestes necessárias e beneméritas, sem elas seria impossível a indústria das secas, tão rendosa; sem elas, como manter a sociedade constituída e conter o povo, de todas as pragas a pior? Imagine, meu velho, essa gente com saúde e sabendo ler, que perigo medonho!”

Por motivos como esses, não há como negar uma situação que persiste há alguns séculos e que ainda se mantém insanável: a Região Nordeste, a primeira a ser habitada pelos portugueses, é também a mais pobre do país e, ainda hoje, apresenta os mais baixos níveis de vida representados pela pobreza, mortalidade infantil e analfabetismo.

Por conseguinte, em decorrência do grande impacto da natureza sobre a região, bem como de alguns aspectos socioculturais de fundamental importância, serão trazidas, a seguir, algumas informações e levantadas considerações que permitem uma melhor compreensão do caráter do povo sertanejo.

Qualquer brasileiro sabe que grande parte do sertão nordestino é atingida pelos rigores das secas, porém é possível afirmar que certos lugares, talvez pela notoriedade já adquirida, representam uma síntese ou símbolos dos vários outros que a seca tem afligido há séculos. De todos os Estados atingidos, o Ceará sempre foi o mais lembrado, razão por que freqüentemente menciona-se o Cariri como um oásis dentro dele, ou seus açudes, alguns já nacionalmente famosos, como o de Orós, que represa o rio Jaguaribe na região centro-sul cearense. Todavia devem ser citados, ainda como exemplos, a região do Pajeú, localizada no sertão pernambucano, e o Seridó, extensa faixa territorial do semi-árido que se estende da Paraíba ao Rio Grande do Norte. São essas regiões, também, grandes representantes do apogeu do clima mais quente, de solo árido e quase inabitável.

Há várias décadas, ocorre um fato que se tem repetido: durante as secas mais inclementes, os noticiários mostram, para o restante do país, a paisagem acinzentada com lavouras ressequidas, a sobrevivência quase impossível de homens, mulheres e crianças desesperançados, com suas expressões martirizadas pelo sofrimento.

Não se pense, contudo, que a Região Nordeste seja totalmente desprovida de água, porque existem outros lugares de bom clima e solo fértil onde as pessoas vivem bem. Mesmo em determinados pontos do sertão, a chuva cai e existem rios. Basta citar as fortes e não tão raras tempestades de curta duração que intercalam as longas estiagens e, de forma cruel e irônica, provocam inundações e prejuízos ao sertanejo já empobrecido. Cite-se, especialmente, o Rio São Francisco; o “Velho Chico”, como o apelidam de modo carinhoso os nordestinos. Nascido na Serra da Canastra, em Minas Gerais, o São Francisco toma a direção Leste e passa pelos Estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, lançando suas

águas no Oceano Atlântico. Logo, trata-se de uma segunda e ingrata ironia, sobretudo para os mais pobres, uma vez que o maior curso de água doce totalmente brasileiro, embora atravesse grandes extensões da região, não é, de forma alguma, suficiente para amenizar, significativamente, as condições de grande parte de nordestinos flagelados pela seca. Do mesmo modo, a criação de órgãos governamentais como DNOCS e SUDENE, com o fim de criar açudes e implementar a criação de açudes e barragens, não produziu os resultados esperados.(MEDEIROS FILHO & SOUZA, 1988).

Considerando-se os aspectos do meio físico do sertão, o fenômeno da seca nordestina parece ser muito antigo e, em determinadas épocas, torna-se mais agudo, dentro de uma área de paisagem que normalmente se mostra desolada. Conhecido desde a época colonial, com a célebre estiagem de 1887, que matou dezenas de milhares de pessoas, especialistas enviados por D. Pedro II ao agreste chegaram à conclusão de que o problema da falta d'água só poderia ser debelado com a criação de açudes.

Já durante a República, em 1909, no governo do então Presidente Nilo Peçanha, criou-se o primeiro órgão de peso, o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), que, dentre outras funções, viria fomentar a irrigação e o beneficiamento de áreas e obras contra as secas e inundações. Apesar da má aplicação das verbas, por influência dos potentados locais, tal iniciativa foi considerada acertada e, a partir dela, observaram-se algumas melhorias na região: a construção de mais açudes e outras obras, como pontes, estradas e ferrovias. Entretanto, o fenômeno climático repetiu-se em 1915, com igual violência, trazendo sofrimento e morte, o que deu origem a outro fenômeno, agora de natureza social: a emigração, muitas vezes desnordeada, de pessoas chamadas retirantes.

Há muito tempo, alguns escritores nordestinos, conhecedores profundos do problema, têm usado as secas como tema. Na de 1915, a escritora Rachel de Queirós inspirou-se para escrever *O Quinze*, sua obra mais conhecida; por sua vez, Graciliano Ramos também publicou um grande livro, *Vidas Secas*, em que descreve as agruras do sertanejo, além de José Américo de Almeida e José Lins do Rego que retratam, em suas obras, a vida no sertão.

Em 1958, sobreveio outra terrível estiagem, que tornou ainda mais evidente a gravidade do problema, levando, em 1959, já no final do governo de Juscelino Kubitschek, à fundação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Preocupava-se, nesse tempo, com a inserção de certas regiões marginalizadas no contexto de desenvolvimento industrial pretendido pelo Brasil. No entanto, a atuação desse novo órgão governamental revelou-se um estrondoso fracasso, motivado, especialmente, pelo desencontro de interesses dos políticos locais. Grande parte dos recursos acabavam desviados, para a

criação de barragens e de estradas em propriedades particulares. Segundo Oliveira (1981, p. 55),

Utilizava-se também essa mão-de-obra na construção das grandes barragens, mas alguns estudiosos críticos dos próprios quadros do DNOCS chegaram a calcular que, se essa mão-de-obra, em todas as secas de que há memória no Nordeste desde a criação da IFOCS, tivesse sido utilizada na construção das barragens públicas, a grande maioria delas estaria construída há muito tempo.

Desse modo, os mais pobres são os que realmente continuam sofrendo, conforme esta declaração de 1982, feita por cerca de sessenta bispos no *Seminário sobre o homem e a seca no Nordeste*, registrada por Medeiros Filho & Souza (1984, p.104):

Logo no primeiro dia, estudando a realidade nordestina, vimos que a miséria do Nordeste é causada, mais pela injusta organização sócio-econômica e política, do que pelo flagelo da seca. Pois os ricos, mesmo com a seca, continuam bem, e até se tornam às vezes, mais ricos, com os proprietários que se enriquecem com as benfeitorias que o Programa de Emergência constrói em suas terras, com o suor dos pobres que não recebem nem o salário mínimo.

Por fim, em época mais recente, 1998, mais uma seca, agora ainda mais visível, é estampada em jornais, revistas e televisão, mostrando, de forma contundente, deprimentes cenas em que sertanejos famélicos saqueiam armazéns e caminhões de carga. Mas são fatos antigos e repetidos, cujos ecos do sertão longínquo, em épocas de quase total isolamento, mal chegavam a outras regiões do país, mais ricas e desenvolvidas.

Muitos pequenos agricultores simplesmente têm abandonado suas terras; outros, como na região do Seridó, em vista do precioso barro, próprio para a cerâmica, vendem-nas para as grandes fábricas e vão se fixar nas periferias das cidades. Segundo Medeiros Filho & Souza (1988, p.113), em 13/01/1976, assim dizia o jornal *A Tarde*, da Bahia, oferecendo um triste retrato da situação dos retirantes:

Ao longo das estradas, lavradores sentados sobre malas de couro, sacolas e sacos de roupas, aguardam o caminhão que partirá às cinco horas da manhã, para evitar que o sol causticante provoque sede nas crianças, que, se

segurando nas saias das mães, imploram um pedaço de pão. Os homens rudes a todo instante recontam os trocados que conseguiram juntar para fugir da seca. O dinheiro em lenços sujos e desbotados, presos à cintura, e servirá para pagar as passagens e comprar alimentos durante a viagem. Para onde vão, ainda não sabem, porém têm a certeza que é preciso fugir.

Essas estiagens ou mesmo as inundações são, portanto, fenômenos climáticos recorrentes, e, para os sertanejos, não resta outra alternativa senão conviver com tais catástrofes da forma menos traumática e dolorosa possível.

Foi nessa região de um povo sofrido que floresceu o Cordel. Tendo atingido o apogeu no Nordeste em meados do século XX, nas últimas décadas, entretanto, como resultado das transformações sócio-culturais atravessadas pelo Brasil, a Literatura de Cordel tem encontrado sérias dificuldades, e já não mantém o mesmo nível de sucesso outrora desfrutado. Por isso, há muito tempo os cordelistas queixam-se do abandono em que vive essa literatura, em decorrência tanto da indiferença dos meios de comunicação e de leitores, como do desinteresse das instituições governamentais. O Cordel ainda reúne, no entanto, admiradores ou estudiosos que se debruçam sobre esse movimento cultural, observando-lhe o valor artístico e ressaltando sua considerável relevância como depositário dos elementos sócio-históricos e ideológicos do povo nordestino, de que resultam alguns livros e publicações de teses, dissertações e artigos acadêmicos.

Dos livros mais importantes vindos a lume, alguns merecem ser citados como exemplos: (a) *Autores de cordel: literatura comentada* (MEYER, 1980) contém um histórico da provável origem européia dos folhetos, a polêmica envolvendo o processo editorial, as características materiais e temáticas dos folhetos, os aspectos biográficos de alguns autores mais renomados, do início ao apogeu do Cordel no Brasil, e a antologia de poemas consagrados; (b) *Literatura de cordel em discussão* (PEREGRINO, 1984) revela um ardoroso defensor do cordel, condição comprovada já no título do prefácio escrito por Veríssimo de Melo: *Umberto Peregrino – aliado imbatível do cordel*. Faz uma detalhada exposição das principais características dos folhetos, como os temas explorados, os rígidos métodos de versificação, a tradicional e singular forma de divulgação e a opinião de estudiosos como Câmara Cascudo e Silvio Romero. Apesar da anunciada parcialidade e a apaixonada abordagem que o autor faz do Cordel, o livro expõe a penúria dos autores e a difícil situação por que tem passado essa literatura nas últimas décadas. (c) *O cordel televisivo: futuro, presente e passado da literatura de cordel* (MAXADO, 1984) é de autoria de um cordelista dos novos tempos, com formação superior, que, embora convicto de que o Cordel sobreviverá a

todos os obstáculos decorrentes da vida moderna capitaneada pelos meios de comunicação, sobretudo a Rede Globo, deixa transparecer fundas incertezas num relato sombrio:

A literatura de cordel, nesse quadro, enfrenta o monstro desarmada. E sente que tem de se metamorfosear para conviver com os novos tempos. Vira marginal e teima em viver. Seus poetas marcham na frente, como representantes de um povo, sentindo suas aspirações. Lutam e sonham em usar as mesmas armas dos concorrentes, resistindo ao lado das “reservas analfabetas e de cultura popular: os cordelistas, cantadores, os escultores rústicos, os ceramistas, como exemplos”, conforme declarações do sociólogo Gilberto Freire. (MAXADO, 1984, p. 25).

Embora se saiba que nem todos os cordelistas aceitam de bom grado certas intervenções investigativas, mais recentemente as universidades vêm redescobrando a importância do Cordel como elemento representativo da cultura nordestina, o que tem resultado em valiosas contribuições científicas. Vale registrar que, conquanto a *internet* ainda represente uma fonte pouco ortodoxa de pesquisa, considerou-se por bem não prescindir dela para este trabalho, tanto pelo volume de informações, quanto pela relevância de algumas obras já publicadas. Citem-se, dentre essas, os ensaios de Resende (2007) (a) *Literatura de cordel: uma aproximação etnográfica ao gênero*, com a exposição de algumas características desse gênero literário, as dificuldades e a opinião de alguns poetas; (b) *A representação da infância em situação de rua na literatura de cordel brasileira: uma análise discursiva crítica*. Trata-se, portanto, de um trabalho que tem como *corpus* um folheto do Cordel atual, *Meninos de rua*, de uma das poucas mulheres cordelistas, Esmeralda Batista. Neste ensaio, Resende analisa o discurso fatalista e a legitimação do discurso assistencialista de Batista direcionado às classes desfavorecidas, como os meninos de rua.

Por fim, merece registro a tese de Doutorado de Nemer (2005), *A função intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha*, que traz uma reflexão sobre a apropriação da Literatura de Cordel em *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) e em *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), filmes de Glauber Rocha. Nemer discorre com profundidade sobre as condições sócio-culturais da comunidade sertaneja, realiza um levantamento dos fatores essenciais que contribuíram decisivamente para a formação do Cordel, como o coronelismo, a religiosidade e o cangaço, e faz uma minuciosa exposição dos aspectos psicológicos do homem sertanejo e seu expoente máximo de indivíduo agreste e valente: o cangaceiro-herói.

Logo, pelo formato do folheto, pelos temas abordados e expressão lingüística, as obras da Literatura de Cordel oferecem um amplo campo à pesquisa, seja na semântica, na morfossintaxe, ou no estudo do léxico, mas, além desses aspectos fonético-morfológico-sintáticos, essa produção literária mostra-se variada e rica, visto que seus autores apresentam um vivo e multicolorido panorama sócio-político-cultural, onde desfilam alguns dos principais elementos representativos do Nordeste sertanejo: o homem humilde, o coronel, o doutor, o clero e o bandido.

Em face disso, nosso trabalho não pode desconsiderar os Estudos Culturais, especialmente porque, no interior de sua ampla contribuição, focalizam questões relacionadas à subjetividade e à identidade, além de trazerem à tona questões relacionadas aos produtos advindos da cultura popular (e dos *mass media*), que refletem os rumos e diretrizes da sociedade contemporânea. E quando o fazem, resgatam determinadas tradições teóricas de cunho sociológico e permitem que seu foco venha a recair sobre toda a produção de sentido, dedicando especial atenção às estruturas sociais (de poder) e ao contexto histórico, bem como ao deslocamento do sentido de cultura (antes encravado no tradicionalismo elitista), para as práticas cotidianas. Os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que a esfera econômica não consegue explicar totalmente. (ESCOSTEGUY, 2000).

Como destaca Hatthner (2003, p. 250)

O caráter sempre político dos Estudos Culturais é expresso por suas tentativas de usar os melhores recursos intelectuais disponíveis para se obter um melhor entendimento das relações de poder (em jogo ou em equilíbrio) em determinado contexto, com a convicção de que o conhecimento resultante poderá capacitar as pessoas a mudarem o contexto e, conseqüentemente, as relações de poder.

Por outro lado, é certo que grande parte das obras publicadas, como essas já citadas, trazem inegáveis contribuições aos estudos da Literatura de Cordel; no entanto não existe, ainda, uma quantidade expressiva de trabalhos direcionados, especificamente, à análise de discursos de/em cordéis. Portanto, tal condição permite considerar que os folhetos certamente representam um amplo e fecundo campo a ser explorado nessa linha de pesquisa.

Nas décadas áureas, como filhos da terra e naturais porta-vozes, os autores expressavam em seus escritos os discursos e as ideologias da comunidade sertaneja, de modo que o Cordel passa a ser reconhecido como literatura criada, genuinamente representativa e

consumida pelo povo do sertão. Com um discurso aparentemente fundador, original, o poeta sertanejo identificava-se com o seu povo e para ele e em nome dele se expressava.

É preciso entender, entretanto, que mesmo os poetas oriundos de um povo com aspectos tão particulares, como o sertanejo nordestino, e criadores de um tipo de literatura com características tão distintas, como a do Cordel, ainda que não o reconheçam, não detêm o discurso original, inédito, conforme procuramos demonstrar nas análises. Cumpre acrescentar que a própria atribuição de um nome próprio a um texto, é, segundo Foucault (1997), um processo que, desde a época medieval, funciona como um dos dispositivos de controle da circulação dos textos e delega-lhes autoridade por meio de uma assinatura legitimadora.

Identificados alguns construtos teóricos relevantes para a pesquisa – sujeito, identidade, representação, interdiscurso, formações ideológicas e formações discursivas –, procurou-se um percurso metodológico que se adequasse ao tipo de investigação e aos dados que seriam o objeto de análise. Optou-se pela constituição de um *corpus*, a partir de trinta e cinco textos da Literatura de Cordel, de diferentes autores e produzidos em épocas diferentes, mais precisamente de 1900 a 1980.

Dessas obras, foram selecionadas onze das mais representativas, de variados autores e temas do gênero “cordel”, em que foram feitos recortes (temáticos) de enunciados, em busca das vozes e (inter)discursos constitutivos da representação do homem (ser humano) na cultura nordestina. Por sua vez, as seqüências discursivas selecionadas foram submetidas aos princípios e procedimentos da Análise do Discurso francesa, destacando-se as contribuições de Pêcheux (1990). Cada texto foi identificado por uma referência composta pela letra T (texto), seguida de um número de ordem (de 01 a 11), com seqüência organizada segundo a incidência dos macrotemas: 1) abordagem do sobrenatural 2) valorização dos sentimentos nobres e princípios morais 3) abordagem de conceitos e comportamentos negativos 4) exaltação da masculinidade do sertanejo 5) o humor. Registre-se que, com o intuito de estabelecer uma análise mais abrangente dos folhetos, procurou-se selecionar textos de autores diversificados. Além desses textos do Cordel “tradicionais”, foram selecionados dois escritos recentemente, a fim de estabelecer um possível paralelo entre as características das obras mais antigas e das atuais.

Na expectativa de alcançar o objetivo proposto, o trabalho organiza-se em dois capítulos. No primeiro – do Nordeste ao cordel –, o leitor encontra informações de natureza histórica acerca do objeto de pesquisa, ou, mais especificamente, condições de produção da Literatura de Cordel. No segundo – Sujeitos, (inter)discursos e sentidos em folhetos de cordel

–, apresentam-se brevemente aspectos teóricos relevantes, seguidos de análises de recortes discursivos, identificando-se aspectos pertinentes à identidade da literatura de cordel.

Espera-se que as reflexões apresentadas nesta dissertação, relativas ao processo de (des)identificação da Literatura de Cordel, contribuam significativamente para a discussão, no âmbito da Academia, do papel desse gênero e dos seus “autores”, na construção do patrimônio sócio-cultural brasileiro e na constituição e representação do homem nordestino.

CAPÍTULO I: DO NORDESTE AO CORDEL

Foi nas proximidades dum ambiente agreste, hostil, desfavorecido e contrário a todas as possibilidades de desenvolvimento da arte, que nasceu o Cordel, produção escrita, de características singulares e paralela à Literatura Brasileira oficial e prestigiada. Territorialmente isolada das regiões mais desenvolvidas do país, produzida por uma camada social sertaneja e humilde dos longínquos rincões, a Literatura de Cordel, desde o seu início, representou uma produção artística, marginalizada e esquecida pela sociedade mais próspera ou elitizada, e ignorada pelos veículos de comunicação, como afirma Nemer (2005, pp. 22, 23), em sua tese de Doutorado:

Inicialmente marcado pelo isolamento, pelo abandono do governo central, esse território árido, inadequado à atividade agrícola (base da economia brasileira até meados do século XX), começou a sofrer inúmeras intervenções em sua organização política e social depois do advento do regime republicano. A partir daí, a população sertaneja, sujeita a crises, instabilidade e violência, vai pouco a pouco abandonando a região em busca de oportunidades no Centro-Sul do país, onde permanecerá, contudo, marginalizada. A literatura de cordel expressa a condição de exclusão dessa camada da população.

Com início ao final do século XIX, não obstante toda a indiferença das classes privilegiadas dos grandes centros urbanos do Brasil e dificuldades inerentes a uma produção artística materialmente pobre, artesanal, às vezes manuscrita em folhas volantes, a Literatura de Cordel desenvolveu-se no Nordeste durante o século XX. Assim, consolidou-se como veículo de entretenimento, noticioso e portador de velhas histórias e da ideologia do homem do sertão.

Ao menos para a grande parte dos brasileiros, a palavra *cordel* pode soar estranha, enquanto em Portugal trata-se da forma mais comum de se nomear a *corda fina*, *cordinha*, *barbante* ou *cordão*. Assim, a palavra veio para o Brasil, fixou-se como nome de literatura rural, entretanto não se popularizou. Mas, então, por que *Literatura de Cordel*? O motivo, opinião compartilhada por alguns autores, como Peregrino (1984) e Maxado (1980), é que, durante muitas décadas, os vendedores, em bancas muito simples, em casa, nas praças ou nas feiras, enfileiravam os folhetos encavalados em cordões (cordéis) para serem vendidos.

Luyten (1992, p. 10), desejando orientar o conceito dessa literatura, pondera:

Muitos confundem *literatura de cordel* ou *poesia popular* com manifestações poéticas nordestinas. Há um fundo de verdade nisso, mas é bom lembrar de que há poesia popular em todo o Brasil (e, seguramente, em toda a América Latina). A literatura de cordel significa a parte *impressa* e, como tal, representa menos do que 1% da poesia realmente feita a nível popular, mas que é apenas cantada por violeiros, trovadores ou cantadores.

Sem dúvida, deve-se respeitar a opinião desses ilustres estudiosos, sabendo-se que a denominação abrangente *Literatura Popular* corresponde a uma forma em que se pode incluir o que se chama Literatura de Cordel. Entretanto, possivelmente, por ter sido o Nordeste a primeira porta de entrada dessa literatura, e por ter ela ali sofrido um longo e intenso processo de desenvolvimento e de maturação, será quase impossível falar de Literatura de Cordel sem que se lembre, de imediato, de fortes características que só aquela região possui: o suplício da seca, a religiosidade exacerbada e o fenômeno do Cangaço. A forte impressão é que, quando se fala do Cordel, embora o nome possa evocar os pequenos livros pendurados em barbantes, ou o formato da confecção, a essência e os ingredientes sócio-culturais dessas obras é que parecem definir se elas pertencem, ou não, à Literatura de Cordel.

A despeito das possíveis “limitações” desse tipo de produção humana, é inquestionável o interesse que essa literatura atualmente pode despertar, seja em leitores comuns, seja em estudiosos da grande Literatura Brasileira e da Linguística, que vêem o Cordel como uma autêntica representação da realidade social nordestina, em cujo discurso expressa-se o pensamento e a ideologia do sertanejo.

Segundo Pêcheux (1990a, p. 77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas”, o que impulsiona o pesquisador à busca dos porquês de certas escolhas e os efeitos desse “exterior” (constitutivo).

Para Orlandi (2006), as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação do discurso. Segundo a autora, as condições de produção podem ser tomadas em *sentido estrito* (circunstâncias da enunciação, contexto imediato) e em *sentido lato* (contexto sócio-histórico-ideológico), que, na análise, imbricam-se.

No âmbito discursivo, as condições de produção envolvem uma conjuntura social, cultural, política, histórica e ideológica; na situação enunciativa, implicam um sujeito que fala a um outro a respeito de um referente, sistematicamente. O que deve ou não ser dito, bem

como as escolhas lexicais ou estruturais, tudo isso é determinado pelo contexto (restrito e amplo) que envolve sujeitos e discursos e em que estes se inscrevem.

Como afirma Albuquerque Júnior (1999), historicamente a noção de Nordeste começou a ser construída no início do século XX, por Gilberto Freyre e outros intelectuais entre o final dos anos dez e começo dos anos vinte, produzindo-se uma identidade estereotipada. No imaginário brasileiro, as questões sociais do Nordeste, como a seca e a miséria, (ainda) são elementos primordiais para a elaboração imagético-discursiva da Região: um lugar da periferia, de discriminação nas relações econômicas e políticas do país.

Essa imagem estereotipada é representada fartamente em diferentes gêneros midiáticos e no próprio discurso oficial¹, como a legitimar a lógica de pertencimento do ser nordestino: a imagem de seca, da calamidade, do chão tórrido. Essa imagem ganha força e expressa-se na literatura, especialmente na assim chamada literatura regionalista, fundada numa lógica discursiva de "defesa" desse recorte chamado Nordeste.

Disso decorre que o homem nascido e criado no sertão tem sido caracterizado – ainda que no imaginário popular ou no/pelo senso comum – como um ser sofrido, uma vítima da natureza e das contingências sócio-econômicas e políticas a que vem agregar o ser místico, crente e conservador, um radical defensor de valores morais e sociais e, “sobretudo, um forte”, como destacou Euclides da Cunha..

¹ A partir da criação da Inspeção Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS), em 1919, o Nordeste foi sendo identificado como a região que sofria a seca na parte Norte do país. (cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit.).

1.1 O Nordeste e a seca

Ao longo de muitas décadas, o povo sertanejo tem sido acometido por duras tragédias naturais. Dessas desgraças repetidas e inexoráveis, fruto de longas estiagens intervaladas por trágicas inundações, alguns repentistas extraíram muitas histórias para o Cordel, enquanto outros artistas também nelas se inspiraram para compor suas músicas como, por exemplo, “Súplica Cearense”, de *Gordurinha e Nelinho*, em que retratam as enchentes, a dor e o desapontamento do sertanejo religioso perante a natureza rebelada, bem como sua resistência à “colonização” pelo outro e à manutenção de sua “ideologia”, num discurso atravessado por formações discursivas do cristianismo colonizador católico:

Súplica Cearense (Composição: *Gordurinha e Nelinho*)

Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar

Oh! Deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol se arretirou
Fazendo cair toda chuva que há

Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedi pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão

Meu Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,
Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração

Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa
Pro sol inclemente se arretirar

Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará.

Como se pode observar na letra, a situação parece inacreditável, ou, pelo menos, tais enchentes assemelham-se a um engenhoso capricho da natureza, porquanto é sabido que, a princípio, a maioria dos males que infelicitam o homem sertanejo deriva de longas e históricas estiagens. É um fenômeno que tem levado as famílias a deixarem a terra natal e provocado, para algumas pessoas, um problema ainda mais doloroso: carregadas de filhos,

mulheres são abandonadas, definitivamente às vezes, pelos maridos que se deslocam para outras regiões do País à procura de emprego. Surgem, com isto, as conhecidas “viúvas da seca”, implicitamente mencionadas nos versos da memorável canção de Luiz Gonzaga: “Então eu disse adeus Rosinha/Guarda contigo meu coração.”

Nesse aspecto, Luiz Gonzaga, com sua natural sensibilidade, talvez tenha sido o artista que melhor soube captar a angústia e os sonhos perdidos do sertanejo flagelado, como se pode verificar na letra da famosa música “Asa Branca”, que soa como um lamento ante a desesperança e a desolação da paisagem estorricada pelo sol. Reatualiza-se, portanto, a trajetória do povo nordestino, a partir da simbologia da historicização (espaço e tempo) na busca da poética popular:

Asa Branca

Composição: *Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira*

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Porque tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Até mesmo o asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas,
Nessa triste solidão,
Espero a chuva cair de novo
Pra eu voltar pro meu sertão.

Quando o verde dos teus olhos,
Se espalhar na plantação, eu te
Asseguro, não chores não, viu
eu voltarei meu coração.

Atualmente as pessoas ainda saem para outros Estados, mas não de forma tão desenfreada como nas décadas anteriores; todavia isso não significa que a vida do sertanejo tenha ficado muito mais suave. Na verdade, o fluxo migratório tornou-se mais contido, em decorrência do desemprego e da outra forma de exclusão (segregação social) a que se

submetem os recém-chegados às cidades do Sudeste. Muitas ações sociais têm sido implementadas para melhorar a vida do sertanejo. Mas, o fato é que, a despeito da criação de certos órgãos governamentais e das medidas quase sempre de caráter emergencial, o sertanejo tem conseguido poucas mudanças em sua difícil condição, não se diferindo, substancialmente, em relação à vida levada pelos flagelados de antigas épocas. Entretanto, alimentado por um sentimento de inferioridade, e a despeito da situação adversa, o povo sofrido constrói suas próprias maneiras de dar sentido a essa existência e de recuperar a dignidade.

Observe-se, a seguir, como Patativa do Assaré, com o poema “A triste partida”, mais tarde transformado em música, expressa, exemplarmente, o dilema do sertanejo compelido a abandonar a terra natal:

A TRISTE PARTIDA

Setembro passou, com outubro e novembro
 Já tamo em dezembro
 Meu Deus, que é de nós?
 Assim fala o pobre do seco Nordeste
 Com medo da peste
 Da fome feroz.
 A treze do mês ele fez a experiência
 perdeu sua crença
 nas pedras de Sá
 mas nôta experiência, com gosto se agarra
 pensando na barra do alegre Natá.
 (...)Agora pensando segui ôtra tria
 chamando a famia
 começa a dizê: eu vendo meu burro,
 meu jegue e o cavalo
 nós vamo a São Paulo
 vivê ou morrê.

Distante da terra tão seca mas boa
 exposto à garoa
 à lama e ao paú
 faz pena o nortista, tão forte, tão bravo
 vivê como escravo
 nas terra do Sul.

Num jogo lingüístico entre “nós”, “eles” e “eu”, que congrega as vítimas da exclusão social no espaço do outro, reconhece-se, decerto, que, fora do controle humano, os fenômenos naturais das secas e das inundações permanecem insanáveis, e é de se crer que continuarão a existir, ou porventura a intensificar-se em face da degradação do meio

²ambiente. Atualmente, com o intuito de atenuar a dimensão das tragédias recorrentes e tornar menos ingrata a vida do sertanejo, os órgãos governamentais tentam algumas medidas, como a polêmica transposição do Rio São Francisco; entretanto, ainda hoje, conquanto menos intensas, as migrações forçadas acontecem.

O sofrimento do sertanejo nordestino é histórico, antigo, motivado pela seca, mas sobretudo pelas desigualdades sociais durante séculos. Tais condições adversas favoreceram o surgimento e a robustez, no século XIX e primeira metade do XX, de um movimento que viria fazer um contraponto à história dos dominantes, numa outra forma de dominação: o Cangaço, subproduto da injustiça e pobreza aprofundadas.

1.2 A era do cangaço²

Entre o final do século XIX e começo do XX, surgiram, no sertão do Nordeste brasileiro, grupos de homens fortemente armados com carabinas, cartucheiras e longos punhais que aterrorizaram a população sertaneja. Eram os cangaceiros.

Esses bandos de rudes salteadores, a maioria constituída por pessoas de origem humilde, geralmente do campo, sob a liderança de um chefe, impunham seu próprio conceito de moral, honra, justiça e religiosidade. Com algumas diferenças, esses criminosos usavam uma indumentária semelhante à dos vaqueiros do Nordeste: roupas de couro que os protegiam da vegetação espinhosa da caatinga; porém traziam os casacos cruzados por correias sobre os tórax e ombros, com as armas de fogo atravessadas nas costas, o que lhes dava a aparência de bois no jugo, ou na canga. Daí a origem do nome desse movimento fora da lei, o Cangaço.

Por muitos anos, os cangaceiros percorreram quase todos os Estados nordestinos, espalhando terror e saqueando cidades e fazendas, estimulados pela proteção de coronéis, os “coiteiros”, que os usavam, sobretudo ao bando de Lampião, para manutenção do poder e conseguir objetivos pessoais, como cobrança de dívidas ou vingança contra inimigos.

É sabido que Lampião foi o transgressor mais renomado dos sertões, mas o Cangaço teve origem muito antes dele. Por exemplo, um dos primeiros cangaceiros de que se tem notícia foi o Cabeleira, o mesmo cuja vida serviu de tema à obra do escritor Franklin

² Os dados biográficos da *Era do Cangaço* foram consultados em Vainsencher, pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco; os da *Religiosidade nordestina* (1.3) estão fundamentados nos estudos de Vainsencher & Lóssio acessados em 19/06/08.

Távora, e que, já na segunda metade do Século XVIII, assombrava as regiões rurais próximas de Recife.

Um dos fatores que mais contribuíram para a proliferação desses bandos de criminosos foi a grande seca que dizimou o Nordeste em 1877. A miséria e a fome fizeram com que milhares de sertanejos, sem qualquer perspectiva de sobrevivência, partissem para o saque, abrindo caminho para o mundo do Cangaço.

1.2.1 Personagens do cangaço

Durante os últimos 70 anos, os meios de comunicação têm explorado exaustivamente todos os fatos relativos aos principais personagens que compuseram o movimento do Cangaço. Publicaram-se vários livros sobre o assunto; entrevistaram-se pessoas oriundas das regiões onde aconteceram os episódios mais relevantes; ouviram-se as vítimas e parentes dos criminosos, além da tomada de depoimentos de ex-cangaceiros sobreviventes. Contudo, até hoje não arrefeceu totalmente o interesse do grande público por aqueles episódios que ainda conservam alguns pormenores envoltos em mistério. Por isso, muitos casos verídicos que se contam sobre os cangaceiros parecem eivados de fantasia, ou realidade ampliada pela imaginação popular. Passadas todas essas décadas, apesar das transformações socioeconômicas verificadas no Brasil e, evidentemente também no sertão nordestino, ainda se pergunta: Quem foram Lampião, Corisco, Maria Bonita, e como viviam?

Não se pretende, com estas informações, apresentar todos os aspectos e os numerosos detalhes que fizeram parte da história desse movimento; todavia, para uma melhor compreensão do tema, e em vista da sua notável influência na vida de muitos sertanejos, seguem, abaixo, em linhas gerais, alguns registros sobre a saga dos principais personagens.

Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), o “Lampião”, era natural de Serra Talhada, sertão de Pernambuco. A versão mais repetida e aceita para explicar a origem dessa alcunha é que, nos 200 ou mais tiroteios travados durante os assaltos noturnos, seu rifle, em decorrência dos disparos continuados, ficava incandescente, semelhante à luz mortiça de um lampião. Percorreu sete Estados da Região Nordeste durante as décadas de 1920 e 1930, mas cultivava um grande respeito pelo Ceará, por causa do Padre Cícero, a quem reverenciava como homem santo.

Quase tudo que se sabe de Lampião e que contribuiu para aumentar-lhe ainda mais a fama, tanto naquele tempo como até hoje, deve-se à cobertura jornalística e cinematográfica, com filmes e fotos que o mascate libanês Benjamin Abrahão Botto fez do

bando. Tratava-se de uma forma de *marketing* do cangaceiro. Esse cinegrafista, ao conquistar a confiança de Lampião, tornou-se, de certo modo, o fotógrafo “oficial” do Cangaço. Vaidoso, o cangaceiro aceitava essa ostentação, e, em plena caatinga, como o comprovam registros, gostava de olhar as reportagens e fotografias estampadas nos jornais.

A partir de certa época, mais precisamente nos anos 20 e 30, a história do Cangaço confunde-se com a própria história de Lampião, de modo que ambos, o personagem e os fatos, constituem um dos fenômenos mais estudados da cultura nordestina. Com o ambiente de gente humilde propensa às credices e ao misticismo, verdades e mentiras, fantasia e realidade se cruzam na vida de Virgulino Ferreira da Silva e seu bando.

Os cangaceiros perambulavam pelo sertão sem moradias fixas e ninguém, como eles, conhecia tão bem os caminhos e os esconderijos das caatingas. Como nômades, entre extorsões, tiroteios contra as volantes e fugas para lugares de difícil acesso, reapareciam, a pé e de surpresa. E para compor um quadro que mais se assemelha a fantasia que a realidade, conta-se que o bando do mais temido dos cangaceiros entrava cantando nas cidades. Exigiam dinheiro, alimento e apoio. Caso suas exigências não fossem cumpridas, enfurecidos, praticavam toda sorte de crimes: seqüestravam crianças, violentavam mulheres e rasgavam os homens a punhal. O que se diz é que, se atendidos os pedidos, Lampião organizava um baile. Dançava-se o xaxado, nome derivado do ruído das sandálias no solo áspero da caatinga, um ritmo criado no sertão pernambucano, e preferido dos cangaceiros. Nesses momentos, Virgulino distribuía esmolas aos mais necessitados, versão romântica dum Robin Hood do agreste. Ao final da festa, o bando partia da cidade, em fila indiana, todos pisando a mesma pegada, enquanto o último ia, de costas, apagando os rastros com uma folhagem.

A vida desse sertanejo inspirou minisséries de sucesso durante os anos 80 e filmes marcantes, como “O cangaceiro”, produzido pelo cineasta Lima Barreto em 1953, tendo como tema a música “Mulher rendeira”, composição de Zé do Norte, que estabelece o nítido entrelaçamento entre o Cangaço e outros elementos do folclore nordestino, como o artesanato dos bilros.

Observem-se, portanto, as estrofes seguintes, que não registram, sequer, uma palavra que desabone a conduta do cangaceiro. Ao contrário, apresentam um tom romântico e expressam, pela desconstrução da visão maniqueísta, certo encantamento pelo herói-bandido, sobretudo por parte das mulheres rendeiras, ou das moças sertanejas:

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| 2) Olê muié rendá | 6) Deu um baile em Cajazeira |
| 3) Tu me ensina a fazê renda | 7) Botou as moças donzelas |
| 4) Que eu te ensino a namorá. | 8) Pra cantá muié rendera. |
| 9) As moças de Vila Bela | 13) Olê muié rendera |
| 10) Não têm mais ocupação | 14) Olê muié rendá |
| 11) Se que fica na janela | 15) Tu me ensina a fazê renda |
| 12) Namorando Lampião. | 16) Que eu te ensino a namorá |
| 17) Lampião desceu a serra | 21) As moças de Vila Bela |
| 18) Deu um baile em Cajazeira | 22) Não tem mais ocupação |
| 19) Botou as moças donzelas | 23) Se que fica na janela |
| 20)Pra cantá muié rendera | 24) Namorando Lampião |

A atitude de troca de favores e de amizade com os coronéis, os momentos críticos em que Lampião se outorgou o direito de fazer uma suposta justiça, bem como as doações aos mais humildes fizeram que os transgressores, de um modo geral, ganhassem o respeito e até mesmo a admiração da população sertaneja: representavam a redenção do nordestino, condição que resulta num efeito muito próximo ao da carnavalização bakhtiniana e ao do romance picaresco.

O cangaceiro transformara-se em lenda viva, cuja presença ainda persiste na memória do povo, especialmente do sertanejo mais próximo e conhecedor dos fatos, enquanto o cinema e as telenovelas, com certo *glamour*, completam a imagem do “cabra da peste” selvagem, violento e misterioso. A fama adquirida não decorre, todavia, apenas dos sangrentos confrontos que Lampião travou com as volantes, uma vez que ele não parece ter-se descurado também da aparência pessoal. Como exemplo, trazia os dedos enfeitados de preciosos anéis, introduziu o chapelão de couro em forma de meia-lua e ornamentado com moedas de ouro e prata, lembrando um pouco o formato daquele que, em algumas figuras, pode-se ver na cabeça de Napoleão Bonaparte.

Companheiro da lendária Maria Bonita, cangaceiro cego de um olho e com os inusitados óculos no meio da caatinga agreste; homem jeitoso, fazia os partos de Maria Bonita e de outras mulheres do bando; sanfoneiro e artesão em trabalhos de couro, confeccionava as próprias roupas. Tudo isso o torna singular e compõe um portentoso conjunto de detalhes que, somados à ferocidade, às façanhas e à imaginação do povo humilde do sertão, devem ter colaborado, de modo especial, para aumentar a aura mitológica do bandoleiro.

Note-se que, apesar de todos os males causados, o Cangaço invadiu, de forma um tanto romântica, a mente das pessoas, de sorte que os principais personagens lembrados mais parecem heróis que criminosos sanguinários. A respeito dessa aura mesclada de mito e realidade, Nemer (2005, pp. 11, 12), explica:

Lampião, bandido célebre que durante quase vinte anos desafiou as forças da polícia assegurando sua dominação sobre uma vasta zona do território nacional e sua população, se inscreve nessa tradição. Ele é o herói de inúmeros folhetos de cordel que testemunham sua singularidade, sua ambivalência, sua dualidade profunda. Anjo e diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino por prazer, o cangaceiro é objeto de múltiplas representações. Imortalizado pela voz popular, tornou-se personagem de uma narrativa continuamente retomada: sua história não cessa de ser reescrita, sua imagem de ser reelaborada.

Por tudo isso, durante muito tempo, mesmo após a sua extinção, o Cangaço tornou-se um dos temas mais intensamente explorados pela Literatura de Cordel, cuja incontida admiração por Virgulino, por vezes, surge francamente declarada, como nos seguintes versos do poeta João Martins de Athayde, em que o sujeito Lampião – herói emblemático do Nordeste, inscreve-se no imaginário coletivo:

Entrada de Lampião na cidade de Padre Cícero

Assim naquela atitude
Rosto firme, olhar insano
Quem o visse não dizia
Ser um ente desumano
Prestava atenção em tudo
Com um caráter sisudo
Parecia um soberano.

O repórter perguntou
A Lampião a sua idade
Tenho vinte e sete anos
Com toda sinceridade
Sinto-me bastante forte
Não tenho medo da morte
Nem fujo da autoridade.

Um relevante fato histórico colaborou, de modo considerável, para o fortalecimento de Lampião e seu bando. Na década de 20, a Coluna Prestes perturbava

seriamente o Governo Federal, o qual achou por bem fazer uso dos serviços dos cangaceiros para combater aquele movimento com ideais marxistas. Como resultado, em Juazeiro, no ano de 1926, o governo faz a Lampião a doação de armamentos e munições e lhe concede a patente de capitão honorário das forças legais. Lampião pouco contribuiu para conter a longa marcha de Luís Carlos Prestes; contudo, o “Capitão Virgulino”, como exigia ser reconhecido, continuou na mesma vida de fora-da-lei, mas, vaidosamente, ostentou a falsa patente até o fim.

Era no governo de Getúlio Vargas, e a ousadia desses bandoleiros chegara ao ápice. Haviam criado a ilusão de mudarem o *status* de “bandoleiros” para “revolucionários”, enquanto Lampião começava a autoproclamar-se “governador dos sertões nordestinos”. Com o agravamento do problema, as autoridades governamentais decidiram colocar um fim à importuna situação que havia durado décadas e tomava corpo. Foram criadas, então, as temíveis “volantes”, forças especiais comandadas por policiais de carreira, mas compostas temporariamente por civis. Tais grupos cometiam abusos e igualmente amedrontavam o povo, sobretudo por serem legalizados, porém representavam o único instrumento capaz de enfrentar os cangaceiros em pé de igualdade.

As perseguições tornaram-se mais encarniçadas e o Cangaço agonizava. No ano de 1938, na gruta de Angicos, em Sergipe, atacados pela polícia alagoana comandada pelo tenente João Bezerra, morrem Lampião, a mulher Maria Bonita e mais alguns de seus companheiros denominados “cabras”. Alguns nomes: “Luís Pedro”, “Mergulhão”, “Elétrico”, “Quinta-Feira”, “Caixa de Fósforo”, “Adília”, “Cajarana” e “Diferente”. Onze ao total. Acredita-se que havia outros, que conseguiram sobreviver embrenhando-se na caatinga, já que o bando de Lampião, normalmente, compunha-se de quinze a cinquenta homens.

Os que morreram tiveram as cabeças decepadas e macabramente expostas ao público, em alguns lugares, como na escadaria da igreja matriz de Santana do Ipanema, em Alagoas. Mais tarde, as cabeças foram transferidas para Salvador onde ficaram guardadas no Museu Nina Rodrigues até o ano de 1969.

A exposição, tida como exemplo, foi considerada uma forma de assustar e definitivamente desestimular esse tipo de crime na região. Após a morte do cangaceiro, os componentes das volantes empreenderam uma verdadeira caçada aos despojos, como jóias, dinheiro, perfumes importados e tudo o mais que pudesse ter valor.

Virgulino escreveu, com sangue, sua história de líder fora-da-lei, mas, ainda assim, é considerado, às vezes, um nobre salteador que jogava moeda aos pobres, tornando-se

um mito depois de morto. Quanto a Abrahão, o jornalista que fez os melhores registros dos últimos anos do Cangaço, foi, pouco tempo depois, misteriosamente assassinado.

1.2.2 “Cabras” de Lampião e outros personagens

- 1) *Corisco*, esta era a alcunha de Cristino Gomes da Silva Cleto, (1907-1940), por sua agilidade com que manejava as armas. Companheiro e posteriormente sucessor de Lampião, apelidado ainda de *Alemão* e *Diabo Louro*. Era considerado o vingador do seu ex-chefe, Virgulino. No bando, sua mulher chamava-se Sérgia, mais tarde, conhecida como a temível Dadá. Foi um dos cangaceiros mais cruéis e temidos. Como os antigos companheiros, foi decapitado.
- 2) *Volta Seca*, apelido de Antonio dos Santos. Aos dezesseis anos entrou para o bando de Lampião, acompanhou-o por quatro anos e tornou-se um dos bandidos mais perversos. Afastou-se do grupo, foi preso e sobreviveu ao Cangaço. Sua vida envolve um elemento pitoresco: além de ter sido um perigoso bandido ainda na adolescência, ficou famoso por ser considerado o compositor da música que já faz parte do folclore nordestino “Acorda, Maria Bonita”, enaltecendo a mulher de Lampião. Ainda hoje, os quatro primeiros versos da melodia podem ser ouvidos, cantados pelo cangaceiro, já em idade avançada:

Acorda, Maria Bonita

Acorda Maria Bonita
Levanta vai fazer o café
Que o dia já vem raiando
E a polícia já está de pé.

Se eu soubesse que chorando
Empato a tua viagem
Meus olhos eram dois rios
Que não te davam passagem.

Cabelos pretos anelados
Olhos castanhos delicados
Quem não ama a cor morena
Morre cego e não vê nada.

Maria Bonita. No início, só os homens faziam parte do cangaço. A partir de 1930, Lampião juntou-se a uma companheira, “Maria Bonita”, a quem os familiares chamavam Maria Déia, cujo nome era Maria Gomes de Oliveira. Morena, baixa e encorpada, Lampião, que a

chamava de “Santinha”, encantou-se pela beleza típica da sertaneja. Foi considerada a “musa do cangaço”, em torno da qual pairam histórias verdadeiras e fantasias.

Aberto o precedente com Maria Bonita, foram admitidas outras mulheres no bando de Lampião, formando-se outros casais menos famosos: “Corisco e Dadá”; “Galo e Inacinha”; “José Baiano e Lídia”; “Moita Brava e Sebastiana”; “Labareda e Maria”; “José Sereno e Cila”; “Luís Pedro e Neném”.

Essas mulheres, mesmo protegidas pelos cangaceiros, precisavam ter uma resistência física incomum, para resistir ao desconforto no mato e ao sofrimento das longas caminhadas, fugindo à perseguição das volantes.

3) Antônio Silvino (1875-1944), ou Manuel Batista de Moraes, seu verdadeiro nome. Cangaceiro nascido em Afogados da Ingazeira, Pernambuco, cidade situada às margens do Rio Pajeú, no sertão do Estado. Praticou seus crimes antes de Lampião, não sendo, portanto, um dos seus homens. Ferido em tiroteio, entregou-se à justiça.

O fato é que, depois da morte de Lampião, chega ao fim a era do Cangaço, ainda que alguns cangaceiros tenham sobrevivido. Permaneceram, entretanto, as controvérsias. Por dois motivos, acredita-se que, na véspera, os cangaceiros tenham sido envenenados: a pouca resistência demonstrada no combate final, embora tenham sido emboscados ao amanhecer, e os urubus supostamente encontrados mortos, dias depois, por terem ingerido as vísceras.

1.3 A religiosidade nordestina

Dentre todas as regiões brasileiras, parece acertado considerar que nenhuma outra apresenta um povo com uma ligação tão estreita, tão peculiar e profunda com o sobrenatural quanto o da Região Nordeste. Ali as religiões misturam-se num sincretismo harmonioso, de modo que, não raro, o mesmo fiel respeita e professa mais de um credo, conseguindo uma conciliação quase impossível entre as religiões oficiais, entre as crendices e tantas superstições que, por vezes, beiram a idolatria. Entretanto, a despeito dessa variedade de crenças, o povo nordestino, mormente o sertanejo, sempre foi tocado por esse respeito ao sobrenatural, com um fervor religioso intenso, às vezes sem medida das conseqüências. Ademais, o sertanejo mostrava uma imensa capacidade para conciliar atitudes e valores terrenos e espirituais. A esse respeito, Castro (1980, p. 250) explica:

Tipos tão significativamente inseridos, por suas raízes culturais, na vida sertaneja, a tal ponto associados em sua atuação social que se constituem muitas vezes como uma só personalidade – o beato-cangaceiro, como o célebre Bento da Cruz, de Juazeiro, assassino de seu pai, que “com uma cruz numa mão e um punhal na outra”, distribuía justiça na povoação, ou como os truculentos Batistas que na campanha de Canudos serviram de ajudantes de ordens a Antônio Conselheiro e que eram “capazes de carregar os bacamartes homicidas com as contas dos rosários...” (Euclides da Cunha).

Sincretismo à parte, a religião católica sempre foi a mais seguida, embora seja considerável o número de adeptos de outras doutrinas, como, por exemplo, do candomblé. Portanto, nesse ambiente propício à religiosidade, multiplicaram-se as respeitadas benzedeadas contra influências maléficas, como a “espinhela caída” ou o mau olhar; os “curadores” contra todos os tipos de enfermidades físicas e espirituais; os místicos adivinhos da natureza, que, numa estranha forma de prospecção, sondam a água escondida no solo ou a chegada da chuva, além das tradicionais romarias a lugares considerados sagrados, como igrejas e grutas.

Deste modo, nessa sociedade rural e extremamente receptiva aos fenômenos e valores espirituais, surgiram três figuras proeminentes que conseguiram, cada um em sua época, aglutinar, de forma jamais vista, a religiosidade da população sertaneja: Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião. Aceitos pelo sertanejo como legítimos profetas e mediadores entre a terra e o além, esses símbolos máximos do messianismo do Nordeste foram, ainda em vida, incondicionalmente reconhecidos como santos.

A seguir, um esboço das biografias desses três personagens.

1.3.1 Antônio Conselheiro

Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), o Antônio Conselheiro, nasceu no Ceará. Líder místico, entregou-se à vida errante como pregador, percorrendo os sertões do Ceará, Pernambuco, Sergipe e, finalmente Bahia, sempre empenhado, com seus beatos, em construir e restaurar capelas, igrejas e cemitérios. Euclides da Cunha, no livro *Os Sertões* (p. 129), admiravelmente o descreve: “... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão, em que se apoiava o passo tardo dos peregrinos...”.

O clero não via com bons olhos as atividades evangélicas daquele exótico pregador. Por isso, além de tentar proibi-las por meio de circulares dirigidas às paróquias, a Igreja Católica local e o governo da província baiana acusaram-no de pregar doutrinas subversivas.

Depois de certo tempo, ganhou fama de milagreiro, reuniu milhares de sertanejos, jagunços fanáticos que lhe obedeciam cegamente, e fundou o arraial de Canudos, a “cidade santa”, no Nordeste da Bahia. Plantava-se, e eram criados rebanhos. Com as notícias que se espalhavam, muita gente mudava-se para o local, e logo a comunidade transformou-se numa grande cidade com casas de taipa.

De boatos em boatos, criou-se um equívoco: as autoridades passaram a acreditar que o Conselheiro, além de pregador religioso, transformara-se em séria ameaça ao regime político, ou seja, à República. O governo baiano resolve por termo ao movimento e envia uma força policial, que é facilmente derrotada pelos fanáticos. Seguiram-se, depois, outras expedições formadas por tropas do exército, também vencidas.

O que poderia ter sido uma simples escaramuça ganha vulto, transforma-se na *Guerra de Canudos*, fato histórico, amplamente noticiado, à época, pelos grandes jornais do Brasil.

Enfim, o Governo Federal envia um poderoso exército com soldados de vários Estados, travando-se cruentos combates. Morre o Conselheiro, e, com ele, extingue-se definitivamente o movimento religioso e rebelde. Crédulos, em vão os jagunços sertanejos esperaram que seu chefe espiritual ressuscitasse. No entanto, lutaram e morreram por ele e pela fé incondicional, até quase à extinção total das pessoas do povoado.

Por si sós, a sangrenta Guerra de Canudos e seus principais personagens, como Antônio Conselheiro, e militares como o coronel Moreira César já mereceriam fazer parte da História. Todavia, o terrível embate e os personagens tornaram-se ainda mais célebres, em virtude da forma magistral e dramática como o escritor Euclides da Cunha os descreve no livro *Os Sertões*.

1.3.2 Padre Cícero

Outro grande expoente, talvez o maior, da religiosidade nordestina foi o padre Cícero Romão Batista (1884-1934), mais conhecido pelos fiéis como o “Padim Ciço”, natural

da cidade do Crato, no Ceará. Em 1872 vai para a cidade de Juazeiro, onde fixa residência definitivamente. Iniciou a melhoria da capela de Nossa Senhora das Dores, onde desenvolveu o seu trabalho pastoral, conquistando, desde então, a simpatia da comunidade.

Em 1889, ocorreu a manifestação de fenômenos considerados os primeiros milagres a ele atribuídos: conta-se que a hóstia colocada na boca da beata Maria de Araújo transformara-se em sangue. Estabeleceu-se, então, uma comissão de inquérito, que considerou os fenômenos como sendo manifestações sobrenaturais e divinas.

Tem início o primeiro impasse entre o reverenciado padre e os representantes da Igreja Católica, visto que o bispo Dom Joaquim Vieira não acata o relatório nem acredita nele. Nomeou-se outra comissão de inquérito, agora chefiada pelo Monsenhor Antônio Alexandrino de Alencar, que exigiu a presença da beata na cidade do Crato. Ao ser-lhe ministrada a eucaristia, a hóstia não se transforma mais em sangue.

A partir desse momento, a comissão elaborou novo relatório desmentindo os supostos milagres e enviou-o ao bispo, que aplicou contra o padre Cícero as seguintes sanções: não mais podia celebrar em Juazeiro, nem confessar ou pregar na diocese; também estaria proibido de falar sobre os referidos milagres e de atender aos romeiros.

Chamado a Roma, teve uma audiência com Leão XII, sendo por esse Papa absolvido. Mas a deliberação da autoridade maior não foi suficiente. O bispo do Ceará, Dom Joaquim Vieira decidiu que o sacerdote ainda não poderia exercer suas funções enquanto não viesse da Itália o decreto de reabilitação. Entretanto, todas essas privações do exercício eclesiástico serviam para incutir no povo sertanejo um incomparável sentimento de respeito e de veneração pelo padre. Finalmente, depois de vinte e quatro anos de proibição, recebeu autorização para celebrar. Cada vez mais crescia o número de romeiros. Cícero Romão Batista passou a ser cultuado como um santo vivo, com muitos fiéis já fazendo uso de medalhas gravadas com sua efígie.

O bispo da diocese do Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, para desgosto dos milhares de romeiros, considerou a situação intolerável. Daí em diante o padre Cícero seria definitivamente proibido de exercer suas funções sacerdotais.

Ameaçado de excomunhão e afastado da Igreja, o padre dedicou-se à política, tornando-se poderoso no Estado do Ceará, mas continuou “curando” gente em casa e dando conselhos e sermões a milhares de nordestinos humildes e fiéis. Ainda hoje, as fervorosas romarias continuam em direção de sua estátua de vinte e sete metros de altura erigida na Serra do Horto, próxima da cidade de Juazeiro.

1.3.3 *Frei Damião*

Pio Giannotti (Itália 1898-Recife 1997), ou Frei Damião, foi o último dos grandes “messias” que conseguiram galvanizar a simpatia e o fanatismo da imensa multidão de sertanejos.

Barbudo, pequenino, rechonchudo e irreversivelmente encurvado por causa da postura adotada nos longos anos de confissão dos fiéis, essa figura agradava, e, com o tempo, espalhou-se entre a população sertaneja sua fama de milagreiro. Não abrindo mão de certos princípios, era inimigo declarado do Comunismo, da minissaia e do sexo antes do casamento.

Dos três personagens em questão, pelo comportamento, e talvez por ter vivido na época moderna, menos propensa a credices, Frei Damião foi o que teve uma vida menos misteriosa e mais semelhante à do homem comum. Conseguia sorrir e até aceitava leves brincadeiras, detalhes que certamente o humanizava. Nos corações dos sertanejos, nada disso importava, porque o frei era, para eles, sem dúvida, um santo, ainda que não tenha produzido fatos ou milagres prodigiosos. De forma quase tão grandiosa como ocorrera com o padre Cícero, quando morreu, uma imensa multidão de fiéis chorou a sua falta.

1.4 O povo do sertão: formação e aspectos sociais

Há algumas décadas, para quem não conhecia o Nordeste, obras como *O Quinze*, de Rachel de Queirós, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, davam uma idéia aproximada do tipo de vida dos sertanejos das regiões mais distantes dos grandes centros. Hoje, com o advento dos veículos de comunicação e o fácil acesso a eles, mormente à televisão, a maior parte dos brasileiros já pode ter uma visão mais real, tanto dos elementos positivos como dos maiores problemas que têm afligido o homem do sertão. É evidente que ali existem núcleos urbanos como Salvador, Recife, Fortaleza e outros, que ombreiam socioculturalmente com os centros mais desenvolvidos do País. Entretanto, é imenso o contraste com o sertão longínquo e esquecido, cuja população, resignada ou corajosamente, sobrevive em péssimas condições. Certo é que os sertanejos não teriam como,

ou para onde ir, e tal fato serve para evidenciar a grande heterogeneidade e a vastidão deste país bem pouco conhecido dos próprios brasileiros.

Em face do precário nível de vida do sertanejo, origina-se uma imagem um tanto estereotipada, generalizada, porém real, de uma boa parcela da população nordestina. Não importa que daquela região tenham emergido nomes ilustres, alguns do passado, outros ainda do presente, da música ou da literatura, como Caetano Veloso, Castro Alves, Rachel de Queirós, Jorge Amado, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Graciliano Ramos e tantos outros que poderiam ser citados. Sobressai-se uma imagem negativa e muito forte de uma outra parcela da população: o homem analfabeto, sofrido, rústico. No entanto, em que pese a vida ruim, apresenta, quase sempre, um ânimo elevado, porque uma das características marcantes do povo nordestino é a alegria e vivacidade de espírito. Tais qualidades parecem corroborar o que o escritor Euclides da Cunha já dissera do sertanejo, com alguma razão: "...antes de tudo um forte". De qualquer modo, pode-se dizer que é preciso que o ser humano seja dotado de muita resistência física e apoio espiritual para adaptar-se às duras condições ambientais de algumas dessas regiões.

Portugueses descobridores, escravos africanos, índios, invasores franceses e holandeses, cada um desses povos trouxe sua contribuição, e, durante séculos, ocorreu um intenso processo de troca de experiências, de maturação antropológica que compuseram os caracteres do povo do Nordeste, inconfundível no gosto musical, na linguagem, no tipo físico e costumes.

De acordo com uma visão mais específica, cada Estado nordestino, a rigor, construiu sua própria história, e cada povo, valores que o identificam; todavia existem aspectos gerais que, de certo modo, interligam e unificam os Estados. A música, por exemplo, constitui-se de uma grande variedade de ritmos, de movimentos lentos, ou ligeiros, como o baião, o xote, o xaxado, o frevo, o maracatu e o forró, alguns deles exigindo uma especial condição atlética dos dançarinos, mas todos expressando a energia e o gosto desse povo pela vida.

O artesanato, que é admirável, apresenta-se em todo o seu esplendor e riqueza de sutis filigranas, seja nos finos acabamentos dos objetos de cerâmica, ou de palha, seja nas complexas e artísticas tramas dos trabalhos com bilros das tão conhecidas mulheres rendeiras. O folclore é riquíssimo, quase sempre marcado de muito sentimento religioso e variadas crendices. Basta lembrar as tradicionais festas do mês de junho, os dias santos, o culto ao candomblé e as gigantescas levas de romeiros vindos de muito longe, boa parte em paus-de-arara, para orar nas igrejas ou cumprir promessas junto à estátua de padre Cícero. Para as

gigantescas romarias, chegam todos, com chapéus de palha, numa entrega absoluta pela fé, para pedir ou agradecer aos santos de devoção, principalmente a Cícero Romão Batista.

Há, na Região, um profundo respeito por qualquer fenômeno que pareça espiritual. Aliás, este sempre foi um dos temas preferidos nas conversas do homem rural: contar e ouvir casos em que se misturam contos de fadas, fenômenos sobrenaturais e almas penadas.

Do que se disse até este ponto, conclui-se que, ao longo de décadas, ou mesmo séculos, três grandes fatores contribuíram para moldar definitivamente a forma de ser do nordestino mais humilde: a recorrência do tormento da seca, a religiosidade levada ao fanatismo e o espectro do Cangaço impregnado de lendas.

Foi dessa camada mais simples da população, rural, sertaneja, formada, em sua maioria, de semi-analfabetos, que surgiu uma produção escrita genuinamente nordestina denominada Literatura de Cordel.

O Cordel é uma literatura singular, marginalizada, exótica para alguns. Entretanto, se considerada como arte, as histórias contadas são livres para trazer episódios fantasiosos ou inverídicos “ocorridos” em lugares, às vezes muito distantes, ou imaginados, mas com uma aura de encantamento e personagens sobre-humanos. Tornam-se comuns, portanto, nessas histórias, informações semelhantes às seguintes: “Num reino distante vivia um príncipe valente...”; ou “Um dia a bruxa malvada se transformou numa pomba”, numa relação intertextual (marcas explícitas) e interdiscursiva (pois que as virtudes e vícios são relembrados) com os contos de fada. Vale lembrar que o conceito de intertextualidade também abrange o de interdiscursividade, que, em AD, consiste em uma propriedade constitutiva de qualquer texto (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 288).

A despeito do deslocamento espacial, o leitor do Cordel manifesta sua aceitação e encantamento porque, pelo menos, essas histórias entretêm-no e informam-no. Logo, o mais importante é que esse leitor se translada para um mundo imaginário, identifica-se de certo modo com os personagens, sobretudo os mais corajosos, justos e humildes, e extrai um exemplo, uma lição que, por universal, preenche os anseios e adapta-se satisfatoriamente à mundivivência do homem do sertão. Para os atos de bondade, recompensas como a ascensão social, mediante o casamento com a pessoa amada (formações ideológicas pequeno-burguesas e patriarcais), ou a herança e a felicidade definitiva após a quebra de um encanto, ou feitiço; para a maldade, o castigo terreno do vilão, pela perda dos bens materiais ou do amor, a morte em combate com o herói, ou alguma maldição que o levará a trágico sumiço, como o fogo terreno ou o eterno e apocalíptico fogo do inferno.

1.5 Discursos-temas do cordel

O discurso moralizante, tão freqüente nos folhetos e representado por exemplos, funciona como fio condutor do pensamento de uma comunidade – a sertaneja – e aponta um caminho, ensinando que a vilania será fatalmente castigada, aqui na terra ou no além. Trata-se, pois, da constante preocupação do cordelista em mostrar um modelo idealizado da boa conduta, como forma de ensinamento e correção, porquanto somente as atitudes positivas e virtuosas são dignas e valem a pena.

Até as décadas de 60 e 70 do século XX, esse discurso dos exemplos estava perfeitamente adaptado ao modelo sociocultural do nordestino, embora não representasse um discurso original, fundador, conforme se destacou anteriormente. Quando o repentista portavoz põe em cena a sua fala pretensamente original, constitui-se a polifonia (BAKHTIN, 1997): ouvem-se os ecos de outros discursos provisoriamente esquecidos, que dialogam e se repetem, como os ensinamentos da Bíblia, as lições exemplares dos contos de fadas, das fábulas e dos provérbios. É como se, além do poeta, tais vozes também falassem, embora com palavras diferentes, de outros lugares e épocas, mas com as mesmas formações: “Os maus serão castigados”; “Fazei o bem, e não olheis a quem”; “Quem com o ferro fere, com o ferro será ferido”.

Corroborando esse pensamento, eis o que diz Bakhtin (*apud* AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27.):

Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala do outro. Nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”.

Desse modo, pode-se compreender que essa originalidade pretendida, solicitada e resultante do esquecimento do sujeito-autor, não passa de mera ilusão (PÊCHEUX, 1988), e jamais poderia ser plenamente alcançada.

Entende-se, pois, que a ideologia contida no Cordel, referente aos bons exemplos de honra, virtude e lealdade, estabelece uma interdiscursividade com o ideal cavalheiresco do Trovadorismo e, ainda que eventualmente exacerbada, não está circunscrita a determinada população. Trata-se, antes, de experiências cristalizadas, há muito vivenciadas por outras comunidades, discursos que povoaram regiões e épocas diversas. E em virtude da tendência

do folheto para adaptar as histórias e “nordestinar” personagens e paisagens, surgem títulos exóticos com personalidades locais ou de outras origens, que prenunciam a fantasia ou o misticismo, como: “A chegada de Lampião no céu”; “A duquesa de Sodoma”; “A princesa Anabela e a Filha do Lenhador”; “O pavão misterioso” e mais outras centenas de títulos. Por conseguinte, a Literatura de Cordel perpassa determinados aspectos da vida muito caros ao sertanejo, levando alguns personagens a assumirem atitudes idealizadas, heróicas, quase épicas. Entretanto, pela ênfase da moral que geralmente se dá ao desfecho, vê-se que os poemas do Cordel, além da importante função de divertir o leitor, costumam trazer um objetivo maior: ensinar e corrigir, mediante uma lição, característica que os aproxima do discurso ideológico de outros gêneros, dentre os quais, os contos de fadas. A esse respeito, eis o que assevera Fiorin (2003, p. 41):

Todos os discursos têm, para usar uma expressão de Edward Lopes, uma “função citativa” em relação a outros discursos. Por isso ele não é único e irrepetível. Na medida em que é determinado pelas formações ideológicas, o discurso cita outros discursos. Os mesmos percursos temáticos e figurativos se repetem.

Com respeito às temáticas, as obras do Cordel apresentam algumas mais recorrentes, como as seguintes:

a) Histórias de amor não-correspondido, virtudes ou sacrifícios. Ex.: *Os sofrimentos de Eliza ou os Prantos de uma esposa*.

b) Ciclo mágico e maravilhoso: com histórias sobre príncipes, fadas, dragões e reinos encantados. Ex.: *O pavão misterioso*.

c) Ciclos do cangaço e religioso: apresentam figuras que povoaram o imaginário do povo nordestino, como Lampião, Antônio Silvino, Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião.

d) Noticiosos: além de servirem como lazer, exerciam a função de jornais. O leitor, mesmo sabendo dos acontecimentos, lêem o folheto para conhecer a visão do poeta. Ex.: *As enchentes no Brasil no ano setenta e quatro* e *A criação de Brasília* marcaram época.

e) Anti-heróis: relatam a vida de indivíduos fisicamente fracos que conseguem vencer pela esperteza. Alguns como, Pedro Malazartes e João Grilo tornaram-se célebres na Literatura de Cordel.

f) Exemplos morais: deixam uma lição. É um tipo de temática que permeia grande parte dos folhetos, como forma de corrigir os maus. Ex.: *A moça que bateu na mãe e virou cachorra*.

As épocas mais favoráveis para a comercialização do folheto eram os dias das festas dos santos padroeiros e juninas, sobretudo no auge das safras. Isso se devia ao fato de as pessoas terem mais dinheiro, ou por acontecer uma grande afluência de gente provinda de recantos mais distantes. Além de trabalharem mais nesses períodos propícios, esses poetas sertanejos atuavam regularmente em bancas de feiras nos finais de semana. Mais recentemente, usavam alto-falantes, mas nem sempre foi assim, o que tornava a vida do folheteiro muito mais dificultosa. Para a comercialização do folheto, não bastava apenas a técnica de apregoar; era preciso saber apresentá-lo a público, função que exigia algumas qualidades especiais.

1.6 A forma de divulgação

Como já foi dito, as praças nos dias de grandes festas e as feiras eram os lugares mais usados pelo cordelista para apresentar e vender os seus folhetos. Portanto, a mais antiga forma de divulgação realizava-se de modo direto entre o autor e a clientela que compunha a roda.

Como um verdadeiro manual de comportamento, eis o que preconiza o cordelista Liedo M. de Souza, citado por Peregrino (1984, p. 21), quanto às características que um poeta deve possuir:

(...) ter peito e garganta de aço para berrar o livro; no apresentar-se, não se exhibir e procurar manter as ordens necessárias em qualquer lugar que chegar, não ser invejoso e nem dar importância às conseqüências que lhe aparecerem. Ser calmo e humilde diante das gabarolas. Procurar ser independente de contravenções e fazer amizade com toda classe de gente e saber se defender dos males durante o momento do seu trabalho. (...) O folheteiro que não berrar no meio da feira, que não pára de vez em quando para explicar o romance ao matuto, que não faz um gracejo para arrumar a roda de cantoria, que não dá o tranca ou uma chave de venda para o povo com vontade de ouvir o resto das estórias, é um defunto no meio da feira.

As obras de cordel podem aparecer cantadas com acompanhamento musical, ou impressas. A cantoria de viola originou-se no sertão da Paraíba, espalhou-se para as regiões

vizinhas, e seus poetas radicaram-se em Recife. Nessa cidade, concentrou-se a maioria das fábricas, na verdade pequenas prensas de funcionamento artesanal, continuando uma tradição que vem dos tempos em que portugueses e holandeses instalavam engenhos de cana-de-açúcar. Desse modo, o Estado de Pernambuco, até mais ou menos 1949, tornou-se o maior centro de produção e comercialização da Literatura de Cordel, sendo os meados do século XX considerados o tempo áureo para o folheto.

Antes dessa época, porém, já haviam surgido grandes nomes da poesia. O primeiro, e tido por muitos como o maior, foi Leandro Gomes de Barros, nascido na Paraíba, falecido em 1918. Depois vieram outros: Manoel D’Almeida Filho, José Costa Leite, Manoel Camilo dos Santos, Rodolfo Coelho Cavalcante, João Melchíades da Silva, Silviano Pirauá de Lima, João de Barros (Jotabarro), o combatido poeta e editor João Martins de Athayde e, mais recentemente, Patativa do Assaré. Este, de certo modo, um autor canônico, cujo renome ultrapassou os limites dos simples folhetos da Literatura de Cordel. Com sua poesia divulgada nos meios televisivos e livros didáticos, tornou-se bem mais conhecido que os demais pelo grande público.

Em que pese a defesa e a simpatia de alguns estudiosos pelo Cordel, essa literatura jamais alcançou, nem de longe, o prestígio concedido às obras consagradas da grande Literatura Brasileira. Trata-se de uma literatura popular com fortes características folclóricas nordestinas, algumas de origem universal, direcionada a um tipo específico de leitor, com pouca instrução escolar e quase nenhum conhecimento das obras dos grandes escritores.

Observe-se como um desses estudiosos do assunto, Peregrino (1984, p. 15), expõe os conceitos sobre o verbete *cordel*, colhidos de dois grandes dicionaristas: a) Cândido de Figueiredo: “Livraria de Cordel, dizia-se a livraria que expunha os seus folhetos pendurados à porta em cordel. Literatura de cordel. Conjunto de Publicações de pouco ou nenhum valor”. b) Novo dicionário Aurélio: Literatura de cordel: “bras. Romanceiro popular nordestino, em grande parte contido em folhetos impressos e expostos à venda pendurados em cordel nas feiras e mercados nordestinos”.

Em decorrência de conceitos como esses, Peregrino (1984), radicado no Rio de Janeiro, estudioso e defensor da Literatura de Cordel, deduz que essa literatura é produto genuinamente popular e, tratada como produto inferior, muitos o catalogam como subliteratura. E considera que “... é francamente injusto o enquadramento sumário da Poesia de Cordel como subliteratura. Seria um tratamento elitista, fechado ao reconhecimento da sua enorme significação social e lingüística...” (PEREGRINO, 1984, p. 17).

De fato, o Cordel encontrou no povo do Nordeste um solo fértil e, pelo menos até 1960, prosperou grandemente. A esse respeito, vemos com Meyer (1980) que o Nordeste contém peculiaridades socioculturais merecedoras de estudo e apreciação, sobretudo no que tange aos valores morais e religiosos. Por conseguinte, surge um quadro de personagens representativas dessa realidade, nas figuras de pessoas abastadas e opressoras, como os coronéis; figuras simbólicas da religiosidade local, como beatos e sacerdotes; indivíduos à margem da lei, estigmatizados, como os jagunços e cangaceiros. Foi assim que, além de alguns desses personagens que se tornaram célebres, muitos autores do Cordel também conseguiram certo renome nessa região. Tal panorama social, longe de formar um todo coerente e estável, expõe a exclusão reinante e atesta a natureza das mediações que se formam no âmbito das disputas de poder.

1.7 Dos “autores”

A gente nordestina sempre gostou de contar histórias e até mesmo necessitava disso, já que, no sertão longínquo, era difícil o acesso aos meios de comunicação da época. Por conseguinte, a escassez de notícias e de lazer fazia que as pessoas se visitassem e se reunissem nas varandas das fazendas, na casa grande e nas roças para contar e ouvir histórias reais, deturpadas ou simplesmente imaginárias.

Segundo Meyer (1980), essas histórias e o jeito de contá-las tiveram origem da longa tradição ibérica, dos romanceiros, das histórias de Carlos Magno e dos Doze Pares de França. Inspiraram-se também nos contos maravilhosos de “varinha de condão”, em que poderes mágicos eram capazes de produzir transformações de pessoas e animais. Com essas histórias recontadas sob a forma de paráfrases, o sentido religioso não se apaga; antes, transforma-se e adquire outros.

No Brasil, esses casos ganharam importância e passaram a ser transmitidos oralmente por cantadores repentistas e, mais tarde, registrados em folhetos precariamente impressos. A partir daí, mais especificamente em 1880, surge uma literatura rural muito apreciada por determinado tipo de leitor, o sertanejo de parca instrução escolar.

Assim como ocorrera em Portugal, muitos séculos antes, com os jograis do Trovadorismo andando de cidade em cidade e interpretando as cantigas, no Brasil, os cantadores ambulantes do Cordel, como que repetindo os feitos dos ancestrais, nos centros das rodas, nas praças dos vilarejos, apregoavam, “gritavam” os folhetos. Muitos deles não apenas recitavam, mas também escreviam, deixando um considerável acervo com histórias de grande

aceitação, sobretudo no Nordeste. E quando esses cantadores se encontravam, podiam ocorrer improvisos denominados repentes e pelepas que serviam para aumentar-lhes a fama. Ainda hoje, as pelepas são muito cultivadas. Nessas disputas, é preciso ter muita presença de espírito e dom de improviso, uma vez que o repentista, sem saber o que dirá o seu oponente no último verso, de chofre, deve responder à altura. Acerca da diferença entre cordel e repente, o poeta e estudioso Mairton (2007), em depoimento ao *Mundo Cordel*, tenta elucidar a questão:

Outro dia alguém me perguntou a diferença entre cordel e repente. Respondi sem pensar muito, que o cordel é a poesia popular que se caracterizou como tal pelo fato de ser publicada em folhetos, enquanto o repente é a poesia feita pelos cantadores, os quais geralmente recebem da platéia um tema chamado mote, e o desenvolvem na hora. Também é muito comum os repentistas fazerem desafios, nos quais cada um exalta suas qualidades e depreciam o colega.

Embora nem sempre se distinguisse como grande violeiro e necessitasse apenas de repetidos acordes para acompanhar os versos, o cantador sempre tinha a inseparável viola como instrumento auxiliar. Por servir-lhes de inspiração, numa analogia espirituosa, muitos repentistas a têm comparado ao chocalho da rês: assim como no meio da caatinga é difícil achar a rês sem o chocalho no pescoço, sem o acorde da viola o cantador não encontra o verso e a rima. Trata-se de uma produção oral, mas alguns artistas também escreviam, e essas disputas serviam para incentivar a venda dos livros de acabamento rústico e artesanalmente xilografados.

Os folhetos, ou “foietos”, de cordel recebiam ainda outros nomes, de modo que os leitores que os compravam costumavam chamá-los de “livrinho de feira”, “estória de meu padrim”, “romance”, ou “ABC”. Sob uma visão arcaica e romântica, o nome “ABC” provém da serventia do folheto como *cartilha*, visto que, pelo hábito do manuseio constante, além de seduzir a clientela carente de histórias e de notícias, estimulava a alfabetização. Ainda não se dispunha da energia elétrica. Então, nos serões noturnos e sob a luz do candeeiro, o membro mais letrado e de melhor voz lia para os familiares, de modo que o folheto tornava-se uma forma de jornal informativo para o sertanejo das camadas sociais mais humildes.

Qualquer fato que merecesse (ou mereça) a grande atenção desse grande público desejoso de novidades podia ser tema do cordel: os cataclismos, os crimes em circunstâncias inusitadas, os incêndios espetaculares e dramáticos, como os ocorridos em circos, mesmo os das regiões distantes, a morte ou a renúncia de um presidente da República. A história podia

derivar, também, de fatos mais corriqueiros, mas considerados importantes, assim como a ofensa à honra, a inaceitável desobediência de um filho, ou a imperdoável heresia contra as coisas sagradas. Contudo, talvez por falta de um tema mais relevante, o poeta eventualmente buscava inspiração em histórias acontecidas ou tão-somente imaginadas num tempo e espaço longínquos.

De qualquer modo, essas histórias em versos, lidos com entoação dramática, eram prazerosamente consumidas. Há até mesmo quem diga que, nos tempos áureos, o sertanejo só acreditava, de fato, na notícia, depois que a tivesse lido e visto confirmada no folheto, geralmente sua única fonte de informação. Ao leitor, não importava que a notícia fosse fiel ao episódio ou completamente desvirtuada, confirmando-se o discurso segundo o qual a versão e as impressões ou representações dela decorrentes podem ser mais importantes ou mais interessantes que os fatos. Portanto, para o leitor, tão ou mais relevantes que a notícia verdadeira e crua eram os comentários enriquecidos de pormenores, questionamentos e o ponto de vista do poeta. Desse modo, desafiava-se a ordem do real, porque o mais importante era o discurso, o modo de contar a história, fantasiosa ou verídica, porventura já conhecida por leitores e poetas.

Inspirados, os autores estavam cientes de sua condição de poetas e porta-vozes da comunidade. E, como representantes, reuniam todas as condições para aglutinar, registrar e tornar públicos a história e os valores da gente sertaneja mais humilde. As histórias eram abundantes e, não havendo exigência quanto ao rigor da verdade, podiam ser exploradas a partir de uma rica gama de temas, como: a fé, as superstições, as histórias de amor, a honra da família, a traição, a ambição, a valentia, ou a exaltação de personalidades da política brasileira. O tema da valentia foi um dos mais relevantes, e recebeu considerável influência do Cangaço, que, às vezes, compunha uma simbiose harmoniosa com a religiosidade [ou com as superstições]. O último aspecto mencionado, o da política, mostrou-se igualmente muito forte durante a Era Vargas, e em vista de sua morte trágica, aquele presidente, com certa frequência, foi introduzido como personagem dos poemas.

Uma outra linha de folheto igualmente muito explorada é aquela composta de anti-heróis, personagens folclóricos muito pobres, desnutridos, mas muito espertos e cheios de astúcia, que sempre levavam vantagem no final da história. Marginalizados, impossibilitados de qualquer ascensão social e destituídos de boa aparência física, esses personagens picarescos contornavam os empecilhos com o uso da esperteza e da aguçada inteligência. Ainda que alguns deles não fossem de boa índole, a história do mais fraco vencendo os poderosos correspondia às expectativas e era do agrado do leitor sertanejo. Observe-se que,

mediante o interdiscurso, de alguma forma, tais características remetem-nos o jeito brasileiro de Macunaíma. Alguns desses personagens ficaram muito populares, como: João Leso, João Grilo, Cancão de Fogo e Pedro Malasartes. Com relação à antiguidade e aos indícios da origem européia deste anti-herói vigarista, Assis Cavalcanti (2007, p.45) informa:

O lendário personagem popular, que no fim do século XV, foi citado na Canção nº1132 do *Cancioneiro de Vaticana*, com o título: “Chegou Payo de Maas Artes”. Esta figura internacional é conhecida em Portugal como Malazarte, na Espanha, como Pedro de Urdemales é também o Pedro de Urde Lamas da Lozana Andaluza do século XVI.

Também quase na mesma linha, apareciam figuras literárias da vida real, tais como os poetas Bocage, a quem o povo denominava *Bocais*, e Camões que tiveram suas biografias deslocadas para o humor e sempre com exaltação de qualidades como a inteligência e a espirituosidade. Os títulos, geralmente pitorescos e exóticos, instigam a imaginação e permitem ao leitor adivinhar os temas, assim como nestes exemplos: *O romance de João Besta e a jia da lagoa; A moça que bateu na mãe e virou cachorra; João Soldado o valente praça que meteu o diabo num saco; A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento; Lágrimas de amor ou a vingança de um condenado.*

O Cordel é fonte de inspiração, tanto para a música como para a literatura, o que contribuiu para o aparecimento de produções valiosas de artistas de sucesso, como Luiz Gonzaga, e de literatos renomados, como Ariano Suassuna [*Auto da Compadecida*] e Jorge Amado [*Tereza Batista cansada de guerra*]. Porém o contrário também pode ser constatado, notadamente nas últimas décadas, quando poetas do Cordel têm aproveitado o enredo de romances eruditos, dramas de circos, filmes famosos, novelas da televisão e do rádio para escreverem suas histórias. Desse modo, já apareceram filmes e novelas transpostos em versos para os folhetos com títulos como estes: *O direito de nascer; Gabriela; Sansão e Dalila; O ébrio; Ali-Babá e os 40 ladrões; Joana D’Arc*. Ou do rádio para o folheto: *Jerônimo, o herói do sertão*. (MAXADO, 1984).

A época em que o Cordel veio para o Brasil é imprecisa, mas, de acordo com alguns autores, o próprio nome, *Cordel*, e outras informações constituem indícios da procedência européia, mais precisamente da Península Ibérica. (PEREGRINO, 1984).

Segundo Maxado (1984), essa Literatura chegou à América pelo registro, entre outros, de Rodrigues Marin. Essa informação, diz, consta do livro *O que é literatura de cordel?* em que Marin (*apud* MAXADO, 1980, p. 27) faz menção aos “pliegos de cordel com que inundábamos al Nuevo Mundo después de haber inundado el Viejo”. Quanto a essa origem, também Luyten (1992, p. 17) refere-se à Provença (Sul da França); à Lombardia (Norte da Itália); à Galícia, e esclarece: “É exatamente nesses três lugares onde começa a literatura popular, onde se concentravam poetas nômades (entre as raras pessoas que tinham locomoção livre) e que funcionavam como verdadeiros jornalistas, contando as novidades e cantando poemas de aventuras e bravuras.”

Por sua vez, Peregrino (1984, p.18) acredita que a origem lusa do termo *cordel* está bem evidente no registro dos dicionários mais remotos. E justifica: “Brasileiro, de resto, é que não poderia ser. *Cordel*, no Brasil, é termo de consumo restrito, nunca empregado na linguagem popular”.

Em prefácio ao livro *Antologia da Literatura de Cordel*, de Batista (1977), observe-se como o professor Manuel Diegues Junior expõe, em poucas palavras, alguns aspectos do Cordel:

Os inícios da Literatura de Cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. Mas ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que rendiam a atenção da população. Antes que o jornal se espalhasse, a literatura de cordel era a fonte de informação. 1) Isto em Portugal. No Brasil, apesar do jornal, ela continuou em pleno esplendor, talvez só ameaçado em nossos dias com a difusão do rádio transistor e da televisão.

O folheto, ainda que pertencente a uma literatura de origem popular, não é produzido de forma negligente, seja quanto às medidas do material confeccionado, seja quanto ao desenvolvimento e à disposição do texto, isto é, possui regras estabelecidas e algumas medidas padronizadas. Exemplificando: existia o denominado formato oito (com 16,5cm X 10cm) e o formato nove (com 15,5cm X 11cm), muito rudimentares, todos confeccionados nas pequenas gráficas artesanais e comercializados nas feiras e vendas; mas depois surgiu o novo formato de maiores dimensões (0,18cm X 0,13cm), considerado de

confeção industrial, representado geralmente pelas editora Luzeiro, em São Paulo (PEREGRINO, 1984). O número de páginas é variável: 8, 16, 32 ou 48. Os dois primeiros tipos destinam-se geralmente a narrar algum fato ocorrido na região; os mais longos são reservados aos romances e narram histórias de ficção, com temas semelhantes aos dos contos de fadas. Os versos são dispostos em sextilhas (estrofe com seis linhas agrupadas) e em heptassílabos (versos de sete sílabas cada), com o seguinte esquema de rimas: AXBXCX. Entretanto, muito raramente, também são escritos em septilhas (AXBXCCX), ou décimas (ABBAAXXOOX). (ARAÚJO, 2004).

Atualmente, o livrinho de formato antigo, xilografado em preto e branco e de aparência mais singela, menos encontradiço no mercado e visto como relíquia, é até mais procurado por turistas do que o de estampas coloridas. Este último, da editora Luzeiro, localizada no Brás, em São Paulo, apresenta um formato maior, bons desenhos e recursos gráficos que agradam bem à clientela em geral. Essa editora, além de lançar frequentemente títulos antigos e consagrados no Nordeste, insere outros assuntos, como anedotas e conselhos médicos. Tais inovações alteram profundamente o formato original e irritam poetas, críticos e alguns defensores “tradicionalistas” do Cordel, como Coutinho (*apud* PEREGRINO, 1984, p. 108), que considera do “pior gosto” os desenhos e capas coloridas, tachando-os de “cafonice industrial da pior qualidade”.

A despeito da crise mercadológica e das oposições, a Editora Luzeiro continua sendo, no ramo cordelista, a maior do país e estabelece um monopólio que estrangula as pretensões comerciais das prensas mais obsoletas. Ainda que não sejam tão fáceis de encontrar, seus livros podem ser vistos especialmente em livrarias de sebos espalhados pelo Brasil.

Quanto à atividade editorial e à avaliação crítica recebida, observa-se uma coincidência nada lisonjeira entre o cordelista João Martins de Athayde e a Luzeiro.

Athayde, paraibano nascido em 1880 e falecido em 1959, tornou-se uma figura singular e muito discutida dentro da Literatura de Cordel e, pela influência que teve, merece ser referido com mais profundidade. Sabe-se que aprendeu a ler sozinho, como era costume acontecer com a maioria desses poetas, e, dizem os estudiosos, tinha orgulho disso. Estabeleceu-se em Recife e, depois de algum tempo, tornou-se o grande editor no Nordeste, monopolizando a produção do Cordel e prosperando economicamente. Para isso, introduziu algumas modificações no folheto, como o número ímpar de páginas, que dispensa a antiga economia da folha dupla na impressão, e melhorou a qualidade do papel, o que serviu para

valorizar o produto. Depois disso, ao adquirir outras impressoras e importar novas máquinas, dominou o mercado editorial nordestino.

Num exemplo de oportunismo e intuição mercadológica, o editor soube iniciar a carreira de poeta simulando uma peleja literária com o já famoso repentista Leandro Gomes de Barros, que nem sequer o conhecia: *Bom dia, Senhor Leandro/ Grande poeta modelo/ Fiquei bastante contente/ Porque desejava vê-lo/ Não só pela sua fama/ Como para conhecê-lo.*

Não obstante o tom reverencioso com que foi saudado nessa introdução, Barros (*Apud PEREGRINO, 1984, p.138*), ofendido com o atrevimento do poeta ainda obscuro, assim declara na contracapa de um folheto: “Faço ver aos leitores uns livros que vendem com o título de Discussão de LEANDRO GOMES com JOÃO ATHAYDE, é falso, pois nunca vi esse ATHAYDE.” Tratava-se, portanto, de uma fictícia peleja, em que o próprio Athayde escrevia por si mesmo e por seu adversário. Essa ousadia fê-lo conhecido do grande público. Como resultado, o sucesso como editor (talvez o único cordelista que tenha, de fato, auferido lucros) obscureceu um pouco o prestígio do poeta e trouxe alguma dúvida quanto ao seu talento literário.

Athayde, contudo, também possuía o dom da boa rima, segundo Peregrino (1984, p. 131): “Mas Athayde era poeta mesmo, já nesse começo revelando-se bom de glosa nas rodas que animava com improvisadores do tope de Manuel de Almeida, Davi Alves Bezerra, Lumerque, José Adão Filho”.

Como editor, seu nome é alvo de críticas porque, durante seus mais de quarenta anos de atividade editorial, parece não ter dado o merecido valor às obras dos novos talentos. Alguns poetas, pouco conciliadores, fazem uma crítica mais aberta e afirmam que Athayde usou e abusou da prática de se apoderar da obra alheia:

O que Athayde considerava que comprava era a própria autoria. Segundo depoimento de Manuel D’Almeida, a quem entrevistamos longamente, em Aracaju, e cujas declarações conservamos na sua própria voz, em fita gravada, Athayde fazia o seguinte: “os bons poetas da época sacrificados, como José Pacheco, Luis Gomes e muitos outros, chegavam lá com os folhetos para ele publicar; ele pegava com a boca torcida e dizia: isso não vale nada, eu vou dar 300 livros por isso. O miserável com necessidade dava. [...] ele não passava nenhum documento ou recibo, por isso esses livros que o Athayde comprou, hoje seus donos, seus herdeiros, podem vendê-los a quem quiser. (PEREGRINO, 1984, p. 140).

Trata-se, portanto, de uma figura paradoxal dentro do Cordel. A esse respeito, Benjamim (*apud* MAXADO, 1984, p. 31) também acidamente opina: “Ele adotou os moldes da editoração capitalista para elaboração de um produto popular, incorporando os piores vícios do sistema”.

Essas informações, pouco elogiáveis, não deixam de macular a biografia do importante cordelista; mas, de qualquer forma, o auge do Cordel coincidiu com a época de Athayde como editor, e, sem ele, essa literatura não teria sido a mesma.

É possível que a conduta desse editor tenha sido um dos motivos do desestímulo de alguns poetas; por outro lado, durante algumas décadas, ele conseguiu fazer que a Literatura de Cordel fosse intensamente divulgada, com um prestígio que ultrapassou os limites do território nordestino. Por tudo isso, em que pesem todas as ressalvas às suas atividades, Athayde deixou seu nome definitivamente inscrito no Cordel, sobretudo como editor.

Pelas informações, vê-se como João Martins de Athayde tem sido severamente criticado. Semelhantemente, a Luzeiro, por sua atividade mercadológica agressiva, não passa ilesa, a ponto de alguns chamarem a essa editora de “truste” e “multinacional” do Cordel, se comparada aos modelos das pobres e artesanais gráficas nordestinas. Mas, apesar da evidente superioridade em relação a essas fabriquetas capengas, a Luzeiro muito longe está de merecer denominações tão portentosas como “truste” e “multinacional”; ela poderia, sim, ser considerada “mais bem aparelhada”, por deter mais recursos financeiros.

Tendo florescido no Nordeste a partir do final do século XIX, a Literatura de Cordel teve seu tempo de grande produção e edições, atingiu seu apogeu por volta da metade do século XX e conquistou prestígio. Durante essa época, os poetas, com sua origem sertaneja, conseguiram captar e expressar o pensamento e os anseios dos seus conterrâneos. Todavia, em todos os países, começaram a surgir mudanças. Afinal de contas, estava-se no século XX, que, a meio caminho, exibia ao mundo, e certamente ao Brasil, toda sua força de progresso e de novidades jamais conhecidas pela humanidade. Em menor proporção, evidentemente, essa evolução tecnológica haveria de afetar também o Nordeste, até mesmo as regiões menos desenvolvidas e mais distantes dos grandes centros urbanos.

A partir daí, o sucesso da literatura de cordel paulatinamente arrefeceu. O país urbanizava-se, o que provocou a natural mudança de hábitos da gente sertaneja, que passa a ter um acesso mais facilitado aos meios de comunicação. Primeiro ao rádio de pilha, e mais tarde à televisão e ao jornal impresso.

Por conseguinte, o percurso do Cordel tem sido um tanto difícil e até preocupante, em decorrência dessas profundas transformações que não apenas o Brasil, mas também o mundo todo tem sofrido. Por isso, embora alguns admiradores e defensores do Cordel insistam em não reconhecer, essa literatura encontra-se num momento complicado, espreitada por alguns perigos muito sérios.

Por exemplo, como fazer uma literatura de origem e características rurais e manter sua aceitação, ante um público que terá acesso aos recursos da vida moderna, e que vai se integrando ao célere avanço da urbanização do Brasil? Como é possível esse público não se transformar, se as estradas, bem ou mal, avançam interior adentro, enquanto a energia elétrica se estende por todo o território nacional, levando consigo a instalação de meios de comunicação, como o rádio, o telefone e tudo o mais que depende dela?

É bom que se diga que, excetuando, talvez, Patativa do Assaré, essa literatura, em nenhum momento de sua trajetória, conseguiu alcançar a fama e o apreço destinado às consagradas obras e autores da grande Literatura Brasileira. Conta ela, é verdade, com admiradores e estudiosos, dentre os quais Maxado (1984) e Peregrino (1984), que fazem um estudo enriquecedor, embora apaixonado, da trajetória do Cordel no Brasil; mas esses autores, cada um em sua obra, não conseguem ocultar a preocupação com as dificuldades e os sinais da crise que se avizinha e ameaça a própria vida do Cordel.

Já se disse que nem todo cordelista gosta da forma como o Cordel atualmente é analisado, ou seja, em geral, querem que deixe de ser uma literatura atribuída a analfabetos e a cegos – possivelmente uma alusão ao famoso folheto *Peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, do repentista Firmino Teixeira do Amaral, ou, mais precisamente, à sua origem ibérica, que, segundo Candace Slater (*apud* ASSIS CAVALCANTI, 2007, p. 16), algumas dessas histórias tratavam de

[...] aventuras de malfeitores narradas de modo satírico, tornando-se rapidamente em Portugal associada a uma ordem plebéia: chegaram a ser conhecidas como *Literatura de Cego*, após a Irmandade do Menino Jesus dos Cegos de Lisboa ter obtido direitos exclusivos de venda em 1789.

Tampouco, nem sempre é aceita a forma como boa parte dos pesquisadores e outros interessados têm visto e estudado o Cordel: literatura singular, pitoresca, exótica. Como destaca Lessa (*apud* MAXADO, 1984, p. 47), a Literatura de Cordel “[...] está deixando de ser poesia popular para ser pasto da curiosidade intelectual de uma elite. [...] Oxalá não esteja sendo devorada por esse paternalismo.”

Entretanto, ainda que se firmem suscetibilidades e se criem polêmicas, pode-se considerar que o grande sucesso do Cordel no passado e o interesse despertado no presente, a bem da verdade, deriva da linguagem simples, por vezes ingênua, mas sobretudo agreste, com que os repentistas sertanejos, de modo muito particular, se expressavam. E encantavam o homem simples, porquanto não havia sertanejo que não tivesse, pelo menos, ouvido falar das histórias plenas de fantasia, como a do Pavão Misterioso, ou das acirradas pelejas entre o cego Aderaldo e Zé Pretinho. Mas, que se pode fazer sem os temas consagrados, como o misticismo dos beatos, a aura de santidade de certos nomes do clero e a atuação dos cangaceiros lendários que, num tempo que já parece remoto, permearam essa literatura?

Analisando-se a biografia dos repentistas, mesmo superficialmente, vê-se que essa atividade nunca lhes trouxe recompensas financeiras, e hoje talvez nem lhes dê mais prazer, em vista do desânimo geral e do grau de pobreza, quase indignância, em que muitos autores vivem ou viveram. O fato é que se turvou o horizonte do Cordel, com futuro incerto, em face de uma série de ameaças: o avanço e aperfeiçoamento dos meios de comunicação, as constantes viagens das pessoas, as migrações e o acesso à escolaridade, elementos estes que, certamente, proporcionam consideráveis transformações em qualquer sociedade. Como bem afirma Cascudo (*apud* MAXADO, 1984, p. 19): “Amanhã as formas mais primitivas de manifestações populares passarão também para o litoral e se transformarão em teatro moderno, cinema, romances, poemas. Por isso, nunca desaparecem. Elas se transformam.”

Tudo isso, de fato, parece ser verdade. Assim, como a sociedade se transforma, conseqüentemente as línguas e as literaturas também sofrem modificações. Ocorre, porém, que a Literatura de Cordel está tão intimamente ligada à vida do campo, com uma história tão bem alicerçada em valores rurais do Nordeste e no seu folclore, que se torna difícil pensá-la como um produto da vida urbana moderna, completamente transformado, sob pena de descaracterizá-la e afastá-la de suas verdadeiras raízes. Este é o grande receio dos cordelistas: temem que essa literatura seja deformada, aproximando-se de uma literatura com abordagem de temas urbanos, com o risco de tornar-se indistinta. Poder-se-ia, entretanto, argumentar que, se a sociedade muda, evolui, mudam igualmente os hábitos, inclusive dos leitores, os quais continuariam fiéis à leitura do folheto transformado. Mas a impressão é que o Cordel, por suas características específicas e originais já citadas, em confronto com as transformações sociais já mencionadas, passa, atualmente, por uma forte crise de identidade e reflete o paradoxo das falas de seus defensores mais ardorosos.

Embora o nome pareça ser a questão menos relevante, o livro seria ainda “folheto”, e a literatura continuaria sendo naturalmente denominada Literatura de Cordel? Por

outro lado, como não mudar, se a sociedade sofre transformações constantes? Trata-se de um dilema, ilustrado pelo fato de determinados repentistas rejeitarem a presença de autores mais escolarizados, como o fez o poeta e xilogravurista Jotabarro, estabelecido na capital de São Paulo, com um poema criticando a Maxado: *Doutor, que faz em cordel?* Maxado tem curso superior e, sendo simpatizante, defensor e estudioso dessa literatura, a palavra *Doutor* parece bem significativa. Com essa informação, chega-se a um ponto crucial do problema, que exige questionar: estaria implícita nesse pensamento, mesmo para os cordelistas, a idéia de que a Literatura de Cordel deva ser atividade exclusiva de pessoas de baixa escolaridade?

Por sua vez, a crise editorial parece inegável, como se verifica por essas falas de um poeta-editor, Olegário Fernandes da Silva, sobre a aceitação dos folhetos, num depoimento ao jornalista Ricardo Noblat:

Há determinados assuntos, que nem uma capa bem ilustrada, nem mesmo um título genial, conseguem vendê-los “porque o povo já se acostumou e não acha mais novidade”. Não interessam mais ao público – pelo menos ao público de Olegário – histórias de crianças, “nem pegadas, nem de duas cabeças, nem de três”; de enchentes, “porque elas vêm acontecendo sempre”; nem de seca, “pelo mesmo motivo”; nem de crimes, “ porque depois que um padre matou um bispo em Garanhuns, aqui perto de Caruaru, nada pode de mais espetacular”; nem o desastre de ônibus e de automóveis, “porque já virou costume. (apud MAXADO, 1984, pp. 40, 41).

Até pelo menos a década de 1970, o Brasil era um país predominantemente rural, inclusive no Nordeste, em cujo sertão o povo vivia nas mesmas condições de penúria da época colonial, cultivando ainda os mais antigos costumes. Nesse ambiente receptivo, mas difícil para os poetas, a Literatura de Cordel ia sobrevivendo, não obstante as precárias condições da produção das obras. Mas, de 1970 para cá, como se sabe, o Brasil sofreu profundas transformações, com uma população urbana em contínua mudança de hábitos e de mentalidade.

Vale registrar que, ainda no fim do século XIX, Silvio Romero (MAXADO, 1984) antevia as dificuldades da Literatura de Cordel em virtude da chegada do jornal impresso. Havia lógica nesse pensamento, uma vez que o Cordel, elemento de lazer, detinha também a função de informar, de anunciar os fatos marcantes aos leitores sertanejos, de vida tão diversa da dos que moravam nos grandes aglomerados urbanos. Realmente, o jornal impresso era um dos primeiros sinais de mudança, de progresso, mas, considerando-se o alto índice de analfabetos no sertão, tratava-se apenas do prenúncio de maiores dificuldades para o folheto.

Portanto, o Cordel ainda percorreria algumas décadas fazendo sucesso e até se fortalecendo. Entretanto, algum tempo depois, principalmente durante os anos 60 e 70, chegaria um elemento de comunicação muito mais devastador que o jornal: o rádio de pilha, que invadiu rincões distantes, levando ao sertanejo, além de notícias de toda espécie, as músicas e novelas faladas. Nas décadas seguintes, com a chegada da energia elétrica, a população, mesmo da zona rural, teve acesso definitivo ao rádio e, posteriormente, também a outro meio de comunicação mais impactante e infinitamente sedutor: a televisão. Com a modernização nos lugarejos e implementação do ensino público, houve mais facilidade para a aquisição de outras leituras com formatos, enredos e personagens diferentes, como os das revistas de fotonovelas e livros de bolso.

Segundo Ayala e Novais Ayala (1995, p.38), Oswaldo Elias Xidieh

discute a possibilidade de desaparecimento de práticas culturais populares, em decorrência de transformações na organização social, sobretudo nas condições de vida e trabalho das populações “rústicas”. Nessa concepção, não têm lugar a nostalgia nem a defesa da conservação das “tradições do passado”, pois as alterações são inevitáveis.

A contundente opinião desse estudioso parece um tanto desanimadora, quiçá excessivamente pessimista. No entanto, é preciso dizer que, se em determinada época, essa literatura representava os valores do povo nordestino, de forma legítima e incontestada, no momento atual pairam algumas incertezas. Na verdade, trata-se de uma literatura agredida e minada de todos os ângulos por fortes elementos concorrentes da modernidade, mais rápidos e acessíveis. Como consequência da mudança de hábitos do povo, essa literatura tem dificuldades para satisfazer a um público agora mais heterogêneo e movido. Logo, os temas das histórias ampliam-se, diversificam-se e buscam novos horizontes, quase sempre urbanos, porque o Brasil, de forma célere, deixou de ser um país com população majoritariamente rural. São sinais dos novos tempos, produzidos, antes, de forma lenta, quase imperceptível; hoje, de modo vertiginoso e avassalador, pelo fenômeno da globalização.

1.8 Da “linguagem” do cordel

Os folhetos de cordel estão escritos numa linguagem simples, própria de gente de reduzida instrução escolar. Esse modelo rústico de escrita foi desenvolvido, não de forma

premeditada, mas naturalmente, porque quase todos os autores eram, a bem da verdade, semi-analfabetos, sertanejos oriundos de famílias pobres.

Essa característica referida pode ser comprovada pelas biografias que retratam homens de origem muito humilde, autodidatas que só aprenderam a ler movidos de muita força de vontade. Tinham, a seu favor, o talento para versejar, a pronta aceitação dos leitores e o grande sonho de se tornarem poetas famosos. Escreviam e falavam na linguagem familiar do povo do sertão, numa perfeita identidade com o leitor. Conseqüentemente, em alguns textos, é possível encontrar, além de informações duvidosas, versos de rimas imperfeitas e incorreções gramaticais na sintaxe e na ortografia. Haja vista dois exemplos bem ilustrativos: o primeiro, “Os dois *amigo* leais”, título de um poema na capa de um folheto do repentista Manoel D’Almeida Filho; o segundo, fragmento de uma carta contida em Meyer (1980, p. 9) que um dos primeiros poetas, João Melchíades, envia à esposa:

Parayba 1º de Dezembro de 1914

Senhorinha adeus

Muito stimo quê gozes saude juntamente nosso quiridos filinhos eu a fazer esta vou con saude graças adeus filha ricibi tua cartinha e fequei muito contente e ciente do quê tu me recomendas quanto a estas cousas nem te dê cuidado quê meu tempo não dá para anda atrais de mulheres eu fui a casa de neco uma boca da noite e durmi ritireime de manhan la mais não fui, quê tenho em quê me ocupar desde quê cheguei quê escrevo meu livro vim acabar quinta feira dia 26 e entreguei ao Pimentel quê mi disse quê o livro entrava hoge para compusão mais só me dava no dia 12 e eu muito vexado para subir mais o jeito quê tenho é ter paciencia e não posso assistir a festa da conceição no brejo como tinha prometido a compadre Silva, estou apertado por dinheiro quê inda não pude comprar 250 telha quê falta mandei calhar a nosso chalé...

E desse modo penoso, o autor continua sua carta deixando graficamente expostas todas as dificuldades de linguagem encontradas. Essas escorregadelas gramaticais não raro encontradas nos folhetos, a rigor, não diminuem o prestígio das obras, como se poderia supor, uma vez que ratificam e expressam o caráter autêntico do Cordel: uma literatura representativa do homem rural. Acerca dessa desobediência às normas gramaticais, fato não tão raro no texto do Cordel, Nemer (2005, p. 33) pondera:

Mas nem sempre se verifica uma utilização tão perfeita da rima. Na verdade, a exigência desta costuma provocar problemas. Um deles é o sentido, muitas vezes comprometido pela necessidade de rimar. O outro,

também usual, é quando o par soa inoportuno como no caso de ridículo-veículo, usado para descrever uma situação trágica como a da morte sob rodas. De qualquer forma, esses desvios, que em uma linguagem culta não poderiam ser ignorados, merecem pouca atenção do poeta popular, preocupado com a agilidade e espontaneidade do texto. Seu objetivo é divertir e ensinar, transmitindo valores, práticas e atitudes.

Hoje, com a escolaridade ao alcance da maioria das pessoas, alguns cordelistas já criticam as editoras por não fazerem uma correção mais rigorosa, e acreditam que tais “imperfeições” lingüísticas depõem contra a qualidade e a credibilidade do Cordel. De certo modo, a intenção é boa, mas não está comprovado que a linguagem escorreita melhore a aceitação das obras, e isso constitui mais um dilema para a sobrevivência dessa literatura. Como já se disse, durante muito tempo, apesar das supostas imperfeições, o Cordel fez muito sucesso, e nunca se cogitou em fazer “reparos” em sua linguagem. Os leitores aceitaram as prováveis infrações lingüísticas, e possivelmente nem se importassem com elas, fosse por mero desconhecimento gramatical, ou porque se sentiam totalmente seduzidos pelos temas abordados e pela forma enérgica com que os episódios fantasiosos ou sucedidos no sertão eram narrados.

Espalhado pelas obras de cordel, há um vocabulário bem característico da fala do povo do Nordeste. A seguir, citado por Peregrino (1984, pp. 40, 41), um poema de Elias de Carvalho, autor residente em Petrópolis, que traz uma concentração de palavras das mais usadas na linguagem nordestina, conquanto algumas delas sejam muito conhecidas e comumente empregadas em todo o território nacional:

1) Coivara, cabra da peste
gota serena, arretado,
bixiguento, peste ruim,
besta, inxirido, vechado,
oxente, peste, xambrego,
tinhoso, aperriado,

2) Pomboca, cabra safado
vige, sopa, marinete,
carença, moço, cumê,
leso, meizinha, cachete,
má de monte, precisão,
inxirimento, bufete.

3) Mau-vizinho, cabeção,
tabuleiro, cara-dura,
budega, puta, cabaço,
quenga, macumã, mucura,
açafroa, maniçoba,
mucego, insosso, mistura.

4) Quixaba, potó, maniva,
tapioca, catolé,
catôta, timbu, catinga,
cardeiro, quango, quisse
gorogojó, girimum,
Imbu, pitomba, coité.

5) Mandacaru, açafão,
guabiraba, catingueira,
matapasto, capitão,
latumia, macacheira,

juazeiro, tapuru,
inturido, manipoeira.

O que se pretende aqui dizer é que o grande encanto despertado pela Literatura de Cordel se deva, possivelmente, a essa singular linguagem do sertão brasileiro, rústica, colorida, irreverente, por vezes ingênua; que tem defeitos, mas também qualidades, e a maior delas foi o poder de fascinar muitos leitores, além de representar, ao menos durante certa época, os valores e o pensamento do seu povo.

A propósito, eis o que diz, com aparente tom de saudosismo e mágoa, em entrevista, o cordelista J. Borges, no artigo de Resende, “Literatura de Cordel: uma aproximação etnográfica ao gênero”:

No tempo que o povo era analfabeto, mas conhecia o cordel e conhecia a rima, quando a pessoa lia um cordel que a rima quebrava, o cara analfabeto já dizia logo: ‘êpa, aí tá errado’. Agora não, agora o povo todo sabe ler, mas não entende, passa por cima da rima errada.(.) Aí aquilo ofende muito o cordel. Eu gostaria que esse povo, esses professores, doutores, esse povo ficasse só lendo o cordel e não metesse a escrever porque está esculhambando o ambiente. E tem uns professores que inventam de escrever cordel, faz até graça. Porque aí eles se agarram com a gramática e se esquecem que cordel não existe gramática para um cordel. A gramática de cordel é a rima positiva e as sílabas medidas. Aí tá o tempero da poesia. (RESENDE, 2008, p. 03).

Já se sabe que, no auge do Cordel, o poeta era o homem simples, semi-analfabeto e oriundo da massa sertaneja, razão por que detinha todas as possibilidades para representar, sem artificialismos, os gostos e a ideologia dos seus conterrâneos. Vale, portanto, acrescentar que a legitimação de uma obra literária decorre de sua articulação às condições de produção, de modo que seu dizer é múltiplo e produzido por sujeitos que se constituem como tais pela ideologia (BAKHTIN, 1993).

CAPÍTULO II: SUJEITOS, (INTER)DISCURSOS E SENTIDOS EM FOLHETOS DE CORDEL

2.1 Ancorando as análises: esboços de teoria

Muito freqüentemente, o enunciador, ao dizer, tem a nítida impressão de estar sendo original. Segundo Pêcheux (1995), essa viva sensação de ser o primeiro a dizer não passa de um equívoco ou ilusão, porque nenhum indivíduo, verdadeiramente, pode ser tido como senhor absoluto do seu discurso. Não existe, portanto, um marco inicial – começo possível – ou fim absoluto para o discurso; ele sempre dialoga e aponta para outros que o antecedem e para dizeres futuros:

[...] assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as ‘deformações’ que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (PÊCHEUX, 1990a, p. 77).

Cabe esclarecer que o pensador destaca a existência de duas formas de esquecimento na AD. O primeiro, “esquecimento número um”, chamado esquecimento ideológico, da ordem do inconsciente, conduz o sujeito à ilusão de ser origem do que diz: “O sujeito se constitui pelo esquecimento do que o determina” (ORLANDI, 2006, p. 21). O segundo, “esquecimento número dois”, é semi-inconsciente e pertence à ordem da formulação: o sujeito esquece que há outros sentidos possíveis.

Disso decorre a necessidade de referir o discurso ao “conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido da condição de produção” (ORLANDI, 2006, p. 79), posto que aquele é atravessado pelo interdiscurso, aquilo que, segundo Pêcheux (1990a), é algo que fala antes, em outro lugar, em circunstâncias diversas.

Eis que esse pensamento fundamental parece ter-se ancorado não apenas nas argutas reflexões de grandes filósofos e teóricos da Análise do Discurso, tais como Pêcheux e

Bakhtin, mas também (e solidamente) no discurso religioso, mais especificamente na relação intertextual com *Eclesiastes*, capítulo 1:

“⁴Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre.

⁵Levanta-se o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, onde nasce de novo.

⁶O vento vai para o sul e faz o seu giro para o norte; volve-se e revolve-se, na sua carreira, e retorna aos seus circuitos.

⁷Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche; ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr.

⁸Todas as coisas são canseiras tais, que ninguém as pode exprimir; os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir.

⁹O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol.

¹⁰Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Não! Já foi nos séculos que foram antes de nós.

¹¹Já não há lembrança das coisas que precederam; e das coisas posteriores também não haverá memória entre os que hão de vir depois delas.”

(*Livro do Eclesiastes ou o pregador: a eterna mesmice*)

É basicamente nessa linha, e para este trabalho, que se procura aporte teórico nas novas teorias do discurso, mostrando que a ideologia referente aos exemplos de honra, virtude e lealdade não está circunscrita à comunidade sertaneja, nem à sua literatura, mas envolve formações discursivas oriundas de experiências cristalizadas, ações já praticadas e pensamentos expressos por outras pessoas, em outras épocas e noutros lugares.

Baccega (1995, p. 30), de forma alegórica, elucida bem a questão:

Ao nascer, o homem encontra, portanto, uma história em processo. É como se tomasse um trem numa determinada estação. Este trem, que carrega a cultura, está vindo de muitas e muitas estações, já transportou milhões e milhões de pessoas entre as várias estações. São (e/ou foram) pessoas que realizaram, juntas, um número incontável de ações, as quais se manifestaram numa pluralidade de significações que as palavras registraram em discursos.

Do mesmo modo, para corroborar esse pensamento que invalida a pretensa originalidade do discurso, Pêcheux (1990b, p. 314) assevera que uma *formação discursiva* (FD)

[...] não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de “pré-construídos e de “discursos transversos).”

Note-se que essa noção de FD introduz o conceito de *interdiscurso*, ou seja:

[...] ‘o exterior específico’ de uma FD enquanto este irrompe nessa FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada: o fechamento da maquinaria é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um “além” exterior e anterior. (PÊCHEUX, 1990b, p. 314).

Por conseguinte, no poder de representação social das obras que compõem a Literatura de Cordel é que se assenta a relevância deste trabalho, uma vez que, com o ambiente e os personagens característicos explorados, os poetas constroem um retrato, sob muitos aspectos, correspondente à “filosofia de vida”, à ideologia do sertanejo. Trata-se, pois, de um farto material que permite ao estudioso da Análise do Discurso detectar os exemplos de valores positivos que funcionam como lições de vida consideradas pelo sertanejo como corretas, verdadeiras e indiscutíveis. Posto isso, não será apriorístico ou ingênuo afirmar que a Literatura de Cordel pode ser abordada daquela perspectiva que extrapola o lingüístico (embora dele dependa): a do discurso, relativamente pouco explorada pela academia.

Inaugurada por Pêcheux em 1969, com *Análise Automática do Discurso (AAD 69)*, A Análise do Discurso (AD) já anunciava as novas perspectivas que iria trabalhar: o sujeito, a língua e a história. Em outras palavras, a AD ocupar-se-ia de mecanismos de projeção inscritos na língua e que permitem a passagem da situação sujeito para uma posição ocupada pelo sujeito no discurso:

O sujeito da análise de discurso não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso. [...] Portanto não é o sujeito físico, empírico que funciona no discurso, mas a posição sujeito discursiva. O enunciador e o destinatário, enquanto sujeitos, são pontos da relação de interlocução, indicando diferentes posições-sujeito. (ORLANDI, 2006, p. 15)

A *heterogeneidade* (constitutiva do discurso) é, pois, produzida pelas diferentes posições ocupadas pelos sujeitos, conforme se vê em Authier-Revuz (1990), para quem o sujeito é um efeito de linguagem. De acordo com a autora³, a heterogeneidade pode ser constitutiva e mostrada. A primeira define-se como a presença do outro no sujeito e no seu discurso (todo dizer é determinado de fora da vontade do sujeito e este “é mais falado do que fala”). A segunda, por sua vez, inscreve o outro na seqüência do discurso (discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia) e define-se como “formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

O sujeito da AD é, pois, afetado por um jogo institucional imaginário de projeções, que regulam o próprio ato de enunciação. Ele não detém, portanto, o controle de seu dizer: suas palavras significam independentemente de sua vontade. Como afirma Pêcheux (1990a, p. 82), “nos mecanismos de qualquer formação social”, há “regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)”.

2.2 Folhetos de Cordel: análise de textos

Conforme foi proposto na Introdução deste trabalho, de um universo de 35 textos a que tivemos acesso, selecionamos 11 para as análises. Além desses textos “tradicionais”, foram selecionados dois (2) escritos recentemente, a fim de estabelecer um possível paralelo entre as características das obras mais antigas e das atuais. Para organizar as análises, pensou-se, inicialmente, em adotar o critério da cronologia, porém nenhum folheto possui data de seu primeiro lançamento, constando sempre a informação “data: sem indicação”. Assim, como os 11 primeiros textos, de algum modo, entrelaçam-se por intermédio de características que impossibilitam uma separação mais efetiva em grupos, procurou-se, de acordo com a frequência dos temas e formações discursivas encontradas, estabelecer uma seqüência desses textos, sustentada pelo tripé: (a) culto à religiosidade (b) retomada do episódio fantástico e maravilhoso e (c) interdiscursividade com o discurso bíblico, orientando-se sempre pela incidência dos macrotemas: 1) **abordagem do sobrenatural**: a) culto à religiosidade b)

³ Authier-Revuz (1990, p. 25-42), ancorada nas posições do círculo de Bakhtin e nas considerações da psicanálise desenvolvida por Lacan, trabalha a heterogeneidade discursiva buscando conciliar as noções de ideologia e inconsciente.

retomada do episódio fantástico ou maravilhoso c) interdiscursividade com o texto bíblico (textos: 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09); 2) **valorização dos sentimentos nobres e princípios morais**: a) defesa dos valores familiares b) sublimação do amor conjugal c) idealização da fidelidade da mulher sertaneja (textos: 01, 03, 08, 09); 3) **abordagem de conceitos e comportamentos negativos**: a) discriminação: sócio-econômica (textos 03, 10, 11); racial (texto 11); b) condenação da inveja (textos 06, 07, 08); 4) **exaltação da masculinidade do sertanejo**: a) superestimação da sexualidade; b) ostentação da valentia (textos 04, 5, 10, 11); 5) **humor** (textos 05, 07, 10).⁴

2.2.1 T01: *A moça que bateu na mãe e virou cachorra** (Rodolfo Coelho Cavalcanti – 1919-1986)

Data da obra: década de 40.

O folheto conta a história da filha que, incrédula e herege, disse blasfêmias contra Deus na Sexta-Feira da Paixão; desrespeitosa, ergueu a mão contra a velha mãe, que a excomunga por esse pecado mortal. Amaldiçoada, a filha terá de cumprir a sina de moça transformada em cachorra por um período de vinte anos.

Enunciado em primeira pessoa, T01 principia ancorado em um metadiscorso (uma das características “relativamente estáveis” do gênero cordel já se inscreve ali), marcado pela heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ,1990): “Vou contar mais um exemplo/dentro da realidade”/. A expressão “mais um” implica que outros já falaram sobre o mesmo objeto, confirmando as palavras de Pêcheux (1990a, p. 77).

[...] o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as ‘deformações’ que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido.

⁴ Alguns desses livros constam de uma antologia de Sebastião Nunes Batista, de 1977, e são indicados com asterisco (*).

Com os dois versos que introduzem o poema, o sujeito desse discurso também já anuncia que se trata de um folheto dominado por um “exemplo moral”, tema dos mais desenvolvidos na Literatura de Cordel.

A história, de enredo singelo, mas também absurda, pelos acontecimentos insólitos, tem início no Ceará, o Estado que, possivelmente, melhor reúne dois aspectos que mais contribuíram para formar a essência do homem sertanejo: a seca e a religiosidade (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999). É certo que a mais viva impressão do absurdo só pode vir de um leitor alheio às condições de produção do discurso em análise. Para o sertanejo leitor, ao contrário, supõe-se que esse folheto, à época áurea do Cordel, com todas as possíveis deficiências e virtudes, correspondera às expectativas, tanto como veículo noticioso como forma de entretenimento dessa comunidade humilde. Portanto, a congruência da história faz-se ainda mais possível, porque todo o desenrolar dos fatos esteve inscrito no solo nordestino, nas formações ideológicas e naquilo que podia ser dito (as formações discursivas).

Considerando que o poeta exerce a função de um autêntico porta-voz desse meio (assume essa posição-sujeito), por mais imaginosa que a história pareça, essa fantasia, indissociável da vida “real”, representa um forte componente identitário, quase palpável e presente no cotidiano da gente do sertão. Note-se quão significativo se apresenta o segundo verso, “dentro da realidade”, corroborando a idéia de que, na esfera sobrenatural, não existem coisas absurdas: para o bem ou para o mal, para a fé ou para a maldição, tudo é possível, tudo pode acontecer.

O discurso do exemplo moral desse folheto estriba-se em dois valores bem arraigados na ideológica forma de comportamento da família sertaneja: um, do plano terreno; outro, do plano espiritual. No terreno, a obediência desejada e irrestrita dos filhos à venerada e virtuosa figura da mãe, temente a Deus e sempre disponível para a prole. Como diz Cavalcanti, “uma mãe é pra cem filhos...” (v.v. 170), rememorando a primeira parte do adágio (o já-dito), bem ao gosto dos nordestinos, que costumam repeti-lo de forma completa: “Uma mãe é pra cem filhos; cem filhos não é pra uma mãe”. No plano espiritual, evoca-se o discurso religioso, fazendo sobressair-se, no efeito do interdiscurso, o respeito aos sagrados valores religiosos, a veneração aos santos e o temor do castigo divino.

O interdiscurso, um dos conceitos fundamentais da AD filiada aos trabalhos fundadores de Pêcheux (1988) e seu grupo de colaboradores, pode ser considerado o pivô teórico que permite articular outros conceitos da teoria, como sujeito, história e ideologia. O pré-construído passa sobre si mesmo, e o interdiscurso torna-se o palco da relação do sujeito com lugares discursivos constituídos pelo conjunto das formações ideológicas, mobilizando,

muitas vezes, sentidos divergentes. O sujeito do discurso do cordel tem seu dizer afetado pelo interdiscurso, dependendo do que pode e deve ser dito a cada momento, numa disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. Pelo interdiscurso, o enunciador traz de volta o ditado popular, expressando uma qualificação positiva que se estende a todas as mãos – a generalização materializa-se no todo composicional, apesar de o determinante ser, no conjunto restrito das relações sintagmáticas, um numeral –, constitutiva do imaginário social. Observe-se que, assim como o texto primeiro, o dito popular, o verso enuncia-se por uma forma verbal de valor existencial e no presente atemporal, recursos que concorrem para o efeito de verdade.

Verifica-se que, do começo ao final, o texto é perpassado por intenso respeito pelos elementos e símbolos sagrados, que se expressa por intermédio de enunciados do discurso religioso: Sexta-feira Santa (v. 29), Anti-Cristo (v. 37), Sexta-feira da Paixão (v. 38), Cristo (v.39), Deus (v. 43), Salvador (v.44), Imagem (v. 48), fé (v. 64), Santa Virgem Maria (v. 65), santos do Céu (v. 66) e, por fim, Padre Cícero sagrado (v. 126), sendo digno de nota o modo reverencioso com que o cordelista se refere ao sacerdote cearense.

Na história, destacam-se duas personagens: Dona Matilde, mulher de alma santa, e sua filha, Helena, moça rebelde e incrédula. Não ouvia conselhos, batia na mãe, e atreveu-se a gritar heresias contra Deus e, por teimosa afronta, não se absteve do jabá, a carne salgada do sertão, no dia de Sexta-feira Santa. Com essa conduta reprovável pelos padrões da fé e de uma moral idealizada e severa, ousa transgredir o que há de mais sublime para o sertanejo: a hierarquia representada pela obediência à autoridade materna, o incondicional amor devido aos pais e o absoluto respeito para com Deus e as coisas sagradas.

A mãe, mulher justa e devota (como uma velha profetiza de tempos remotos, que, segundo o merecimento, abençoava ou maldizia) exerce a mediação entre o céu e a terra: “[...] a velha caiu chorando/e a Deus foi suplicando/numa praga pequena” (vv. 61, 62, 63). Por sua vez, a filha, pecadora contumaz, excomungada pela mãe, transforma-se numa horrível cachorra. Nesse ponto, é reativada a memória discursiva de contos fantásticos, como dos mortos-vivos zumbis, ou do conde Vladimir Drácula, e da Bíblia, com Sodoma e Gomorra, em que se estabelece o embate entre orações, blasfêmias e pragas, despertando a cólera dos céus, concretizada pela manifestação da natureza, com trovões e tempestades contra incrédulos e hereges. De modo semelhante, e voltando às relações interdiscursivas, por meio da paráfrase o poema retoma dois mandamentos do Decálogo, em Êxodo, 20: “I-Amar a Deus sobre todas as coisas”; “V-Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre o solo que te dá o Senhor, teu Deus”.

Portanto, a Helena é infligido severo castigo, não exatamente pela mãe suplicante e indulgente [numa praga menor que o pecado cometido], mas na justa medida dos seus próprios erros, repetidos e imperdoáveis: desrespeito e rejeição aos valores familiares e aos preceitos sagrados.

Descrivendo a abominável figura da herege transfigurada em cadela, Cavalcanti retorna a uma temática habitualmente explorada nos contos de fada: pessoas que, por um encanto ou qualquer sortilégio, adquirem o formato de bichos, fenômeno muitas vezes também retomado em alguns folhetos de Cordel, conforme destaca Nemer (2005, p. 41):

Em sua análise do “mito da maldade castigada”, Luis Tavares Júnior aponta a metamorfose como uma das formas de castigo a que são submetidos os personagens que violam os códigos culturais. A estrutura se resume no seguinte: o ser ‘endiabrado’ provoca uma agressão a alguma instância repressora (em geral um representante da religião ou da família) que tentando frear seus impulsos descontrolados acaba transformando-se em vítima de suas maldades (E quando fez quinze anos / certo dia de manhã / assassinou um irmão / e agarrou uma irmã / pelas pernas e rasgou-a / como se fosse uma rã). Violentador da ordem, o ‘possuído’ é castigado transformando-se em animal (bode, cavalo, cachorro, dragão, cobra, etc). Com essa forma ele percorrerá vários lugares provocando caos e espalhando por onde passa o terror e a morte [...] Depois de muito penar a fera consegue livrar-se da maldição e retomando a forma humana terá oportunidade de se redimir dos erros cometidos.

Com efeito, pela gravidade da falta cometida, Helena não merece ser desencantada de imediato, por exemplo, com um toque de mágica, ou qualquer outro artifício, como é praxe acontecer em boa parte de outros contos. Impenitente, terá de expiar a culpa durante vinte anos. Aí, uma vez mais, aflora a religiosidade nordestina, simbolizada pela figura do sacerdote, respeitável mediador entre os mundos físico e espiritual: “quase matando um romeiro / do Padre Cícero sagrado!” (vv. 125, 126), e “com o padre se avista/ e diz que ela resista/ se quer ter a salvação” (vv. 152, 153, 154).

“Tinha a cabeça de gente/com a mesma feição dela/mas o corpo até a cauda/era uma horrível cadela”, diz o sujeito enunciador (vv. 106 a 109).

Por esses versos, compreende-se que, pela praga recebida, Helena transforma-se num monstro, num animal híbrido, meio gente, meio cachorro, de modo que, com esse caso exemplar e fantástico, o sujeito também remete a outra memória discursiva, a das histórias populares ou lendas. Uma delas, muito conhecida e apreciada pelo folclore nordestino, é a

maldição do lobisomem. De dia, um pacato homem; à noite, um lobo devorador de recém-nascidos. Outra diz respeito ao cruel destino da moça que, desgraçadamente, apaixona-se por um padre. Como castigo, durante a noite, metamorfoseia-se em mula-sem-cabeça e sai trotando, sem rumo, pelas “sete freguesias”.

Sem pretender divagar e sair da análise proposta, convém observar que, nesse caso, embora o sacerdote possa ser um dos dois elementos do episódio e ainda que tenha igualmente cometido o pecado, não será punido. Em histórias como essas, emerge o discurso milenar da demonização da figura feminina, que, ao longo dos séculos, tem sido reforçada pela prevaricação ou pecados de alguns personagens transgressores da ordem, históricos ou bíblicos, como: Eva, Dalila, Cleópatra, Salomé e Lucrecia Bórgia. Desse modo, o poeta evoca sentidos já existentes sobre a transgressora figura feminina, produzindo-se o efeito do pré-construído, que trabalha na sustentação do estereótipo.

Juntando outros aspectos do poema, nota-se, portanto, um patente atravessamento de “A moça que bateu na mãe e virou cachorra” pelo episódio folclórico da mula-sem-cabeça. Guardando as proporções do erro cometido, ambas as mulheres transgridem os preceitos da religião, além de cultivarem o mesmo hábito de vaguear ao anoitecer [“quando a noitinha aparece/tem a cabeça de moça” vv. 142, 143].

Enfim, para completar o diálogo, pode-se ainda acrescentar outra característica comum entre os dois fenômenos: “a cachorra”, de vida andarilha e percurso tão incerto quanto o da “mula-sem-cabeça”, segundo Cavalcanti, perambulou, sem direção, por vários lugares do Nordeste: Petrolina, Cocal, Sobral, Bahia, Tucano, Santa Luzia, Sergipe e Jacuípe.

Ao final da história, o autor ainda deixa um conselho e um aviso que considera útil às moças sertanejas, possíveis leitoras ou ouvintes do folheto que, porventura, pensem em transgredir os valores cultivados pela família do sertão: “Tenha juízo bastante/zombar de mãe é espeto”.

2.2.2 T02: *História de Juvenal e o dragão* (Leandro Gomes de Barros – 1865-1913)*

Data da obra: sem indicação.

Algumas lendas dizem que o dragão é um animal com escamas e pés, semelhante a um assustador crocodilo alado que vomita fogo; segundo outras, é uma grande serpente. Na cultura oriental, às vezes, é considerado um monstro benfazejo, porém, no Ocidente, esse bicho fantástico simboliza o mal. Em “História de Juvenal e o dragão”, conta-se o caso do quixotesco Juvenal, que, com seus três cordeiros herdados do pai, sai pelo mundo em busca

de aventuras. Certo dia, troca os cordeiros pelos três cães de um misterioso homem. Com os novos e valentes companheiros, está pronto para enfrentar um dragão que, após devorar o povo de um reino, durante mais de um século passou a exigir uma moça bonita por ano.

Juvenal e Jorge. Aqui se pode reconhecer alguma similitude dos nomes, mas, para se estabelecer uma possível articulação entre os dois casos, isso seria muito pouco. No entanto, existiu, também, um terrível dragão nessa história, cujo desenrolar dos episódios, pela semelhança dos detalhes, remete à vida e ao lendário combate de São Jorge, ex-capitão do exército romano.

Segundo Costa (2006), diz a lenda que, num reino da Líbia, virgens eram sorteadas, vestidas como noivas e sacrificadas a um dragão. Um dia, a escolha recaiu sobre a filha do rei, e este ofereceu um tesouro e metade do reino a quem a salvasse. O dragão ia devorar a moça, quando apareceu um corajoso cavaleiro que feriu o monstro com sua lança. Mandou a princesa amarrá-lo com uma cinta de flores e levá-lo à cidade, onde o matou. Não quis tesouros nem outros bens, mas pediu que o rei se convertesse ao Cristianismo.

Quanto a Juvenal, tendo chegado a um reino distante, viu uma carruagem e cocheiro com uma triste princesa. O dragão ia devorá-la. O aventureiro, junto com seus cachorros, luta e mata o monstro. De onde o cordelista recolhera a inspiração para o folheto? Difícil saber, todavia, até o momento da morte do dragão, muitos elementos da trajetória de São Jorge se repetem e corroboram, rigorosamente, a teoria bakhtiniana, segundo a qual nem um dizer é novo, nada é original e tudo é repetido. Assim como São Jorge rejeitou os tesouros do rei, também Juvenal não aceitou as recompensas da princesa: “Disse à princesa: – Desculpe/ Eu não ir com a senhora!”(vv. 369, 370). A princesa apaixonou-se, e Juvenal promete voltar daí a três anos.

De acordo com a tradição cristã, desde o *Gênesis*, a partir de Eva, a serpente tornou-se arquiinimiga da mulher. Nas lendas, serpente e dragão se confundem e ambos simbolizam o demônio. No Evangelho, assim diz o Senhor: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a dela; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”, (Gênesis, 2: 15).

Constata-se, pois, que o cordelista (enunciador) não apresenta uma história nova, não é fonte, mas suporte e efeito do discurso. Conforme destaca Authier-Revuz (1990, p.27), embasada em Foucault e Althusser:

O próprio de toda formação discursiva é o de dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso determinante desta formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que “isso fala” (ça parle) sempre, “antes, alhures e independentemente”.

Nas histórias, tanto de São Jorge quanto de Juvenal, o monstro perseguia moças. Por sua vez, a tradição católica, como para perpetuar as palavras do Senhor ditas no *Gênesis*, costuma trazer um dragão, ou uma serpente – símbolos do mal combatido e dominado – sob os pés da imagem da Imaculada Conceição, aquela que, tendo nascido humana, conservou-se imaculadamente pura, sem imperfeições. Até a morte do dragão, a retomada da vida do santo guerreiro parece muito clara. Depois, a história toma outro rumo e perde essa analogia religiosa, ou melhor: dialoga com ela como uma réplica, refutando-a, visto que o cocheiro revela-se o impostor e vilão que deseja os louros e os prêmios que Juvenal fez por merecer. O arrivista declara-se herói e recebe do rei as honras e a promessa de casar-se com a princesa.

Vê logo que o falso e vil/ Nunca nos serve de nada/ Que a honra e fidelidade/ Sempre foi recompensada (vv. 03, 04, 05).

Por esses versos iniciais com que o poeta censura a vilania e prevê, como exemplo, a punição dos infieis, compreende-se que o impostor não terá bom êxito. Por isso, quando se completariam três anos da partida de Juvenal, este chega, e, com todas as honras, casa-se com a princesa, enquanto o cocheiro mentiroso é condenado. Deste modo, o exemplo traz uma lição repetidas vezes evocada pela sabedoria popular: “A mentira tem perna curta”.

Juvenal mandara um grande cortejo trazer sua irmã para o reino. Seus animais revelam-se três cães encantados que se transformaram em três pássaros, que “Voaram e foram embora”. Queriam apenas saber se a riqueza mudaria seu coração, e a missão estava cumprida.

Perpassa o texto o (inter)discurso (moralizante) do senso comum, segundo o qual nem sempre as pessoas sabem lidar com a riqueza, não a usam com sabedoria, deixando-se dominar e corromper por ela. O que pode ser um bem construtivo e enriquecedor, às vezes, torna os seres humanos piores. Daí resulta o pensamento popular, formação discursiva segundo a qual “O dinheiro não traz a felicidade”, ainda que quase todo mundo lute arduamente para obtê-lo.

Enfim, enquanto São Jorge fizera-se santo e venerado, por sua fé inabalável, Juvenal tornou-se digno e honrado pelo altruísmo demonstrado.

2.2.3 T03: *Dimas e Madalena nos labirintos da sorte* (Manuel Pereira Sobrinho – 1918 - ?)

Data da obra: sem indicação.

A invocação a Deus e às “Musas santas”, como forças superiores auxiliares na empreitada do sujeito, deixa transparecer uma clara intertextualidade entre a introdução deste folheto e a de grandes obras épicas, como *Os Lusíadas* e *Eneida*. Logo, vale registrar que, por esse aspecto, compreende-se como os cordelistas, no seu labor de poetas do povo, valorizavam e levavam a sério sua função de artista.

Dimas e Madalena são duas pessoas separadas por um abismo social, mas cujo destino achou por bem uni-las, torná-las amantes e felizes, malgrado todas as vicissitudes que teriam pela frente. Ele, pobre e plebeu; ela, rica e bonita [como convém a uma princesa], “Parecia a deusa Vênus” (v. 329), reportando ao discurso mitológico e cristalizado do irretocável exemplo de beleza feminina.

Considerando todos os entraves sociais e o sofrimento do casal de namorados, a história, um tanto utópica e impregnada de elementos do sobrenatural, como vozes e visões, possui os principais ingredientes do conto de fada: as coincidências providenciais, milagrosas, um monarca orgulhoso e cruel dum reino distante, a filha casadoura [prometida a um pretendente de alta linhagem e sonoro nome, Pedro Gusmão de Lorena], mas que “[...] trouxe a infeliz sorte/ De casar-se na pobreza” (vv. 101, 102).

Desse modo, uma vez mais, o poema de Cordel volta aos temas dos contos de fada e relembra histórias, como *A princesa e o plebeu*, tornando possível, na ficção, o que parece inconcebível na vida real: a moça nobre e bela, nascida em berço de ouro, casar-se, por amor, com o filho de uma mendiga. Como se diz no texto: “A criancinha enjeitada,/ Nascida naquela noite, /Na cocheira abandonada” (vv. 38, 39, 40).

Entretanto, como é possível supor, o arrogante rei Simão rejeita qualquer possibilidade de subversão dos sedimentados valores, ou seja, a união da sua rica, nobre e bela herdeira com esse futuro pretendente de tão baixa casta. Elabora, pois, um plano para burlar o destino e “[...] contrariar/ as ordens do Deus Divino” (v.v. 107, 108): condena à morte todas as crianças do sexo masculino até os dez anos de idade, de sorte que, qualquer menino, desde que seja órfão ou pobre “Morrerá sem piedade” (v. 96).

Nesta passagem do folheto, já se observam importantes indícios do interdiscurso com o discurso bíblico, do Novo e do Velho Testamento. O primeiro, a cocheira, onde foi encontrado o recém-nascido filho da mendiga, reporta ao episódio da manjedoura, quando a Virgem Maria deu à luz o Menino Jesus, “Nascida naquela noite/ Na cocheira abandonada” (vv. 39, 40). Por sua vez, a matança de garotos ordenada pelo rei faz, igualmente, lembrar grandes genocídios da História, mas, sobretudo, a reelaboração de dois fatos bíblicos que se assemelham: no tempo de Jesus, Herodes ordenou que matassem todos os recém-nascidos; no de Moisés, o faraó exigiu o extermínio de todos os meninos, verificando-se, ainda, no próprio texto, uma explícita referência a esta passagem do Evangelho: “Salvai a este inocente/ Como salvastes os Hebreus!” (vv. 461, 462).

Como destaca Gregolin (2001, p. 10), “inserido na história e na memória, cada texto nasce de um permanente diálogo com outros textos; por isso não havendo como encontrar a palavra fundadora, a origem, a fonte, os sujeitos só podem enxergar os sentidos no seu pleno vôo.” Por conseguinte, os sentidos são reconhecidos por meio da relação entre o interdiscurso (memória) e o intradiscurso (formulação).

Observe-se que o diálogo com os episódios torna-se ainda mais evidente, porquanto, como se sabe, Jesus e Moisés salvaram-se da sanha dos poderosos, enquanto, no folheto, também Dimas consegue escapar da morte. Caso se deseje estender a análise desse pormenor, embora sem pretender equiparar os valores dos personagens fictício e bíblicos, pode-se constatar a marca ideológica entre essas circunstâncias: o Menino Jesus foi protegido e adotado por José; Moisés, pela irmã do faraó; Dimas, por uma aia.

A incursão do folheto ao texto bíblico não se restringe, todavia, a essas passagens, bastando notar o modo como, por intercessão de forças sobrenaturais, Dimas salva-se depois de saltar no caudaloso rio. “Inocentemente”, cravou um canivete num grande peixe e, por milagre, foi envolvido por uma onda e jogado fora. A despeito das naturais diferenças, esse episódio também faz remissão ao episódio de Jonas: “Então levantaram a Jonas, e o lançaram ao mar; e cessou o mar da sua fúria.”, “Então o Senhor deparou um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.” (*A Bíblia Sagrada*: Jonas 1: 15, 17).

Verifica-se, ainda, que, além desses incidentes referidos que trazem à tona alguns acontecimentos do Evangelho, por todo o poema estão dispersas várias expressões que demonstram o respeito pelas credices e a religiosidade característica da maioria das obras do Cordel: “Nenhuma ave cantava, /Só a coruja agoureira” (vv. 152, 153); “A todos os santos pediam/ O capitão, como incrível/ Vinde a mim os pequeninos/ Donos do Reino de Deus!”

Com fé na Virgem Maria” (vv. 168, 224, 239, 240, 417); “Rei, só Jesus verdadeiro/ A quem amo. O mais é nada!” (1422, 1423).

Nos versos 1171 e 1172, relata Pereira Sobrinho: “Foi à corte e decretou /Para a filha ser queimada”. A informação relembra fogueira. E quando o cordelista faz menção ao iminente castigo para a princesa condenada, parece inevitável o ressurgimento das duras leis medievais, da figura de Joana D’Arc e do suplício da Inquisição.

O que a história mostra: a filha contrariando a vontade paterna. Por isso, o poeta, citando a fala e a possível culpa de Madalena, não deixa escapar a oportunidade para expressar a obrigação do cumprimento dos rígidos preceitos familiares, mormente a obediência incondicional aos pais: “E é infeliz a filha/ Que se casa contra os pais!/ E quando morrer, a alma/ É entregue a Satanás!” (vv. 703, 704, 707, 708).

Trata-se, portanto, da ameaça do apocalíptico fogo do inferno, sanção que não seria aplicada à princesa, visto que ela apenas cumpria um destino e, a rigor, não desobedecera à vontade do pai. Este, sim, pelo orgulho e por ousar contrariar “As ordens do Deus Divino”, deve, como exemplo, perder o trono para um genro pobre e de classe humilde.

Nesse momento, por intermédio da memória discursiva, ouve-se o eco de uma voz que fala: “Nada somos neste mundo”, que também representa um conhecido dito popular. Por isso, bem antes do final da história, o poeta corrobora esse pensamento e antecipa o motivo por que o monarca receberá o castigo: “O homem diante de Deus/ É diminuta figura / E quem não pensar assim/ Tem que sofrer amargura!” (vv. 321 a 324).

2.2.4 T04: *Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás.*

João de Barros (Jotabarro)

Nesse folheto, o poeta expressa, no mais alto grau, a síntese do imaginário do povo nordestino, com a presença dos possíveis maiores personagens da cultura sertaneja no século XX: Lampião e Padre Cícero. O primeiro, o mais célebre bandido do cangaço; o segundo, o religioso mais amado, que personificou o sagrado.

Obviamente, assim como o povo, o poeta sabe que Lampião está morto; contudo, logo no início do texto, afirma que o cangaceiro continua vivo: “Eu assevero que sim /Pois eu já ouvi dizer /Que Lampião já foi visto/ Lá no Rio de Janeiro (vv. 09, 13, 15, 16). No entanto, com esta afirmação, embora o enunciador tenha apenas ouvido dizer, não parece haver

incongruência porque, movida pela fantasia sem limites, pela lembrança das façanhas do cangaceiro místico, enigmático e “de corpo fechado”, ressurge a figura quase sobrenatural que, por muito tempo, pairou e fixou-se na memória da população sertaneja. Por isso, como exprimindo um íntimo desejo, o poeta e o povo se permitem dizer “ – Lampião está vivendo! (v. 08).

Com os versos (23 e 24) usados como forma de referendar a possível sobrevivência de Lampião, Jotabarro assevera: “Aquilo que o povo diz/ Foi, ou é, ou está para ser!” Observe-se que esse pensamento popular adquire mais valor e força porque, além de expressar um conceito profetizante, estabelece uma interdiscursividade com um provérbio de cunho religioso, muito repetido e aceito por muitos como verdade irrefutável: “A voz do povo é a voz de Deus”.

Por outro lado, embora o sujeito-enunciador enumere algumas atrocidades de Lampião, e não concorde com elas, tenta, explicitamente, justificar suas ações e entrada para o cangaço com uma intensa desqualificação do assassino do pai do cangaceiro: “Mas tudo isso somente/ Para vingar uma dor/ Pois seu querido pai/ Foi morto por um brutal/ Sujeito que tinha o gênio/ Igual ao de um chacal” (vv. 41, 42, 43, 44, 45, 46). Com tais atributos negativos do assassino, este afigura-se pior que o cangaceiro, que agora emerge quase transformado em vítima, de modo que o sujeito do discurso, por intermédio do “não-dito”, deixa subentendido que Lampião, em sua essência, talvez não tivesse tão mau instinto, nem fosse predestinado a ser um bandido cruel. Mas, compelido pela fatalidade, lança-se a uma vingança justificável, torna-se criminoso, pela honra da família atingida, ou “Por perder seu pai querido” (v. 49). Enfim, com este verso com que Jotabarro retrata um Lampião dotado de profundo amor filial, o filho que reverencia e honra o pai segundo os padrões sertanejos, o rei do cangaço apresenta-se mais humanizado, o que acentua a impressão de ter sido apenas uma vítima do destino e quase herói. Como a corroborar essa impressão, note-se o que o que diz Castro (1980, p. 256):

A verdade é que, para o sertanejo, o cangaceiro raramente é um criminoso, um celerado, sendo cantado e louvado como um homem valente que joga cavalheirescamente a sua vida para defender os oprimidos e alimentar os famintos, roubando dos ricos para distribuir com os pobres.

De fato, aqui neste folheto, a valentia, tema comum no Cordel e qualidade apreciada pelo homem do sertão, também está presente, tendo no cangaceiro o seu representante maior: “Que ele era valentão, /Mas Lampião não temia/ A ninguém no mundo inteiro” (vv. 56, 61, 62). Isso significa que Lampião não temia as conseqüências funestas e previsíveis: a escolha do cangaço era um caminho sem volta, e, no quesito “valentia”, era superior a todos os homens do mundo.

Portanto, a despeito dos crimes cometidos e do sofrimento causado, entrevê-se uma certa empatia entre o cangaceiro e o povo do sertão, de sorte que ele não parece ter sido odiado por todos os sertanejos, que, por vezes, o reconhecem como um defensor dos fracos diante dos poderosos. Observe-se que, também para o cordelista, parece tratar-se de um representante do povo humilde, que faz justiça, que se rebela e se vinga das classes abastadas e opressoras: “Mas não – ele defendia/ A um certo pessoal/ Ele protegia ao pobre, /Defendia uma criança/ Uma velha, uma mocinha.” (vv. 71, 72, 73, 75, 76). E mesmo na fala do representante do poder constituído (o prefeito castigado por Lampião e rogando perdão), sobressai-se a figura enaltecida do cangaceiro no topo da hierarquia, como senhor dos destinos no sertão e acima da lei, a quem todos reconhecem e temem: “ – Meu senhor! Meu capitão” (v. 124).

Em face do exposto e parafraseando Eneida Cunha⁵, pode-se afirmar que ali se expressa o imaginário do povo nordestino e o seu desejo de legitimar-se. Trata-se, portanto, de um modo especial de organização de poder, ao qual pode ser aplicado o seguinte pensamento de Guerra (2006, p. 10), fundado nas bases teóricas de Bakhtin:

[...] as produções de sentido, que circulam na sociedade e que regulam os comportamentos, identificam e distribuem os papéis sociais, a partir de relações hierárquicas apreendidas no interior dos cotidianos ritualizados. Esse ritual, por sua vez, tem o imaginário social como legitimador das relações de poder, implicando o sujeito, suas concepções e relações.

Alguns elementos do ambiente e da cultura sertaneja foram citados, cada um simbolizando um aspecto marcante: o mandacaru, o ambiente agreste; a buchada de bode, um prato típico; e o frevo, um ritmo musical. Depois o poeta refere-se aos lendários bailes

⁵ Cunha analisou, em *Estampas do imaginário*, o romance *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro. (CUNHA, 2006).

promovidos por Lampião, representando a humilhação do homem agreste, atingido no que lhe é mais precioso, sua masculinidade: “Os cabras de Lampião, /Faziam os homens dançarem /Um com o outro agarrado.(vv. 177, 179, 180); e aviltado na condição mais cara e preservada, a supressão da sexualidade do “cabra macho” do sertão: “Porém os homens, coitados, /Quando amanheceu o dia, /Estavam todos castrados.” (vv. 184, 185, 186).

“De repente ali correu/ Aquela infeliz notícia/ Que Virgulino morreu –“, diz o poeta (vv. 200, 201, 202).

Tais versos merecem atenção, em vista do sentimento de perda inesperada [De repente...] que o sujeito mal consegue disfarçar e deixa transparecer pela morte do cangaceiro: “Aquela infeliz notícia”. Com isso, supõe-se que o fim de Virgulino não tenha sido motivo de alegria para todos. Logo, poder-se-ia dizer que, assim como existem os estados perenes com os quais o sertanejo aprendera a conviver, como a seca e a religiosidade exacerbada, também o cangaço, fenômeno social e circunstancial, estabeleceu-se e, durante muitos anos sob o carisma sinistro de Virgulino, incorporou-se à vida e à cultura nordestina. Cabe dizer que, de certo modo, a definitiva saída de cena de Lampião deixara um vazio na vida de muitos sertanejos já acostumados ao cangaço, seja pela extinção do antigo e permanente temor, seja pela admiração que esse personagem tão próximo e intangível despertava.

Entretanto, o poeta de cordel, como porta-voz do sertanejo e livre para fantasiar, possui um instrumento de ficção, que é o folheto, com que pode seguir construindo outras histórias, e, desse modo, efetuar o resgate de Lampião e suprir sua ausência, mesmo depois que este partiu para outras dimensões: “Pra muitos apareceu. /Reconciliou-se e vive /Talvez até muito bem. (vv. 204, 209, 210).

Depois de perambular e penar por outras esferas extraterrenas e baixar a várias sessões, segundo Jotabarro, Virgulino “Sofreu até que ficou/ Sem dever nenhum pecado” (vv. 227, 228). Aí se verifica a religiosidade representada pelo espiritismo, a purgação dos pecados e a reconciliação do cangaceiro com o bem. Por isso, agora já pode tentar entrar no céu, onde é recebido por São Pedro, que, segundo o imaginário popular, é o guardião das chaves do Paraíso. Com esse discurso, subentende-se que a misericórdia divina é infinita, que todos os pecadores merecem uma outra chance, até mesmo Lampião, e este será um novo Adão, uma vez que o Senhor necessita “restaurar” “O antigo Paraíso” (v. 262). Com esta passagem, se estabelece a reatualização do episódio do *Gênesis*, seguindo os mesmos passos do Antigo Testamento, o que não impede a “nordestinação” de alguns elementos: a serpente, representada pela temível surucucu, enquanto o cajueiro substitui a primeira “árvore do bem e do mal”.

Assim como Adão sentira solidão e necessitava de uma companheira, mesmo no Paraíso, também o cangaceiro lembrou-se de Maria Bonita e chorou, dizendo: “– Oh, minha linda Maria /Vem pra cá, minha morena!” (vv. 295, 296), versos que constituem uma relação intertextual com a música “Cintura Fina” de Luiz Gonzaga: “Minha morena, chega pra cá/ Pra dançar xote, se deita em meu cangote”. Ao mesmo tempo, quando o poeta diz que Lampião, representante máximo do rude sertanejo, “Começou a chorar seu pranto” (v. 294), [sobretudo por uma mulher], esse sentimento de amor, abertamente externado, vem frontalmente contradizer e desconstruir o antigo discurso masculino de que “Homem que é homem não chora”, certamente muito em voga noutros tempos, e que vai conceder traços de humanização ao temido cangaceiro..

O cordelista não explica por quê, mas, enquanto Lampião, depois de muito penar chegara ao céu, Maria Bonita ainda está na Terra, ou em qualquer outro lugar. Segundo o dito popular, “Tal a vida, tal a morte”. Por isso, Lampião, devoto como era em vida, ora com fervor lembrando-se “Do Padre do Juazeiro” (v. 302). Aqui, uma vez mais, evidencia-se a ambivalência do cangaceiro: benfeitor-malfeitor, herói-bandido, anjo-demônio. E suas preces são ouvidas, fazendo prevalecer o bem, porque o Padre Cícero, antigo protetor canonizado pela fé do povo, como mediador entre a Terra e o Paraíso, cede um “passe” para o céu a Maria Bonita. Como diz Jotabarro: “A prece de Lampião. /De Nosso Padrinho Cícero/ Recebeu a proteção –“ (vv. 308, 309, 310).

Note-se que, no verso 309, expressa-se a profunda reverência ao sacerdote, não só de Lampião, mas também do poeta e demais sertanejos, que se consideram afilhados: “... Nosso Padrinho...”. Aqui o possessivo, em maiúsculo, produz um efeito de sentido pluralizante, abrangente, de cumplicidade, enquanto o diminutivo [Padrinho], com duplo sentido, denota reciprocidade entre a proteção do sacerdote e a devoção dos fiéis.

Agora, no Éden, Lampião e Maria Bonita estão novamente felizes e, ludicamente, entoam antigas canções já incorporadas ao folclore nordestino: “É lampe, é lampe, é lampe,/ É lampe, é lampe, é Lampião – /Olé, mulher rendeira!/ Olé, mulher rendar!” (vv. 357, 358, 363, 364).

Como se sabe, na primeira vez Adão e Eva pecaram, mas, pela morte de Cristo na cruz, Deus ofereceria “outra” oportunidade. Agora, por misericórdia divina, um novo casal, já ciente dos antigos erros cometidos, teria oportunidade de estabelecer a redenção do ser humano e “restaurar o Paraíso”. Mas que os dois não se esquecessem dos avisos e preceitos de Cristo, agora renovados por São Pedro: “Satanás o tentará, /Mais do que tentou Adão – /Virado em surucucu (vv. 271, 272, 273).

“Comerás todos os frutos, /Mas isento é o caju!” (vv. 337, 338), avisa o santo. Trata-se de uma tarefa mais difícil do que a que Adão tivera. Por isso, embora Lampião tenha jurado fidelidade a Deus, satanás, em forma de ardilosa serpente, mais uma vez engana o Homem no Paraíso e fá-lo pecar e provocar a ira divina.

Dessa forma, apesar dos avisos recebidos, a história no Éden, como paráfrase ou paródia, se repete passo a passo. Aqui merece ser evocado o pensamento de Maingueneau (1996, p. 27): “A produção literária consiste menos em fazer surgir *ex nihilo* do que em deslocar, inverter, etc. o já dito. De certo modo, só é legível o que corresponde a esquemas já interiorizados”. Assim, como Adão e Eva, Lampião e Maria Bonita não souberam aproveitar a segunda oportunidade dada por Deus à raça humana. Logo, ao desobecerem à lei divina, são expulsos por “Uma multidão de anjos, /Cada qual com uma espada” (vv. 415, 416). Por conselho de um outro transgressor, Caim, o casal volta para a Terra, isto é, ao mundo de pecado, e não pode nunca mais entrar no céu.

As contradições se evidenciam: Lampião não pertence nem ao céu e nem ao inferno, e sua história assemelha-se às epopéias, a partir da construção do herói responsável pela materialização dos projetos da coletividade. No entanto, embora o cangaceiro tenha fracassado, mais uma vez o poeta de Cordel sintetiza a vontade popular, mostra-se indulgente [Reconciliou-se e vive /Talvez até muito bem] e não relata sua ida para o inferno. Talvez o cordelista julgasse que tal destino fosse excessivamente injusto e infeliz para o herói-bandido, razão por que informa apenas que “Agora o destino dele/ Ainda é ignorado” (vv. 431, 432), cabendo o “julgamento” ao leitor.

Por fim, com os versos 425 e 426, Jotabarro aproveita a oportunidade e deixa um conselho para que, com essa lição, já inscrita no imaginário coletivo, as pessoas evitem futuros dissabores: “Quem é desobediente/ É sempre mau o seu fim!”

2.2.5 T05: A moça que casou quatorze vezes e continuou donzela (Apolônio Alves dos Santos – 1926-1998)

Data da obra: sem indicação.

“Existia uma donzela/Religiosa de fé/No seu batismo lhe deram/O nome de Salomé” (vv. 3,4, 5, 6).

Na introdução da história, uma palavra, sobretudo pelo conteúdo semântico adquirido ao longo dos séculos, destaca-se das outras: Salomé, nome forte e sonoro, que, pela memória discursiva, de imediato e inevitavelmente, remete à sedutora e lendária jovem da Galiléia. Assim como a Salomé bíblica, a personagem do poema também possui, como características, a esplêndida beleza e a condição de donzela.

As analogias mais evidentes entre as duas personagens parecem esgotar-se neste ponto, entretanto o quarto e o quinto versos (acima) trazem outras características que, a despeito da idéia de oposição, favorecem a referência ao personagem do Evangelho. Convém esclarecer: enquanto a Salomé do poema era cristã, “Religiosa de fé”, e batizada – “No seu batismo lhe deram”, – a personagem bíblica era uma jovem pagã e, segundo a Bíblia e a História, causadora da degola de São João, aquele que ministrava os batismos. Neste ponto, é importante reiterar que, no discurso, estão inscritas a historicidade e a ideologia, consideradas como elementos constitutivos. O que já foi dito, mas já foi esquecido, tem um efeito sobre o dizer, que se atualiza em um dizer que se sustenta na memória (ausência) discursiva. Trata-se, pois, da reatualização do discurso. Assim, mobiliza-se o retorno de um conteúdo temático conhecido e a instalação de um novo sentido pela subversão de valores estabelecidos no discurso anterior.

A maioria do povo nordestino segue a religião católica, mas, de um modo geral, não rejeita outras crenças. Nesse texto, evidencia-se mais uma forte característica desse sincretismo religioso, representado pela presença de orixás, como o “caboclo Sete-Flechas”, “o guia de “Quebra-Enguiço”, entidade que se incorpora e combate as bruxarias. A concretização do misticismo é simbolizada pela bola de cristal que, segundo a crença, mostra o passado, o presente, e o futuro, além de outros elementos seguidos do cabalístico número *sete*, que constituem toda a simbologia do candomblé: “velas de sete cores”, “sete vasos de flores...”, “O caboclo Sete Flechas”, “ Cortado por sete linhas” , “Com lápis de sete cores”, “viúva mata sete”. Tudo isso parece remontar aos mais antigos mistérios da numerologia, com registro de fatos, fenômenos e algumas coincidências que permanecem insondáveis: as sete cores do arco-íris, os sete dias da semana, os sete palmas da sepultura, os sete pecados capitais, e tantos outros. Memória, portanto.

Bela, Salomé nascera para ser feliz, mas a beleza transforma-se na causa do seu martírio, porque, enfeitada por um bruxo por ela rejeitado, casa-se quatorze vezes seguidas e vê os seus maridos, um após o outro, atacados por um terrível mal, adoecerem e sucumbirem, impotentes. Involuntariamente, torna-se a matadora de maridos e “cai na boca do povo”, que lhe atribui, de forma injusta, uma série de ações ruins e de epítetos: a viúva “... mata sete”, ou

“... viúva assassina” (v. 160); “Chupa o sangue do marido”, “Alimentando o instinto”, “Até vê-lo falecido”, “Uma fogueira de sexo” (vv. 100, 101, 102 e 105).

Portanto, em vista dos malefícios que atacam e destroem os homens de sua vida, o povo alude a Salomé como um animal sinistro e cruel, a aranha *viúva negra*, que mata o macho após a cópula, ou um vampiro que “Chupa o sangue do marido”.

A partir desse momento, apesar do respeito com que o sujeito-autor relata a prática do espiritismo e descreve o procedimento de orixás, médiuns e adeptos, todo o poema é perpassado por um toque de malícia e humor, fazendo emergir, por meio da transgressão no plano do conteúdo (GREGOLIN, 2005), o novo texto, imprevisível. Paródico e irônico, o texto é agora um texto de humor (BRAIT, 1996), que desqualifica o discurso anterior: “Pra que a “moral” caísse”, “E nunca mais levantasse...”, “Meu “carro” nunca apagou”, “Com a “moral” levantada”.

Todas essas metáforas priapescas que pretendem e mal conseguem disfarçar descrições grotescas, expõem formações ideológicas que superestimam a condição do nordestino varonil, orgulhoso de ser o “cabra macho” do sertão, até mesmo com certo alarde: “Que nunca me negou fogo”.

Por sua vez, a bruxaria lançada em Salomé, e que atinge mortalmente os seus quatorze maridos, lembra o misticismo e credices exacerbadas do sertanejo, segundo as quais matavam-se inimigos, amarravam-se ou se destruíam grandes amores pelo poder de velhas simpatias e mandingas.

O malvado bruxo não morre, por clemência do orixá, mas é punido com a perda dos seus poderes esotéricos e viris: “Sete Flechas disse: – Agora,/ Você tudo que fez paga (vv. 413 e 414).

Portanto, quando Eliseu Pororoca foi castigado pelo guia, cumpriu-se – literalmente – o velho ditado popular segundo o qual “O feitiço virou contra o feitiçeiro”.

2.2.6 T06: *História da princesa da pedra fina** (João Martins de Athayde - 1880-1959)

Data da obra: sem indicação)

Grande parte dos folhetos de cordel mais antigos, pelo menos aqueles publicados até a década de 1980, apresenta, como característica dominante, uma evidente relação com as

fábulas e contos de fada. Este texto, por exemplo, pode-se incluir neles, uma vez que aparece fortemente marcado por elementos como o misticismo, o mistério, as empreitadas humanamente impossíveis e o encantamento de pessoas e de animais que falam.

O folheto retrata uma família de camponeses, plebeus do Reino da Pedra Fina: o pai, homem simples e ranzinza; a mãe, terna e protetora, com o significativo nome de *Umbelina*. Tinham três filhos: Antônio, João e José. Certo dia, os meninos manifestaram desejos. Antônio queria comer feijão misturadinho com breido; João queria comer banana com casca; José, o caçula, teve vontade de ver as pernas das princesas de Pedra Fina. Ante o inusitado desejo do caçula, o pai, severo e zangado, dá-lhe uma sova. Avisa-lhe que, caso as moças soubessem, a família toda sofreria duras penas, e o próprio caçula seria enforcado. “...ele buliu com pessoas / tão altas que nos domina” (vv. 75, 76), reclama, servilmente, o velho.

Considerando que a suposta ofensa do menino não parece grave, o comportamento e as palavras do pai retomam o discurso ideológico segundo o qual as classes sociais, dos pobres e dos ricos, de dominadores e dominados, não se devem misturar, e, na vida, cada qual deve “saber o seu lugar.” Esse episódio, se transposto para o meio social nordestino, reflete o imenso distanciamento entre as classes sociais de uma época, ainda que mais recente, quando os coronéis exerciam um poder quase absoluto sobre a humilde população sertaneja.

Vista nos dias atuais, a história poderá parecer simplória ou hilária; contudo, assim como sucede nas fábulas, o poema revisita remotas épocas e lembra o Absolutismo, quando a palavra do rei era a lei. *L'état c'est moi* [O Estado sou eu], como teria dito Luís XIV.

Desgostoso e abençoado pela mãe, com um pão e “sem um vintém”, o caçula sai pelo mundo. Num riacho, achou uma pedra, “Era um brilhante encantado (v. 127), tão valioso que só conseguiu vendê-la ao rei. Rico, José teria vida tranqüila, se não houvesse um barbeiro, homem de confiança, e conselheiro do rei. Nesse momento, o autor introduz um personagem recorrente, desde as mais antigas histórias, e detentor de algumas particularidades que já o consagraram como estereótipo. Segundo a tradição, o barbeiro, além de cuidar da boa aparência das pessoas, seria aquele profissional que ouve de tudo, que fala demais e conhece as intimidades alheias.

Como conselheiro, o barbeiro intromete-se em todos os negócios. Invejoso da sorte e do sucesso de José, dá novas instruções ao rei. Convence-o a ordenar que o rapaz lhe

traga outra pedra, argumentando que “Isso só ficava bem / tendo outra em cada lado/ lhe mostre pena de morte / veja se a pedra não vem”. (vv. 189, 190, 201, 202).

Tudo parecia perdido, mas José, ao salvar uma serpente que brigava com um leão, quebra um encanto, desmancha uma sina. A cobra era uma princesa, que o protege e o faz conseguir o segundo brilhante. A princesa tem poderes e, como uma autêntica fada, sabe desvendar os mistérios.

Inconformado porque José voltou e por vê-lo ao lado da bela princesa, o barbeiro faz novas intrigas junto ao rei, que exige outras tarefas e outras pedras. Primeiro, o moço vai ao Reino das Laranjeiras, onde é desencantada outra princesa; depois, ao Reino das Limeiras, onde desencanta a caçula das irmãs. Com as três irmãs desencantadas, José leva as pedras ao rei.

Não satisfeito e pertinaz, o barbeiro faz uso de um extremo recurso: José iria ao inferno. “Quero que vá no inferno/ Para levar um ofício/ ao finado meu avô” –, diz o monarca.

O rapaz pensa que vai morrer, mas a princesa está pronta para ajudá-lo: “... eles agora vão ver/ a força duma mulher” (vv. 675, 676).

A frase da princesa soa emblemática, entendendo-se que as pessoas desconhecem que as mulheres sejam fortes, isto é, dialoga com a ideologia de um mundo dominado por homens, segundo a qual a mulher, delicada e suave, não estaria destinada a certos desafios e proezas. Disso resulta o conceito acabado, repetido e tantas vezes dado como certo: a mulher simboliza *o sexo frágil*. Reproduzido por várias instituições sociais, como a escola, a igreja e a família, esse discurso acaba por ser aceito como verdadeiro.

Mas, instruído pelo barbeiro, o rei manda cavar o início do caminho. Um grande alçapão no chão. Como se sabe, reza a crença que, assim como o céu está nas alturas, o inferno fica para baixo.

José pulou no buraco, riscou duas pedras, pulou fora sem ser visto: “viu-se o fogo brilhar/ labaredas do inferno/ na porta veio encontrar” (vv. 700, 701 702).

Depois de um ano escondido pela princesa, José aparece no castelo, cabeludo, a barba grande, sujo de fuligem e enxofre, que, segundo as lendas, é o produto com que os maus se consomem no fogo do inferno. Entrega ao barbeiro uma carta com letras estranhas, escrita pela princesa, como se fora do avô do rei, exigindo que lhe cortasse o cabelo e lhe fizesse a barba. Sem saber como ir ao inferno, o barbeiro é punido por sua inveja. Pula no buraco e morre.

Com o que foi dito até aqui, não se pretendeu, exatamente, contar as minúcias deste folheto. No entanto, tendo em vista a exigência de uma compreensão geral do texto, tornou-se necessário apresentar, ao menos em síntese, os principais episódios.

Ao final da história, também morre o monarca, e José se torna rei. São trazidos os irmãos e os pais diante do novo monarca: “Botaram o jantar pra eles/ pra Antônio feijão com bredo/ pra João, banana com casca” (vv. 859, 860, 861). Com estes sinais que denotam os costumes da família, os pais ficam amedrontados.

O trecho final merece uma particular reflexão. Note-se que, por ativação de memória discursiva, com esse texto, de certo modo, é retomado um dos grandes episódios do *Gênesis*, até com algumas semelhanças de detalhes: a vida de José, filho de Jacó e Raquel, aquele que conseguira superar todas as adversidades e tornar-se governador do Egito; que, “como uma estrela” acolheu aos familiares, sentou-se à mesa com eles, mas não foi imediatamente reconhecido.

Por tudo isso, e de conformidade com as teorias da AD, tem-se a viva impressão, senão convicção, de que grande parte das obras de Cordel, com amiudada insistência, vêm calcadas nos ensinamentos bíblicos, semelhantes e repetidas, porém nunca exatamente iguais. Conclui-se que, de fato, “nada há, pois, novo debaixo do sol” [*A Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento*, Ecle. 1:9].

2.2.7 T07: *A camponesa e o príncipe encantado** (Manoel D’Almeida Filho – 1914-1995)

Data da obra: sem indicação.

No poema em análise, também ocorre o confronto entre o bem e o mal, que percorreu os anteriores. O bem é simbolizado pela doce e angelical camponesa, a heroína “Maria,” cujo nome singelo e a bondade reportam à lembrança da mãe de Jesus; do outro lado, mesclando-se mitologia e história, o mal é representado pela outra moça, a vilã “Messalina”, homônima da terceira mulher do imperador romano, Claudio, que simboliza a criatura ambiciosa, cruel e dissoluta.

O autor posiciona-se, claramente, a favor da protagonista, quando diz que Maria é linda, pobre e humilde, que tem fé e bondade, enquanto Messalina é impiedosamente descrita como “a rainha da feiúra”, magra, amarela, orgulhosa e rica. Essa última qualidade, a única

aparentemente positiva, não a favorece e volta-se contra a própria vilã, se comparada à pobreza de Maria, evocando o discurso bíblico: dos pobres e humildes será o reino dos céus.

Existem, portanto, duas personagens dotadas de qualidades opostas que rivalizam durante o episódio, mas à distância, pois mal se vêem. Todavia, em vista dos atributos negativos que D'Almeida Filho empresta a Messalina, com o intuito de ressaltar as diferenças e, possivelmente, conquistar a simpatia do leitor, já se sabe que a antagonista não terá um final feliz.

Como lugar do episódio, elege-se a histórica, bíblica e lendária Babilônia, cenário longínquo que, transposto para o meio social sertanejo, não significa empecilho para que o repentista ou o leitor aceitem a lógica da história. Ao contrário, trata-se de elemento auxiliar que impregna o poema de fantasia e lenda, semelhante ao que sucede na maioria dos contos de fadas: “Era uma vez, num reino distante...”, reforçando a idéia de que determinados valores são sobretudo humanos, perenes e universais. Conforme assevera Pêcheux (1988, p. 164):

Diremos, então, que o “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” *constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma sujeito*.

Com referência às personagens, a livre imaginação do poeta ou do leitor permite que Maria ou Messalina sejam representadas por qualquer camponesa nordestina, ou, ao menos, aceita-se que outras “Marias” e “Messalinas” hão de existir por aqueles rincões: “Nas campinas do sertão”, e “Numa roça sertaneja” (vv. 58 e 117).

Por outro lado, a presença de um animal bíblico – a serpente (v. 71) – e os nomes de Eva (v. 263) e Adão (v. 264) evocados no texto estabelecem um estreito diálogo com o *Gênesis* e, simultaneamente, permitem uma flagrante analogia com o conto de fadas, que costuma retratar, por exemplo, uma ave que era uma linda princesa, ou o sapo que se transformara em príncipe. Verifica-se, então, uma empatia entre os leitores do folheto e os protagonistas, visto que, mesmo idealisticamente, tais personagens, quase sempre oprimidas e sofredoras, vencem os obstáculos e satisfazem os sonhos e os princípios da gente do sertão. Portanto, ocorre aqui uma quebra da bipolaridade, de modo que opressor e oprimido constituem uma forma de ficção dentro da realidade, entendendo-se que a ficção faz parte da

engrenagem da manutenção dessa realidade. Igualmente marcantes são a religiosidade e o misticismo sertanejos pela presença do clero, na figura do sacerdote, e pela fé do sacristão agarrado à imagem de São Bento (santo protetor contra as cobras).

Pela ênfase que se dá ao desfecho, compreende-se que, além de divertir o leitor, o poema propõe-se ensinar e corrigir o povo mediante uma lição, um exemplo. Ratifica-se, pois, dessa forma, a semelhança com outros discursos que, costumeiramente, apresentam uma sanção positiva ou negativa, segundo a índole e as ações das personagens.

Dessa forma, ao final do folheto, Messalina é castigada, ou seja, picada por uma cascavel de verdade. Ainda que não tenha perpetrado, de fato, nenhum ato monstruoso, não será perdoada porque, posta pelo enunciador, como vilã em oposição à angelical protagonista, cultivou o perverso sentimento da inveja, um dos sete pecados capitais, demonstrando uma obsessão mortal pelo casamento. Por sua vez, a bondosa Maria é premiada ao casar-se com um príncipe, enfim desencantado. Cumpre salientar, porém, que a transgressão não é um acidente inevitável. É um elemento do funcionamento social, cujo papel está previsto nas estratégias da sociedade.

Neste ponto, poder-se-ia juntar aqui um estereótipo: invariavelmente, as criaturas feias são más, defeituosas de corpo e de espírito, – as bruxas são sempre feias – um preconceito, ou conceito calcado em memória discursiva, herança dos antigos modelos de histórias que descrevem os fabulosos embates de monstros e de príncipes. Merecem relevo, ainda, algumas palavras dotadas de simbolismo, historicidade e forte carga semântica: *Babilônia, fábula, Messalina, Maria, príncipe encantado, serpente, fada, princesa, Adão, Eva e tesouro*.

A esse respeito, muito significativo é o seguinte pensamento de Bakhtin (2004, p. 36):

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Note-se que esses nomes lembram seres diversificados, alguns reais, bíblicos, outros mágicos, ou míticos. O humor presente, bem ao gosto do leitor do folheto, serve, de certo modo, para atenuar a dura impressão da tragédia, como é possível ver, examinando-se os versos com a descrição e a fala de Messalina: “... a rainha da feiúra” e “Encontrei meu amor”.

Por fim, como forma de exemplificar o que foi exposto, vale o registro destes versos de D'Almeida Filho:

– Fica o exemplo
 Como um castigo de sobra
 Para a moça que quiser
 Ainda casar com cobra.

2.2.8 T08: *O romance de João Besta e a Jia da lagoa** (Francisco Sales de Arede – 1916-2006)

Data da obra: sem indicação.

Quando se examinam algumas obras do Cordel, tem-se a impressão de que os poetas davam preferência a títulos incomuns, a exemplo deste folheto em análise, possivelmente uma forma de espicaçar a curiosidade dos leitores. E conseguiam, sobretudo no apogeu dessa literatura, visto que esses títulos, plenos de mistério e de exotismo, iam ao encontro das expectativas, das crenças e da imaginação desenfreada e ingênua tão característica do povo do sertão. Entretanto, em que pese toda a compreensível estranheza de quem vê apenas os títulos, e ainda não leu os textos, convém entender, como ocorre neste momento, que o autor está explorando, de forma simultânea, duas importantes vertentes temáticas, que, com frequência, compuseram muitas dessas histórias: a presença do anti-herói e a personagem encantada.

Deve-se, porém, esclarecer que o anti-herói, tantas vezes descrito pelos cordelistas, e tão familiar ao leitor nordestino, é aquele quase sempre representado por uma personagem socialmente marginalizada e desfavorecida, tanto de força física como de boa aparência. Sem morada fixa, muito pobres e desnutridos, eram, por isso, apelidados de “amarelinhos”, mas dotados de aguda inteligência, esperteza e pouco escrúpulo. Alguns deles ficaram célebres, como João Grilo, Cancão de Fogo e Pedro Malazartes, que levavam uma forma idealizada de vida repleta de astúcias e “presepadas”, o que possibilitava ao mais fraco, pelo menos na ficção, ser feliz, vencer os mais afortunados e livrar-se de situações arriscadas.

Numa região, como o sertão nordestino, em que se tornaram gritantes as desigualdades sociais, tais personagens, com suas pequenas maldades, agradavam, sobretudo porque, de certo modo, tornava possível, na mente do leitor humilde, quiçá representado, a concretização de sonhos em que se misturavam fantasia e realidade.

O retorno a essas explicações faz-se necessário, porque, embora o protagonista da história, João Besta, seja efetivamente um anti-herói, apresenta uma diferença fundamental em relação aos personagens lembrados: enquanto aqueles são retratados como pobres, espertos e desprovidos de escrúpulos, João Besta, na verdade, era filho de um homem de recursos, mas, como o próprio nome sugere, representa o indivíduo simplório, “um tolo pateta” (v. 21). Apesar dessa deficiência que, à primeira vista, poderia levá-lo ao infortúnio, este personagem, sob a ótica do poeta, detém algumas qualidades positivas e insuperáveis: bondade, humildade e desambição, que lhe permitiam sair vitorioso ao final dos acontecimentos e suplantar as vicissitudes e os antagonistas, seus irmãos.

A partir desse preâmbulo, compreende-se que o poeta pretende deixar, como era característico nos folhetos, exemplos morais: para vencerem na vida, os filhos devem aceitar a bênção dos pais e prestar-lhes obediência, evocando o diálogo com a parábola do filho pródigo.

Os episódios ocorrem num país estrangeiro e longínquo, como diz o sujeito - autor: “Lá num subúrbio da Grécia” (v. 13). Quanto às personagens da história, inicialmente existem quatro: o pai, Plínio Gastão, velho rico, e seus três filhos: Manuel e José, rapazes atilados e gananciosos, e o irmão, João Besta, a quem menosprezam, por ser atrapalhado e tolo.

Pretendem, durante um ano, ir a lugares diferentes e bem distantes do lar paterno. O velho lhes faz uma proposta: receberem muito dinheiro, ou as bênçãos. Os dois primeiros preferem a fortuna à bênção do pai “Que bênção não enche o bucho” (v. 65). O pai atira-lhes a eterna maldição “Pra séculos sem fim! Amém!” (v. 72). João, “Que não conhecia a ganância/ Nem gostava de dinheiro” (vv. 23 e 24), aceita apenas a unção paterna, dizendo “...Eu quero ir liso (v.83)”. O pai, então, dá-lhe três moedas e o abraça e abençoa.

Nesta passagem do folheto, mesmo contra todas as possibilidades, pode-se imaginar que, longe do lar e em qualquer circunstância, o bom filho, João Besta, será feliz, ao contrário dos irmãos amaldiçoados, porque, no discurso, já é possível entre ouvir o ressoar da voz do provérbio tantas vezes lembrado e repetido pelos homens de fé: “O pouco com Deus é muito, o muito sem Deus é nada”.

Desse modo, o poeta de Cordel, ao descentrar o episódio e personagens para a Grécia, relembra a severa tradição de antigos e simbólicos patriarcas bíblicos, assim como Abraão, Isac e Labão, e retrata o pensamento do chefe da família conservadora sertaneja. Por conseguinte, este, como mediador espiritual da família, impõe sua autoridade, e, segundo o merecimento dos filhos, intercede a Deus por eles, ou contra eles, abençoando-os, ou

amaldiçoando-os. Ainda assim, nem esse rigor de pai, orientado por uma pretensa justiça, parece capaz de conseguir a almejada harmonia no lar.

“Amai-vos uns aos outros como se fossem irmãos”, diz a máxima, código idealizado de retidão e altruísmo, costumeiramente pregado pelos que, piedosamente, crêem nos princípios humanitários e religiosos. Parece claro que a sentença tenta passar o discurso de que os nascidos do mesmo berço se amam, sem desavenças, traições ou maldades. Inversamente, o que o poema deixa demonstrado é a transgressão desse comportamento desejável, em face da convivência desarmoniosa e conflitante entre os filhos do patriarca. Mas, ainda que a história pareça interessante, de forma alguma está apresentando um problema familiar totalmente inovador, original. Certos fatos e discursos, esquecidos e perdidos no tempo, estão, aí, nesse episódio, inconscientemente retomados. Não fielmente copiados, pois seria impossível, mas, conservada a essência, faz-se um retrospecto da saga do ser humano sobre a Terra. Logo, por intermédio da memória discursiva, entrevêm-se significativos diálogos entre a história dos desunidos irmãos deste folheto e milenares conflitos familiares de alguns personagens do Antigo Testamento: Abel e Caim, Esaú e Jacó, José do Egito e seus irmãos, e tantos outros.

Não importa que a história tenha acontecido num lugar apenas imaginado, ou desconhecido do autor e dos leitores da obra de Cordel, uma vez que as regras de conduta e os princípios morais contidos no discurso permanecem os mesmos que constituem a ideologia da família do sertão; ou seja, a palavra dos pais tem força de lei e deve ser respeitada, porque se subentende que a bênção, o bem mais precioso e sagrado do lar, representa condição essencial para a prole ser feliz, aqui na Terra ou no Além.

Portanto, Manuel e José, providos de recursos, mas sob a maldição do pai, e João Besta, sem dinheiro, mas com a bênção paterna, empreendem sua jornada de um ano. Separados, logo depois, cada um toma seu destino. A partir deste momento, o poema, cada vez mais, apresenta elementos maravilhosos que o remetem aos velhos contos de fada e fábulas, tais como as coincidências impossíveis e a aparição de animais que falam. Note-se que, no texto, não falta, sequer, o trautear de modinhas plenas de simplicidade e inocência [Olê, olé, lá-ra-rá (v. 177); Carobi, Califa, Alá, (v. 215)], o que contribui para a produção de uma atmosfera repleta de encantamento e fantasia.

De fato, a história parece fabulosa, não tanto por José e Manoel, cujas vidas seguem um curso mais normal e próximo da realidade, porque, tendo dinheiro, conseguem prestígio e noivado com moças belas e ricas. Com João Besta, é diferente: saído de casa, pouco viaja, nem sequer passa a conhecer pessoas ou lugares importantes. Acomoda-se à

beira de uma lagoa, e, como ele mesmo diz, para desolação do pai e deleite e escárnio dos irmãos: “E lá passei o ano inteiro/ Namorando com uma Jia/ Na sombra de um juazeiro (vv. 316, 317 e 318).

Neste ponto, uma vez mais, torna-se evidente o modo como o poeta de Cordel conserva a identidade e a ideologia do seu povo, embora translade personagens, costumes e ambiente para lugares nunca vistos por ele ou pelo leitor. Por isso, parece estar muito à vontade para “nordestinar” a história e a paisagem, de modo que considera natural a presença da rede de dormir – que é a cama do sertanejo – sob um juazeiro, árvore típica do sertão e das mais resistentes à seca.

Do texto, já se sabe que o anti-herói, João Besta, namora uma Jia falante e amorosa, mas de aspecto asqueroso. Conseqüentemente, o diálogo que este folheto estabelece com fábulas e contos de fadas torna-se ainda mais flagrante, porquanto não rara é a presença de um anfbio em contos desses gêneros. Vale lembrar, por exemplo, as histórias de príncipes transformados em sapos por bruxas malvadas, em reinos antigos e distantes. Do mesmo modo, verifica-se a retomada do discurso bíblico, que se casa perfeitamente com o discurso do texto e o caráter do protagonista, João besta: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (*A Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento*, Mat.5:3)

Com efeito, neste folheto, a lagoa era um rico e fabuloso reino com castelo, enquanto a noiva do rapaz não se trata de uma jia comum, mas uma linda e rica princesa encantada. Premiado por ser bom, humilde e obediente, João Besta recebe a coroa de rei. Casa-se com a mais bela princesa do Oriente, com todos os elementos que podem compor uma magnífica festa na corte: música, carruagens, reis, rainhas e príncipes.

E, assim, explica o autor: “ – Filho sem bênção dos pais/Sempre é mal sucedido/ Agora, João, por ser bom,/Livrou-se e foi protegido.

Por sua vez, os irmãos e suas noivas, mortos de inveja, suicidam-se, enlouquecem ou somem para sempre. Receberam, portanto, uma sanção negativa em decorrência dos seus maus caracteres formados de qualidades tão condenáveis, como: o orgulho, a soberba, a desobediência e a inveja.

2.2.9 T09: *História do capitão do navio* (Silviano Pirauá de Lima – 1848-1923)

Data da obra: sem indicação.

O sujeito-autor inicia o folheto com a pretensão de “narrar uma história /do tempo da inocência”, em que um homem passa por duras provações, “sem se maldizer da sorte/sem faltar-lhe a paciência”. Quando? Não se sabe. Mas trata-se de uma época distante, fantástica e recorrente nos contos de fadas, quando entidades misteriosas, sem uma razão especial, questionavam pessoas e decidiam os destinos.

Realmente, o cordelista refere-se a um tempo e lugar imprecisos, a uma era remota, e, nesses versos iniciais, deixa o “não-dito”: acredita que, àquela época, as pessoas eram puras e inocentes, diferentemente do mundo atual, em que existem malícia e maldade. Mas parece certo que, no decorrer da história, esse discurso deixa-se contestar, porque nem todas as personagens do folheto mostram-se virtuosas, sobretudo em face da presença de dois componentes: um certo capitão de navio e uma artilosa mulher “Vaidosa iludideira” (v.109), que, como meretriz, exerce “a profissão mais antiga do mundo”.

“Deseja ser feliz na juventude, ou na velhice?” pergunta o espectro misterioso, “Num dia de sexta-feira” (v. 07). Com sábia decisão, o homem escolhe a segunda alternativa, e, imediatamente, tem início o seu calvário. Perde tudo: os bens, os filhos queridos e a esposa amorosa. Mas termina vencedor, porque, “sem se maldizer da sorte” e “sem faltar-lhe a paciência”, ao final o Destino lhe devolve tudo e muito mais. O sujeito-enunciador deixa claro que, para merecer esse resgate, foi preciso que esse penitente estivesse munido de uma rara virtude: a paciência.

Nota-se, pois, que, sendo essa virtude o elemento nuclear da história, o texto dialoga com o discurso de certos provérbios segundo os quais “A paciência é unguento para todas as chagas”, ou remete a ensinamentos do Evangelho, como este: “Descanse no Senhor e aguarde por Ele com paciência” (*A Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento*, Salmos 37.7).

Embora o capitão do navio conste do título do poema, ele tão somente funciona como instrumento do mal, e sua vida, de nenhum modo, representa o elemento mais relevante na história. Ressalta-se, sobretudo, a honestidade da esposa, que, mesmo num lugar e tempo incertos ou fictícios, ideologicamente simboliza o modelo de conduta e fidelidade conjugal zelosamente esperado e preconizado pelo marido do sertão, dialogando, por exemplo, com a “verdade” cantada por Luiz Gonzaga, em *A volta da asa branca*: [Sertão das “muié séria” dos “home trabaiadô”].

O extenso tempo decorrido torna-se significativo: doze longos anos de reclusão, durante os quais a esposa fiel, por honra e respeito “às barbas do marido”, resiste às tentações

do marinheiro conquistador: “ honrarei até a morte/ a barba do meu marido” (vv. 113-114); “A barba do meu marido/ hei de honrar toda vida” (vv.167-168), repete a esposa.

Por conseguinte, além de expressarem a idealizada fidelidade feminina, tais palavras voltam a antigos valores, a uma rubrica social, quando as pessoas, no “tempo da inocência”, consideravam a longa barba, o fio do bigode ou as mãos calejadas do homem como veneráveis referências de honra e integridade moral.

Em “só quero que Deus me seja/ protetor, pai e padrinho” (vv. 209, 210), torna-se evidente a religiosidade do sujeito da história. Um homem bom e rico, que, na juventude, perde tudo, menos a paciência.

A perda dos bens, o sofrimento, a humildade, a recuperação e, por fim, o prêmio com a velhice gloriosa, tudo isso constitui circunstâncias que imediatamente reativam uma memória discursiva que aponta para determinadas passagens da Bíblia, de forma mais direta para a vida de Jó: “[...] veio um mensageiro a Jó e lhe disse: Os bois lavravam, e as jumentas pasciam junto a eles; e deram sobre eles os sabeus, e os tomaram; mataram os moços ao fio da espada, e só eu escapei para trazer-te a nova.” “Em tudo isso Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma”. (*A Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento*, Jó, 1: 14,15,22)

Como se sabe, Jó suportou e venceu todas as agruras. Por todos esses indícios, verifica-se um evidente diálogo entre a vida do patriarca hebreu e a do personagem desta história. Pelo exemplo de fé, paciência e humildade com que se conduziram, ambos reconquistaram tudo o que haviam perdido e foram regiamente recompensados.

Finalmente, considerando que o mal jamais deverá prevalecer, o capitão do navio, como severo exemplo, é consumido pelo fogo e tem suas cinzas tragadas pelas águas do mar.

2.2.10 T10: *O sertanejo Antônio Cobra Choca* (João José da Silva – 1922-?)

Data da obra: sem indicação.

Durante o século XX, o Cangaço, além de entrar como tema na Literatura de Cordel, cujos personagens eram os bandoleiros mais conhecidos no sertão, colaborou para a produção de outras obras que ressaltaram a ignorância de comportamento, a rusticidade e a valentia do homem comum. De qualquer modo, os autores organizavam e desenvolviam as histórias de modo que os atos criminosos, por vezes excessivos e disparatados, não

parecessem gratuitos, mas que pudessem ser explicados, guiados e positivamente sancionados por uma forma particular de moral e de conduta.

A rigor, essa história compõe-se dos seguintes protagonistas: o coronel Vicentinho, cercado de capangas, vilão cruel, opressor dos desvalidos e exemplo do mandonismo acima da lei na região; Antônio Cobra Choca, trabalhador retirante, indivíduo rústico e criador de sérias arruaças, mas que, ao final do poema, sai-se como um valente ao casar-se com a filha do patrão; Isabel, moça de quinze anos, filha do coronel Vicentinho, tão exemplarmente bela que o autor reporta ao texto do livro de Alencar e compara: “bonita como Iracema/virgem dos lábios de mel” (vv. 311, 312).

Não obstante as “imperfeições” físicas e morais de Cobra Choca, o sujeito-autor coloca-o como herói, porque será o duro instrumento capaz de dar uma lição a alguém mais imoral, e pior que ele: o coronel Vicentinho. Que qualidades positivas são vistas em Cobra Choca? A bem da verdade, poucas, porque, além do instinto violento, a própria aparência física não lhe é favorável: “... um tipo sarará/ os beiços cheios de frieira” (vv. 129, 130). Neste caso, como costumava suceder, evidencia-se a preferência do autor e dos leitores do Cordel pelo personagem marginalizado diante dos potentados e arrogantes. No entanto, para o personagem sustentar-se como herói e casar-se com a bela filha do coronel, bastaram duas dentre as virtudes mais admiradas pelo homem sertanejo: a valentia diante dos poderosos, simbolizada pelo enfrentamento armado, e a palavra do “cabra macho”, cara a cara, ante o perigo. Isso se constata no que diz, virilmente, o coronel (vv. 359 e 360): “porque eu gosto de homem/que só diz pra sustentar.”, ou na própria fala de Cobra Choca, cuja coragem, exageradamente alardeada por si mesmo, assume um caráter fanfarrão: “eu sou um homem pra topar /só boto pra derreter/o homem que der em mim /pode dizer que morreu/que você vai ver agora/ Cobra Choca vadiar.” (vv. 269, 270, 281, 282, 431 e 432).

Com referência à moça, poder-se-ia, então, como as pessoas costumam fazer, perguntar: “O que essa moça rica e bonita viu naquele rapaz, sem eira nem beira, que tinha os “beiços cheios de frieira”? Evidentemente, só ela mesma poderia a isso responder; entretanto, a pergunta evoca uma sentença tida como verdadeira, extraída da sabedoria popular: “O amor é cego”.

Em alguns trechos, vê-se o rude linguajar dos peões, desabando para a escatologia abjeta, quando Cobra Choca inicia a punição que atinge os próprios jagunços: “e avise o coronel/ um cabra lhe obrigou/ beber caganeira a pulso” (vv. 237, 239 e 240). Desse modo, aí fica implícita, como uma denúncia, a luta da classe oprimida que, estando sempre em desvantagem, rebela-se diante do coronel e do senhor de engenho opressor. Por isso, ao

menos na ficção, os interesses do poderoso serão contrariados, para mostrar que, eventualmente, seu destino e o das pessoas que o cercam podem escapar ao seu controle, como a retomar o ditado que diz “Ninguém é dono deste mundo”. Trata-se, portanto, da afirmação de uma nova ordem: o povo se vinga do opressor, quando o Cordel se oferece como um veículo da revolta artisticamente elaborada, dando à ficção a potencialidade da subversão.

Na primeira parte do texto, o poeta oferece uma espécie de premonição, anunciando que algum fato desagradável pode suceder ao vilão, Coronel Vicentinho. Esse efeito é produzido por uma seqüência de provérbios, ou parte deles, que expressam os seguintes pensamentos, além de evocar outros conceitos: “não há lente que não erre; duro que não esmoreça; quem em muitas pedras bole/uma lhe cai na cabeça. Um valente encontra outro; quem procura um dia acha; quem pensar que o céu é perto; Ninguém pode ser o dono/ de tudo que a terra cria; o dinheiro é inimigo; a língua é quem mais castiga.”

Note-se que essas máximas possuem versões parafrásticas de tantas outras, e lembram alguns conceitos e provérbios amplamente proferidos em todo o Brasil: “Quem nunca errou na vida é porque nunca fez nada”; “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”; “Quem procura chifre em cabeça de cavalo se dá mal”; “Um homem é pra outro”, (assim costuma-se dizer quando se torna iminente o confronto entre dois homens); “Tudo o que temos neste mundo é por empréstimo”; “O dinheiro não traz a felicidade”; “A língua é o castigo do corpo”.

Trata-se, pois, de um enredo simplório: a tentativa do jovem casal em transpor as diferenças socioeconômicas, em busca da felicidade, mesmo contra todas as conveniências, despertando a intolerância e a ira dos pais. Excetuando os lugares, os sujeitos envolvidos e algumas variações, permanece muito da essência da história milenar sobre amores impossíveis, muitas vezes repetida na vida real e constantemente retomada pela ficção.

Guardando as devidas diferenças, pode-se dizer que esse discurso, ao abordar o amor conjugal impedido pela circunvalação das classes sociais, reativa uma memória discursiva, retornando a contos ou romances mundialmente conhecidos, como “Romeu e Julieta”, “A princesa e o plebeu” e até mesmo o conto de fada “A gata borralheira”, em que pese a inversão do gênero dessas personagens. É o já-dito, são as paráfrases, é a memória discursiva, são os esquecimentos de Pêcheux (1990a): os mesmos fatos, ainda que pareçam diferentes e esquecidos, repetem-se, assim como freqüentemente ocorre em obras da Literatura de Cordel. Para corroborar o que foi dito, eis o que afirmam Ayala e Novais Ayala (1995, p. 20) a respeito da produção da cultura popular, pensamento que pode ser perfeitamente aplicado à Literatura de Cordel:

O ser humano é basicamente criativo e recriador e os artistas populares que lidam com o canto, a dança, o artesanato modificam continuamente aquilo que um dia aprenderam a fazer. Essas são as regras humanas da criação e do amor: fazer de novo, refazer, inovar, recuperar, retomar o antigo e a tradição, de novo inovar, incorporar o velho no novo e transformar um com o poder do outro. “é sempre igual”, dizia um dançador de jongo de São Luís do Paraitinga, “mas é sempre diferente”.

Por tudo isso, possivelmente, decorre a impressão de história simples e aparentemente conhecida. Vicentinho, que na juventude desonrava filhas alheias e mulheres casadas, precisa receber uma punição, ou seja, ter a sua filha roubada e ver maculado o conceito de honra tão ciosamente preservado do sertanejo. Deve provar do mesmo “veneno” e, para isso, ninguém mais apropriado que esse pária que, a propósito, denomina-se Cobra Choca, detentor do necessário e único bem: a coragem de enfrentá-lo. “Vão me buscar um ladrão” (v. 408) – grita aos jagunços o pai, encolerizado diante de tamanho atrevimento.

A bem da verdade, embora a injúria não seja tão grave quanto as que o coronel tantas vezes praticara, visto que o casal se amava, o ato lhe parecia insuportável porque ferira não propriamente à filha, mas ao orgulho paterno, o que faz relembrar a frase popular quotidianamente proferida: “Pimenta nos olhos dos outros é refresco”.

Mas Cobra Choca ousou transgredir certos princípios sociais, enxovalhando o nome da arrogante família sertaneja. Diante disso, diz o coronel, truculentamente: “... eu mesmo quero sangrá-lo /e bebo o sangue que tem” (vv. 419, 420), pensamento que reativa o mais primitivo instinto humano – a sede de sangue do inimigo –, e rebusca certo tipo de discurso moralista que, mesmo não sendo exclusivo da sociedade sertaneja, encontra-se nela arraigado.

“A honra se lava com sangue”, brada a sentença agoureira, prenúncio de tragédias, forte eco de uma voz carregada de ódio, repetida e encontrada na vida real, nas músicas e em tantas outras histórias.

2.2.11 T11: *Cidrão e Helena* (Severino Gonçalves de Oliveira)

Local e data de nascimento: (?), Assassinado em Gravatá (?)- PE-

Data da obra: sem indicação

Cidrão e Helena, um jovem casal de um lugar indeterminado. Ele, além de ser filho de um velho sincero, honesto e fiel chamado João, “... era um bom rapaz”, “De muita capacidade” e “educabilidade” (vv. 19, 20, 22).

Não se pode dizer que fossem exatamente namorados, mas enamorados, porque os jovens, apesar de vizinhos, apenas se vêem, pois a relação é terminantemente proibida pelo barão, pai da bela Helena. O motivo da desaprovação paterna não está evidente, mas o desenrolar da história deixa transparecer, como maior empecilho, a diferença de classe social. Tudo indica que Cidrão era um rapaz bem mais pobre: enquanto a moça viajou num navio, ele próprio construiu “Uma pequena barquinha” (v. 108).

O discurso vem, pois, corroborar a idéia de que o sincero sentimento dos namorados, a retidão e a bondade da família nem sempre são condições suficientes para a aceitação social e a realização dos matrimônios. De acordo com essa “ideologia” – ainda que pouco se fale sobre o assunto –, é preciso que as famílias equivalham-se, de preferência na maioria dos requisitos, para não se subverterem as convenções e os limites das classes. Sob esse aspecto, ocorre a interminável luta entre dois pontos de vista: um pensamento de origem cristã afirma que “todos os homens são iguais”; outro, porventura menos cristão e mais racional ou materialista, diria, por exemplo, que não é certo uma moça bela e rica, mesmo por amor, casar-se com “um qualquer”.

Os apaixonados fazem eternas juras, e nem o afastamento compulsório e o tempo transcorrido impedem um futuro reencontro. Por isso, com essa navegação improvisada, Cidrão enfrenta o oceano, inevitavelmente naufraga, e fica durante onze meses “Em um rochedo de pedra” (v. 121).

“Comendo lesma e bebendo /Água salgada do mar” (vv. 125, 126). Ainda que a façanha pareça por demais fantasiosa e improvável, convém entender que se trata de um folheto que visa, especialmente, ao entretenimento de um determinado tipo de leitor, romântico e menos exigente. Crédulo, aceita que, em nome de um juramento e de um amor sinceros, tudo é possível, que as pessoas podem e merecem ser felizes independentemente das diferenças de classe social. Portanto, quando Cidrão fica preso numa ilhota, sua história revela aspectos que, de certo modo, reportam a outros episódios marítimos e grandiosos, a personagens romanescas, como Robinson Crusoe, e mitológicas, como Ulisses: “O cabelo cresceu tanto /Que batia na cintura” (vv. 159, 160).

A história explora, em primeiro plano, o tema da valentia, com o enfoque de imagens sangrentas, que, como se sabe, constitui uma das vertentes mais cultivadas no Cordel: “Nisto, meteu-se o revólver/ Que destampou-lhe o ouvido/ Porém não ficou na luta / Um pra contar a história”: (vv. 425, 426, 431, 432)

O próprio enunciador diz que o romance fala de “Força, coragem e vingança,/ Bravura, honra e critério”, palavras que representam a legitimidade concedida às ações do protagonista, ainda que violentas. Os versos introdutórios vêm mostrar que, embora Cidrão tenha cometido excessos, como ofender ou matar brutalmente pessoas, merece um futuro feliz, sem remorsos: “Casou-se e ali ficou/ Vivendo na santa paz” (vv. 467, 468). Trata-se, pois, da forma especial de encarar a lei e a religião, tanto nas histórias de Cordel como na vida real, com a conciliação da múltipla identidade, ou seja, de certos procedimentos e valores antagônicos vistos inclusive no Cangaco. Sabe-se que Virgulino, o Lampião, não obstante as atrocidades praticadas, dava esmola aos mais necessitados e era devoto do Padre Cícero. Ou seja, o herói e o bandido, o religioso e o cangaceiro conciliam-se na dúbia personagem.

Mesmo referindo-se supostamente a uma época em que as convenções sociais eram mais inflexíveis, quando a maior parte dos casamentos fazia-se por vontade dos pais, o enunciador une sua voz a um coro polifônico que parece dizer: “O mais importante é o amor”.

Todavia, talvez por interesse econômico, ou para mostrar autoridade, o pai impõe à filha um outro casamento, na Argentina, com um homem negro e rico. Nesse ponto, ao ser retomado o mesmo nome – da personagem da epopéia e da do folheto –, reativa-se uma memória discursiva que traz à tona um episódio da mitologia grega: Helena – a mulher mais bela do mundo –, esposa de Menelau, fora raptada por Páris. No texto em análise, com os versos 179 e 180, emerge semelhante referência à beleza da outra jovem: “O mundo não cria mais/ Outra moça igual a Helena!” Por fim, completa-se a semelhança dos fatos: assim como ocorrera na Grécia, outra Helena, após o casamento, também foi roubada.

Vale ressaltar, ainda, outra característica não tão rara nas obras do Cordel: o preconceito racial, com expressões que parecem denotar uma forte rejeição ao novo pretendente, não só da parte de Helena, mas também do próprio enunciador. Note-se que o homem negro, um personagem sem nome, é sempre designado pela cor da pele e associado a epítetos depreciativos, de modo que a própria riqueza, que poderia ser-lhe vantajosa, torna-se uma característica inútil, ou negativa: “Quer que eu case com um negro”, “Somente porque o negro”, “Na cidade é o potentado”, “Com o tal negro indecente”, “O negro ficou ali /Pior do que Satanás” (vv. 269, 271, 272, 280, 397, 398).

Enfim, Helena, para rematar seu desprezo pelo atrevido pretendente, diz-lhe: “Eu vou arribar com outro/ Saiba você, seu moreno!” (vv. 357, 358). Com o uso dessa expressão, a personagem tem como propósito o alcance de outros significados, que remete ao conceito de formação discursiva de Pêcheux (*apud* GREGOLIN, 2001, p.17):

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., ‘não existe em si mesma’ (isto é, em sua relação transparente à literalidade do significante) mas é determinada pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo social histórico em que as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam, o que significa que elas tomam seus sentidos em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

“...seu moreno!”. Observe-se que a linguagem, por vezes utilizada como eufemismo popular, nesta circunstância, ao invés de abrandar o insulto, torna-o mais contundente e rememora outros tratamentos fundamente arraigados e usados como referência à cor das pessoas: “Aquele morenã; aquele moreninho; aquele escurinho...”.

São expressões desse tipo que comumente reativam a memória de outras mais diretas, de sorte que, se Helena desejasse, poderia ter dito: “Saiba você, seu negro!”, o que pode ocorrer também com o uso das outras formas mais abertas: “Aquele negrão; aquele negrinho; aquele pretinho”.

Ao final, tanto para confirmar o tom humorístico do Cordel, quanto para enfatizar a coragem do pretendente eleito, valente, como deveria ser o agreste sertanejo, o enunciador deixa, como registro, a fala do pai da noiva, que, finalmente, aceita o casamento de Cidrão e Helena: “E, se quer a minha velha / Pode se amigar com ela! (vv. 461, 462).

2.3 Das regularidades e das materialidades lingüísticas

2.3.1 De versos e rimas

Quando se faz a análise dos folhetos de cordel, sobretudo quanto à forma, vê-se que os autores, a despeito da baixa escolaridade, não contavam apenas com a inspiração e o

dom da rima, mas utilizavam técnicas específicas e obedeciam a determinados esquemas, obrigatórios para a versificação e composição daqueles poemas. Tais aspectos também foram verificados neste trabalho, de cujo *corpus*, a título de exemplo, extraiu-se um fragmento de cada poema analisado. Assim, foram feitos a escansão e um esboço da formação das estrofes, dos versos e rimas empregados, como se pode ver a seguir:

“A moça que bateu na mãe e virou cachorra” (de Rodolfo Coelho Cavalcante) – T01 – é estruturado em 175 versos, distribuídos em 25 estrofes, cada uma denominada *setilha*, um tipo de estrofe (rara) de 07 versos:

1 2 3 4 5 6 7
64) – Te /nho / fé/, fi /lha /mal /di /ta, (A)

1 2 3 4 5 6 7
65) na / San /ta /Vir /gem / Ma /ri /a, (B)

1 2 3 4 5 6 7
66) em / to /dos /san /tos /do / Céu /, (C)

1 2 3 4 5 6 7
67) que / há s / de / vi /rar / um / di /a (B)

1 2 3 4 5 6 7
68) nu /ma / ca /cho /rra in /do /len /te (D)

1 2 3 4 5 6 7
69) pa /ra / sa /be /res /, ser /pen /te (D)

1 2 3 4 5 6 7
70) que / u /ma /mãe / tem / va /li /a. (B)

Assim como foi demonstrado nesta estrofe, em todo o poema cada verso possui sete sílabas (heptassílabos), forma muito comum em folhetos de cordel, e apresenta o seguinte esquema de rimas: A-B-C-B-D-D-B. O primeiro verso (A) e o terceiro (C) são brancos, isto é, suas rimas não possuem identidade de som com nenhuma outra dentro da estrofe; o segundo verso (B), o quarto (B) e o sétimo (B) rimam entre si, o mesmo ocorrendo entre o quinto e o sexto versos (D/D), que formam rimas paralelas ou emparelhadas.

Quanto à métrica, todos os poemas possuem uma característica comum: os versos contêm sete sílabas [heptassílabos]. Entretanto, em relação ao primeiro, os demais poemas (do 2º ao 11º) apresentam duas diferenças: quanto à composição das estrofes, ou estâncias, são formados por *sextilhas* (grupos de seis versos); quanto à disposição das rimas, possuem o seguinte esquema: A-B-C-B-D-B; ou seja: o primeiro, o terceiro e o quarto versos são brancos, enquanto o segundo, o quinto e o sexto aparecem com rimas cruzadas ou alternadas. Posto isso, observem-se, a seguir, a métrica, a distribuição das rimas e o agrupamento dos versos na formação das estrofes seguintes:

(a)T 02 – “História de Juvenal e o dragão” (Leandro Gomes de Barros) – estruturado em 942 versos, distribuídos em 157 estrofes, cuja disposição das rimas é A-B-C-B-D-B:

1 2 3 4 5 6 7
577) Um / per / fu / mei / ne / bri / á / vel (A)

1 2 3 4 5 6 7
578) Re / cen / di / a / no / es / pa / ço (B)

1 2 3 4 5 6 7
579) Be / las / da / mas / so / rri / den / tes (C)

1 2 3 4 5 6 7
580) Ti / nha / e / le em / ca / da / bra / ço (B)

1 2 3 4 5 6 7
581) Ves / tin / do / fi / nas / fa / zen / das (D)

1 2 3 4 5 6 7
582) Du /ma /be /le /za / sem /Ja /ço. (B)

(b) T03, “Dimas e Madalena nos labirintos da sorte” (Manoel Pereira Sobrinho), é um poema de 1423 versos, com 236 estrofes em sextilhas e uma estrofe final com 07 versos, com disposição das rimas em A-B-C-B-D-B:

1 2 3 4 5 6 7
133) Cor / tou / pau / fez / u / ma / cruz/ (A)

1 2 3 4 5 6 7
134) Ne / la / seu / no / me / gra / vou/. (B)

1 2 3 4 5 6 7
135) Foi / à / co / va / da / es / po / sa (C)

1 2 3 4 5 6 7
136) U / ma / o / ra / ção / re / zou/ (B)

1 2 3 4 5 6 7
137) Me / diu / um / pal / mo / ao / nor/te (D)

1 2 3 4 5 6 7
138) E / ou / tra / co / va / ca / vou/. (B)

As letras iniciais da última estrofe de T03 formam um acróstico com o sobrenome do poeta [PEREIRA]. O uso do acróstico, procedimento artístico não muito raro no Cordel, além de promover o nome do poeta, era também uma forma de assegurar a autoria da obra:

- 1417) **P**romoveu todos os homens
 1418) **E** deu uma moça a cada,
 1419) **R**ica, risonha e formosa.
 1420) **E** em cada cruz armada
 1421) **I**mlantou grande cruzeiro:
 1422) **R**ei, só Jesus verdadeiro,
 1423) **A** quem amo. O mais é nada!

(c) T04, “Lampião e Maria Bonita no paraíso tentados por satanás” (João de Barros - Jotabarro): de um total de 460 versos, 450 distribuem-se em 75 estrofes de seis versos e uma (a última), composta de 10 versos (décima), com rimas A-B-C-B-D-B:

1 2 3 4 5 6 7
 313) Fa / lou / pa / ra o / Pa / dre / Cí / cero (A)

1 2 3 4 5 6 7
 314) Que / só / de / se / ja / va um / pa / sse; (B)

1 2 3 4 5 6 7
 315) Pre / ten / di / a / ir / ao / Céu / (C)

1 2 3 4 5 6 7
 316) Cus / ta / sseo / que / lhe / cus / ta / sse – (B)

1 2 3 4 5 6 7
 317) Já / ti / nha / so / fri / do / mui / to (D)

1 2 3 4 5 6 7
 318) E / que / ri / a um / no / vo em / la / ce. (B)

Como em T03, a última estrofe traz um acróstico:

- 451) **J**esus Cristo avisou com atenção:
 452) **O**rganiza o novo Paraíso,
 453) **T**udo faças em seu lugar preciso,
 454) **A** ninguém darás este galardão!
 455) **B**em te aviso:cuidado, Lampião!
 456) **A**dão caiu em pecado, és sabedor!
 457) **R**egala-te com fé e com pudor,
 458) **R**ecebeste um lugar de inocente –
 459) **O** livre arbítrio está em tua mente,
 460) **S**e errar, não serei teu protetor!

(d) T05, “A moça que casou quatorze vezes e continuou donzela” (Apolônio Alves dos Santos), estrutura-se em 480 versos, distribuídos em 80 estrofes de seis versos cada uma, com rimas A-B-C-B-D-B:

1 2 3 4 5 6 7
 157) Al / guns / pa / ra / cri / ti / cá /-la (A)

1 2 3 4 5 6 7
 158) A / cha / ma / vam / na / sur / di /na (B)

1 2 3 4 5 6 7
 159) De / vi / ú / va / ma / ta / se /te (C)

1 2 3 4 5 6 7
 160) Ou / de / vi / ú / va a / ssa / ssi / na (B)

1 2 3 4 5 6 7
 161) A / ssim / a / po / bre / vi / vi /a (D)

1 2 3 4 5 6 7
 162) La / men / tan / do a / su / a / si / na. (B)

(e) T06, “História da princesa da pedra fina” (João Martins de Athayde), contém 930 versos, distribuídos em 155 estrofes, com seis versos cada uma e esquema de rima A-B-C- B-D-B:

1 2 3 4 5 6 7
 103) A / mãe / par / ti / da / de / pe / na (A)

1 2 3 4 5 6 7
 104) a / ben / ço / ou / o / me / ni / no (B)

1 2 3 4 5 6 7
 105) ven / do o / fi / lho / tão / pe / que / no (C)

1 2 3 4 5 6 7
 106) sa / ir / co / mo um / pe / re / gri / no; (B)

1 2 3 4 5 6 7
 107) – Ro / go a / Deus / co / mo / bom / pai/ (D)

1 2 3 4 5 6 7
 108) que / ze / le / por / teu / des / ti / no (B)

(f) T07, “A camponesa e o príncipe encantado” (Manoel D’Almeida Filho), contém 457 versos, sendo 450 distribuídos em 75 estrofes de seis sílabas e uma (a última) com sete versos e o esquema rímico A-B-C-B-D-B:

1 2 3 4 5 6 7
 313) Quan / do a / co / bra en / trou / na / á / gua (A)

1 2 3 4 5 6 7

314) Se / ou / viu / um / re / bu / li /ço (B)

1 2 3 4 5 6 7

315) Com / um / su / ssu / rro a / ba / fa /do (C)

1 2 3 4 5 6 7

316) Co /mo a / be /lhas / num / cor / ti /ço: (B)

1 2 3 4 5 6 7

317) Foi / na / ho / ra / que / que / brou /-se (D)

1 2 3 4 5 6 7

318) O /mis /té /rio /do /fei /ti /ço. (B)

(g) T08, “O romance de João Besta e a Jia da lagoa” (Francisco Sales Arede), com rimas dispostas em A-B-C-B-D-B, organiza-se em 474 versos, distribuídos em 79 estrofes agrupadas em sextilhas:

1 2 3 4 5 6 7

157) Nis / to / sal / tou / u / ma / ji /a (A)

1 2 3 4 5 6 7

158) Do / ta / ma / nho / dum / cu / ru / ru /

1 2 3 4 5 6 7

159) Di / sse a / João / Guar / de e / ssa / car /ne (C)

1 2 3 4 5 6 7

160) Que a / í / tem / co / mer / pra / tu / (B)

1 2 3 4 5 6 7

161) E / mer / gu / lhou / na / la / go /a (D)

1 2 3 4 5 6 7
 162) Ma / ci / a / co / mo um / mu / çu /. (B)

(h) T09, “História do capitão do navio” (Silviano Pirauá de Lima), com rimas dispostas em A-B-C-B-D-B, organiza-se em 450 versos, distribuídos em 75 estrofes de seis versos cada uma:

1 2 3 4 5 6 7
 31) A / ni / mais / que / po / ssu / í / a (A)

1 2 3 4 5 6 7
 32) mo / rre / ram / e / se / su / mi / ram (B)

1 2 3 4 5 6 7
 33) mo / rreu / a / es / cra / va / tu / ra (C)

1 2 3 4 5 6 7
 34) os / que / fi / ca / ram / fu / gi / ram (B)

1 2 3 4 5 6 7
 35) ven / deu / a / pro / pri / e / da / de (D)

1 2 3 4 5 6 7
 36) e / os / bens / se / com / su / mi / ram. (B)

(i) T10, “O sertanejo Antônio Cobra Choca” (João José da Silva)⁶, estrutura-se em 480 versos, que compõem 80 estrofes de seis versos cada uma, com rimas A-B-C-B-D-B:

⁶ A autoria é atribuída a José Vilanova, por Renato Carneiro Campos. *Ideologia dos Poetas Populares.* – Funarte, 1977.

1 2 3 4 5 6 7
61) O / co / ro / nel / Vi/ cen / ti / nho (A)

1 2 3 4 5 6 7
62) man / dou / bus / car / na / Ba / hi / a (B)

1 2 3 4 5 6 7
63) um / ca / va / lo / pu / ro / san / gue (C)

1 2 3 4 5 6 7
64) por / a / vul / ta / da / quan / ti / a (B)

1 2 3 4 5 6 7
65) mon / ta / do / ne / sse / ca / va / lo (D)

1 2 3 4 5 6 7
66) pra / to / do / can / to e / le / i / a. (B)

(j) T11, “Cidrão e Helena” (Severino Gonçalves de Oliveira), com rimas A-B-C-B-D-B, compõe-se de 474 versos, distribuídos em 79 estrofes de seis versos cada uma:

1 2 3 4 5 6 7
01) Nes / te / ro / man / ce / se / vê / (A)

1 2 3 4 5 6 7
02) Lu / ta / ba / ta / lha e / te / rror / (B)

1 2 3 4 5 6 7
03) For / ça / co / ra / gem e / vin / gan / ça (C)

1 2 3 4 5 6 7

04) Tris / te / za / pran / to e / ho / rror / (B)

1 2 3 4 5 6 7

05) Bra / vu / ra / hon / ra e / cri / té / rio (D)

1 2 3 4 5 6 7

06) Ó / dio / tri / un / fo e / a / mor /. (B)

Com os exemplos apresentados, cremos já ser possível obter uma melhor compreensão das técnicas de versificação empregadas pelos poetas de cordel na produção dos folhetos. Notou-se, especialmente, uma rigorosa obediência às regras, sob dois aspectos: uma satisfatória identidade das rimas e a rígida disposição dos versos em todos os poemas; entretanto, com respeito à contagem das sílabas, talvez pelo desejo do poeta em obter a métrica pretendida, são detectadas algumas eventuais inexatidões, tanto com a seqüência de vogais no interior dos versos, quanto ao final com a última sílaba tônica. Cite-se como exemplo o verso seguinte:

1 2 3 4 5 6 7

158) Do / ta / ma / nho / dum / cu / ru / (ru) /

Por outro lado, louve-se a capacidade criativa e, por que não dizer, a técnica desses poetas do sertão, que deixaram, mesmo quanto à qualidade, um saldo positivo. Além de escreverem poemas como esses, com obediência às normas, muitos desses autores, inspirados, igualmente os produziam no mesmo nível, oralmente e de chofre, e conseguiam empolgar os ouvintes durante as disputas dos repentistas.

2.3.2 De estruturas textuais

Observado o funcionamento e a organização desses 11 textos, no que concerne à materialidade lingüística, constata-se a predominância do discurso narrativo e um conjunto de características que se revestem de funções comunicativas específicas: os textos, literários por natureza e inscritos no gênero “cordel”, constituem-se como processos dinâmicos em que se imbricam histórias e discursos (estes, aqui concebidos no sentido que lhes imprimiu Todorov) e diversas vozes, entre as quais a de um narrador, que, por vezes, inscreve um narratário (a quem se dirige explicitamente na situação de interação que produz, cujo objetivo é discutir virtudes e vícios – “Porém existe um provérbio/talvez o leitor conheça” (T10, vv. 103/104); “O leitor deve lembrar-se” (T03, v. 937); “Porém, caríssimos leitores,/Orgulho é uma loucura [...]E quem não pensar assim/Tem que sofrer amargura.” (T03, v. 319-324) –, e das personagens postas em cena nos espaços construídos, além de outras “vozes sociais” que emergem, aqui e ali, pronunciando-se, do interior de formações ideológicas, sobre as “verdades” construídas, como procuramos mostrar nas análises precedentes.

Pode-se afirmar que a narrativa de cordel envolve muito mais que as instâncias do locutor e dos alocutários. Por um lado, é uma “mensagem” textual produzida por um autor real, a ser interpretada por um leitor (também real); por outro, é construção ficcional em que se articula, internamente, um outro plano de interação entre narrador e narratário (projeções de autor e leitor), entre personagem e personagem. E esses níveis sobrepostos trazem vozes distantes que se entrelaçam e diferentes discursos que dialogam no interior do texto, traduzindo ideologias inscritas em cada obra: ora o machismo, ora a religiosidade, ora aspectos da exclusão, entre outros fios que se alinhavam nas histórias e discursos.

Contrariando, de certo modo, ao esquema canônico das narrativas, em geral os textos principiam pelo anúncio ou pela sugestão do desfecho, sempre de fundo moralizante. Quanto à organização da seqüência, prevalece a organização temporal, com o privilégio à cronologia dos eventos, embora em alguns dos textos se produzam interrupções, quer por digressões ou pausas descritivas, como ocorre em T03, nos vv. 367-372: “Os passarinhos, nas árvores, cantavam e se divertiam. O vento embalava forte” [...]), quer por analepses ou *flashbacks*. (GENETTE, s.d). Esse jogo de interrupções é especialmente recorrente em T03.

Predomina, portanto, nos relatos propriamente ditos, a coesão linear, seqüencial, representada por operadores temporais (“quando”, “depois”, “então”, entre vários outros). O tempo verbal mais recorrente é o pretérito perfeito, que representa a linha principal das histórias narradas e produz efeito de rapidez, contrastando-se com o pretérito imperfeito, que

constitui o pano de fundo e retarda, na maioria das vezes, a revelação de fatos importantes, garantindo suspense. Em vários momentos da narração, aquele que conta afasta-se do narrado e põe as personagens em cena, manifestando-se em discurso direto, de que decorre um efeito de atualidade, produzido por formas verbais no presente, ora representando um “agora”, ora com valor freqüentativo, apontando para fatos rotineiros.

Também se constata conexões causais, como se verifica no T03: [Morrerá sem piedade! / *Porque nasceu em Atenas* (v. 97); Ele livrou-se da morte – / *Porque quem confia em Deus...* (v. 935)] – pela própria natureza do gênero e do tipo de discurso, que exigem a articulação dos eventos pelas relações de causalidade – e uma alta ocorrência de articuladores de natureza adversativa, por exemplo, [Mas não puderam alcançá-los (v. 524); Mas o noivo da princesa (v. 529); Porém depois se perdeu (v. 538); Porém não contou que era (v. 547), quebrando expectativas e produzindo os necessários conflitos. Em suma: a lógica das histórias é reconstruída por uma linha cronológica de base (antes, durante e depois), ainda que o discurso jogue com analepses ou cortes (imitando o leixa-pren do Trovadorismo), especialmente em T10: “Deixo agora o coronel [...] pra falar num sertanejo chamado Antônio Cobra Choca” (v. 121-126). E nesse jogo seqüencialmente estruturado, que “evolui” para várias transformações, provocadas pelas quebras de expectativa e pelas relações de causalidade, a narrativa caminha para a situação final, geralmente anunciada na 1ª estrofe, como ocorre em T01 – “Vou contar mais um exemplo dentro da realidade” –, em T11 – “Neste romance se vê/ Luta, batalha e terror/Força, coragem e vingança/Tristeza, pranto e horror/Bravura, honra e critério/Ódio, triunfo e amor” (v. 1 a 6).

Merecem destaque, também, aspectos específicos de alguns dos textos. As primeiras 17 estrofes de T10 (v. 1 a 102), ancoradas em formas verbais de pretérito imperfeito, descrevem narrando as maldades da personagem que gera a história (Coronel Vicentinho), arrastando o ritmo da narração. Da décima-oitava à vigésima (v. 103 a 120), interrompe-se o relato e, com verbos no presente, de sentido existencial, atemporal, o narrador convoca o narratário-leitor (bem ao estilo machadiano) a reconhecer alguns provérbios ou ditos populares que ele parafraseia, sugerindo mais uma vez o desfecho. Ainda dialogando com o leitor, embora não explicitamente, na vigésima-primeira estrofe o narrador interrompe o curso da narrativa primeira e passa à história que se propôs contar – a de Antônio Cobra Choca, cuja descrição e cujas façanhas vão ocupar vários versos, até a ocorrência do fato que gerará o conflito nodal da narrativa (o interesse de Cobra Choca pela filha do malvado coronel, v. 313-330). Do verso 319 ao v. 474, predominam formas verbais de pretérito perfeito, fazendo avançar a narrativa, até que o valentão é vencido por Cobra Choca. E o texto

se fecha num presente durativo e freqüentativo, representando a (re)instauração do equilíbrio, advinda da derrota do vilão.

Também dialogando com os leitores, T02 inicia-se no presente e já anuncia explicitamente o final: “Que a honra e fidelidade/Sempre foi compensada” (v. 5 e 6). A narração propriamente dita principia pelo pretérito imperfeito (v. 7 a 12) e cede lugar ao perfeito a partir da terceira estrofe (v. 13 a 118). Como em T01 e T02, as personagens são postas em cena e, curiosamente, a mesma história (que o leitor “vivenciou” durante alguns versos) é contada por três personagens diferentes – o vilão mentiroso, a vítima – obrigada a mentir – e, finalmente, o herói –, retardando o andamento da narrativa e acionando o leitor. Do verso 691 ao 702, o “grande” conflito é rapidamente apresentado ao leitor, por meio do pretérito perfeito, que imediatamente cede lugar ao imperfeito (v. 703 a 708), numa pausa que retarda o desenlace que terá lugar nos versos 919 e 920. Nas três últimas estrofes, marcadas pelo efeito de conto de fada, os adjuvantes de Juvenal (o herói), três cachorros encantados, declaram: “Está finda” (v. 934 a 942). Também T06 fecha-se como em contos de fada: “Viveram todos felizes” (v. 925).

Em T05, o narrador traz, diferentemente dos anteriores, uma elipse explícita, que produz a ilusão de apressar o desfecho: “Pra encurtar a história” (v. 199), que só vai ocorrer entre os versos 474 a 480. Ademais, produz-se em T05 uma história de humor, que chega a uma relação intertextual com *Macunaíma*, num verso marcado por aspas: “Que o casal se divertiu/‘Brincou’ até meia-noite” (v. 464-465).

T07 e T08 fecham-se com a moral da história, que, em T08, vem representada por um acróstico construído com o sobrenome do poeta. A propósito, T07 e T08 iniciam-se pela “identificação” do autor: no primeiro, explicitamente em primeira pessoa (“Com **minha** pena na mão”); no segundo, de modo genérico (“O poeta é um repórter”/[...]Pintor dos dramas poéticos”), evocando, ao mesmo tempo, um efeito de verdade (“repórter”) e de ficção “pintor”; “drama poético”.

2.4 Em tempos de globalização, um “novo” Cordel?

Feita a leitura e análise dos 11 textos selecionados, supõe-se, sobretudo pelas características levantadas, que já seja possível ao estudioso obter uma melhor compreensão dos folhetos mais antigos do Cordel. Portanto, considerando que foi desse modo que essas obras fizeram sucesso durante quase um século, e, se o mais belo do Cordel reside justamente na forma de expressão espontânea, ingênua, e por vezes rústica, qual o futuro dessa literatura?

A fim de estabelecer uma comparação entre os antigos folhetos de Cordel e as produções mais recentes consideradas como poesia de Cordel, ou, como querem alguns, *Poesia Popular*, a seguir são analisados dois poemas que versam sobre temas distintos: o texto (A) trata de um fato de ambiente urbano, “O caso Isabela”, tragédia ocorrida numa metrópole do Sudeste; o texto (B) retrata um fenômeno natural repetido e cíclico, mais rural e, talvez por isso, menos alarmante, e circunscrito ao território nordestino: “a seca e as inundações”.

2.4.1 T A: *Homenagem à pequena Isabela* (Henrique César Pinheiro, Fortaleza, 24-4-2008)

- | | |
|------------------------------------|---------------------------------|
| 1) Não sei que palavra uso, | 8) Uma criança linda, bela |
| 2) pra mostrar indignação | 9) Tão frágil e indefesa |
| 3) com tamanha brutidão, | 10) De assassinos foi presa |
| 4) de um ato tão escuso | 11) Que apertaram a sua goela |
| 5) que me parece conclusivo. | 12) Jogaram-na da janela |
| 6) Crueldade com Isabela | 13) Pra mostrar vivacidade; |
| 7) Do pai e da madrasta dela. | 14) tudo foi pura crueldade. |
| 15) Do pai também da madrasta, | 22) Isto não é julgamento. |
| 16) Por que tal comportamento? | 23) São os dados evidentes, |
| 17) Indigno. Sem argumento. | 24) também bastantes coerentes |
| 18) Matar, como uma barata | 25) que tiveram fundamento |
| 19) quando já dera chibata. | 26) em dados e argumento |
| 20) Atrocidade latente | 27) de técnicos da polícia |
| 21) Numa pequena inocente. | 28) e de grupo de perícia. |
| 29) Tem-se direito à defesa, | 36) Não vimos pronunciamento |
| 30) Mas preserve-se a ética | 37) Do tal direitos humanos; |
| 31) Não só ver a conta atlética, | 38) Mortos, fora dos planos. |
| 32) E só ter valor a riqueza | 39) Mas defender maus elementos |
| 33) Não vendo toda torpeza | 40) Têm-se muitos argumentos |
| 34) Que sempre o dinheiro encobre. | 41) A vítima esquecida; |
| 35) Advogado, não se dobre. | 42) A família reprimida. |
| 43) No Brasil são os valores | 50) Império da demagogia |
| 44) Totalmente invertidos. | 51) E reino da podridão |
| 45) Aplaudem-se pervertidos. | 52) Onde perde o cidadão, |
| 46) Condecoram matadores. | 53) Nos ritos da burocracia |
| 47) Vítimas sofrem horrores | 54) Que aumenta sua agonia |
| 48) Com perda de entes amados | 55) Que vive no desamparo |
| 49) E bandidos são consolados. | 56) Sob um julgo muito avaro. |
| 57) Punam quem matou Isabela. | 64) Assim, diante de tudo isso |
| 58) Um crime cruel e brutal. | 65) Basta desta hipocrisia. |
| 59) Indigno dum animal. | 66) Violência é epidemia |

60) Ponham culpados na cela
 61) E não caiam na esparrela
 62) Desse bando de advogado
 63) Só com grana preocupado.

67) Governo sem compromisso,
 68) Mas que nos cobra com isso.
 69) E vive só de leriado
 70) Aqui, só morto é culpado.

Se cotejado com os folhetos tradicionais já produzidos, o poema, mesmo antes de lido, mostra, pela sua forma, uma característica marcante: trata-se de um texto curto, setenta versos que preenchem uma página, quando muito. O tema é um “felicídio”, que causou extraordinária comoção entre os brasileiros. Como se sabe, durante seguidas semanas, jornais, revistas, rádio, televisão e a *internet* divulgaram não apenas o fato, mas também todos os pormenores, entrevistando-se autoridades judiciárias, psicólogos, pessoas famosas e leigas sobre o assunto. O caso foi dissecado, ao vivo, por peritos e todos os meios de comunicação, e revirado pelo avesso nos comentários das pessoas mais comuns. Aqui, também abordado pelo poeta. Poeta de cordel? Popular? Por enquanto, ficam estas duas indagações, difíceis de responder, e que serão retomadas ao final.

Já na primeira estrofe, Pinheiro, sintetizando toda a perplexidade da população brasileira e o sentimento das pessoas, quando “não têm palavras para se expressarem” ante um fato de tal monta, escreve: “Não sei que palavra uso, /pra mostrar indignação /com tamanha brutidão” (vv. 1, 2 e 3). O enunciador externa a dor pungente pela morte da pequena, “Jogaram-na da janela” (v.12). A convivência do pai já pareceria inaceitável; entretanto sua provável co-autoria com a madrasta torna-se para o sujeito do discurso um ato inominável, que retoma, pela interdiscursividade, o estereótipo da madrasta cruel, como a personagem de Grimm, descrita logo no início do conto: “Um dia a rainha de um reino distante bordava perto da janela do castelo, uma grande janela com batentes de ébano, uma madeira escuríssima”. É certo que, na ficção, Branca de Neve consegue se salvar, enquanto a malvada madrasta é devidamente castigada, história que produz um forte eco no inconsciente coletivo, bem como no do sujeito-autor, fazendo-o clamar com veemência por igual justiça, também na vida “real”, contra os ricos e poderosos: “Não vendo toda torpeza /Que sempre o dinheiro encobre. /Punam quem matou Isabela.” (vv.33, 34 e 57).

No geral, o texto contém uma denúncia contra os poderes e órgãos constituídos, inclusive as comissões de Direitos Humanos: “Não vimos um pronunciamento/ Mas defender maus elementos / Têm-se muitos argumentos” (vv. 36, 39, 40), diz o sujeito-autor, expressando uma opinião mais ou menos generalizada de que os representantes da organização, por vezes, defendem e abraçam causas e pessoas erradas.

Tal como Branca de Neve, Isabela era bonita “Uma criança linda, bela/ Tão frágil e indefesa” (vv. 8 e 9).

Tudo isso é verdade, entretanto, ao usar o verso (08) como argumento contra o infanticídio, o sujeito do discurso deixa emergir o “não-dito”, também contido no inconsciente coletivo, o que torna mais inaceitável a brutalidade do crime: “uma menina tão linda!”. Subentende-se que, além de inocente e frágil, Isabela, por ser tão “... linda, bela”, não devia, não merecia estar morta. Esse “não-dito”, não fosse a dor e o horror que o crime desperta, inibindo “frias” reflexões, poderia ser facilmente questionado com o contradiscurso: “E se Isabela, ainda que inocente e frágil, fosse menos bela?” Acrescente-se ainda que há quem diga que o intenso impacto emocional da população resulta do fato de existir uma relativa identidade sociocultural entre as famílias envolvidas e a grande maioria das famílias brasileiras.

Aqui, a co-construção da polêmica funda-se na polemicidade constitutiva dos discursos aos quais os sujeitos em interação se mostram filiados. Falando de uma posição-sujeito dada, o enunciador faz que o analista opere com o intra e o interdiscurso.

Mas, voltando às duas questões iniciais, o texto representa um poema de Cordel, ou um poema da Literatura Popular?

Tomando por base o que foi dito do Cordel, mormente das obras que mais fizeram sucesso, o poema parece conter muito pouco daquela literatura. Como se viu, é um texto pequeno, de modo que, falto de determinadas características dos folhetos e sem as antigas dimensões, parece difícil detectar elementos que orientem para sua inclusão na Literatura de Cordel, sobretudo se colhido e analisado avulsamente. Não se deve perder de vista o fato de que o Cordel foi uma literatura eminentemente nordestina. Amiúde fazia denúncias, especialmente dos fatos espetaculares. Reconhece-se que esse poema também o faz, e até com a pretensa inserção de itens lexicais representativos do vocabulário nordestino, com pelo menos quatro palavras: *brutidão*, *goela*, *chibata* e *leriado*. Todavia, em que pese uma suposta intenção do poeta de aproximar-se do Cordel, nota-se, no texto, um considerável afastamento dessa Literatura nos moldes que a constituíram. Aqui vale mencionar o poder da cultura de massa, que tem exercido uma forte influência – positiva ou negativa – sobre a vida das pessoas, como destacou Umberto Eco (1970).

Por isso, não é demais lembrar que, atualmente, no Nordeste, ao contrário do que sucedia, pelo menos até a primeira metade do século XX, as pessoas estão mais expostas às novidades e a todos os tipos de informação. Além disso, o mundo tem mudado muito, violentamente devassado pelo fenômeno da globalização, característica da pós-modernidade,

tornando mais tênues as fronteiras sociais e mais esgarçados os limites artísticos. Também, como todas as pessoas, os poetas sofrem influências, como produtos do meio social. Estaria aí a razão de tamanha transformação dessa literatura? Por outro lado, como alguns estudiosos do Cordel Moderno desejam, seria este poema um exemplo de *Literatura Popular*? Se se desejar acolher essa nomenclatura abrangente, que extrapola os limites culturais nordestinos, convém reler a sétima estrofe do poema:

No Brasil são os valores
Totalmente invertidos.
Aplaudem-se pervertidos.
Condecoram matadores.
Vítimas sofrem horrores
Com perda de entes amados
E bandidos são consolados.

Já foi dito que pouco existe das características da Literatura de Cordel – impressão agora reforçada com a leitura dessa estrofe –, de modo que até mesmo sua função informativa apresenta-se drasticamente prejudicada pela gigantesca concorrência da mídia do mundo moderno. Quer-se crer que esse fragmento, por sua vez, escrito com linguagem escorreita, aceitável vocabulário e versos bem construídos, talvez pudesse, sem desdouro, figurar na obra de algum poeta da denominada *Literatura Brasileira*. Ou seja, o texto, pela temática urbana ou pela linguagem utilizada, parece não reunir os elementos necessários que lhe permitam uma rotulação distinta (Cordel, Popular) dentro do panorama da Literatura Nacional.

Portanto, o impasse ainda persiste, representado particularmente por uma questão perturbadora: que características marcantes poderiam ser consideradas essenciais para se estabelecer certos limites, ou uma segura distinção entre a literatura sucedânea do Cordel, chamada *Popular* (mas bem-sucedida e prestigiada), e a grande Literatura Brasileira? Tal dificuldade parece tornar-se maior pelo fato de que, pela pressão natural da vida moderna, até por uma questão de sobrevivência, as pessoas cada vez mais estudam ou se informam, mesmo de modo involuntário. Conseqüentemente, todos, poetas e leitores, necessitando responder às irresistíveis solicitações do mundo pós-moderno, sofrem profundas modificações em suas vidas, que certamente hão de refletir no gosto literário.

2.4. 2 TB: *A vorta da caristia!* (Paulo Márcio Bernardo da Silva, 17-04-2008)

1)Senhô Presidenti mi arresponda sipudé,

2) Purquê vortô a caristia das coisa dicumê?

3) O boi num sumiu du pastu...

4) O inpim continua nascê...

5) E si fartava chuva

6) Dissu o sinhô num pódi mais dizê!

7) Ela veio inté pur dimais,

8) Alagô as roça du interiô

9) Dirrubô casa di pobri...

10) E inté manção di dotô.

11) Mazi quandu a chuva passá...

12) Tudu vai ficá bem verdim

13) Us pomar vão tê muita fruta

14) E os gadu vão podê cumê capim.

15) O leiti vai baxá de preçu

16) As verdura ficá visósa

17) Us legume nem si fala,

18) Nossu povu vai ficá é prosa!

19) Carni di vaca nu armoço,

20) E canja na ora di jantá

21) Todo mundu vai ficá gordo

22) E na redi si ispichá.

23) Intão Senhô Presidenti as cunverça vai mudá!

24) Vão falá qui chuveu dimaiz

25) E inundô o Ceará?

26) Qui as Alagoas quazi si afundô

27) E o Piauí quazi sumiu?

28) Ansi nós vai mandá os pulíticu

29) Para a...

30) Praia du anil!

No poema “A vorta da caristia”, o que mais chama a atenção, em todos os versos, é a evidente tentativa de representar a fala do sertanejo mais humilde. E, para alcançar seu objetivo, o poeta, sem temor de pecar pelo excesso, faz uso de uma representação primitiva, supostamente própria dos camponeses de baixa ou nula escolaridade, cuja ortografia, em especial, foge aos preceitos da gramática da língua: “Purquê vortô a caristia das coisa dicumê?/ Mazi quandu a chuva passá... / Us pomar vão tê muita fruta/Ansi nós vai mandá os pulíticu” (vv. 2, 11, 13 e 28).

Supõe-se que o poeta não fale desse modo. Acredita-se também que, no mundo atual, quando as pessoas encontram-se mais informadas e menos isoladas, dificilmente a linguagem do texto poderia, de modo autêntico, representar os falares das comunidades sertanejas, mesmo daquelas dos rincões mais afastados. Acredita-se ainda, em existindo algum falante natural sertanejo (o que não é impossível) que se expresse como o do texto, já pela sua raridade, trata-se de uma exceção, portanto de pouco ou nulo valor representativo. Em suma, o poema parece aproximar-se da paródia e estabelece, como se pode observar, certa intertextualidade, ao menos pela semelhança prosódica, com o texto de Soares (*Veja*, 1990), de onde foi extraído o seguinte excerto:

Pois é. U português é muito fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamente cumo si fala. Num é cumo inglês qui dá até vontade di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português não. É só prestatenção.

Não obstante, deve-se reconhecer a acuidade do poeta ao captar o notório apego à terra e o otimismo do sertanejo: *Mazi quandu a chuva passá... /Tudu vai ficá bem verdim / Nossu povu vai ficá é prosa!* (vv.11, 12, 18).

Ademais, possivelmente a fim de tornar o poema mais representativo e autêntico, o sujeito-autor refere-se a dificuldades do povo, denunciando a carestia e mostrando-se ciente das seculares aflições da população do sertão, como resultado das secas e inundações: “E si fartava chuva/ Ela veio inté pur dimais, /E inundô o Ceará?” (vv. 5, 7 e 25).

Também digna de nota é a menção aos estados, “Ceará, Alagoas e Piauí”, que aponta para o ambiente onde se introduziu e se desenvolveu o Cordel, além da inclusão de elementos que lembram a cultura nordestina, como “O *inpim* continua nascê... /E na *redi* si ispichá.” (vv. 4 e 22).

“Dirrubô casa di pobri... /E inté manção di dotô”. (vv. 9 e 10). Com esses versos que pretendem traduzir a voz do sujeito do discurso, produz-se um efeito de sentido, sobretudo com a partícula inclusiva *inté*, dando a entender que, quase sempre, quem mais sofre com as enchentes são os pobres, com suas frágeis moradias derrubadas; no entanto, dessa vez, com a violência das chuvas, as classes sociais ficaram niveladas pelo sofrimento: nem os ricos nas suas mansões foram poupados.

Portanto, na medida do possível, o poeta tenta não fugir a certas características e temas dos antigos folhetos, tanto pela inclusão de algumas referências lexicais como *inpim* e

redi, quanto pela recorrência aos fenômenos naturais da seca e das enchentes; mas, sobretudo, preocupa-se em representar, como lhe parece mais acertado, a linguagem tosca do sujeito do discurso. Todavia, a impressão é que o poeta, ansiando pela autenticidade, desce a fala a um patamar lingüístico porventura menos desejável e representativo da mundivivência sertaneja. Por isso, ao tentar registrar tal linguagem, esse expediente produz um resultado que soa um tanto artificial, em vista dos motivos já anteriormente apontados.

Como conclusão, vale o registro destes versos finais: “Ansi nós vai mandá os pulíticu/ Para a.../ Praia du anil!” (vv.28,29,30), notando-se que o humor do eufemismo, a malícia e o suspense simbolizado pelas reticências vêm definitivamente reforçar a idéia de paródia e ressaltar o comportamento lúdico do homem do sertão.

Enfim, pela leitura desse texto, a impressão é que o cordelista (ou o poeta popular) ainda tateia à procura de um caminho mais claro e definitivo para sua literatura, cujas diretrizes e formas de expressão forçosamente hão de passar por todas as dificuldades que envolvem o setor mercadológico, variado e competitivo, como conseqüência da sociedade cada vez mais informada e heterogênea, com uma população movediça, fragmentada e influenciada por toda a complexidade da globalização.

2.5 O cordel: sobrevivência e luta na (pós-) modernidade

Que será do Cordel, se alguns dos aspectos sociais mais importantes e tomados como temas – cangaço, valentes justiceiros e o misticismo extremado – já não mais existem, ou simplesmente se atenuaram ou se transformaram? Se as pessoas escolarizam-se, informam-se, viajam, ouvem rádio, vêem o mundo pela televisão; se, menos ingênuas, não mais se amedrontam com os casos de almas do outro mundo, nem crêem na existência de fantásticas bruxas e das lindas princesas dos contos de fadas?

O planeta ficou menor, minúsculo, se comparado com o de sessenta ou setenta anos atrás. Quase todos os fatos, por mais distantes que sejam os lugares, podem ser, em curto espaço de tempo, verificados, fotografados, filmados ou ouvidos. O homem, agora mais esclarecido, sabe que é possível dar volta ao mundo e chegar ao ponto de partida, sem encontrar os monstros e abismos de que tanto diziam no passado. Ficou mais objetivo, menos crédulo, definitivamente familiar e dependente da moderna tecnologia já mais acessível, que tem como seus maiores símbolos a televisão e a *internet*.

Em plena época pós-moderna, o mundo torna-se cada vez mais globalizado, de modo que os fatores de mundialização, que solapam tradições e desmistificam fatos,

apresentam-se muito nítidos, chegando vigorosamente para ficar, até mesmo em certas regiões mais isoladas como as do sertão. Por isso, a impressão é que a tarefa enfrentada pela Literatura de Cordel, de sobreviver com o mesmo vigor e identidade antigos, parece ingrata, senão impossível.

Nos últimos anos, com o uso dos modernos métodos de irrigação, a Região Nordeste obteve um grande impulso na agricultura, de forma mais específica na produção de frutas, desenvolveu-se na Educação e recebeu importantes instalações industriais que se deslocaram do Sudeste. Conseqüentemente, de forma nenhuma o sertão nordestino poderá permanecer insulado ou manter intocadas as especificidades do passado, considerando-se o grande potencial turístico alcançado por determinadas cidades, como Porto Seguro, Recife, Fortaleza, Maceió e Salvador, e a facilidade de interligação com o interior, sobretudo na última década. Além do mais, durante os períodos das grandes festas juninas e do Carnaval, para lá afluem pessoas de todo o Brasil e do exterior, estabelecendo-se um grande intercâmbio cultural que se mantém contínuo e irreversível.

A antiga imagem do sertão tem-se alterado, e isso parece ser uma tendência definitiva. O homem do campo civiliza-se, o caipira desaparece, tem os seus gostos mudados, confirmando o fato de que já não há tribos demasiadamente segregadas em guetos. Atualmente, tem ocorrido no mundo, e, portanto no Nordeste, uma descentração dos indivíduos, que, ao contrário do que acontecia no passado, raramente se mantêm fixos na terra natal durante toda a vida. Sinais de modernidade, como a energia elétrica, as parabólicas, celulares e meios de transporte, como o avião, avançam sobre as regiões antes recônditas e, simultaneamente, muita gente emigra de seus lugarejos para conhecer melhor o Brasil e até o mundo.

A propósito, note-se quão significativo é esse pensamento de Hall (2004, p.74), que pode ser perfeitamente aplicado à situação sócio-cultural de muitas regiões do interior do nosso país:

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do “Terceiro Mundo”, podem perceber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à “aldeia global” das novas redes de comunicação.

Portanto, o Cordel, ao menos com as características primitivas com que se desenvolveu, parece fadado a tornar-se um fenômeno anacrônico. Não tem muito a ver com

esse corrido, alucinado mundo tecnológico que estende sua teia e influência sobre as mais longínquas povoações, interligando cidades, informando as pessoas, mal acontecem os fatos. No passado, o sertanejo sabia da realidade nacional apenas por ouvir dizer da boca de terceiros, quando as novidades, há muito ocorridas, chegavam mediadas e freqüentemente alteradas por uma extensa cadeia de informantes, como os caminhoneiros, os raros viajantes e o folheto noticioso. Depois, com a chegada do rádio, esse homem do campo já podia tomar ciência dos acontecimentos dos lugares mais distantes, imaginando o ambiente e os detalhes. E, ao ouvir as vozes de astros da música, do esporte e da política, compunha, com sua imaginação, a figura dessas personalidades, cujo *glamour* quase sempre crescia na mesma proporção ou acima da fama. Por sua vez, a televisão, por intermédio de vários canais, chegou para informar os fatos de forma mais exata e completa, expor imperfeições e qualidades das pessoas públicas, tornando-as mais comuns e tirando-lhes a aura de mitos. De tudo isso resulta a grande dificuldade dos autores de folhetos para encontrar algum episódio relevante e capaz de impressionar as pessoas.

O problema é que, depois da bomba atômica, da ida do homem à lua, da queda das torres gêmeas nos Estados Unidos, dos atos terroristas e de tantos acidentes corriqueiros, os espíritos saturaram-se de tragédias que se superpõem, de modo que as pessoas já não se alarmam com os pequenos e médios acontecimentos. Estes, mesmo os mais impressionantes, pouco tempo depois, ou ao vivo, são exauridos, minuciosamente dissecados e pulverizados por todos os meios de comunicação. E caem logo no esquecimento.

Realmente, a Literatura de Cordel há muito tempo vem perdendo terreno e apresenta uma linha descendente que pode ser representada por fatos significativos, como se pode observar no exemplo seguinte, já bem antigo, mas ainda válido: segundo Peregrino (1984), a Era Vargas foi produtiva na criação e venda de folhetos. Quando o presidente Getúlio suicidou-se, em 1954, o poeta João José escreveu um folheto e conseguiu vender, em um mês, mais de 800 mil exemplares. Um sucesso. Dezesseis anos depois, em 1970, quando a seleção brasileira de futebol sagrou-se campeã do mundo, o mesmo poeta lançou o folheto “Brasil Tricampeão”, vendendo apenas 1000 exemplares dos 5000 lançados. Um fracasso. Aconteceu que, naquela época, a televisão havia transmitido diretamente, pela primeira vez, os jogos da Copa do Mundo. Daí em diante, os cordelistas perceberam que, além dos outros meios de informação já existentes, havia chegado um incomparável e poderoso veículo capaz de noticiar muito melhor, em primeira mão, além de divertir leitores e satisfazer as suas expectativas. O folheto deixara de ser o jornal do sertão.

Há muitas décadas, antes em pau-de-arara e trem-de-ferro, depois em ônibus, a gente nordestina vem se deslocando para o Sudeste, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro. Atualmente, essa migração com o propósito de fixar moradia faz-se menos intensa, seja porque as condições no Nordeste têm, de alguma forma melhorado, ou, quem sabe, porque o sertanejo já tenha uma consciência mais clara de que sair de sua terra natal, sem preparo, mormente com a família, para arriscar-se nas concorridas metrópoles, nem sempre é uma idéia das mais acertadas. De qualquer modo, as pessoas ainda fogem da seca, da pobreza e do desemprego, na esperança de encontrar uma vida melhor. Poucos conseguem, mas continuam chegando às cidades para trabalhar no comércio, como camelôs, nas feiras, na construção civil, em qualquer ofício. Sabe-se que, em São Paulo, há nordestinos aos milhões, uma população maior do que a de algumas capitais do Nordeste. Uma migração desse porte afeta muitos setores da vida humana e, evidentemente, não poderia deixar de atingir, de forma direta, as atividades literárias do Cordel. É óbvio que as famílias de nordestinos radicados em São Paulo conservam muito de suas tradições, mas parece natural que sofram influências em contato com outras comunidades e outros ambientes e passem a conhecer necessidades novas.

Aqui, levanta-se uma questão: a família nordestina, que geralmente mora nas periferias de metrópoles, continua sendo a mesma, ou seja, conserva a mentalidade idêntica à dos conterrâneos, que jamais saíram da terra natal, nem adquiriram novos hábitos ou novas experiências? A lógica diz que não. Todavia, dessa multidão de emigrantes, a maioria estabelecida no Rio de Janeiro e em São Paulo, surgem pessoas ainda saudosas de sua tradição sertaneja e do Cordel. Por isso, alguns laboram na composição de poemas e lutam para que essa literatura persista ou que retorne tão vigorosa quanto nos velhos tempos.

Sobre essas profundas transformações sofridas pelo homem moderno, observe-se o que diz Hall (2004, p. 9):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Seguindo o êxodo de toda essa gente, mercê das difíceis condições de mercado para o folheto no Nordeste, muitos cordelistas também têm ido para esses grandes centros em busca de melhores condições de vida.

Como se sabe, antes, no Nordeste, a matéria-prima do Cordel eram histórias acontecidas ou imaginadas num ambiente rural, constituído dos principais fatores sociais já mencionados: a seca, o Cangaço e a religiosidade. Esses três relevantes aspectos, que contribuíram decisivamente para a sedimentação da cultura e da psicologia do povo sertanejo, são insubstituíveis, uma vez que estão refletidos e fortemente impregnados nas histórias dos folhetos, impondo-lhes características únicas e proporcionando uma identidade especial à Literatura de Cordel.

Na época moderna, migrados para as cidades, os cordelistas se vêem compelidos a tratar de situações e acontecimentos urbanos, exaustivamente já explorados, várias vezes ao dia, ou durante meses seguidos, por todos os veículos de informação. Deslocado, o poeta está assumindo o sério risco de ver esvaír-se a preciosa identidade do Cordel e de ser, ele próprio, envolvido pela modernidade da metrópole antropofágica. Por isso, já têm surgido alguns títulos que anunciam uma abordagem de temas citadinos, como estes: *O frio de São Paulo está desmoralizado*; *O japonês que ficou roxo pela mulata*; *O sapo que desgraça o Corinthians*.

Desse modo, já se vislumbra um grande distanciamento temático na linha do Cordel, ainda que se faça uma superficial comparação com os assuntos e títulos tão consagrados no Nordeste e tão próximos do folclore. Também já existem, nas grandes cidades, autores de cordel que assumem uma posição mais agressiva, intolerante e denunciadora dos problemas sociais, como Raphael de Carvalho; mas esses, de forma alguma, são bem aceitos pelos cordelistas mais ciosos dos folhetos tradicionais.

Em razão dessas migrações constantes e das profundas mudanças sociais que têm afetado o homem moderno, nota-se um flagrante deslocamento das identidades. Conseqüentemente, já aparecem indícios da possível (des)identificação do novo cordelista, que se reflete diretamente na obra produzida, ocorrendo, sobretudo quanto à temática, um visível afastamento das suas origens.

Para corroborar esse pensamento, neste ponto, uma vez mais, recorre-se às palavras de Hall (2004, p.75):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”.

Do que foi dito, conclui-se que todas as atividades humanas têm sofrido profundas modificações, talvez rápidas demais para uma compreensão imediata. Sabe-se que as identidades e as realizações humanas não são estáticas, únicas e perenes. Portanto, considerando que o ambiente sertanejo, a mentalidade e a identidade do seu povo vêm sendo influenciados por muitos fatores, parece lógico e natural que essa evolução também se estenda à Literatura de Cordel, assim como ocorreu com outros movimentos literários, como Trovadorismo, Romantismo, Realismo. Muito mais ainda neste mundo de fronteiras culturais escancaradas, quando o impacto das abruptas mudanças tem posto em xeque tradições e princípios. Como resultado, nas grandes cidades já são vistos folheteiros escrevendo sobre novas realidades, como o metrô, a favela, o bóia-fria, o anticoncepcional e o futebol. Na verdade, trata-se de um processo inexorável, sem alternativa, especialmente porque, no mundo contemporâneo, tudo se apresenta de modo muito fugaz e instável. Por isso, a impressão é de que alguns autores do Cordel parecem desorientados e tomam outros rumos, talvez não muito acertados, e se arriscam no campo do erotismo, até mesmo da pornografia um tanto escrachada, criando títulos, como: *A tarada do pau miúdo*; *O tarado da mata escura*; *A mulher que mastigou os cordões do marido*, e assim por diante.

É preciso saber, no entanto, se tais mudanças estão vindo para garantir a sobrevivência do Cordel, ou se elas chegarão para afastar cada vez mais essa literatura das características que a consagraram, aproximando-a de uma manifestação cultural urbana e popularesca, produto da periferia das metrópoles. Nesse caso, o Cordel estaria em franco processo de transição [ou de extinção?], avizinando-se de outras manifestações “literárias” menos prestigiadas e mesclando-se com elas. Portanto, caso o folheto chegue a esse nível perigoso de descaracterização, cabe questionar se essa produção escrita ainda mereça receber nome de Literatura de Cordel.

Já se disse que alguns estudiosos, dentre eles Luyten (1992), preferem para o Cordel a denominação *Literatura Popular*, terminologia que certamente vem abranger (equivocadamente) qualquer produção literária que não se insira na Literatura Brasileira. O cordel faz parte do grande fluxo da série literária e, como tal, precisa ser reconhecido. Entretanto, partindo desse princípio e considerando que a tendência da Pós-Modernidade

consiste no apagamento das fronteiras artísticas, cabe questionar: a) essa literatura vem para continuar ou para substituir a *antiga* Literatura de Cordel? b) esse pensamento, por si só, não significaria a tácita aceitação do fim do *Cordel*, consubstanciado, não só pela simples troca de nomes, mas também pela substituição dos temas explorados? c) quais os princípios estruturadores existentes que chegam para garantir que essa produção artística possa ser considerada *literatura popular*? A impressão é que essas questões ainda não foram cabalmente esclarecidas. Por motivos como esses, ou seja, na tentativa de estabelecer coerentemente as balizas da Crítica para as novas produções culturais, tem ocorrido uma radicalização entre os críticos mais conservadores e os teóricos do assim chamado Pós-Modernismo. No entanto, Souza (2002, p.78), ao analisar o problema, assume um tom menos intransigente:

Infelizmente, torna-se tarefa impossível conservar, na atualidade, posições radicais contra os desmandos da teoria e o descontrole dos paradigmas de referência. O mundo mudou nos últimos dez anos, de forma assustadora (para o bem ou para o mal), e por que motivo as concepções artísticas, teóricas e políticas não deveriam também trocar o caminho tranquilizador do reconhecimento pelo do saber sempre em processo? Enfrentar esse desafio é uma das formas de continuar a mover o debate teórico, para que este não se transforme em consenso de grupos ou na apatia acadêmica, provocada por um certo tipo de mal-estar, que não incita a curiosidade, mas, ao contrário, alimenta o conservadorismo.

Alguns defensores abominam a idéia de uma possível extinção, enquanto outros, mais pessimistas, ou realistas, dizem que, assim como o Cordel extinguiu-se na Europa, no Brasil fatalmente ocorrerá, ou já ocorreu o mesmo. Dentre os que não mais acreditam na sobrevivência dessa literatura, destaca-se o Prof. Átila de Almeida, cujo pensamento é referido por Peregrino (1984, p. 54): “No seu entender já morreu. E não somente morreu, são palavras suas, ‘como apodreceu na cova rasa em que foi jogada’, pois que ‘isso que anda por aí, espantando o povo sob lençóis brancos, é visagem do que foi e não é mais’”. Palavras duras e certamente rejeitadas pelo grande batalhão de admiradores e defensores da Literatura de Cordel.

Sabe-se que tal literatura, mesmo no ápice do seu sucesso, não se estendeu com o mesmo vigor ao restante do País; nem poderia, em virtude de suas características particulares e localizadas, como expressão sócio-cultural escrita e própria do Nordeste. Contra todas as possibilidades de sucesso, geralmente sem apoio, sem prestígio nem reconhecimento da

grande crítica literária ou das classes mais favorecidas, o Cordel seguiu o próprio destino de gênero literário singular, marginalizado. Ao fazer-se por si mesmo, com os poucos recursos de que dispunha, alcançou um patamar de destaque dentro do panorama sócio-cultural do Brasil e fixou-se definitivamente como patrimônio cultural, ainda que a Literatura Brasileira não lhe reserve um lugar de prestígio. Não obstante todas as vicissitudes e rejeições, o Cordel terá, para sempre, o seu lugar na História.

A Literatura de Cordel talvez seja a mais fiel manifestação da cultura popular do sertão nordestino, pois nela está expressa, de forma verdadeira, a essência do modo de pensar e de agir daquele povo. Por isso, palavras duras como essas, que pressagiam a extinção definitiva do Cordel, certamente entram em frontal conflito com a opinião dos que admiram e cultivam esse patrimônio histórico e propugnam pela sua sobrevivência. Entretanto, como já foi sobejamente afirmado neste trabalho, as características sociais do homem nordestino mudam celeremente, a reboque das rápidas transformações do mundo pós-moderno, que afetam todas as atividades da vida atual, de modo que parece difícil para o Cordel tradicional satisfazer plenamente a essas novas exigências. Em seu artigo, ao referir-se ao Cordel, de antes e da atualidade, Curran (1991, p. 10) faz a seguinte reflexão:

Mas, o (d)escrito até este ponto sobre o poeta tradicional já é «História», material para arquivo. Sobrevivem poucos deste tipo (pensamos ainda em Minelvino Francisco Silva, do Sul da Bahia). O que passou a existir, há pouco tempo, era uma nova geração de escritores de cordel, a maior parte gente urbana das grandes cidades. Encontrava-se já nos anos 70 e 80 um poeta de cordel mais facilmente na zona norte do Rio de Janeiro ou na Praça da República em São Paulo do que no sertão do Nordeste. E havia autores de folhetos até de faculdade, bacharéis de direito, de jornalismo e o mais. Bem como o aspecto de estudos formais ou lugar de residência, já mudou também a visão do poeta recente. Reside provavelmente em uma enorme cidade com todos os problemas da mesma; vive precariamente no sentido econômico; provavelmente escreve e publica cordel quando pode, vivendo mesmo de outro trabalho.

Para algumas pessoas, o Cordel apenas atravessa um processo de transformação, e sobreviverá. Mas, no momento, diante dessas incertezas que afetam drasticamente as características das obras, e das dificuldades que desnorteiam o setor mercadológico, muitos autores, desiludidos, estão abandonando o Cordel e se dedicando a outras atividades mais comuns.

Com o deslocamento e as mudanças de identidades, também transformam-se e multiplicam-se as produções culturais. Neste sentido, vale o registro desta reflexão de Bhabha (1998, p. 217):

O povo como uma forma de interpelação emerge do abismo da enunciação onde o sujeito se divide, o significante “desaparece gradualmente” e o pedagógico e o performativo são articulados de forma agonística. A linguagem da coletividade e da coesão nacionais está agora em jogo. Nem a homogeneidade cultural nem o espaço horizontal da nação podem ser autoritariamente representados no interior do território familiar da *esfera pública*: a causalidade social não pode ser compreendida adequadamente como um efeito determinístico ou sobredeterminado de um centro “estatista”. [...] A narrativa da coesão nacional não pode mais ser significada, nas palavras de Anderson, como uma “solidez sociológica” fixada em uma “sucessão de *plurais*” – hospitais, prisões, aldeias longínquas – em que o espaço social é claramente delimitado por tais objetos repetidos que representam um horizonte naturalista, nacional.

Portanto, entende-se que a controvérsia sobre a modernização do Cordel não é apenas uma questão de tradicionalismo; é uma questão mercadológica. (JAMESON, 2001), que poderá ser objeto de outra pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De meados do século vinte aos dias de hoje, a vida humana tem sofrido transformações tão rápidas, como nunca se viu antes, e o Brasil, país do Terceiro Mundo, ainda que não tenha seguido o mesmo ritmo de outros mais desenvolvidos, também sentiu o grande impacto das mudanças.

Um grande sinal dessa avassaladora transformação, especialmente no campo, foi a implementação de novas técnicas na agricultura e o êxodo dos pequenos proprietários para as cidades. Como consequência, a partir da década de 1970, o Brasil tornou-se um país predominantemente urbano, o que levou as pessoas a adotarem outros padrões de vida e de comportamento, acelerados pela influência dos modernos meios de comunicação, pela escolaridade agora já bem mais ao alcance da maioria, além da facilidade de locomoção que proporciona aos habitantes das regiões mais isoladas o conhecimento de novas experiências.

Estradas, meios de transporte, viagens, escolas, o contato com outras comunidades e novos conhecimentos, o rádio, a televisão e o cinema, todos esses elementos propulsores da globalização fazem que o homem sertanejo já não seja mais o mesmo. Ademais, por intermédio de livros, jornais, revistas e a *internet*, os indivíduos são bombardeados por um gigantesco volume de informações, com liberdade para comparar e escolher, em uma ampla lista de opções, a fonte que mais lhes interessa. É verdade que muita gente ainda não dispõe de todos esses recursos fomentadores da cultura do mundo globalizado; entretanto o fácil trânsito entre o sertão e as cidades, bem como a troca de informações entre os habitantes dos aglomerados urbanos e os do campo vêm afetar profundamente a vida e o pensamento das pessoas, de modo que as raras comunidades isoladas do restante do país já constituem exceções. Portanto, no caso do Nordeste, parece lógico considerar que tais transformações devem ter igualmente mudado os hábitos, o gosto literário dos amantes do Cordel e acarretado diferentes necessidades.

Ainda hoje, quando se fala de Literatura de Cordel, alguns fatores sociais que contribuíram para a sua existência logo vêm à tona: o cangaço, a religiosidade e o coronelismo, agora já distanciados no tempo, alguns arrefecidos ou extintos, outros profundamente transformados.

A religiosidade permanece, mas provavelmente não com as características originais, medievais e quase primitivas, da época áurea do Cordel. Já não há beatos ou sacerdotes que consigam galvanizar o misticismo popular ou personificar o sagrado. Oficialmente, o cangaço foi debelado por volta de 1940. Pode-se dizer que, àquela época,

foram extintos os cangaceiros; mas o reflexo daquele movimento, as impressões e histórias misturadas a lendas perduraram e pairaram no imaginário popular sertanejo durante as décadas seguintes e permanecem na memória discursiva do País. De fato, morrera o cangaço como movimento ativo fora-da-lei e transformado em fato histórico, mas não as memórias de episódios reais ou criados pela fantasia do sertanejo humilde, com relatos que se incorporaram definitivamente ao folclore nordestino e constituíram-se como um dos temas mais ricos e representativos da Literatura de Cordel.

A identidade do Cordel se parte em muitas, é dinâmica e construída pelos discursos transversos, com traços de sua cultura, de sua história, de sua sociedade e vivências. Essa construção abre espaço para o imaginário, para o que não é real, e isso é uma marca do próprio processo da construção identitária. Imaginário que faz rir, faz enganar, e surpreende porque consegue sobrepor-se à realidade que existe: fome e violência.

Como já foi mencionado neste trabalho, um dos componentes tão ou mais importante que o cangaço na cultura nordestina foi a religiosidade, algumas vezes levada às últimas conseqüências. Citaram-se, particularmente, as atuações dos beatos como Antônio conselheiro e sacerdotes como o Padre Cícero e Frei Damião. Para o sertanejo, verdadeiros santos cultuados ainda em vida, alcançaram o incondicional respeito da população, sobretudo da mais humilde, e despertaram o misticismo extremado que freqüentemente permeou a histórias dos folhetos.

Por sua vez, o coronelismo, vertente também fartamente explorada por essa literatura, representou um outro importante elemento dentro da formação sócio-cultural do sertanejo, como símbolo da classe abastada, opressora dos indivíduos desfavorecidos.

A religiosidade exaltada, o cangaço e o coronelismo formaram um conjunto de fenômenos contemporâneos e interligados, uma vez que alguns cangaceiros, enquanto prestavam reverência aos sacerdotes, mantinham negócios escusos com os coronéis. Por conseguinte, junto a esses aspectos, o isolamento, a ignorância e a pobreza da grande massa explorada por coronéis e senhores de engenho compuseram o ambiente propício ao florescimento de uma literatura de confecção artesanal e rústica linguagem, marginalizada nos grandes centros, mas que representou com fidelidade a ideologia do homem do sertão.

De 1890, data aproximada do lançamento dos primeiros folhetos de cordel, até a metade do século XX, o Nordeste era uma região esquecida e isolada, com população aniquilada pela seca, pela miséria e ignorância que caracterizam a região sofrida de um país subdesenvolvido. Desde o início, o Cordel surgiu como movimento artístico desenvolvido pelos sertanejos e por eles consumido. Portanto, o fenômeno da seca, os fatores sócio-

culturais, como o coronelismo, o cangaço e a religiosidade, assim reunidos, representaram uma característica exclusiva da região. O fato de os cordelistas, homens do sertão, terem retratado esses aspectos físico-político-sociais em suas obras tem contribuído, sobremaneira, para que se considere o Cordel um conjunto de valiosos registros que transcendem a condição de literatura sertaneja, sujeita a mera avaliação da qualidade artística, para tornar-se um relevante arquivo da memória e da identidade do homem nordestino.

Grande parte dos trabalhos inspirados nas lendas, crendices e contos de fadas oriundos de lugares e tempos remotos ressurgiam depois de sofrerem um lento e intenso processo de adaptação às condições de produção do Cordel. Desse modo, o cangaço, fenômeno totalmente nordestino, a religiosidade moldada pelas peculiaridades locais, as velhas histórias adaptadas e transmitidas pela oralidade, bem como os fatos políticos dos centros urbanos longínquos, registrados nos folhetos, contados sob a óptica dos poetas, chegavam ao conhecimento dos leitores.

No passado, além dos casos oralmente relatados, a leitura do Cordel representava uma das poucas opções como fontes de lazer e de informação do povo do sertão. Atualmente, em virtude das transformações resultantes do progresso que chega à Região Nordeste, convém questionar: o que ainda existe daquele Nordeste de meados do século XX, ou seja, das condições em que o Cordel nasceu e desenvolveu-se?

Os fenômenos naturais e sem controle humano, como as secas e as enchentes, ainda sucedem-se terríveis e amplamente divulgados nos noticiários. Entretanto, mesmo essas catástrofes e os impactos produzidos já estão sendo, na medida do possível, contornados ou atenuados pela introdução de modernas técnicas agrícolas, de irrigação, construção de barragens e captação de águas pluviais. Por conseguinte, em razão do progresso, a situação atual apresenta ainda dois relevantes fatores de mudanças na vida do homem do sertão: um, de certo modo, como uma via de mão dupla e análogo a forças centrífugas, pelo deslocamento do homem do campo rumo às grandes cidades, desprendendo-se de suas raízes, em que pese o amor à terra natal; outro, semelhante a forças centrípetas, pelo avanço de melhorias aos lugarejos mais distantes, representado por ações religiosas, e pela introdução de indústrias, de estradas, escolas e energia elétrica. Enfim, cada vez mais os habitantes dos lugares mais distantes beneficiam-se dos avanços sociais e, ainda que não tenham uma vida satisfatória, já entram em contato com pessoas e elementos do assim chamado “mundo moderno”.

É nesse mundo atravessado por uma imensa teia de artefatos da comunicação imediata ou instantânea que o Cordel se debate, que os poetas e defensores mais ardorosos propugnam por sua continuidade. As antigas prensas nordestinas, de modelo semi-artesanal,

tornaram-se definitivamente obsoletas, viraram relíquias, enquanto os velhos poetas faleceram ou interromperam suas atividades. No berço do Cordel, quase já não se encontra o Cordel, enquanto a Editora Luzeiro, sediada no Brás, São Paulo, continua reeditando os folhetos antigos e mais famosos. Veja-se o que diz J. Borges (apud RESENDE, 2008, p. 3), referindo-se ao passado e ao presente do Cordel:

Vendia o cordel nas praças, nas feiras, nas festas. Aonde tinha a regência de muita gente, a gente ia. Eram muitos cordelistas aqui no Nordeste. Toda feira, sempre tinha cinco, seis cantando, fazendo aquelas rodadas de gente. Cada um beco na rua, um fim de feira assim, um espaço, tinha um cordelista. Aquilo foi diminuindo, diminuindo, hoje você faz dez feiras, vinte feiras, cinquenta feiras no Nordeste e não vê um. O cantador de cordel mesmo, ele não existe mais.

Neste ponto, certos aspectos devem ser analisados. Por exemplo, quando se fala de grandes nomes dessa literatura, surgem alguns que jamais foram superados, ou talvez nem igualados, como Leandro Gomes de Barros, Manuel D’Almeida Filho, João Martins de Atahyde, Manuel Pereira Sobrinho, entre outros. Evidentemente, dentre os modernos, destaca-se Patativa do Assaré, talvez o único que pôde ombrear com os poetas antigos. Assaré é, entretanto, um caso singular, de certo modo um poeta canônico, por ter sido, de fato, o único que conseguiu lugar sob os holofotes da mídia e alcançar notoriedade em todo o território nacional.

A poesia de Assaré tinha livre trânsito, desde os folhetos aos livros didáticos escolares. No entanto, mesmo que tenham surgido outros poetas de talento, certamente eles não podem e nem devem produzir suas obras dentro das antigas características do Cordel, sob pena de estarem fazendo uma literatura artificial, totalmente desvinculada da nova realidade nordestina. Logo, parece não ter havido uma renovação à altura daqueles autores consagrados, ou, simplesmente, talvez essa renovação, realmente necessária, tenha se distanciado muito dos temas e modelos antigos e produzido obras que já não podem ser, de fato, denominadas Literatura de Cordel. Evidentemente, os poetas inseridos nesse meio, desejando exercer a função de porta-vozes, são compelidos a mudar, na justa tentativa de acompanhar as transformações do Nordeste e do seu povo. O fato é que os autores, os estudiosos e os admiradores do Cordel, embora a maioria não o confesse, estão diante de um dilema de difícil

solução: conservar os parâmetros tradicionais que fizeram do Cordel uma literatura única, admirada e representativa, ou introduzir as mudanças requeridas pelos novos tempos.

Portanto, considerando que os leitores e autores modernos estão menos isolados e muito mais globalizados que os “antigos”, qual será o caminho seguro e vitorioso a ser traçado para o Cordel? Os títulos antigos hoje reeditados, mesmo aqueles que em seu tempo de apogeu alcançaram prestígio e fama, já não empolgam os velhos leitores como antes. Por outro lado, a denominação *Literatura Popular* dada às recentes produções parece corresponder a uma tentativa de representar os autores dispersos, a mudança dos lugares das produções e a diversificação temática das obras. No entanto, seja pelos temas explorados, seja pela linguagem utilizada, algumas obras novas tendem a confundir-se com a poesia urbana e correm, com isso, o risco de cair na vala comum, indistinta, apenas popular e, conseqüentemente, bem menos marcante e menos representativa que a genuína e tradicional Literatura de Cordel.

O tema é de delicada abordagem, um campo minado em face das opiniões diversificadas, não raro paradoxais, da imensa multidão de admiradores, poetas e estudiosos que essa literatura, a despeito das dificuldades apontadas, consegue reunir. É preciso registrar, contudo, racionalmente, a recente preocupação dos estudiosos quanto à sobrevivência e fortalecimento do Cordel, com declarações do tipo “O Cordel apenas está se transformando”, “O cordel não morreu”, mesmo quando não questionados diretamente sobre o problema, como o faz Pelegrini Filho (06/06/2008): “Afinal, a chamada Literatura de cordel, no Brasil, não morreu; está completando cerca de cem anos bem vividos”. Por conseguinte, essa repetição enfática da negação, tentativa de celebrar o tempo decorrido, a continuação e a robustez do Cordel, possivelmente uma forma de protegê-lo, termina produzindo um efeito inverso, lembrando os leitores de que essa literatura não está isenta da inescapável influência e reais transformações decorrentes da Pós-Modernidade, pois é apenas desta perspectiva que se pode olhar para o marginal.

Também se torna significativo o fato de inumeráveis artigos escritos sobre o Cordel fazerem constantes referências à necessidade da preservação das tradições e da memória cultural, como se a Literatura de Cordel já representasse uma atividade popular pertencente ao passado e ao folclore. Entretanto, como *Poesia Popular* inserida nas instáveis condições sócio-culturais e mercadológicas de um Brasil em desenvolvimento, o Cordel tenta sobreviver à altura do seu passado. E enquanto os admiradores e poetas atuais do Cordel lutam por isso, só mesmo o tempo dirá se vai ser possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada: o Velho e o Novo Testamento*. 42. impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1980.

AMADO, Jorge. *Tereza Batista Cansada de Guerra*. Rio de Janeiro: 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

AMARAL, Firmino Teixeira do. *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d.

ARAÚJO, Paulo. *Tragédia, romance, valentia: É o cordel, unindo arte e poesia*. Nova Escola on-line: Fundação Victor Civita: http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0176/aberto/mt_241204.html. Acesso em 18/05/2008.

AREDA, Francisco Sales de. *O romance de João Besta e a Jia da lagoa*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d.

ASSARÉ, Patativa do. *Digo e não peço segredo*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

ASSIS CAVALCANTI, Carlos Alberto de. *A atualidade da literatura de cordel*. Recife: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

ATHAYDE, João Martins de. História da princesa da pedra fina. In MEYER, M. *Autores de Cordel: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidades enunciativas. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, (19): 25-42, jul./dez. 1990.

AYALA, Marcos e NOVAIS AYALA, Maria Ignez. *Cultura popular no Brasil*. 2. ed. São Paulo (S.P.): Ática, 1995. (Série Princípios).

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. De Myriam Ávila et. al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BACCEGA, Maria A. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

BARROS, Leandro Gomes de. *História de Juvenal e o dragão*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CALMON, Pedro. *História do Brasil na poesia do povo*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ouro, 1969, 2 v.

CASTRO, José de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Edições Antares, Achiamé, 1980.

CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. A moça que bateu na mãe e virou cachorra. In: MEYER, M. *Autores de Cordel: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Antônio Luiz Monteiro Coelho da. *São Jorge e os dragões*. <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1006264-EI6607,00-São+Jorge+e+os+dragões.html,16/05/2008>.

CUNHA, Eneida L. *Estampas do imaginário: literatura, história e identidade cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

CURRAN, Mark J. *A Literatura de Cordel: antes e agora*. Arizone State University: Hispania [Publicaciones Periódicas]. V. 74, number 3, september, 1991.

D'ALMEIDA FILHO, Manoel. *A camponesa e o príncipe encantado*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d.

DOS SANTOS, Apolônio Alves. *A moça que se casou 14 vezes e continuou donzela*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 33-67.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.135-166.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2003.

FOUCAULT, Michel *O que é um autor?* [Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro]. Lisboa: Veja/Passagens, 1997.

GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Vega-Universidade, s.d.

GREGOLIN, M.R.V. *Análise do Discurso: o sentido e suas movências*. In: GREGOLIN, M. do Rosário, CRUVINEL, M. Fátima e KHALIL, Marisa (orgs.). *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara: Cultua Acadêmica, 2001, p. 09-20.

_____. *Nas malhas da mídia: agenciando os gêneros, produzindo sentidos*. In: BARONAS, Roberto (Org.). *Identidade cultural e linguagem*. Campinas: Pontes; Cáceres: Editora da UNEMAT, 2005, p. 23-33.

GRIMM, Irmãos. *Branca de Neve*. <http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=2.17/06/08>.

GUERRA, Vânia M. L. A Análise do Discurso no âmbito das Ciências Humanas. In: II Encontro de Letras: estudos lingüísticos e literários, 2006, Três Lagoas, *Anais do II Encontro de Letras: estudos lingüísticos e literários*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2006. v. 1. p. 128-134.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro DP&A. 2004. p. 7-97.

HATTNER, A.L. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2003.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad. De Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOTABARROS, João de Barros. *Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, 1980.

LUYTEN, Joseph M. *Sistema de comunicação popular*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *O que é literatura popular*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad. Marina Appenzeller; revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAIRTON, Marcos. *Mundo Cordel: cordel e repente*. Mundocordel. Blogspot.com/2007/09/com/2007/09/cordel-e-repente. Acesso em 26/09/2008.

MAXADO, Franklin. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

_____. *O cordel televisivo: Futuro, presente e passado da Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: Editora Codecri Ltda, 1984.

MEDEIROS FILHO, João.; SOUZA, Itamar de. *Os degredados filhos da seca: Uma análise das secas do Nordeste*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984.

_____. *A seca do Nordeste: um falso problema*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1988.

MEYER, M. *Autores de Cordel: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. *A função intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha*. Escola de Comunicação, Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A, 1981.

OLIVEIRA, Severino Gonçalves de. *Cidrão e Helena*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy e ORLANDI, Eni P. (orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et alli. Campinas: UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni O. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

_____. Análise Automática do Discurso. Em: GADET, F. e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990a, p. 61-105.

_____. Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, F. e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1990b, p. 311-319.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni P. Orlandi [et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PELEGRINI, F. A. *Literatura de cordel em questão*. Rio de Janeiro: Presença, 1984.

_____. *Literatura de cordel continua viva no Brasil*. <http://www.bahai.org.br/cordel/viva.html>, 06/06/2008.

PEREGRINO, Umberto. *Literatura de Cordel em discussão*. Rio de Janeiro: Presença/ FJA, 1984.

PINHEIRO, Henrique César. *Homenagem à pequena Isabela*. <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=10698&cat=Cordel>. 16/ 06/2008.

PIRAUÁ DE LIMA, Silviano. *História do capitão do navio*. In MEYER, M. *Autores de Cordel: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

RESENDE, Viviane de Melo. *A representação da infância em situação de rua na literatura de cordel brasileira: uma análise discursiva crítica*. In *Discurso e Sociedad*, Vol. 1 (2), Universidade de Brasília: Copyright, www.dissoc.org, 2007.

_____. *Literatura de Cordel: uma aproximação etnográfica ao gênero*. <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/137.pdf>, Universidade de Brasília, 2008.

SILVA, João José da. *O sertanejo Antônio cobra choca*. In: MEYER, M. *Autores de Cordel: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

SILVA, Paulo Márcio Bernardo da. *A vorta da carístia!* <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=10693&cat=Cordel.&vinda=S.16/06/2008>.

SOARES, Jô. *Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala*. São Paulo: Veja: Editora ABRIL, 28.11.90.

SOBRINHO, Manoel Pereira. *Dimas e Madalena nos labirintos da sorte*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d.

VAINSENER, Semira Adler. *Cangaço*. Fundação Joaquim Nabuco: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=300&textCode=951&date=currentDate, 19/06/2008>.

VAINSENER, Semira Adler & LÓSSIO, Rúbia. *Santos católicos não-canônicos no Nordeste do Brasil*. www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=317&textCode=6467&date=currentDate, 19/06/2008.

ANEXO

TEXTO 01: A moça que bateu na mãe e virou cachorra (Rodolfo Coelho Cavalcante)

1-Vou contar mais um exemplo	8-Helena Matias era	15-Em Canindé, Ceará
2- dentro da realidade,	9-filha de uma religiosa	16-deu-se esta narração,
3-pois toda alma descrente	10-dona Matilde – mãe dela	17-Helena Matias Borges
4-vive na obscuridade,	11-alma santa e virtuosa,	18-foi transformada num cão
5-tem um vácuo no coração	12-porém ela ao contrário	19-por sua língua ferina
6-condena a religião	13-era um falso relicário	20-transformou sua sina
7-com toda incredulidade.	14-tipo mesmo vaidosa.	21-num mais horrível dragão.
.....		
22-Helena de vez em quando	29-Era uma Sexta-feira Santa	36- – Não diga isso, minha filha,
23-dava uma surra na mãe dela,	30-conhecida da Paixão	37-que é arte do Anti-Cristo
24-quando a velha reclamava	31-Helena disse à mãe dela:	38-Sexta-feira da Paixão
25-um qualquer malfeito, ela	32- – Quero me virar num cão	39-que relembra o sangue de Cristo
26-com isso se aborrecia,	33-se esta tal Sexta-feira	40-que por nós foi derramado!...
27-na pobre velha batia	34-da Paixão não é besteira	41-disse Helena: – Isto é gozado...
28-até que virou cadela.	35-da nossa religião.	42-tudo é bobagem, está visto.
.....		
43- – Helena por Deus te peço	50-Na hora que a gente nasce	57-Quando Matilde, a mãe dela
44-Não zombes do Salvador	51-chora logo pra comer...	58-foi aconselhar Helena,
45- – Minha mãe, barriga cheia	52-eu quero comer “jabá”	59-esta deu-lhe uma bofetada
46-é algo superior...	53-só se eu ouvisse Deus dizer:	60-sem piedade nem pena
47-tudo isso são bobagens,	54-“Helena não coma isto!”	61-que a velha caiu chorando
48-Cristo, Padre, Deus, Imagem,	55-eu que não conheço Cristo	62-e a Deus foi suplicando
49-para mim não tem valor.	56-nunca ouvi nem posso crer.	63-numa praga pequena.
.....		
64- – Tenho fé, filha maldita,	71-Uma rajada de vento	78-Helena sempre a zombar
65-na Santa Virgem Maria,	72-passou feito um furacão,	79-se pôs a carne a comer,
66-em todos santos do Céu,	73-um raio caiu bem perto	80-vendo a mãe dela chorando,
67-que hás de virar um dia	74-com o ribombar do trovão...	81-queria mais lhe bater,
68-numa cachorra indolente	75-a terra toda tremeu	82-mas a justiça divina
69-para saberes, serpente	76-logo o sol apareceu	83-mostrou à filha assassina
70-que uma mãe tem valia.	77-dois segundos na amplidão.	84-o seu supremo poder.
.....		
85-Dona Matilde se pôs	92-Helena continuava	99-Quando Helena disse isso
86-naquele instante a rezar	93-fazendo profanação,	100-o rosto todo mudou,
87-uma tempestade horrorosa	94-comia mais por despeito	101-e cauda como cadela
88-caiu ali sem esperar,	95-a tal “carne do sertão”	102-a moça se transformou...
89-chuvas, faíscas e ventos,	96-e disse para a mãe dela:	103-uma cachorra horrorosa
90-com elevado pensamento	97- –Deus me vire numa cadela	104-espumando e furiosa
91-foi à filha aconselhar.	98-se é que ele existe ou não?	105-naquela hora ficou
.....		
106-Tinha cabeça de gente	113-Ali dentro do Canindé	120-O animal furioso
107-com a mesma feição dela	115-a cachorra nesta hora	122-passou para Pernambuco
109-era uma horrível cadela...	116-muita gente estraçalhou,	123-feito um lobo esfomeado...
110-foi Helena castigada	117-ninguém a pôde matar	124-foi visto em Juazeiro
111-uma filha amaldiçoada	118-cercaram para pegar	125-quase matando umromeiro
112-o castigo pegou nela.	119-porém ninguém a pegou.	126-do Padre Cícero sagrado!
.....		
127-Há uns três anos passados	134-Em janeiro deste ano	141-Dizem que sempre ataca
128-A tal cachorra assassina	135-ela esteve na Bahia,	142-quando a noitinha aparece,
129-quase mata uma criança	136-passou perto de Tucano	143-tem a cabeça de moça,
130-na cidade Petrolina,	137-desceu a Santa Luzia,	144-assim no mundo padece
131-Voltou de novo a Cocal	138-Passou pelo Jacuípe	145-tendo o corpo de cachorra
132-E na estrada de Sobral	139-depois chegou a Sergipe	146-vive ela numa masmorra
133-mordeu uma pobre menina.	140-fazendo a mesma agonia.	147-da mãe dela não esquece.

.....

148-Duas vezes que ela foi	155-A penitência da moça	162-Afirmam que ela já foi
149-a zona do seu sertão	156-é vinte anos sofrendo	163-há pouco desencantada
150-para pedir à mãe dela	157-por isso que ela padece,	164-mas, é boato, pois, já
151-seu sacrossanto perdão,	158-uivando, se maldizendo,	165-neste mês foi avistada
152-com o padre se avista	159-pegando de noite gente	166-no sertão de Água-Bela
153-e diz que ela resista	160-é uma cachorra valente	167-e é a mesma cadela
154-se quer ter a salvação.	161-que a anos vem aparecendo.	168-do Ceará encantada

.....

169-A toda moça aconselho:
 170- – Tenha juízo bastante,
 171-“uma mãe é pra cem filhos”...
 172-diz o adágio importante,
 173-zombar de mãe é espeto
 174-quem escreveu o folheto
 175- Foi RODOLFO CAVALCANTE.

TEXTO 02: História de Juvenal e o dragão (Leandro Gomes de Barros)

01-Quem ler esta história toda	07-Morava um camponês	13-O velho adoeceu muito,
02-Do jeito que foi passada,	08-Num subúrbio dum ducado,	14-Conhecendo que morria,
03-Vê logo que o falso e	09-Já fazia sete anos	15-Um casebre e três carneiros
04-Nunca nos serve de nada,	10-Que ele tinha enviuvado:	16-Só era o que possuía:
05-Que a honra e fidelidade	11-Só ficou com dois filhinhos	17-Deu como herança aos filhos
06-Sempre foi recompensada.	12-No que mais tinha cuidado.	18-E morreu no outro dia.
.....		
19-Ficaram ambos sozinhos –	25-Ficou ela na choupana	31-Juvenal disse à irmã:
20-Uma moça e um rapaz	26-Cumprindo a sina fatal,	32- – Não posso mais ter demora.
21-Ela disse ao irmão:	27-O seu nome era Sofia,	33-Vá viver com seu padrinho,
22- – A partilha você faz;	28-O dele era Juvenal,	34-Que amanhã vou embora
23-Fica lá com os carneiros	29-Que pensava em aventuras	35-Junto com meus três carneiros,
24-Que no valor são iguais.	30-Atrás do bem e do mal.	36-Por este mundo afora.
.....		
37-Quando foi no outro dia	43-Quando bateu meio-dia,	49-Aquele sujeito estranho
38-Limpou dos carneiros a lã,	44-Ele estava descansando	50-Tinha saído bem cedo,
39-Preveniui o necessário,	45-Na sombra dum arvoredo,	51-Caçando com três cachorros
40-Despediu-se da irmã,	46-Os três carneiros pastando,	52-No penhasco dum rochedo,
41-Seguiu com seus três carneiros	47-Viu que um sujeito estranho	53-Foi descansar nesse dia
42-À seis horas da manhã.	48-Perto dele ia chegando.	54-Naquele mesmo arvoredo.
.....		
55-Chegando ao arvoredo,	61-Juvenal lhe respondeu:	67-Lhe disse o desconhecido:
56-Foi dizendo: – Oh, meu rapaz,	62- – Nós não podemos trocar.	68- – Nenhum dos três é ruim.
57-São seus aqueles carneiros,	63-Os meus carneiros no mato	69-Na hora que estou com fome,
58-Que vi ali atrás?	64-Procuram se alimentar,	70-Só basta dizer assim:
59-Quer trocar por meus cachorros?	65-Ao passo que seus cachorros	71-“ <i>Rompe-Ferro</i> , mão à obra!”
60-Veja que negócio faz!	66-É preciso eu sustentar.	72-Traz pra ele e para mim.
.....		
73-Cada um destes cachorros	79-Juvenal pensou um pouco	85-Dizia o rapaz consigo:
74-É um grande defensor:	80-De ficar sem os cordeiros,	86-“Na troca não fiz vantagem:
75-Se acabam, morrem lutando	81-Mas lembrou-se que os cães	87-Andar com estes três cães
76-Em defesa do senhor.	82-São amigos verdadeiros;	88-Precisa muita coragem.”
77-São chamados: <i>Rompe-Ferro</i> ,	83-Lhe disse: – Está feita a troca...	89-Às duas horas da tarde
78- <i>Ventania</i> e <i>provedor</i> .	84-Pode levar os carneiros.	90-Seguiu a sua viagem.
.....		
91-Mais tarde, chegou-lhe a fome,	97-Toda ordem que ele dava,	103-Juvenal pegou a cesta,
92-Não tinha onde comprar;	98-O cachorro obedecia,	104-Quando acabou de jantar,
93-Fez como o sujeito disse,	99-Mandou ele às cinco horas,	105-Deu ele aos cães dizendo:
94-No momento de trocar:	100-Antes que findasse o dia:	106- – Comam até se fartar.
95- – <i>Rompe-Ferro</i> , mãos à obra!	101-Trouxe uma linda cesta	107-Eu, com três amigos destes,
96-E o cachorro foi buscar.	102-Cheia de comedoria.	108-Não temo de viajar.
.....		
109-Quando os três cães acabaram,	115-Juvenal seguiu viagem,	121-Já fazia mais de um mês
110-Davam pulos de alegria,	116-Cada vez mais animado	122-Que ele andava de viagem;
111-Um corria atrás do outro	117-Naquela zona esquisita	123-No pé duma grande serra
112-Em tresloucada folia,	118-Com seus cachorros ao lado;	124-Avistou uma carruagem
113-Fazendo festas ao moço,	119-Foi dormir no outro dia	125-Até para os dois cavalos
114-Que, satisfeito, sorria.	120-Nas terras de outro reinado.	126-Era difícil a passagem.
.....		
127-Ele vendo a carruagem	133-Juvenal viu a princesa	139-Quase sem poder falar,
128-Foi logo se aproximando;	134-Em pranto, sem se calar,	140-O cocheiro respondeu:
129-Viu dentro uma linda moça	135-Dirigiu-se ao cocheiro:	141- – A princesa está chorando,
130-Vinha de longe chorando;	136- – Desculpe eu lhe perguntar:	142-O culpado não fui eu.
131-O cocheiro, muito triste,	137-Que vem fazer uma princesa	143-Dê licença, eu vou contar
132-Suspirava vez em quando.	138-Nas brenhas deste lugar?	144-O caso como se deu:
.....		

145-Daqui a cinqüenta léguas	151-É impossível contar	157-O povo todo alarmado,
146-Existe um grande reinado,	152-A força que a fera tinha,	158-Morrendo sem remissão,
147-Que passou mais de cem anos	153-Não restava princesa,	159-Pra toda parte que ia
148-Sendo o povo devorado	154-Duque, nem rei, nem rainha,	160-Não achava proteção.
149-Por um monstro horrendo e feio,	155-Devorou toda polícia,	161-O rei não tinha recurso
150-Misterioso e encantado.	156-O exército e a marinha.	162-Pra remir sua nação.
.....		
163-O rei, já muito nervoso,	169-Eu sou a tirana fera	175-Se acaso aceitar o negócio,
164-Só esperava morrer	170-Que venho me despedir,	176-Desde já fique avisado
165-Um dia estava dormindo,	171-Pretendo dar-lhe um descanso	177-Pra me mandar todo ano
166-Ouviu uma voz dizer:	172-E deixar de perseguir,	178-Num lugar determinado
167-Vou te propor um negócio,	173-Se o senhor me prometer	179-Uma das moças bonitas
168-Responde se quer fazer:	174-Fazer o que lhe pedir.	180-Que tiver no seu reinado.
.....		
181-Eu só faço este negócio	187-Diante dessa ameaça,	193-Então o rei sujeitou-se
182-Pra cessar a mortandade,	188-O rei ficou sem ação,	194-A todo ano mandar
183-Se o senhor não cumprir	189-Como ele enfrentaria	195-Uma das moças bonitas
184-E usar da falsidade,	190-Tão grave situação?	196-Que tivesse no lugar:
185-Eu venho de lá da furna	191-O jeito era dar apoio	197-Daqui vai ela pra furna
186-Devorar toda cidade!	192-A proposta do Dragão.	198-Para a fera devorar.
.....		
199-É esse o motivo justo	205-Juvenal ficou imóvel,	211-Juvenal disse ao cocheiro:
200-Da nossa grande tristeza.	206-Vendo a triste narração.	212- – Vou fazer uma loucura:
201-Pra aqui já tenho trazido	207-Perguntou logo ao cocheiro:	213-Ando percorrendo terras
202-Muitas filhas da pobreza,	208- – Onde habita o Dragão?	214-Em busca duma aventura.
203-Mas hoje tocou por sorte	209- – No cume daquela serra.	215-Não vou deixar essa fera
204-A esta infeliz princesa.	210-E apontou-a com a mão	216-Comer esta criatura.
.....		
217-Não digo por pabulagem:	223-Disse o cocheiro à princesa:	229-Ela aí desceu do carro
218-Nunca temi inimigo	224- – Acho bom se apear;	230-Trespasada de tristeza
219-Eu junto com meus três cães,	225-Todas que vêm para aqui	231-Juvenal, com muita pena
220-Só Deus poderá comigo!	226-Vão a ele se entregar.	232-Dessa morte sem defesa,
221-Enfrento um cento de feras	227-Se vossa alteza não for,	233-Chamou os seus três cachorros
222-Não digo que vi perigo.	228-O monstro vem lhe buscar!	234-Acompanhou a princesa.
.....		
235-O cocheiro, como estava	241-Juvenal nem deu ouvidos	247-Ia a princesa na frente,
236-Quase morto de pavor,	242-Ao que ele estava dizendo,	248-Juvenal mais atrasado.
237-Gritou para Juvenal:	243-Porém de repente ouviu	249-Quando a fera viu a moça
238- – Aonde vai, meu senhor?	244-A montanha estremeando.	250-Deu um urro agigantado,
239-Volte daí, não prossiga,	245-Conheceu no mesmo instante	251-Até os três cães ficaram
240-Que o monstro é devorador!	246-Que a fera vinha descendo.	252-Com o cabelo arrepiado.
.....		
253-Aí a fera avançou	259-Quando <i>Rompe-Ferro</i> ouviu	265-O moço era destemido
254-Para agarrar a princesa;	260-O jeito de seu senhor,	266-Com seu cachorro valente,
255-Juvenal tomou a frente,	261-Que tinha enfrentado a fera,	267-Eles dois incorporados
256-Porém não mostrou fraqueza.	262-Sem ter medo, nem pavor,	268-Lutando com a serpente,
257-Depois gritou: – <i>Rompe-Ferro</i> ,	263-Partiu pra cima do monstro	269-Juvenal no ferro frio
258-Preciso de tua defesa!	264-Como um raio abrasador.	270-O cão fiel pelo dente.
.....		
271-Era um monstro sem feitio	277-Vendo a moça aquele embrulho	283-Ajoelhou-se por terra
272-De um corpo descomunal,	278-Pender para o fundo da gruta,	284-Implorando ao Criador:
273-Todo coberto de escamas	279-Dando cada rabichada	285- – Valei-me Pai Poderoso,
274-Mais duro do que metal,	280-Com uma força absoluta,	286-Livrai-me deste terror,
275-Tudo era mole na ponta	281-Vendo a hora que o rapaz	287-Salvai também este moço
276-Do ferro de Juvenal.	282-Também morria na luta.	288-Do Dragão devorador!
.....		
289- Também prometo, Senhor,	295-E lá no fundo da gruta	301-Esse monstro possuía
290-Meu pranto não é fingido:	296-A luta era tenebrosa,	302-No grande corpo um lugar
291-Se nessa luta sangrenta	297-A serpente dava urros	303-Debaixo da asa esquerda
292-O jovem não for vencido,	298-E rabichada nervosa,	304-Que quem pudesse acertar

293-Quando voltar ao meu reino, 294-Farei dele meu marido.	299-Fazendo tremer a terra 300-Naquela gruta rochosa.	305-Com um pequeno ferimento 306-Era capaz de matar.
.....
307-Rompe-Ferro, experiente, 308-Nesse lugar farejou, 309-Debaixo da asa esquerda 310-De repente mergulhou: 311-No lugar mais perigoso 312-O cachorro abocanhou.	313-Viu-se logo a diferença 314-Quando o cachorro mordeu: 315-O monstro deu um esturro 316-Que toda a serra gemeu, 317-Na segunda abocanhada, 318-A serpente esmoreceu.	319-Assim que Juvenal viu 320-A fera desanimar, 321-Sentou-se pra outro lado 322-Dizendo: – Vou descansar... 323-E deu ordem a <i>Rompe-Ferro</i> 324-Para acabar de matar.
.....
325-Disse o rapaz: – Para que 326-Ninguém duvide esta história, 327-Que briguei com esse monstro, 328-Na luta alcancei vitória, 329-Tiro dois dentes da fera 330-Para servir de memória.	331-Quando moça se viu livre 332-Daquele horrendo animal, 333-Foi ajoelhar-se chorando 334-Diante de Juvenal, 335-Pedindo pra acompanhá-la 336-Até a corte imperial:	337- – Exijo que vá comigo 338-Para meu pai conhecer 339-Esse moço destemido, 340-Que me salvou de morrer, 341-Mesmo pra recompensá-lo 342-Da forma que merecer
.....
343-Terás lá no meu reinado 344-Teu nome reconhecido, 345-Por todos da minha corte 346-Hás de ser bem recebido, 347-O mundo terá ciência 348-Do teu valor merecido.	349-Tu salvaste minha vida 350-Enfrentando esse dragão, 351-Como também te arriscando, 352-Salvaste a minha nação. 353-Portanto, aqui te entrego 354-Alma, vida e coração.	355-Disse ele: – Eu nada quero 356-Do benefício que fiz. 357-Desejo que sua alteza 358-Siga em paz, seja feliz. 359-Vou vê-la de hoje a três anos 360-Na capital do país.
.....
361-O cocheiro que pensava 362-Do moço a fera matar, 363-Ele que estava de longe 364-Ouvindo a serra zoar, 365-Quase morria de medo, 366-Nem se moveu do lugar.	367-Juvenal, muito vexado, 368-Não podia ter demora 369-Disse à princesa: – Desculpe 370-Eu não ir com a senhora! 371-Botou-a na carruagem, 372-Despediu-se e foi embora.	373-A imagem do rapaz 374-Gravou-se divinamente 375-Ante os olhos da princesa 376-Tão casta, linda, inocente 377-E uma paixão sublime 378-Germinou rapidamente.
.....
379-Juvenal nunca pensou 380-Que a sua protegida 381-Fosse cair novamente 382-Nas mãos da fera homicida, 383-Que o tal cocheiro imundo 384-Quisesse tirar-lhe a vida.	385-O cocheiro seguiu com ela, 386-Adiante lhe perguntou: 387- – Vossa alteza pagou bem 388-Aquele que lhe salvou? 389-Ela disse: – Eu quis pagar-lhe, 390-Mas ele não aceitou.	391-Com os olhos de traidor 392-Lhe respondeu o cocheiro: 393- – Aquele que lhe salvou 394-É um grande aventureiro, 395-Anda vagando no mundo, 396-Não precisa de dinheiro.
.....
397-Se vossa alteza quisesse, 398-Com muita facilidade, 399-Pode fazer num momento 400-A minha felicidade: 401-Dizer que eu matei a fera 402-Que devorava a cidade.	403-A senhora nada perde 404-Me fazendo este favor, 405-Pois aquele aventureiro 406-É bruto, não tem valor! 407-Vossa alteza perde tempo 408-Se for consagrar-lhe amor.	409-Disse a princesa ao cocheiro: 410- – Eu não sou desconhecida, 411-Não vou contar uma história 412-Que não foi acontecida, 413-Tornar-me facinorosa 414-Pra quem salvou minha vida.
.....
415-Nem permito que um Judas, 416-Covarde, vil, descabido 417-Insulte desta maneira 418-Um moço tão destemido, 419-Que não sendo Deus e ele 420-Agora eu tinha morrido!	421-Iam passando numa ponte... 422-O cocheiro disse assim: 423- – O fulano não precisa, 424-Arrume isso pra mim. 425-Se a senhora não fizer, 426-Aqui mesmo dou-lhe fim!	427-Lhe atiro da ponte abaixo, 428-O Diabo tem de a levar! 429-Quando eu chegar na corte, 430-Se alguém me perguntar, 431-Eu digo: A fera comeu-a. 432-Ninguém mais vai procurar.
.....
433-Aquela infeliz princesa, 434-Conhecendo que morria, 435-Jurou perante o cocheiro 436-Fazer como ele queria, 437-E aquele horrendo segredo 438-Por ele ninguém sabia:	439- – Eu juro perante Deus 440-Que negarei a verdade; 441-Quando chegar lá na corte, 442-Farei a vossa vontade 443-Digo que matou a fera 444-Que devorava a cidade.	445-O cocheiro olhou pra ela, 446-Riu-se de satisfação: 447- – Agora sim, princesinha, 448-Sou um grande cidadão, 449-Serei perante o monarca 450-O grande herói da nação.
.....
451-Quando chegaram na corte,	457-Quando o rei viu a princesa,	463-Disse o cocheiro ao monarca:

452-A cidade estremeceu	458-Quase morre de alegria.	464- – Dá-me licença narrar:
453-Dizia o povo em delírio:	459-Aí contaram a história	465-Quando chegamos na furna,
454- – A princesa não morreu!	460-Como o cocheiro queria.	466-Que fiz o carro parar,
455-O cocheiro trouxe ela...	461-O rei, muito interessado,	467-Eu disse para a princesa:
456-A fera não a comeu!	462-Toda história dele ouvia.	468-Acho bom se apaar.
.....		
469-Ela aí desceu do carro,	475-A princesa como estava	481-Eu aí não dei ouvidos
470-Trespasada de tristeza.	476-Quase morta de pavor,	482-Ao que ela foi dizendo,
471-Eu fiquei com muita pena	477-Me disse: Deixe-me só,	483-Porém de repente ouvi
472-Dessa morte sem defesa,	478-Volte à corte, por favor!	484-A montanha estremeceu,
473-Saquei pelo meu punhal	479-Volte daqui, não prossiga,	485-Conheci no mesmo instante
474-E acompanhei a princesa	480-Que o monstro é devorador!	486-Que a fera vinha descendo.
.....		
487-Ia a princesa na frente	493-Mas uma coisa dizia:	499-Aí a fera avançou
488-Eu ia mais atrasado;	494-Não deixe a moça morrer,	500-Para agarrar a princesa;
489-Quando a fera viu a moça,	495-Se salves a princesa,	501-Ligeiro, tomei a frente,
490-Deu um urro agigantado –	496-Muito feliz hás de ser,	502-Porém não mostrei fraqueza,
491-Confesso que até fiquei	497-Portanto, enfrente o perigo,	503-Nunca pensei, majestade,
492-De cabelo arrepiado!	498-Repare o que vai fazer.	504-Possuir tanta destreza.
.....		
505-Era um monstro sem feito,	511-Dei-lhe uma punhalada,	517-Acabei de a matar,
506-De um corpo descomunal,	512-Que até seu corpo rangeu	518-Como quem não fez vantagem,
507-Todo coberto de escamas,	513-A fera deu um esturro	519-Botei a linda princesa,
508-Mais duro do que metal	514-Que a serra estremeceu;	520-Sem força, na carruagem,
509-Porém tudo ficou mole	515-Na segunda punhalada,	521-Deixei a fera estendida –
510-Na ponta do meu punhal.	516-A serpente esmoreceu.	522-Voltei então da viagem.
.....		
523-O povo todo deu crença	529-Apertou ele nos braços,	535-A princesa , quando ouviu
524-Ao que o cocheiro dizia.	530-Cheio de contentamento,	536-Falar em tal casamento,
525-O rei disse: – És um herói,	531-Dizendo: – Minha filha vive	537-Mudou de cor de repente,
526-Mostraste ter valentia.	532-Pelo teu merecimento.	538-Quase dava um passamento.
527-Vou promover-te a fidalgo	533-Como não posso pagar-te,	539- – Oh! Meu Deus! – dizia ela –
528-da alta aristocracia.	534- Dou-te ela em casamento!	540-Pra que fiz tal juramento?
.....		
541-E correndo pra seu quarto,	547-Pelo ódio e ambição	553-Ah! se eu pudesse agora
542-Num pranto desensofrido,	548-De um imundo cocheiro,	554-Contar tudo ao majestade,
543-Exclamava: – Meu Bom Pai,	549-Vou perder o meu amado	555-Dizer que esse cocheiro
544-Oh! Quanto tenho sofrido!	550-O meu herói verdadeiro.	556-Não quer contar a verdade
545-Mandai Juvenal, meu Deus,	551-Dai-lhe um aviso, meu Pai,	557-Mas devido a minha jura
546-Coitado! ele foi traído!	552-Deste plano traiçoeiro.	558-Perdi a felicidade!
.....		
559-Leitor, deixemos aqui,	565-Depois de salvar a moça,	571-Naquela noite sonhou
560-Fechada em seu aposento	566-O belo moço saiu.	572-Que estava num reinado
561-A bela e meiga princesa,	567-Em busca doutra aventura	573-Em uma linda manhã,
562-Lamentando o seu tormento,	568-A viagem prosseguiu,	574-E o castelo engalanado,
563-E vamos ver Juvenal	569-Junto com seus três cachorros	575-De rosas e finas flores
564-Onde está nesse momento.	570-Em outro reino dormiu.	576-Era o solo atapetado.
.....		
577-Um perfume inebriável	583-Num lindo trono de ouro	589-Nisso chega um magistrado,
578-Recendia no espaço,	584-Se via a linda princesa,	590-Um bispo e um escrivão,
579-Belas damas sorridentes	585-Trajando um vestido branco	591-Disseram então para ele:
580-Tinha ele em cada braço,	586-De fulgurante beleza,	592- – Se apresse, cidadão,
581-Vestindo finas fazendas	587-Trajando véu e capela,	593-Pra receber da princesa
582-Duma beleza sem <i>Jaço</i> .	588-Deslumbrante na riqueza.	594-Sua nobre e santa mão.
.....		
595-Nesse ínterim, chega um homem	601-Juvenal, mesmo em sonho,	607-No fim da luta ele viu
596-De semblante aborrecido,	602-Fez uso de seu punhal,	608-As flores todas pisadas,
597-Que disse: – Parem com isso,	603-Seu inimigo também	609-As damas por sobre o solo
598-Esse moço é um bandido!	604-Puxou da cinta outro igual.	610-Sem sentido desmaiadas
599-Quer desfrutar uma glória	605-Travou-se uma luta horrenda,	611-Ele preso na parede

600-Sem a ter adquirido.	606-Sangrenta, cruel, brutal.	612-Entre lanças e espadas.
613-Seu inimigo sorrindo, 614-De braço com a princesa, 615-O povo lhe dando vaias, 616-Ele preso, sem defesa. 617-Nisso o rapaz acordou-se, 618-Assustado, com certeza.	619-Juvenal ficou pensando 620-Nesse sonho aborrecido 621-E disse consigo mesmo: 622-“Que terá acontecido?!” 623-A princesa que eu salvei 624-Talvez tenha me traído.”	625-Mas depois disse consigo: 626-“Não posso temer traição; 627-Sei mesmo que a princesa 628-Me ama de coração. 629-Saberei toda a verdade 630-Ao regressar à nação.
631-E se algum atrevido, 632-Um covarde ou traidor 633-Tiver forçado a princesa 634-A recusar meu amor, 635-Nesse dia fico louco, 636-Bebo o sangue do impostor!”	637-Confiado na princesa, 638-No punhal e no Divino, 639-Juvenal seguiu viagem, 640-Sempre como peregrino, 641-Com seus cachorros dum lado, 642-Projetando seu destino.	643-E assim passou um ano 644-E Juvenal prosseguia 645-Sua vida aventureira, 646-Pensando em voltar um dia, 647-Pois ele disse à princesa 648-Com três anos voltaria.
649-Deixemos ele um instante, 650-Voltaremos ao reinado 651-Onde o cocheiro covarde 652-Viu seu plano coroadado: 653-Era agora herói do rei 654-Só faltava ter casado.	655-A princesa em casamento 656-Não podia ouvir falar; 657-O rei marcou para um ano 658-Para se realizar – 659-No tempo ela adoeceu 660-Somente pra não casar.	661-Foi uma doença séria 662-Acompanhada de dor, 663-Mas tudo isso arranjado 664-Por conhecido doutor, 665-Bem pago pela princesa, 666-Filha do imperador.
667-O cocheiro, aperreado, 668-Sempre junto a majestade 669-Pedia para apressar 670-Esse laço de amizade, 671-Temendo que com mais tempo 672-Se descobrisse a verdade.	673-O comentário na rua 674-Era bem descontraído: 675-Um dizia que o cocheiro 676-De fato tinha lutado 677-Com a fera desumana 678-Que devorava o reinado.	679-Outro, porém, respondia 680-Que era combinação: 681-O rei não queria dar 682-A filha para o Dragão 683-E mais tarde quem pagavam 684-Eram os filhos da nação.
685-Paremos aqui, leitor, 686-Deixemos isso pra frente, 687-Vamos saber como anda 688-A princesinha doente. 689-Seu pai estava ficando 690-Severo e muito exigente.	691-Assim passou mais dois anos 692-Com mais um fazia três. 693-Disse o rei à sua filha: 694- – Hás de casar desta vez, 695-Eu garanti a seu noivo 696-Pra não passar deste mês.	697-A moça mais uma vez 698-Lembrou-se de Juvenal 699-Exclamou: – Tudo acabou-se, 700-Minha sina foi fatal, 701-Vou casar-me com um monstro 702-Traidor como um chacal!
703-Faltavam apenas dois dias 704-Para o grande casamento, 705-O castelo em reboliço, 706-Era grande o movimento, 707-Enfeites, bolos, comidas: 708-Tudo estava em andamento.	709-Na véspera do casamento 710-Viu-se entrar um viajante, 711-Levando mais três cachorros 712-De tamanho extravagante: 713-Era Juvenal que vinha 714-Em busca de sua amante.	715-Juvenal ouviu dizendo, 716-Por uma felicidade: 717- – Hoje casa um grande herói 718-Com a filha da majestade, 719-Porque matou o Dragão 720-Que devorava a cidade.
721-Juvenal, cego de raiva, 722-Na mesma hora rompeu: 723- – Esse homem é mentiroso! 724-Sem ver o monstro, correu. 725-O Dragão de que se fala, 726-Quem matou ele fui eu.	727-Os praças ouvindo falar 728-Daquele <i>nobre</i> senhor 729-Disseram logo: – Está preso, 730-Infame, conspirador! 731-Maltratando em praça pública 732-O genro do imperador!	733-Juvenal pulou pra trás 734-Bateu palma ao seu cão 735-Partiu pra eles dizendo: 736- – Sou filho de outra nação. 737-Ainda vindo o exército, 738-Eu não me entrego à prisão.
739-Aí travou-se uma luta. 740-Os cães entraram no meio. 741-Em menos de uma hora 742-Era um estandarte feio 743-Que o rei lá no palácio 744-Estava ouvindo o tiroteio.	745-Foram dar parte ao rei 746-Da grande calamidade, 747-Dizendo: – Aí tem um moço 748-Que hoje entrou na cidade: 749-Tem morto tanto soldado, 750-Que é uma barbaridade!	751-Ele conduz três cachorros, 752-São três panteras iguais, 753-O homem briga por dez, 754-Pula mais que Satanás! 755-De sua espada sai fogo 756-Como as chamas infernais!
757-O noivo com a notícia 758-Deu-lhe no pensamento.	763-O rei chegou, foi entrando 764-No meio da multidão,	769-Com a chegada do rei, 770-O povo todo acalmou.

759-Disse o rei aos convidados:	765-Gritou: – Está garantido	771-Juvenal, com seus três cães,
760- – Demorem aí um momento.	766-Quem fez a revolução.	772-Um arranhão não levou;
761-Esperem a minha chegada	767-Quero saber como foi	773-Chegou pra perto do rei
762-Pra fazer o casamento.	768-O princípio da questão.	774-Por esta forma falou:
.....		
775- – Sua alteza vá sabendo:	781-Dali mesmo o rei levou	787-A moça ao ver o amante
776-Nunca fui homem malvado,	782-Juvenal para o salão	788-Chorou de tanta alegria
777-Pretendo contar-lhe tudo	783-Pra contar de que maneira	789-Por saber que todo falso
778-Da forma que foi passado,	784-Principiou a questão.	790-Ele agora descobria
779-Mas quero que minha história	785-Quando o moço entrou na sala	791-E, finalmente, depois
780-Seja ouvida no reinado.	786-Tudo mudou de feição.	792-Com ela se casaria.
.....		
793-Mas quando o cocheiro viu	799-Disse Juvenal ao rei:	805-Eu fiquei cego de raiva
794-Aquele recém-chegado,	800- – Me disseram sem maldade:	806-Porque isso não se deu
795-Conheceu logo os cachorros,	801-Hoje casa um grande herói	807-E disse: Ele é mentiroso!
796-Ficou da cor de um finado	802-Com a filha do majestade,	808-Sem ver o monstro, correu.
797-E disse consigo mesmo:	803-Porque matou o Dragão	809-O Dragão de quem se fala
798-“Agora estou desgraçado!”	804-Que devorava a cidade.	810-Quem matou ele fui eu!
.....		
811-Aí os soldados todos	817-Lutei pelo meu direito	823-Estou contando a história
812-Me deram voz de prisão.	818-Como qualquer um lutava,	824-Que a condição me obrigou.
813-Eu gritei por meus cachorros	819-Me acabava lutando,	825- A fera de que se fala
814-E fiquei de prontidão.	820-Mas eu não me entregava,	826-Foi este homem que matou.
815-Por este grande motivo	821-O céu virava fumaça	827-A princesa é testemunha
816- Principiou a questão.	822-E a terra se desmanchava!	828-De tudo que se passou.
.....		
829-O rei chamou a princesa	835-Ela aí continuou	841-Quando eu fiquei no bosque
830-Pra contar o que sabia.	836-Para todo mundo ver:	842-Onde o cocheiro deixou,
831-Ela prontamente veio,	837- – Meu pai está perguntando,	843-Que ia subindo a serra,
832-Traspassada de alegria,	838-Porque deseja saber.	844-Esse homem me acompanhou
833-Desabafar esta mágoa	839-Sim, senhor, foi esse homem	845-Foi lutar com o Dragão –
834-Que há três anos sofria.	840-Que me salvou de morrer.	846-Eu vi como ele matou.
.....		
847-Quando ele matou o monstro	853-Depois o moço levou-me,	859-Agora o cocheiro sim
848-Nessa mesma ocasião	854-Botou-me na carruagem,	860-Fez verdadeira traição
849-Arrancou dois grandes dentes,	855-Muito decente e modesto,	861-Ele pensava, meu pai,
850-Julgando ter precisão,	856-Como quem não fez vantagem.	862-Que não tinha punição,
851-Se não perdeu, ainda tem	857-Ali apertou-me a mão	863-Mas vou contar a miúdo
852-Os dois dentes do Dragão.	858-E seguiu sua viagem.	864-Toda sua narração.
.....		
865-O cocheiro saiu comigo,	871-Disse ele: Sendo assim,	877-Então eu disse pra ele:
866-Adiante me perguntou:	872-Me dê vossa proteção	878-Nunca fui desconhecida.
867-Vossa alteza pagou bem	873-Dizendo em casa a seu pai	879-Não vou contar uma história
868-Aquele que lhe salvou?	874-Que eu matei o Dragão.	880-Que não foi acontecida,
869-Eu lhe disse: Fui pagar,	875-Todo mundo lhe acredita,	881-Usando da falsidade
870-Mas ele não aceitou.	876-E ninguém dirá que não.	882-Pra quem salvou minha vida.
.....		
883-Nem permito que um Judas	889-Íamos passando a ponte	895-Lhe atiro da ponte abaixo,
884-Covarde, vil, descabido	890-Quando ele disse assim:	896-O Diabo tem de a levar!
885-Insulte desta maneira	891-Abra seus olhos, princesa,	897-Quando eu chegar na corte,
886-Um homem tão decidido,	892-Arranje isto para mim.	898-Que alguém me perguntar,
887-Que não sendo Deus e ele	893-Se a senhora me negar,	899-Eu digo: A fera comeu-a –
888-Agora eu tinha morrido.	894-Aqui mesmo dou-lhe fim!	900-E ninguém vem procurar.
.....		
901-Eu, que me achava sozinha,	907-E foi assim, meu bom pai,	913-Aí descobriu-se tudo;
902-Conhecendo que morria,	908-Que pude me defender	914-O rei ficou se mordendo,
903-Jurei perante o cocheiro	909-De ser lançada da ponte,	915-Disse ali mesmo ao cocheiro:
904-Fazer o que ele queria,	910-Decidida morrer.	916- – Você vai morrer sabendo!...
905-Jurando mais: que o segredo	911-Mas Deus protegeu-nos, pai:	917-Mandou por quatro carrascos
906-Por mim não se descobria.	912-Fez a verdade vencer.	918-Tirar-lhe o couro, ele vendo

-
- | | | |
|-------------------------------|------------------------------|-----------------------------------|
| 919-Casou-se a linda princesa | 925-Juvenal no outro dia | 931-Quando os cães viram a menina |
| 920-Com o valente Juvenal, | 926-Às seis horas da manhã | 932-Ficaram de prontidão |
| 921-Repercutiu a notícia | 927-Mandou um grande cortejo | 933-E disseram a Juvenal: |
| 922-Pelo mundo universal: | 928-Buscar sua linda irmã | 934- – Está finda nossa missão. |
| 923-Rolou festa quinze dias | 929-Aquela menina esbelta, | 935-Queríamos ver se a riqueza |
| 924-No palácio imperial. | 930-Das faces cor de romã. | 936-Mudava teu coração. |
-
- 937-Os cães eram encantados,
938-Não podiam ter demora
939-Se transformaram em três pássaros
940-Alvos da cor da aurora;
941-Disseram: – Adeus, Juvenal!
942-Voaram e foram embora.

TEXTO 03: Dimas e Madalena nos labirintos da sorte (Manoel Pereira Sobrinho)

01-Grande Deus Onipotente, 02-Encaminhai minha pena, 03-Enviai as Musas santas, 04-A minha lógica serena – 05-que vou escrever a vida 06-de Dimas e Madalena.	07-Este Dimas de quem falo, 08-De sete meses nasceu, 09-Criou-se com uma aia, 10-Porque sua mãe morreu 11-Na hora que deu-lhe a vida – 12-E pai nunca conheceu.	13-Sua mãe era mendiga, 14-Nunca teve uma guarida. 15-Com quinze anos de idade, 16-Teve a honra corrompida, 17-Nasceu Dimas e ali 18-A pobre perdeu a vida.
19-Foi isso em uma cocheira, 20-Aonde estava arranchada, 21-Numa fazenda da Grécia, 22-Da capital afastada. 23-Por uma aia da casa, 24-Foi com Dimas encontrada.	25-Quando a aia foi chegando, 26-Na tal cocheira em questão, 27-Viu logo uma mulher morta 28-E muito sangue no chão – 29-Uma criancinha dentro, 30-Mal batia o coração!	31-A aia, ligeiramente, 32-Bem comovida pegou-a 33-Embrulhou-a com carinho, 34-Daquele local tirou-a – 35-E foi, sem perda de tempo, 36-Apresentá-la à patroa.
37-Disse como tinha achado 38-A criancinha enjeitada, 39-Nascida naquela noite, 40-Na cocheira abandonada. 41-Quando a patroa viu tudo, 42-Sentiu-se penalizada.	43-Tomou a criança urgente, 44-Num instante alimentou-a, 45-Tratou-a com bom desvelo, 46-Mostrando ter alma boa. 47-Mandou buscar a defunta 48-E sem demora enterrou-a.	49-E deu o nome de Dimas 50-À criancinha enjeitada. 51-Com cinco meses depois, 52-Casou-se a dita criada, 53-Pediú Dimas – e a patroa 54-Lhe ofertou de mão beijada.
55-O marido da criada 56-Tinha o nome de Castilho, 57-Com relação à criança 58-Não fez o mínimo empecilho 59-Levou Dimas com prazer, 60-Para o criar como filho.	61-Foram morar numa casa 62-Da mesma propriedade. 63-Quando Dimas completou 64-Cinco anos de idade, 65-Na capital de Atenas 66-Surgiu uma novidade.	67-Oito horas da manhã, 68-Dimas estava a brincar 69-No recreio onde estudava, 70-Ouviu uma voz falar 71-Dizendo: – Vai para casa 72-Que vem alguém te matar!
73) E repetiu quatro vezes, 74) Dimas olhou, nada viu, 75) Levantou-se sem demora, 76) Pra sua casa seguiu, 77) Disse aos pais adotivos 78) As vozes que lá ouviu.	79) Enquanto Dimas estava 80) Dizendo o que se passou, 81) Chegou um grupo de homens, 82) Bateu à porta e chamou; 83) Dimas foi olhar quem era 84) Um deles o segurou.	85-Margarida, vendo Dimas 86-Preso pra ser conduzido, 87-Chorando como criança, 88-Pegou o filho querido 89-E perguntou aos homens 90-O que tinha acontecido.
91-O chefe do grupo disse: 92- São ordens da Majestade: 93-Matar todas as crianças 94-Até dez anos de idade – 95-Sendo macho, órfão ou pobre, 96-Morrerá sem piedade!	97-Porque nasceu em Atenas 98-Uma bonita princesa 99-Por nome de Madalena 100-E filha de Sua Alteza – 101-Mas trouxe a infeliz sorte 102-De casar-se na pobreza.	103-E, por isso, o rei Simão 104-Não deixará um menino, 105-Diz ele que desta vez, 106-Tem que cortar o destino 107-E tem que contrariar 108-As ordens do Deus Divino.
109-E nós estamos juntando 110-Até os recém nascidos: 111-Da capital ao sertão 112-Todos serão perseguidos, 113-Para, na ilha de Creta, 114-Serem todos destruídos.	115-Margarida, vendo o filho, 116-Embrulhado de estopas, 117-Gritou como alucinada 118-E correu de pernas tropas, 119-Desgrenhando os seus cabelos 120-E rasgando as próprias roupas.	121-Seu marido quis pegá-la, 122-Mas também esmoreceu. 123-Ela lançou-se nas matas, 124-Na montanha se perdeu – 125-Com cinco dias depois 126-De fome e sede morreu.
127-Castilho foi encontrá-la, 128-Comida dos urubus. 129-Lá mesmo enterrou os ossos	133-Cortou pau, fez uma cruz, 134-Nela seu nome gravou. 135-Foi à cova da esposa,	139-Trouxe uma grande laje, 140-Na boca da cova armou. 141-Fez um letreiro na pedra,

130-e fez uma bela cruz, 131-Em cada bracinho escrito: 132-MARGARIDA DE JESUS.	136-Uma oração rezou, 137-Mediu um palmo ao norte 138-E outra cova cavou.	142-Dizendo que se passou – 143-Não querendo mais viver, 144-Dentro da cova saltou.
145-No salto que ele deu, 146-A pedra ali desarmou-se 147-E, naquele ermo triste, 148-Sua vida liquidou-se. 149-Os bichos não o comeram, 150-Porque a cova fechou-se.	151-Naquela mata sombria, 152-Nenhuma ave cantava, 153-Só a coruja agoureira 154-No centro dela piava, 155-Dando um anúncio inocente 156-Do que ali se passava.	157-Vamos falar sobre Dimas: 158-Quando chegou na cidade, 159-Foi encontrando meninos 160-Em enorme quantidade – 161-Só ouvia-se nas ruas 162-A maior calamidade!
163-As pobres mães de família 164-Choravam e se maldiziam, 165-Com desespero e blasfêmias 166-Por todas ruas corriam – 167-Querendo salvar os filhos, 168-A todos os santos pediam.	169-Três dias depois, o rei 170-Juntou toda menina: 171-De três anos até dez 172-Foram à mesquinha jornada, 173-Conduzido por mil praças, 174-Pra Creta, a ilha falada.	175-Os mais novos foram mortos, 176-Jogados dentro do mar. 177-A mãe que ia acudir, 178-O rei mandava matar – 179-E assim não tinha meios 180-Para ninguém escapar.
181-Os primeiros pequeninos 182-Seguiram ao ar sombrio, 183-Ao comando das mil praças, 184-Naquela manhã de estio, 185-Às oito horas passavam 186-Pela ponte de um rio.	187-As crianças lamentavam 188-De revoltar qualquer alma. 189-O capitão comandante 190-Cantava e batia palma – 191-E Dimas naquele meio, 192-Era quem tinha mais calma.	193-Pensou em saltar no rio 194-E morrer livre, afogado. 195-Conduzia um canivete 196-Salva-vida, bem guardado, 197-Por dentro do cós da calça 198-Num cordão dependurado.
199-O rio era caudaloso, 200-De uma enorme espessura – 201-Media da ponte às águas 202-Cinqüenta metros de altura, 203-Das águas ao chão media 204-Trinta metros de fundura.	205-Cheio de peixes carnívoros, 206-Feitos pela natureza. 207-O pequeno Dimas, que 208-Queria qualquer defesa, 209-Da ponte pulou nas águas, 210-Sem temer a profundidade.	211-Quando Dimas pulou n'água, 212-Avisaram ao capitão. 213-Ele mandou fazer fogo, 214-Nele, com seu batalhão, 215-Depois disse: – Nem Jesus 216-Dar-lhe-á a salvação!
217-Botou o restante em forma, 218-Cercou com os seus soldados. 219-Chegou no porto, encontrou 220-Trinta barcos atracados 221-E os cento e dez meninos 222-Neles foram colocados.	223-Assim saltaram em Creta. 224-O capitão, como incrêdo, 225-Mandou matar as crianças, 226-Tornando-se o pior réu. 227-Naquilo ouviu uma voz, 228-Parecendo vir do céu.	229-Levantou a vista e viu 230-Dele acima uma visão, 231-Que dizia: – Vai embora, 232-Com todo o teu batalhão – 233-Se bulires nas crianças, 234-Sofrerás destruição!
235-Sou o pai dos inocentes, 236-Mesmo que sejam ateus, 237-Para salvá-los eu dei 238-Meu santo corpo aos judeus – 239-Vinde a mim os pequeninos, 240-Donos do Reino de Deus!	241-Nisto o capitão sentiu 242-Em si um grande cansaço. 243-A visão toda de branco, 244-Levantou o santo braço: 245-Desceu um forte corisco 246-Rasgando o véu do espaço.	247-O capitão conheceu 248-Que, se tentasse, morria. 249-Parou a execução 250-E voltou no mesmo dia, 251-Deixou as crianças lá 252- E a visão em companhia.
253-Nos mesmos trinta navios, 254-Voltaram sem mais tardança. 255-Chegando, disseram ao rei 256- – Fizemos toda a matança 257-E na ilha não ficou 258-Viva uma só criança!	259-Aí o rei decretou, 260-Para o seu povo saber, 261-Que, cinco anos pra frente, 262-Ninguém podia nascer 263-Sendo masculino e pobre 264-Era na certa morrer!	265-As pobres mulheres grávidas 266-Muita criança abortaram. 267-Outras, pra não verem os filhos 268-Sofrerem, mesmo mataram – 269-E, nesse sofrer tirano, 270-Cinco anos se passaram.
271-Ninguém podia sair 272-Do país aonde estava 273-E, durante cinco anos, 274-Pobre nenhum se casava – 275-E quem não cumprisse, o rei 276-Em praça pública enforcava.	277-O maior dos absurdos 278-Que toda a terra já viu! 279-Passaram-se os cinco anos, 280-A lei ninguém transgrediu. 281-Quando terminou o prazo, 282-O rei Simão prosseguiu.	283-Logo no dia seguinte, 284-Ele mandou decretar 285-Que moça de quinze anos 286-Era preciso casar 287-Com rapaz de vinte anos 288-Sem uma só vez falhar.

289-A moça que não casasse	295-Só poderiam casar-se	301-Ninguém de outra nação
290-Com esta idade marcada,	296-Com possuídos iguais,	302-Ali podia casar-se
291-Se ultrapassasse o dia,	297-Pertencer à mesma classe	303-E, se nascesse um menino
292-Tinha que ser degolada –	298-Em todos os tribunais	304-E o pai não o registrasse
293-E assim seria o homem,	299-Ser filho da mesma terra	305-Era morto em praça pública,
294-Pra isto a lei foi criada.	300-E ter os mesmos sinais.	306-Sem haver quem o livrasse.
307-Pra ser feito um casamento,	313-Depois que organizou	319-Porém, caríssimos leitores,
308-Do sertão à capital,	314-Todas as leis da defesa,	320-Orgulho é uma loucura:
309-Tinha que tirar licença	315-Disse ele: – Eu quero ver	321-O homem diante de Deus
310-No Supremo Tribunal	316-Como é que uma princesa	322-É diminuta figura –
311-E todos os papéis passados	317-Se casa com gente pobre.	323-E quem não pensar assim
312-Por Sua Alteza Real.	318-Me castiga a natureza!	324-Tem que sofrer amargura!
325-Com nove anos depois,	331-Ao completar sua idade,	337-Na outra semana, veio,
326-A princesa Madalena,	332-O rei disse-lhe: – Filha amada	338-De Lorena um primo dela
327-Dentro da capital grega	333-Já tens quase quinze anos	339-Moço esbelto e muito rico,
328-Era a mais bela açucena –	334-E nunca foste adorada	340-Que muito agradou a ela –
329-Parecia deusa Vênus	335-Por um príncipe rico e belo,	341-E ele também ficou
330-Ou a pétala da verbena!	336-Com quem tens de ser casada!	342-Somente pensando nela.
343-Amaram-se nesse dia,	349-Chamava-se o tal rapaz	355-Quando faltavam seis meses
344-Cheios de contentamento.	350-Pedro Gusmão de Lorena	356-Pra ser feito o casamento,
345-No outro dia, o rapaz	351-O noivo rico e famoso	357-Madalena foi ao pai
346-pediu ela em casamento.	352-Da princesa Madalena,	358-E pediu consentimento
347-O rei prontamente deu	353-Herdeira do trono grego,	359-Pra fazer uma caçada,
348-O real consentimento.	354-Da cidade de Atenas.	360-Pois era um divertimento.
361-Depois do consentimento,	367-Os passarinhos, nas árvores,	373-No mar infindo se via
362-Um bom cavalo selou,	368-Cantavam e se divertiam.	374-Espuma cor de cambraia,
363-Um binóculo, arma e bússola	369-O vento embalava forte,	375-O oceano bravo
364-A tiracolo botou.	370-Os nevoeiros se uniam,	376-Quebrando a onda na praia –
365-Com o noivo e dois criados,	371-As árvores se balançavam,	377-E Madalena, a princesa,
366-Nas matas se atirou.	372-Os raios do sol luziam.	378-Parecia a deusa Maia!
379-Vamos deixar Madalena	385-Conduzia o salva-vida,	391-Bem na cabeça do peixe,
380-Na linha que destinou-se –	386-Quando no rio saltou.	392-A arma se enterrou.
381-Falemos no pobre Dimas	387-Um tubarão que passava	393-Dimas, pegado no cabo,
382-Por que maneira salvou-se,	388-Vendo a sombra, o esperou.	394-Segurou-se e não soltou
383-A rota do seu destino	389-Dimas, inocentemente,	395-E o tubarão morrendo,
384-E aonde ele criou-se.	390-O grande peixe cravou.	396-Com rapidez mergulhou.
397-No mergulho que ele deu,	403-O peixe deu um mergulho,	409-Lançou-se de mato adentro,
398-Dimas foi o felizardo –	404-Porém morreu sem demora.	410-Comendo o que encontrava.
399-Os outros se espantaram	405-Em uma curva distante,	411-Com sede, enfado e com sono,
400-Com o tiroteio cerrado	406-A água o jogou fora –	412-Assim o tempo passava.
401-E na criança inocente	407-Como Dimas ia vivo,	413-À noite, subia em paus
402-Não houve um tiro acertado.	408-Levantou-se e foi embora.	414-E de cipós se amarrava.
415-Assim viajou dez dias,	421-Quando viu as duas cruzes	427-E disse com sua voz:
416-Dentro do mato perdido,	422-Ficou um pouco assombrado.	428- – Aqui eu hei de morrer!
417-Com fé na Virgem Maria	423-Já lia sem embaraço:	429-Sei que tenho a vida triste,
418-Por Jesus favorecido,	424-Leu o letreiro gravado,	430-Só nasci pra padecer –
419-Até que saiu aonde	425-De tudo ficou ciente,	431-Terminarei minha vida,
420-Os seus pais tinham morrido.	426-Quase morre aperreado.	432-Nesta a montanha a sofrer!
433-Abraçou-se com a cruz	439-Saindo da cruz da mãe,	445-Abraçou-se com a cruz,
434-De sua mãe Margarida	440-Seguiu para a cruz do pai	446-Depois beijou-a e caiu.

435-E disse: – Mãe adotiva!	441-E disse: – Jesus, tirai-me,	447-Todo banhado de lágrimas
436-Por mim tu perdeste a vida,	442-Que viverei dando ai –	448-Um grande sono dormiu.
437-Eu também me acabarei	443-Sou pequenino e daqui	449-Despertou escurecendo,
438-Em tua cova, querida!4	444-Minha matéria não sai!	450-Foi numa árvore e subiu.
.....		
451-Amarrou-se de cipós,	457-Dizia ele nas cruzes:	463-Daí o céu para morada
452-Ali mesmo adormeceu.	458- – Vinde a mim, ó grande Deus!	464-Aos meus pais estimados
453-No outro dia cedinho,	459-Aliviai meus tormentos,	465-Alimentai minha alma,
454-Da dita árvore desceu	460-Daí o céu empíreo aos meus –	466-Perdoai os meus pecados,
455-E nesse sofrer tirano	461-Salvai a este inocente	467-Defendei-me destas feras,
456-Quatorze anos viveu.	462-Como salvastes os Hebreus!	468-Ajudai-me nestes prados!
.....		
469-Durante o dia, nas cruzes,	475-Cresceu demais o cabelo,	481-Um dia ele estava orando,
470-Duas vezes Dimas ia.	476-Que todo corpo cobria.	482-Ouviu um grito sem fim,
471-Orava e ganhava o mato,	477-Fazia tangas de embiras	483-No centro da grande mata
472-Caçava frutas e comia –	478-E muito alegre as vestia.	484-Bem alto, dizendo assim:
473-E assim, nesse sofrer	479-Mudou as feições, de formas	485- – Jesus, pai dos pecadores!
474-Confiança em Deus vivia.	480-Que ninguém o conhecia.	486-Vinde socorre a mim!
.....		
487-Conheceu ser uma voz	493-Quando a moça viu aquele	499-Ele nada lhe dizia
488-De mulher muito cansada.	494-Monstro sem comparação,	500-E com força de um gigante,
489-Foi lá e encontrou logo	495-Deu um grito, blasfemando	501-Torou todos os cipós,
490-Uma donzela montada,	496-Que fazia compaixão.	502-Tirou-a naquele instante,
491-Engalhada em uns cipós,	497-Teve medo dele, que	503-Depois tirou o cavalo
492-De lágrimas toda banhada	498-Quase pára o coração.	504-E foi botá-los distante.
.....		
505-O leitor deve lembra-se	511-Ela, o noivo e dois criados	517-Quando chegaram na tribo,
506-Da princesa Madalena,	512-Olhavam a bela paisagem,	518-Os índios neles botaram,
507-Que saiu com o seu noivo,	513-Quando, no centro da mata,	519-Agarraram os dois criados
508-Pedro Gusmão de Lorena,	514-Saíra em uma paragem	520-Numa fogueira jogaram,
509-Para percorrer as matas	515-Cheia de feras carnívoras	521-Madalena e o seu noivo
510-Caçando índio e hiena.	516-De uma tribo selvagem.	522-Nas matas se atiraram.
.....		
523-Os índios botaram neles,	529-Mas o noivo da princesa,	535-Ficou morto na montanha
524-Mas não puderam alcançá-los,	530-Na luta que enfrentou,	536-E a princesa correu,
525-Porque eles dois estavam	531-Uma flecha o atingiu,	537-Montada no seu cavalo,
526-Montados em bons cavalos	532-Bem distante ele tombou –	538-Porém depois se perdeu,
527-E, mesmo, uma trovada	533-Os índios não o pegaram,	539-Engalhou-se nos cipós,
528-Veio acabar de salvá-los.	534-Mas ele não escapou.	540-Mas Dimas a socorreu.
.....		
541-Levou-a para as cruzes	547-Porém não contou que era	553-E vendo o sofrer de Dimas
542-E lá contou sua vida.	548-A herdeira da nação.	554-Teve muita compaixão
543-Ela também lhe contou	549-Do reinado do pai dela	555-E o achou muito bonito
544-Que estava ali perdida	550-Não deu uma explicação –	556-Por ele sentiu paixão
545-E o sofrimento dele	551-Disse que tinha riqueza	557-E logo lhe ofereceu
546-Ouviu bem compadecida.	552-Porém não era um milhão.	558-A vida e o coração.
.....		
559-Disse ela: – Belo Dimas,	565-Aceita-me por esposa,	571-Disse Dimas: – Minha dona
560-Tua vida é de amargura,	566-Dar-te-ei meu coração	572-Eu sou um homem sem sorte!
561-Mas estou apaixonada	567-Quero sentir como tu	573-Não vejo nada no mundo
562-Pela tua formosura	568-Esta maldita aflição –	574-Que ao meu coração conforte
563-E quero ver se te faço	569-Farei como Jesus disse:	575-E, nas covas dos meus pais,
564-Uma feliz criatura!	570-“Ama tu a teu irmão”!	576-Esperarei pela morte!
.....		
577-A princesa quando viu	583-Tinha perdido seu noivo,	589-Disse ela: – Dimas, vamos
578-Aquela nobre franqueza,	584-Por quem dava a própria vida,	590-Agora neste momento
579-Disse: – Eu com esse serei	585-E pediu a Dimas que	591-Tomar o trem de Versailles
580-Mais feliz do que princesa!	586-Não a deixasse perdida	592-Sem nenhum impedimento –
581-E por ele um amor puro	587-Naquela mata esquisita	593-E em Viena poderemos

582-Sentiu com toda a certeza.	588-Longe da terra esquecida.	594-Nos unir em casamento.
.....		
595-Iremos pelas montanhas	601-Dimas quis dizer que não,	607-E ela seguiu com ele
596-Passaremos a fronteira	602-Porém sentiu grande dor	608-Pra onde o noivo caiu.
597-Oito horas pegaremos	603-Em desprezar uma virgem	609-Tirou as vestes do morto
598-O grande trem de carreira	604-Mais bela do que a flor.	610-E Dimas logo se vestiu
599-De Versailles seguiremos	605-Deu-lhe um beijo e disse:Vamos,	611-E ela, bem satisfeita,
600-Pra qualquer terra estrangeira.	606-Que também te tenho amor!	612-Sua viagem seguiu.
.....		
613-Viajaram até três horas,	619-Dimas tirou o cabelo,	625-Ele seguiu a jornada,
614-Uma casinha avistaram,	620-Barbeou-se e descansou.	626-Com fé em Deus infinito,
615-Chegaram nela e pediram	621-Ela levava dinheiro,	627-Pegado no braço dela
616-Uma licença e entraram –	622-Pedi a conta e pagou,	628-Naquele ermo esquisito.
617-Era a casa de um barbeiro,	623-Entregou o resto a Dimas	629-Quando passaram a fronteira,
618-Ali eles se alegraram.	624-Despediu-se e o chamou.	630-Do trem ouviram o apito.
.....		
631-Daí a pouco chegaram,	637-Seguiram, daí a pouco,	643-E dali aquele trem
632-Dimas foi à estação,	638-Quando em Versailles chegaram,	644-Destinava-se a Lorena.
633-Comprou as duas passagens,	639-Os relógios da cidade	645-Eles tinham que pegar
634-Não houve interrupção.	640-Dez horas anunciaram.	646-O de Paris a Viena,
635-Madalena satisfeita,	641-Eles desceram do trem,	647-E cruzava ali também
636-Segurava-o pela mão.	642-Sem demora se afastaram.	648-O trem de Oslo a Atenas.
.....		
649-Pra não serem conhecidos,	655-Eles iam passeando,	661- – Valha-me a Virgem Maria
650-Do trem eles se afastaram.	656-A noite calma e vazia,	662-Mãe digna e abençoada!
651-Adiante, em uma esquina,	657-A lua muito embaçada	663-Morri nas mãos de uma fera,
652-Muito tempo conversaram.	658-Toda cidade dormia,	664-Longe de mamãe amada!
653-Já perto de meia-noite,	659-Quando ouviram uma mulher	665-E, pertinho deles dois,
654-Um drama triste avistaram.	660-Que, correndo, assim dizia:	666-Caiu em sangue banhada.
.....		
667-Trazia um grande punhal,	673-E Dimas e Madalena	679-Perguntaram quem matou-a
668-Cravado mesmo no vão,	674-Com aquilo se assombraram.	680-Ela nada respondeu
669-Uma criança de peito,	675-Não vindo ninguém atrás,	681-E, dentro de um minuto,
670-Branca como algodão,	676-Da pobre se aproximaram,	682-Ali mesmo pereceu –
671-Os pés descalços e com	677-Tiraram a carta e a arma	683-E a pequena criança
672-Uma cartinha na mão.	678-e sem demora as guardaram.	684-No baque também morreu.
.....		
685-Madalena horrorizada	691-Na carta dizia assim:	697-Já estou jurada à morte,
686-Com uma cena daquela,	692-“Mamãe, me bote a bênção!	698-Sofro de noite e de dia:
687-Levou a carta e seguiu	693-Das grosserias que lhe fiz,	699-Dimas é muito mais ruim
688-Para o claro de uma vela,	694-Venho implorar seu perdão –	700-Do que o povo dizia.
689-Abriu-a e com muita calma,	695-Casei-me contra os seus gostos,	701-Não sei mais o que fazer,
690-Foi ver o que tinha nela	696-Sofro sem consolação!	702-Valha-me a Virgem Maria!
.....		
703-E é infeliz a filha	709-Ouçam bem, caros leitores,	715-Ele casou na Hungria,
704-Que se casa contra os pais!	710-O que nos diz o destino:	716-Contra a sua mãe querida,
705-Vai sofrer sem remissão,	711-Da mulher que caiu morta	717-E o marido chamou-a
706-O tempo bom não vê mais	712-Com o filho pequenino,	718-Pra terra desconhecida.
707-E quando morrer, a alma	713-Também chamava-se Dimas	719-Quando passava em Versailles
708-É entregue a Satanás!”	714-O seu marido assassino”	720-Tirou da esposa a vida.
.....		
721-Mas outra vez Madalena	727-Pensava ela consigo:	733-Dimas lhe disse: – Querida,
722-Leu a cartinha encontrada,	728-“esta carta é um conselho	734-O que te aconteceu?
723-Tornou a ler outra vez	729-Que o destino mandou-me –	735-Segurou-a e levantou-a
724-Ficou tão aperreada,	730-Esta morta é um espelho!”	736-Ela a carta a ele deu,
725-Que abraçou-se com Dimas	730-Abraçou Dimas e soltou-o,	737-Ele leu e disse: – Calma,
726-Em grande pranto banhada.	732-Caiu, feriu um joelho.	738-Que culpa aqui tenho eu!
.....		
739-Nisso Madalena disse-lhe:	745-Deixa-me na estação,	751- – Esta certo, Madalena,

- 740- – Dimas, tu és minha vida,
741-Porém te rogo por Deus
742-E nossa Mãe Concebida,
743-Pra me botares em casa,
744-Que estou arrependida!
- 746-Que ficarei consolada
747-De lá irei para casa
748-Por alguém acompanhada
749-E nunca direi que fui
750-Por ti na mata encontrada.
- 752-Disse Dimas, Minha amada,
753-Será feito o teu pedido,
754-Tua vontade é sagrada!
755-Eu bem que estava quieto –
756-Disto tu és a culpada!
-
- 757-Disse ela: – Eu só quero
758-Que não digas a ninguém
759-Que eu viajei contigo
760-A noite toda de trem –
761-Porque sou uma donzela,
762-Para mim não fia bem.
- 763-Eu não direi, disse Dimas,
764-Nem de corpo acorrentado,
765-Em uma prisão perpétua
766-Ou dentro do mar jogado –
767-Podem até me queimar vivo
768-Ou numa praça enforcado!
- 699-Estavam nessa conversa,
770-O trem de Oslo chegou.
771-Dimas comprou as passagens
772-E uma a ela entregou,
773-Botou-a em um dos carros
774-E em outro viajou.
-
- 775-Ele parecia um príncipe
776-De uma rara beleza
777-E não sabia que ela
778-Era uma rica princesa –
779-Mas estava pensativa,
780-Demonstrando uma tristeza.
- 781-Enquanto ele estava ali,
782-Fazendo meditação,
783-Chegou um dos condutores,
784-Destacou o seu cartão.
785-Com duas horas, o trem
786-Parou em outra estação.
- 787-Assim que o trem parou,
788-Quatro soldados entraram,
789-Viram Dimas muito triste,
790-Qualquer coisa ali maldaram
791-Quem era e de onde vinha
792-Sem demora perguntaram.
-
- 793-Ele deu o nome e disse:
794- – Eu viajo sem destino:
795-Os soldados lhe disseram:
796- – Então é um clandestino!
797-Se não possui documentos,
798-É ladrão ou assassino!
- 799-Ele disse-lhes: – Nada disto!
800-Sou um simples viajante.
801- – Então mostre os documentos,
802-Senão, é preso em flagrante!
803-Mas ele não os possuía,
804-Foi preso no mesmo instante.
- 805-E imediatamente
806-Ali mesmo o revistaram –
807-O punhal ensangüentado
808-Em sua cintura acharam
809-E a carta da mulher
810-Logo ali o amarraram.
-
- 811-O trem chegou em Atenas
812-Às quatro da madrugada.
813-Madalena retirou-se,
814-Muito bem acompanhada,
815-Seguiu para seu palácio,
816-Por todo o povo aclamada.
- 817-E Dimas foi conduzido
818-A uma prisão maldita,
819-Para dizer onde achou
820-O punhal e a escrita –
821-E daquele dia em diante,
822-Começou sua desdita.
- 823-Interrogado, contou
824-De per si a triste cena,
825-Onde estava e como achou
826-A cartinha feita a pena,
827-Como arrancou o punhal –
28-Sem falar em Madalena.
-
- 829-Naquilo chega um jornal
830-Narrando todo ocorrido
831-Da mulher que, em Versailles
832-Morta cedo tinha sido,
833-Contando que o assassino
834-Se achava foragido.
- 835-Coincidiu com a história
836-Que Dimas tinha contado:
837-Ele, tendo o mesmo nome
838-Que na carta tinha achado,
839-Foi no outro dia cedo
840-Pra Versailles escoltado.
- 841-Lá chegando, um dos guardas
842-Que viu ele a passear,
843-Reconheceu-o e disse-lhe:
844- –Pode logo confessar,
845-Que vi-o com uma dona
846-Entrar no beco e voltar!
-
- 847-Disse Dimas: – Meu amigo,
848-Mentir eu não necessito!
849-Eu estava aqui sozinho
850-E de súbito ouvi um grito –
851-Fui lá e achei-a morta,
852-Naquele beco esquisito.
- 853-Outro guarda velho disse:
854- – Vi lá quando ele passou
855-Com uma dona de lado
856-E naquele beco entrou –
857-Da volta não dou notícia.
858-Chegou outro e confirmou.
- 859-Dimas não tinha por ele
860-Sequer uma testemunha
861-E todo povo dali
862-Botava nele uma cunha –
863-E assim o pobre réu
864-Era cortado na unha.
-
- 865-E, por caiporismo dele,
866-A morta era da Hungria,
867-Estava ali de passagem
868-E ninguém a conhecia,
869-O nome do assassino
870-Com o dele coincidia.
- 871-Não tinha um só documento
872-de sua filiação,
873-Não era considerado
874-Filho em nenhuma nação,
875-E somente Madalena
876-Lhe daria salvação.
- 877-Já tinha tido um anúncio
878-Que ela era princesa.
879-Disse: – Se disser que estava
880-coma a filha de Sua Alteza,
881-Morro ainda mais ligeiro –
882-Aí sim não há defesa!
-

883-E mesmo, tinha jurado	889-Interrogado a respeito	895-Nisto o delegado disse:
884-A ela que não iria,	890-Da noite que ali ficou	896- – Escrivão, lavre o processo:
885-Que ela havia fugido	891-Da mulher e do assunto	897-Ele matou a mulher
886-O mundo não saberia –	892-Que com ela conversou,	898-E o filho de perverso,
887-E conheceu que da morte	893-Negou um milhão de vezes	899-E vai contar tudo quando
888-Ninguém o defenderia.	894-Com ele o que se passou.	900-A morte lhe der o ingresso.
.....		
901-Os três guardas depuseram,	907-Na aquele tempo, na França	913-E Dimas foi batizado
902-O processo foi lavrado	908-Ninguém era perdoado:	914-O rei da perversidade,
903-E, cinco meses depois,	909-Quem fizesse um crime só,	915-Matou a mulher e o filho
904-Para o júri foi levado.	910-Era na praça enforcado.	916-E faltou com a verdade
905-Não houve um voto a favor –	911-E o crime sendo duplo,	917-Violou uma escrita
906-O jovem foi condenado.	912-Vivo em público era queimado.	918-vil, vilão, péssimo e covarde!
.....		
919-E sua sentença foi	925-Foi publicado em jornais	931-Deixemos Dimas aqui,
920-Para vivo ser queimado,	926-Dando toda a explicação,	932-Nos labirintos da sorte,
921-Porém antes todo o mundo	927-A história do começo	933-Falemos por que maneira
922-Tinha que vê-lo amarrado,	928-Até a condenação –	934-Ele livrou-se da morte –
923-Com duas mãos para trás	929-E para o dia seguinte	935-Porque quem confia em Deus
924-E um dos olhos furado.	930-Marcaram a execução.	936-Ganha a batalha mais forte.
.....		
937-O leitor deve lembrar-se	943-Falou da morte do noivo	949-O rei Simão, quando soube,
938-Que Madalena ficou	944-E por que modo escapou,	950-Preparou um pelotão
939-Na capital de Atenas,	945-Os criados mortos e os	951-E mandou correr a mata
940-Porque Dimas a salvou,	946-Cavalos que lá deixou	952-Fazendo vasculhação,
941-E naquele dia a cena	947-Porém, da vida de Dimas,	953-Atrás dos dois bons cavalos
942-Da mata ao pai contou.	948-Coisa alguma adiantou.	954-E seu sobrinho Gusmão.
.....		
955-E quarenta e seis soldados	961-Ali, ninguém nunca soube	967-Acompanhou toda a história,
956-Na mata se atiraram	962-Do mistério que havia:	968-Desde o depoimento
957-Armados até os dentes,	963-Madalena nunca disse	969-Até a hora minguada
958-E logo perto encontraram	964-De Dimas o que sabia,	970-Do dia do julgamento,
959-Gusmão morto e os cavalos	965-Porém, nos jornais diários,	971-Sem ele tocar-lhe o nome,
960-Vivos ao rei entregaram.	966-Todo o caso dele lia.	972-Cumprindo o prometimento.
.....		
973-Um dia, a princesa estava	979-Porque matou a esposa	985-Madalena lendo isto
974-No jardim, sem companhia;	980-E um filhinho inocente –	986-Sentiu uma comoção.
975-Entregaram-lhe um jornal	981-O assassino mais bárbaro	987-Ela, desde de pequena
976-Que no seu alto se lia:	982-Até a data presente!”	988-Que tinha bom coração,
977-“Morre Dimas amanhã,	983-E dois retratos de Dimas	989-Ficou tão aperreada
978-Em Paris, ao meio-dia,	984-Um de lado, outro de frente.	990-Que não quis nem refeição!
.....		
991-Pegou o jornal e foi	997-E disse consigo: “Eu vou	1003-Passou o dia pensando
992-Para o quarto de dormida,	998-Salvar este réu da morte!	1004-Como devia fazer
993-Dizendo: – Por minha causa	999-Por minha causa, amanhã,	1005-Para chegar em Paris,
994-Ele vai perder a vida!	1000-Terá essa infeliz sorte	1006-Livrar Dimas de morrer
995-Chorava sem ter consolo,	1001-Portanto vou defendê-lo,	1007--E como, dali em diante
996-Tristonha e compadecida.	1002-Porque merece e é forte”!	1008-Seria o seu padecer.
.....		
1009-Um traje de camponesa	1015-Quando chegou em Versailles	1021-A lua fina brilhava
1010-Sem demora preparou,	1016-A ninguém deu atenção	1022-No jardim do firmamento.
1011-Todos os seus documentos	1017-E tirou sua maleta	1023-As estrelas reluziam
1012-Em sua bolsa botou,	1018-Guardou- na estação,	1024-No sopro fino do vento
1013-Pegou o trem de Versailles	1019-Foi a um dos restaurantes	1025-E a própria natureza
1014-Às vinte horas e pisou.	1020-E tomou café com pão.	1026-Brilhava nesse momento.
.....		
1027-Quando bateu meia-noite,	1033-Quando chegou em Paris	1039-Os transeuntes passavam
1028-Ela sentiu-se feliz,	1034-Um anúncio assim dizia:	1040-E para o anúncio olhavam,
1029-Porque chegou a Viena	1035-“Morre Dimas, o mendigo,	1041-Conferiam nos relógios
1030-O grande trem de Paris	1036-Queimado ao meio-dia!”	1042-E os passos apressavam

1031-E tomou-o tão satisfeita	1037-E faltavam dez minutos	1043-E na morte do mendigo
1032-Que nem minha pena diz.	1038-Pra completar a quantia!	1044-Só era em que conversavam.
.....		
1045-Ela desceu e entrou	1051-O chofer, como relâmpago	1057-E foi furando o seu olho,
1046-Num automóvel de praça	1052-Na praça central chegou.	1058-Sem sentir nenhuma pena.
1047-E disse para o chofer:	1053-Ela pagou e ligeira	1059-A princesa deu um grito
1048- – A maior rapidez faça	1054-Pela multidão entrou.	1060-Que ouviram em toda a arena –
1049-E me leve aonde Dimas	1055-Neste momento o carrasco	1061- – Este homem é inocente –
1050-Vai sofrer tão vil desgraça!	1056-De Dimas se aproximou.	1062-Eu conheço toda cena!
.....		
1063-Naquilo tudo parou	1069- – Eu me chamo Madalena,	1075-O rei, que estava presente
1064-Pra ouvir a estrangeira	1070-Sou filha do rei Simão,	1076-Parou a execução
1065-Que dizia conhecer	1071-Dona da Corte de Atenas	1077-E disse para a princesa:
1066-A história verdadeira	1072-E herdeira da Nação –	1078- – Mostre a documentação,
1067-Ela aí marchou à frente	1073-Quero dizer a verdade	1079-Dando provas que na Grécia ´
1068-E falou desta maneira:	1074-Perante esta multidão!	1080-É herdeira da nação!
.....		
1081-Madalena abriu a bolsa,	1087-Disse o rei: – vamos ouvir	1093-De um púlpito improvisado,
1082-Tirou os papéis reais	1088-A princesa Madalena,	1094-Disse a princesa: –Sou eu
1083-E, chegando ao monarca,	1089-Herdeira do reino grego,	1095-Que possuo a culpa toda
1084-Mostrou-lhe as credenciais,	1090-Que se acha na arena	1096-De tudo que aconteceu.
1085-Quando o rei viu, disse: – Dimas	1091-E diz que conhece bem	1097-E perante o povo, disse
1086-Por hora não morre mais!	1092-Da História a triste cena.	1098-Tudo desde que nasceu.
.....		
1099-Contou como se perdeu	1105-Quando a multidão ouviu	1111-Porém o rei disse: – Bem,
1100-E como a Dimas forçou	1106-A voz da nobre princesa,	1112-Dimas tem o meu perdão,
1101-Fugir com ela da mata	1107-Gritou logo: – Soltem Dimas	1113-Mas tenho que entregá-lo
1102-Como em Versailles chegou,	1108-Que está feita a defesa!	1114-Às ordens do rei Simão –
1103-Como foi morta a mulher	1109-E o conselho do rei	1115-Como também a princesa
1104-E como no trem voltou.	1110-Firmou a pura certeza.	1116-Que lhe deu a salvação.
.....		
1117-E pela guarda real,	1123-O rei Simão, quando estava	1129-Ele leu o telegrama,
1118-O rapa z foi conduzido	1124-Muito triste e constrangido,	1130-Por outro rei assinado,
1119-E a princesa também	1125-Porque sua filha havia	1131-Conheceu que sua filha,
1120-Num pranto descomedido,	1126-De lá desaparecido,	1132-Tinha-o injuriado.
1121-Na prisão, foi esperar	1127-Deram-lhe o telegrama,	1133-Disse: – vou buscá-los e mato-os
1122-O caso ser resolvido.	1128-Contando todo ocorrido.	1134-Um preso, outro espedaçado!
.....		
1135-E naquele mesmo instante,	1141-E os jornais não cessaram	1147-Fez uma balsinha e nela
1136-Mandou uma comitiva	1142-De contar o ocorrido,	1148-Dimas em cima amarrou,
1137-Buscar Madalena e Dimas,	1143-Por toda parte do mundo	1149-Inquirido em grande bomba,
1138-E disse: – Ninguém me priva!	1144-Já estava conhecido.	1150-No mar a balsa jogou
1139-Mato ele de explosivo	1145-O rei pegou Dimas e disse:	1151-E no estopim da bomba
1140-E mando enterrá-la viva!	1146- – Vou te matar, atrevido!	1152-Pegou um fósforo e riscou.
.....		
1153-O corpo dele, inquirido,	1159-E quando explodisse, Dimas	1165-Deixemos Dimas na balsa,
1154-Que nem sequer se bulia.	1160-Ficaria num bagaço!	1166-Pra morrer na explosão
1155-O estopim pegou fogo,	1161-Da balsa não ficaria	1167-Falemos em Madalena,
1156-Que a fumaça cobria –	1162-Sequer o menor pedaço.	1168-A filha do rei Simão –
1157-Quando chegasse ao fim,	1163-Os restos mortais de Dimas	1169-Como foi que ele deu
1158-A grande bomba explodia.	1164-Se perdiam no espaço.	1170-A ela a condenação.
.....		
1171-Foi à corte e decretou	1177-O rei lhe disse colérico:	1183-A rainha disse: – Eu quero
1172-Para a filha ser queimada,	1178- – Ela manchou o meu nome!	1184-Outra sentença qualquer!
1173-Porém a rainha veio	1179-As injúrias que me fez,	1185-Dê-lhe seis meses de vida,
1174-E caiu-lhe aos pés prostrada,	1180-Não há no mundo quem some !	1186-Depois faça o que quiser –
1175-Pedindo para a sentença	1181-Só se for para matá-la,	1187-Bote-a na prisão ou mate-a,
1176-Da filha ser revogada.	1182-Na mata de sede e fome!	1188-Faça o que lhe convier!
.....		

1189-Então, perante o conselho,	1195-O rei mesmo a levaria	1201-A princesa Madalena
1190-A sentença foi marcada:	1196-Como uma fera homicida,	1202-Chorava e se maldizia,
1191-Daquele dia a seis meses	1197-A deixaria na mata	1203-Vendo que ia sofrer
1192-Madalena era levada	1198-Sem dar água nem comida,	1204-A mais dura tirania –
1193-Às cruzes dos pais de Dimas	1199-Entregue às feras bravias	1205-Não comia quase nada,
1194-E lá seria deixada.	1200-Onde perderia a vida.	1206-E muito pouco dormia.
.....		
1207-Quando completou o tempo,	1213-Pôs Madalena na frente	1219-Quando chegaram nas cruzes,
1208-O rei mandou preparar	1214-Por duas damas pegada,	1220-Um grande hino tocaram:
1209-A Marinha e o Exército	1215-Cem braças atrás a música,	1221-A triste canção da morte
1210-E uma música sem par	1216-Tocando uma batucada,	1222-Na mesma hora cantaram.
1211-E obrigou todo o povo	1217-Bem encostadinho ao povo,	1223-Pegaram a pobre princesa
1212-A princesa acompanhar.	1218-Atrás a tropa formada.	1224-E entre as cruzes amarraram.
.....		
1225-Duas correntes de ferro	1231-E voltou com seu povo,	1237-Vamos deixar a princesa
1226-Pesadas botaram nela,	1232-Deixando a filha isolada	1238-Aonde a sorte a jogou
1227-Com as duas mãos para trás	1233-Naquele ermo sem fim,	1239-E falemos sobre Dimas –
1228-E despediram-se dela.	1234-Tristemente abandonada,	1240-Por que maneira escapou,
1229-Nisto o rei disse para todos:	1235-Para ser em poucas horas	1241-E como foi que salvou-a,
1230- – Nem Jesus salvará ela!	1236-Pelas feras devorada.	1242-E com ela se casou.
.....		
1243-Quando o rei soltou a balsa,	1249-O estopim, muito grande,	1255-A balsa no alto mar,
1244-Surgiu uma onda forte,	1250-Muito tempo demorou,	1256-Um furacão nordestino
1245-Em menos de um minuto	1251-Dentro de cinco minutos,	1257-Virou-a diversas vezes,
1246-Jogou ela para o norte	1252-A atmosfera mudou	1258-Atirou-a sem destino
1247-E Dimas em cima, ouvindo	1253-E grande torrente d'água	1259-E Dimas só escapou
1248-O estampido da morte.	1254-Do espaço desabou.	1260-Por milagre do Divino!
.....		
1261-Com dez ou quinze minutos,	1267-Dimas não falava mais,	1273-Naquilo chegaram uns vultos,
1262-A onda silenciu,	1268-Com a sede que estava.	1274-Sem demora o desataram.
1263-A balsa ficou direita	1269-Com pés e mãos amarrados,	1275-Em menos de dez minutos,
1264-O estopim se apagou.	1270-Pra morrer nada faltava.	1276-Em um ranchinho o botaram,
1265-Na noite do mesmo dia,	1271-Daí a pouco notou	1277-Deram-lhe água e comida
1266-Em uma praia encostou.	1272-Que a aurora brilhava.	1278-Da morte fria o salvaram.
.....		
1279-Assim que tomou a si,	1285-O leitor deve lembra-se,	1291-Contaram como a visão
1280-Um deles lhe perguntou	1286-Dos meninos que ficaram	1292-Lá na ilha os defendeu
1281-Quem era e de onde vinha.	1287-Em Creta, salvos por Deus –	1293-Por que maneira escaparam,
1282-Ele, com calma, contou	1288-São eles que se criaram	1294-Que sequer um não morreu,
1283-A história do começo	1289-E, reconhecendo Dimas	1295-Dimas foi reconhecido,
1284-Até quando ali chegou.	1290-Sem demora o abraçaram.	1296-Também os reconheceu.
.....		
1297-Passaram o dia e no outro,	1303-Interrogado, contou	1309-Dimas ai então disse:
1298-Quando na praia chegaram,	1304-Que na França era soldado,	1310- – O senhor sabe instrução
1299-Um elemento fardado	1305-Porém, quando viajava,	1311-E cento e dez mil rapazes
1300-Como naufrago encontraram.	1306-Para um país afastado,	1312-Vivem nesta região,
1301-Deram-lhe água e comida	1307-Nos mares da Alemanha	1313-Desde muito pequeninos
1302-E de morrer o salvaram.	1308-O navio foi afundado.	1314-Por causa do rei Simão.
.....		
1315-Vamos nos exercitar –	1321-Todos ali concordaram	1327-Era um barco que estava
1316-Quem espera sempre alcança –	1322-E entraram em instrução.	1328-No oceano perdido
1317-Enquanto estivermos vivos,	1323-Aprenderam a fazer tudo,	1329-E somente o maquinista
1318-Temos na vida esperança	1324-Por meio de comparação.	1330-Inda não tinha morrido,
1319-E se um dia pudermos,	1325-Com quatro meses, na ilha	1331-Porém a tripulação
1320-Faremos uma vingança.	1326-Parou uma embarcação.	1332-Já havia perecido.
.....		
1333-Dimas com a sua tropa,	1339-Exercitaram-se bem	1345-Por uma coincidência,
1334-Logo no barco encostaram,	1340-Dois meses ali passaram –	1346-No dia que completou
1335-Prenderam o tal maquinista	1341-As armas eram pouquinhos	1347-Seis meses retos e justos

1336-E todas as armas tiraram, 1337-Deram-lhe comida e água 1338-E de morrer o salvaram.	1342-Mas eles se animaram 1343-E para atacar Atenas, 1344-O dia logo marcaram.	1348-Que Dimas ali chegou, 1349-Junto com os seus amigos 1350-Da ilha se transportou.
.....
1351-E seguiu para Atenas 1352-Numa louca desfilada, 1353-No dia que Madalena 1354-Foi pelo pai condenada 1355-A ficar nas duas cruzes 1356-Do seu povo desprezada.	1357-Porém, havia saído 1358-Pelo povo acompanhada, 1359-O Exército e a Marinha – 1360-Também seguiram a jornada– 1361-Dimas achou a cidade 1362-Quase que abandonada.	1363-E foi ao quartel das tropas 1364-Só a sentinela achou. 1365-Ele prendeu-a em flagrante, 1366-Foi ao prédio e ocupou 1367-E todos os companheiros 1368-Com boas armas os armou.
.....
1369-Tirou um grande reforço, 1370-Por fora se entrincheirou. 1371-O rei já vinha de volta, 1372-Pelo piquete passou. 1373-Dimas deu sinal de guerra 1374-O tempo aí se turbou!	1375-Dimas com armas possantes 1376-E muitos homens armados, 1377-Os dois batalhões do rei 1378-Vinham todos desarmados, 1379-Não lutaram meia hora – 1380-Foram aprisionados.	1381-Rufava o tambor de guerra, 1382-A corneta retinia, 1383-O eco dos bons canhões 1384-De muito longe se ouvia. 1385-O rei se viu apertado, 1386-Foi ver por onde fugia.
.....
1387-Foi correndo, porém Dimas 1388-Sem demora o abeceu – 1389-Dizendo: – Rei sem-vergonha! 1390-E pelo punhal puxou. 1391-E quando ia sangrando, 1392-Rei Simão se acovardou.	1393-Ofereceu paz a Dimas, 1394-Disse a filha aonde estava. 1395-Quando chegaram nas cruzes, 1396-A princesa desmaiava, 1397-Porque um leão faminto 1398-Dela já se aproximava.	1399-Dimas com os seus soldados, 1400-A grande fera matou, 1401-Foi à princesa ligeiro 1402-E sem demora a soltou, 1403-Ela, de tanta alegria, 1404-Pediu-lhe a face e beijou.
.....
1405-Aí Dimas disse: – Rei, 1406-Assine neste momento 1407-Como me dá a princesa 1408-Madalena em casamento! 1409-O rei disse: – Só é isto? 1410-Não precisa documento!	1411-Dimas foi para a cidade 1412-Da corte se apossou. 1413-Que era o rei da nação, 1414-Nesse dia anunciou. 1415-Na tarde do mesmo dia, 1416-Com Madalena casou.	1417-Promoveu todos os homens 1418-E deu uma moça a cada, 1419-Rica, risonha e formosa. 1420-E em cada cruz armada 1421-Implantou grande cruzeiro: 1422-Rei, só Jesus verdadeiro, 1423-A quem amo.O mais é nada!

TEXTO 04) Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás

João de Barros (Jotabarro)

1-Caro leitor, eu te peço	7-Já ouvi alguém dizer:	13-Pois eu já ouvi dizer,
2-Para ler com atenção	8- – Lampião está vivendo!	14-Por mais de um companheiro,
3-Este livro até o fim –	9-Eu assevero que sim,	15-Que Lampião já foi visto
4-É grande a satisfação,	10-O que o povo anda dizendo –	16-Lá no Rio de Janeiro –
5-Se queres saber um pouco	11-Se acreditas ou não,	17-Teve um até que disse
6-Da vida de Lampião.	12-Continua o livro lendo.	18-Que ele é bodegueiro.
.....		
19-Um diz e o outro diz,	25-Tanta gente, neste mundo,	31-Sucedeu que Lampião
20-Tudo pode acontecer!	26-Que foi desaparecida,	32-Tinha desaparecido;
21-Confesso que acredito	27-Quando menos se espera,	33-Todo o mundo tinha em mente
22-Naquele antigo dizer:	28-Esta é aparecida ³	34-Que ele tinha morrido.
23-Aquilo que o povo diz,	29-E fica aqui entre nós,	35-Pois um velho cangaceiro
24-Foi, ou é, ou está para ser!	30-Continuando com a vida.	36-Contou-me todo o ocorrido:
.....		
37-Todos sabem, Virgulino,	43-Pois o seu querido pai	49-Por perder seu pai querido,
38-Por obras do malfeitor,	44-Foi morto por um brutal	50-Ficou ele endiabrado.
39-Tornou-se um cangaceiro,	45-Sujeito que tinha o gênio	51-Para fazer a vingança,
40-Um infame matador,	46-Igual ao de um chacal.	52-Destinou-se encorajado
41-Mas tudo isso somente	47-Então, essa grande causa	53-Por este mundo a fora
42-Para vingar uma dor.	48-O encaminhou ao mal.	54-E foi mau o resultado.
.....		
55-Quando surgiu a notícia	61-Mas Lampião não temia	67-Daí, foi sendo odiado
56-Que ele era valentão,	62-A ninguém no mundo inteiro:	68-Por todo o mundo em geral:
57-Aí cada fazendeiro	63-Se caso ele precisava	69-Muitos diziam que ele
58-Preveni um batalhão,	64-De comida ou de dinheiro,	70-Era péssimo no mal,
59-Para esconder os seus bens	65-Mandava os cabras tomarem	71-Mas não – ele defendia
60-Do famoso Lampião.	66-De qualquer um fazendeiro.	72-A um certo pessoal.
.....		
73-Ele protegia ao pobre,	79-Assim viveu alguns anos,	85-Ele, sabendo a notícia
74-Com todo prazer que tinha;	80-Quando a infame notícia	86-Da grande perseguição,
75-Defendia uma criança,	81-Chegou às ouças das forças	87-Ficou mais endiabrado,
76-Uma velha, uma mocinha,	82-Que pertenciam à polícia;	88-Junto com seu batalhão –
77-Com respeito – e achava	83-Seguiram no seu encalço,	89-Só matava e dava surras,
78-Que fazer isto convinha.	84-Com dedicada perícia.	90-Sem ter dó nem compaixão.
.....		
91-Nesse ínterim, também,	97-O prefeito passou	103-Só porque o tal prefeito
92-Fez algumas palhaçadas:	98-Em um jumento cansado,	104-Tinha uma tatuagem
93-Em uma cidadezinha,	99-Com um sujeito puxando	105-Num lado de suas nádegas,
94-Agarrou um camarada	100-O animal enfadado,	106-O mofino sem coragem
95-Mais o ilustre perfeito,	101-Nuzinhos como nasceram –	107-Do capitão Virgulino
96-Pra curtirem uma maçada.	102-Foi um carnaval gozado!	108-Recebeu uma massagem.
.....		
109-Pois uma pisa cubada	115-Quem assistia ao presépio	121-Prefeito nunca pensou
110- Levaram em plena rua.	116-Gritavam horrorizados:	122-Sofrer tal decepção!
111-Gritava-lhe Virgulino:	117- – Que vergonha, meu senhor!	123-Rogava por todos santos:

- 112- – Não é safadeza sua,
113-Você carregar na bunda
114-Retrato de mulher nua?
- 118-Solte estes desgraçados!
119-O prefeito e seu colega
120-Iam em prantos banhados.
- 124- – Meu senhor!Meu capitão!
125-Quando surgiu uma tropa,
126-Para pegar Lampião.
-
- 127-Quando a polícia os cercou,
128-Ouviu-se a bala zoar.
129-Lampião, com sua tropa,
130-Não se temia de azar –
131-Venceram a tropa, e um cabo
132-Vivo puderam pegar.
- 133-O pobre pediu por tudo
134-Que não lhe fizesse nada,
135-E Lampião disse ao cabo:
136-És um nobre camarada,
137-Mas vou obrigá-lo hoje
138-A comer só uma buchada!
- 139)Deu-lhe logo umas pancadas,
140)Que o cabo ficou tonto;
141)Tirou-lhe a roupa e no reto
142)Fez um ligeiro pesponto.
143)E disse: – Pode comer –
144)O seu almoço está pronto!
-
- 145-Coitado do pobre cabo!
146-Com sua sorte mesquinha,
147-Foi obrigado a comer
148-Uma buchada todinha –
149-Além de ser exagero,
150-Um quilo de sal continha!
- 151-Como não havia meio
152-Daquele se defender,
153-Porque se viu oprimido,
154-Teve mesmo que comer –
155-Duma maneira ou de outra,
156-Só tinha que obedecer.
- 157)Deu-lhe sede. Bebeu água
158)E o bucho foi crescendo,
159)Pois defecar não podia.
160)Ficou o pobre sofrendo,
161)Com o reto costurado –
162)E assim acabou morrendo.
-
- 163-Virgulino, viajando,
164-Com seus capangas de lado,
165-Foi parar em uma festa
166-Dum povo muito animado –
167-Empiquetaram a casa
168-E foi triste o resultado.
- 169-Pararam o samba, com medo.
170-Disse Lampião: – Sem Lundu!
171-Botem o frevo pra frente,
172-Quero todo mundo nu –
173-Quem não despir-se hoje sobe
174-Num pé de mandacaru!
- 175)Todos se despindo, foi
176)O samba recuperado.
177)Os cabras de Lampião,
178)Com seu instinto malvado,
179)Faziam os homens dançarem
180)Um com o outro agarrado.
-
- 181-Velhos, moças e meninas
182-Foram todos separados –
183-Estes não sofreram nada,
184-Porém os homens, coitados,
185-Quando amanheceu o dia,
186-Estavam todos castrados.
- 187-Foi triste a situação
188-E ali ninguém reclamava –
189-Só capitão Virgulino
190-Naquela casa mandava.
191-Se alguém tentasse fugir l
192-Com certeza se acabava.
- 193)Depois do serviço pronto,
194)Virgulino despediu-se.
195)Quem na sala estava nu
196)Rapidamente vestiu-se.
197)Ninguém soube para onde
198)Virgulino dirigiu-se.
-
- 199-Quando ninguém esperava,
200-De repente ali correu
201-Aquela infeliz notícia
202-Que virgulino morreu –
203-Daí por diante, a paz
204-Pra muitos apareceu.
- 205-Não somente para alguns,
206-Como para ele também –
207-Ele, depois de morto,
208-Não tentou a mais ninguém;
209-Reconciliou-se e vive
210-Talvez até muito bem.
- 211)Depois de sofrer bastante,
212)Sem achar uma pousada,
213)Penou por um agasalho
214)Qual um pedinte em estrada –
215)Ou um jumento cansado,
216)Com uma carga pesada.
-
- 217-Dizem que foi ao Inferno,
218-Lá não encontrou lugar.
219-Satanás não aceitando,
220-Ficou a perambular,
221-Pedindo a Deus que o tirasse
222-Daquele horrendo penar.
- 223-Baixou a várias sessões,
224-Mas nunca foi apoiado –
225-No lugar a que chegava,
226-Sempre era recusado.
227-Sofreu até que ficou
228-Sem dever nenhum pecado.
- 229)Resolveu ir para o Céu,
230)A ver se achava lugar.
231)Tocou numa campainha,
232)São Pedro mandou entrar,
233)Mas disse: – O senhor aqui
234)No Céu não pode ficar!
-
- 235-Disse Lampião: – São Pedro,
236-Faz um jeito e me conduz
237-Até os pés do Senhor,
238-O nosso Cristo, Jesus,
239-Para ver se ele me guia
240-Pelo caminho da luz!
- 241-Me procura um meio para
242-Aliviar meu sofrer!
243-O Inferno não me quis,
244-O céu não quer me valer –
245-Desse jeito, meu senhor,
246-Como é que posso viver?
- 247)São Pedro lhe disse: – Espere,
248)Que neste momento eu vou
249)Falar com Cristo Jesus!
250)Ele contente ficou.
251)Sem ter demora, São Pedro
252)A Cristo se apresentou.
-
- 253-Falou São Pedro a Jesus:
254- – Aí está Lampião,
255-Pedindo para ficar
- 259-Disse Jesus a São Pedro:
260- – De Lampião eu preciso:
261-Precisamos restaurar
- 265)Diga também que ele tenha
266)Cuidado com o lado oposto –
267)Se der crença a Satanás,

256-Nesta Divina Mansão.	262-O antigo Paraíso.	268)Sofrerá grande desgosto!
257-O que é que digo a ele –	263-Diga a ele: se pecar,	269)Se não negligenciar,
258-Que pode ficar, ou não?	264-Não me responsabilizo!	270)Tem na vida grande gosto!
.....		
271-Satanás o tentará	277-E tem mais: no cajueiro	283)Será este o estatuto,
272-Mais do que tentou Adão –	278-Ele não pode tocar!	284)E se regerà por ele!
273-Virado em surucucu,	279-E se satanás puder	285)Diz São Pedro a Lampião
274-Para a condenação,	280-Lampião incentivar	286)Que cuide da vida dele –
275-Ele se apresentará	281-Para chupar um caju,	287)Recebendo ele a mensagem,
276-Ao famoso Lampião.	282-Pra Terra tem que voltar!	288)Entra vida nova nele.
.....		
289-Lampião ficou contente	295- – Oh, minha linda Maria,	301)Um dia, ele lembrou-se
290-E agradeceu ao santo.	296-Vem pra cá, minha morena!	302)Do Padre de Juazeiro.
291-Foi-se para o Paraíso,	297-Estás sofrendo na Terra,	303)Exclamou: – Oh, meu padrinho,
292-Ficou só em um recanto –	298-Eu aqui choro com pena –	304)Vós que sois tão justiceiro –
293-Lembrou Maria Bonita,	299-Não posso ter alegria,	305)Mandai Maria Bonita
294-Começou chorar seu pranto:	300-Longe de minha pequena!	306)Unir-se a seu companheiro!
.....		
307-Parece que foi ouvida	313-Falou para o Padre Cícero	319)O Padre, compadecido,
308-A prece de Lampião.	314-Que só desejava um passe;	320)Cedeu um passe a Maria.
309-De Nosso Padrinho Cícero	315-Pretendia ir ao Céu,	321)Ela seguiu para o Céu
310-Recebeu a proteção –	316-Custasse o que lhe custasse –	322)E disse o que pretendia,
311-De ir ao Céu, de Maria,	317-Já tinha sofrido muito	323)E São Pedro a recebeu
312-Palpitou o coração.	318-E queria um novo enlace.	324)Até com muita alegria.
.....		
325-São Pedro falou para Cristo:	331- – Receba sua mulher!	337) – Comerás todos os frutos,
326- – Agora mesmo chegou	332-Disse São Pedro, benquistou.	338)Mas isento é o caju!
327-A mulher de Lampião!	333-Lampião a recebeu	339)Cuidado em tua mulher!
328-Jesus então ordenou	334-E, num assunto previsto,	340)Porque um surucucu,
329-Que a levasse ao marido.	335-O santo fez os dois cientes	341)Mandado por Satanás,
330-São Pedro alegre a levou.	336-Do que lhe dissera Cristo.	342)Enganará ela e tu!
.....		
343-Lampião disse: – São Pedro,	349-O santo se despediu	355)Junto com sua Maria,
344-Garanto de minha parte:	350-E Virgulino ficou	356)Entoava uma canção:
345-Satanás me aparecendo,	351-Contemplando um novo dia	357)É lampe, é lampe, é lampe,
346-Farei um grande descarte!	352-Que Jesus Cristo mandou –	358)É lampe, é lampe, é Lampião –
347-O capitão Virgulino	353-Ao lado de sua Maria,	359)O meu nome é virgulino,
348-Jamais fará uma arte!	354-Tudo se tranqüilizou!	360)O apelido é Lampião!
.....		
361-E nas horas de alegria	367-Passados dias, depois,	373)Maria dizia: – Eu quero
362-Não paravam de cantar:	368-Tudo já correndo bem,	374)Ir naquele cajueiro
363-Olé, mulher rendeira!	369-O jardim bem conservado,	375)E tirar de lá um caju,
364-Olé, mulher render!	370-Acostumados também,	376)Para ver se é verdadeiro
365-Tu me ensina a fazer renda,	371-Lampião e sua esposa	377)O recado de São Pedro –
366-Que eu te ensino a namorar!	372-Começaram com rem-rem...	378)Eu descobrirei primeiro!
.....		
379-Lampião dizia: – Não!	385-Foi assim que a tentação	391) – Ó Maria, vês que és
380-Não tenhas tal ousadia	386-De repente, começou –	392)Uma santa – está previsto!
381-De ir tocar no caju –	387-Maria, um dia, sozinha,	393)Digo-te em viva voz,
382-Não faças a rebeldia	388-Ao cajueiro chegou;	394)Podes acreditar nisto:
383-Ao que nos disse São Pedro!	389-Avistou um surucucu,	395)Se provares deste fruto,
384-Toma juízo, Maria!	390-Que com ela assim falou:	396)Viverás junto de Cristo!
.....		
397-Participa deste fruto,	403-Maria tirou um fruto,	409)Partiu o caju e deu
398-Que ganharás a Mansão,	404-Saiu danada pra trás.	410)Um pedaço a Lampião,
399-Irás viver sem trabalho!	405-Foi encontrar Lampião,	411)O qual, mordendo, lembrou-se
400-Não proves sozinha, não –	406-Bem saltitante e sagaz –	412)De sua rebelião –
401-Um só fruto dá pra ti	407-Sem pensar que aquela cobra	413)Porém, não teve mais jeito,
402-E teu homem, Lampião!	408-era o puro Satanás.	414)Derramou prantos no chão

-
- | | | |
|----------------------------------|-------------------------------|----------------------------------|
| 415-Uma multidão de anjos, | 421-Lampião voltou pra Terra. | 427)Não teve a quem se queixar – |
| 416-Cada qual com uma espada, | 422-Por conselhos de Caim, | 428)Bem que ele estava avisado! |
| 417-Expulsaram Lampião, | 423-Desobedeceu às ordens | 429)Errou, desobedeceu, |
| 418-Junto com sua amada – | 424-Que lhe deu o Eloim – | 430)Veio ao mundo de pecado; |
| 419-Os quais perderam o éden, | 425-Quem é desobediente | 431)Agora o destino dele |
| 420-Sem ter direito a mais nada. | 426-É sempre mau o seu fim | !432)Ainda é ignorado. |
-
- | | | |
|--------------------------------|---------------------------|--------------------------------|
| 433--Não entrará mais no Céu – | 439-Satanás interessou-se | 445)Ninguém sabe o causador – |
| 434-Por ordem do Pai eterno, | 440-Ajudá-lo à rebeldia – | 446)Se foi ele, ou se foi ela. |
| 435-Jesus cristo já tirou | 441-Talvez tenha um lugar | 447)Quem não teve vida boa, |
| 436-O seu nome do caderno | 442-Para ele e pra Maria! | 448)Se tiver não cuida dela – |
| 437-Talvez agora ele arranje | 443-É como diz o rifão: | 449)Mesmo quem é da cangalha |
| 438-Um lugar lá pelo Inferno. | 444-Para tudo tem um dia! | 450)Não se acostuma com sela! |
-
- 451-Jesus Cristo avisou com atenção:
452-Organiza o novo Paraíso,
453-Tudo faça em seu lugar preciso,
454-A ninguém darás este galardão!
455-Bem te aviso:cuidado, Lampião!
456-Adão caiu em pecado, és sabedor!
457-Regala-te com fé e com pudor,
458-Recebeste um lugar de inocente –
459-O livre arbítrio está em tua mente,
460-Se errar, não serei teu protetor!

TEXTO 05: A moça que casou quatorzes vezes e continuou donzela.**(Apolônio Alves dos Santos)**

01-Foi no século passado	07-Salomé era uma virgem	13-Contava vinte e dois anos
02-Na fazenda Jequié	08-De estimada simpatia	14-Aquela jovem tão bela
03-Existia uma donzela	09-Filha de um bom fazendeiro	15-Sempre, sempre aparecia
04-Religiosa de fé	10-Criou-se muito sadia	16-Namorado para ela...
05-No seu batismo lhe deram	11-Era a moça mais formosa	17-Casou-se quatorze vezes
06-O nome de Salomé.	12-Do Estado da Bahia.	18-E continuou donzela
.....		
19-O leitor há de dizer:	25- – Um daqueles namorados	31-Foi porque em menos de um ano
20- – Não é papo para mim...	26-Que Salomé arranjou	32-Que ele tinha se casado
21-Porém existia um mistério	27-Era um rapaz forte e moço	33-Começou enfraquecendo
22-Que só se sabe no fim	28-Com poucos dias casou	34-Pálido e desfigurado
23-Do livro, mas a história	29-Mas a sua morte súbita	35-À noite deitou-se vivo
24-Aqui continua assim:	30-Todo mundo admirou.	36-E amanheceu já finado.
.....		
37-Salomé ficou viúva	43-Mas acontece que um dia	49-Pra segurança dos bens
38-A noite inteira chorou	44-Na festa de um batizado	50-Casou também no juiz
39-O seu primeiro marido	45-Logo a viúva arranjou	51-A sua lua de mel
40-A morte ingrata o levou	46-O segundo namorado	52-Foi ser passada em Paris
41-E que ainda estava virgem	47-Com quinze dias casou-se	53-Salomé voltou viúva
42-A ninguém nada contou.	48-O ato foi festejado.	54-Chorando a sorte infeliz.
.....		
55-Mas continuou a mesma	61-Porém Salomé por ser	67-Esse não durou um mês
56-Viúva virgem sem sorte	62-Viúva de polidez	68-Começou ficando fraco,
57-Porque seu segundo esposo	63-Não demorou muito tempo	69-Amarelo, cadavérico,
58-Embora sadio e forte	64-Casou-se a terceira vez	70-Da grossura de um cavaco
59-Logo também embarcou	65-Com outro rapagão forte	71-Em poucos dias também
60-No barco negro da morte.	66-E filho de um português.	72-Caiu dentro do buraco.
.....		
73-Todo o povo comentava:	79-Na quarta vez para ela	85-Esse também se findou
74- –Esse caso é muito sério,	80-Apareceu um baiano	86-Logo no ano vindouro
75-O que é que há com Salomé?	81-Um rapagão muito forte	87-Começou se definhando
76-Até parece um mistério	82-Descendente de cigano	88-E o povo fazendo agouro
77-Já são três maridos que ela	83-Noivaram no mês de outubro	99-Que no fim do mesmo ano
78-Manda para o cemitério!	84-Casaram no fim do ano.	90-Também esticou o couro.
.....		
91-Coitada de Salomé	97-Um dizia: – Aquela peste	103-Já outro dizia: –Aquela
92-Ficou viúva de novo	98-Tem um mistério escondido	104-Sabe bem o que ela é?
93-Vivia tão pensava	99-Ela é um vampiro que	105-Uma fogueira de sexo
94-Calada que só um ovo	100-Chupa o sangue do marido	106-Onde ninguém toma pé
95-Envergonhada de ouvir	101-Alimentando o instinto	107-Não há um homem que agüente
96-O comentário do povo.	102-Até vê-lo falecido.	108-O fogo de Salomé.
.....		
109-Sobre o caso da viúva	115-Depois passar muito tempo	121-Logo pareceu o sexto
110-Cada pessoa opinava	116-Lamentando a desventura	122-Era um rapaz arrasado
111-E da morte dos maridos	117-Apareceu outro jovem	123-E vendo que ela era filha
112-O povo todo falava	118-De forte musculatura –	124-De um fazendeiro abastado
113-Enquanto esse falatório	119-Foi o quinto esposo dela	125-Pensando enricar também
114-Salomé se lamentava.	120-A entrar na sepultura.	126-Acertou logo o noivado.

127-Embora contrariado	133-Depois casou pela sétima...	139-Certo dia ela contou
128-O velho o casório fez	134-Com um rapaz forasteiro	140-Aquele segredo dela
129-Esse também morreu logo	135-Tocador de violão,	141-A uma sua amiguinha
130-Vivo não passou um mês	136-Um boêmio aventureiro	142-Lhe dizendo: – Maristela,
131-Salomé ficou viúva	137-Esse casou-se em dezembro	143-Já me casei sete vezes
132-Triste pela sexta vez.	138-E faleceu em janeiro...	144-Mas ainda estou donzela.
145-Então logo lhe pediu	151-Pouco a pouco o mexerico	157-Alguns para criticá-la
146-Para guardar o segredo	152-Correu em toda cidade	158-A chamavam na surdina
147-Porém a amiga falsa	153-Assim quase o povo todo	159-De viúva “mata sete”
148-No outro dia bem cedo	154-Soube aquela novidade	160-Ou de viúva assassina
149-Saiu pela vizinhança	155-Uns achavam ser mentira	161-Assim a pobre vivia
150-Espalhando aquele enredo.	156-E outros que era uma verdade.	162-Lamentando a sua sina.
163-Os homens todos diziam:	169-Salomé assim vivia	175-Por isso a rapaziada
164- – O fato não é comum	170-Nesse dilema sofrido	176-Fugia de Salomé
165-Já se casou sete vezes	171-Por onde passava ouvia	177-Como o Satanás da cruz
166-E ainda está em “jejum”...	172-Do povo aquele alarido:	178-Tinha quem corresse até...
167-Por que é que esses seus maridos	173- –Lá vai a viúva virgem	179-De arranjar um novo esposo
168-Não fica vivo nenhum?	174-Matadora de marido.	180-Salomé perdeu a fé.
181-Ela vendo que nenhum	187-Salomé saiu dizendo:	193-Em poucos dias casou-se
182-Rapaz ali lhe queria	188- – Eu aqui não volto mais.	194-Com um rico seringueiro
183-Por estar muito “manjada”	189-Partindo se despediu	195-Com quarenta e nove anos
184-Decidiu um certo dia	190-De seus extremosos pais	196-Mas ainda era solteiro
185-Viajar para outro Estado	191-Foi parar no Amazonas	197-Com pouco tempo também
186-Que ninguém lhe conhecia.	192-A terra dos seringais.	198-Deu serviço pro coveiro.
199-Pra encurtar a história	205-Era que havia um mistério	211-Foi um bruxo que queria
200-Salomé foi se casando	206-Mas ninguém não conhecia...	212-Se casar com Salomé
201-Até completar quatorze...	207-Que Salomé se casava	213-Apaixonou-se por ela
202-E viúva ia ficando	208-E seu marido morria...	214-Um dia num candomblé
203-Por fim se desenganou	209-O porquê desse mistério	215-Mas ela lhe deu um fora
204-Sua sorte praguejando.	210-Nem ela mesma sabia.	216-Mandou-o chupar picolé.
217-Por isso bruxo maldito	223-Toda vez que ela casava	229-Porque na primeira noite
218-Fez pra ela um malefício	224-O feitiço acontecia	230-Na hora do “tereré”...
219-Que a pobre da Salomé	225-Porque na noite de núpcias	231-Quando o marido encostava
220-Vivia nesse suplício...	226-Seu marido adoecia	232-O seu corpo em Salomé
221-Encaminhando os maridos	227-Sem conhecer a doença	233-A sua “moral” caía
222-Ao fundo do precipício...	228-Pelo desgosto morria.	234-Nunca mais ficava em pé.
235-Chegando ao décimo quarto...	241-Porém logo apareceu	247-Já casei quatorze vezes
236-Salomé pôs-se a chorar	242-Um rapaz bonito e forte	248-Sem ter nenhum resultado
237-E disse: – Não teimo mais,	243-E lhe disse: – Meu amor,	249-Cada marido morreu
238-Não quero mais namorar	244-Você é a minha sorte.	250-Logo depois de casado
239-Ninguém enquanto viver	245-Salomé lhe respondeu:	251-Começou enfraquecendo
240-E muito menos casar.	246- – Eu sou a foice da morte.	252-Até se tornar finado.
253-No quarto, cada marido	259-Por isso eu não quero mais	265-Mas o rapaz respondeu:
254-Bastava que me abraçasse	260-Me casar, mude o assunto	266- – Eu não estou entendendo...
255-Pra que a “moral” caísse	261-A não ser que você queira	267-Sou igual a São Tomé
256-E nunca mais levantasse...	262-Se transformar em “presunto”	268-Que só acredito vendo...
257-Assim o pobre morria	263-Casar logo embarcar	269-Salomé disse: – Cuidado
258-Sem ter doutor que o curasse	264-Em um caixão de defunto.	270-Você vai findar morrendo.
271-Ezequiel disse: – Bem,	277-Sem se fazer de rogada	283-A festa foi animada

- 272-Eu vou pagar para ver
273-Se quiser casar comigo
274-Já pode me responder...
275-E quanto a mim, não se importe,
276-Não ligue, deixe eu morrer.
- 278-Salomé disse: –Eu aceito.
279-Ezequiel deu-lhe um beijo,
280-Demorado do seu jeito,
281-E dentro de quinze dias
282-O casamento foi feito.
- 284-Com muita gente de fora
285-Dançaram até meia-noite
286-Quando o noivo disse: – Agora
287-Eu vou entrar para o quarto
288-Junto com minha senhora.
-
- 289-Ali houve as despedidas
290-Em uma fila normal
291-Com todos os convidados
292-Desejando – é natural –
293-Todas as felicidades
294-Do mundo para o casal.
- 295-Depois entraram no quarto
296-Ezequiel faiscando...
297-Salomé, uma fogueira
298-Como o amor se queimando.
299-Vamos saber entre os dois
300-O que é que está se passando.
- 301-Logo assim que se abraçaram
302-O mistério aconteceu...
303-A moral de Ezequiel
304-No mesmo instante encolheu
305-Como manteiga no fogo
306-Ali desapareceu.
-
- 307-Ezequiel se espantou
308-E disse logo: – O que é isso?
309-Meu “carro” nunca apagou
310-Só pode ser um feitiço...
311-Porém eu vou sabe já
312-Quem foi que fez o enguiço.
- 313-Ora, eu desde que sou homem
314-Que nunca perdi um “jogo”
315-Começo bem a “partida”
316-Não preciso fazer rogo...
317-Com a “moral” levantada
318-Que nunca me negou fogo.
- 319-Salomé disse: – Eu me lembro
320-Certa vez um feiteiro
321-Para se casar comigo
322-Abordou-me em um terreiro
323-Porém eu não aceitei
324-Esposar o macumbeiro.
-
- 325-Se o nosso caso é feitiço
326-Só pode ter sido ele...
327-Eu soube que ele jurou-me
328-Quando dei o fora nele
329-Eliseu da Pororoca
330-Era esse o nome dele.
- 331-Ezequiel na cidade
332-Tinha um amigo a serviço
333-De quem fosse enfeitado
334-Chamado de “Quebra-Enguiço”
335-E capaz de desmanchar
336-Todo tipo de feitiço.
- 337-Antes que nascesse o dia
338-Logo Ezequiel correu
339-Acordou o seu amigo
340-Disse o que lhe aconteceu...
341-Ouvindo a história toda
342-O médium lhe respondeu.
-
- 343- –Eu conheço Pororoca
344-E vou lhe fazer um bem
345-Para que pague o que fez
346-Enfeitado também...
347-De um jeito que nunca mais
348-Baixa a “moral” de ninguém.
- 349-Então preparou a mesa
350-Com velas de sete cores,
351-Uma bola de cristal
352-E sete vasos de flores...
353-Convocou para o trabalho
354-Os seus guias protetores.
- 355-Nesse momento baixou
356-O guia de “Quebra-Enguiço”
357-O caboclo Sete Flechas
358-Que não brincava em serviço
359-E com uma só flechada
360-Cortava qualquer feitiço.
-
- 361-Disse para Ezequiel:
362- –Trabalho com a magia
363-Escreva o nome de quem
364-Lhe fez essa bruxaria
365-Para que eu possa acertá-lo
366-Com a minha pontaria.
- 367-Havia em cima da mesa
368-Sob a bola de cristal
369-Um papel branco estendido
370-Com um traço horizontal
371-Cortado por sete linhas
372-Que vinham na vertical.
- 373-Em cada linha cruzada
374-Ezequiel escreveu...
375-Com lápis de sete cores
376-Pôs o nome de Eliseu
377-Pororoca, sete vezes
378-A escrita aconteceu.
-
- 379-Quando os nomes se cruzaram
380-Ezequiel sem temer
381-Viu na bola de cristal
382-Pororoca aparecer
383-Implorando piedade
384-Pedindo pra não morrer.
- 385-Sete Flechas respondeu:
386- –Vou cortar o seu enguiço
387-Sem necessitar matá-lo
388-vou quebrar o seu serviço
389-Sepultar no cemitério
390-As forças do seu feitiço.
- 391-Pagando tudo que fez
392-Você vivo continua
393-Não pode mais fazer mal
394-Nem na terra nem na lua
395-Não baixa a “moral” dos outros
396-Nem também levanta a sua.
-
- 397-Você vai ficar vivendo
398-Porque eu nunca mato ninguém
399-Só desmancho os malefícios
400-Que são feitos contra alguém
401-Uso as minhas sete flechas
402-Somente fazendo o bem.
- 403-Desta bola de cristal
404-Pode desaparecer...
405-Cumprirá o seu castigo
406-Durante enquanto viver
407-Sem fazer nenhum feitiço
408-Porque não tem mais poder.
- 409-Nisso Eliseu Pororoca,
410-Como uma luz que se apaga,
411-Desapareceu da bola
412-Deixando uma sombra vaga.
413-Sete Flechas disse: –Agora,
414-Você tudo que fez paga.
-
- 415-Matar a pessoa que
416-Quer continuar vivendo,
417-Ninguém tem esse direito
418-Nem mesmo se defendendo,
- 421-Cumpri a minha missão
422-Já desmanchei o feitiço
423-O médium Pedro Tomé
424-Que chamam de “Quebra-Enguiço”
- 427-Sete Flechas retirou-se
428-Sem que Ezequiel o visse
429-O médium lhe perguntou:
430- –O que foi que o guia disse?

- 419-Só Deus que criou a VIDA
420-Pode extingui-la, querendo.
- 425-Para o bem de Ezequiel
426-Terminará o serviço.
- 431-Ezequiel contou tudo
432-Para que Pedro cumprisse...
-
- 433-Pedro Tomé disse: –Amigo,
434-Pegue este papel riscado
435-Aí em cima da mesa
436-Com cada nome cruzado
437-Ponha naquele caixão
438-Para ser já sepultado.
- 439-Era um pequeno caixão
440-Com o nome NECROTÉRIO
441-Que foi pelos dois amigos
442-Conduzido ao cemitério
443-E depois de sepultado
444-Findou-se todo o mistério.
- 445-Ezequiel perguntou:
446- – Quanto lhe devo Tomé
447-Por tudo que você fez
448-Por mim e por Salomé?
449-Porém Pedro respondeu:
450- –Meu amigo tenha fé.
-
- 451-Veja bem o que acontece,
452-Meu guia é uma entidade
453-Não recebe pagamento
454-Nem eu, a bem da verdade
455-Iso porque trabalhamos
456-Só fazendo caridade.
- 457-Ezequiel abraçou
458-O médium por despedida
459-Agradeceu e saiu
460-Em casa disse: – Querida
461-Hoje à noite nós dois vamos
462-Resolver a nossa vida.
- 463-Houve uma segunda festa
464-Que o casal se divertiu
465-“Brincou” até meia-noite
466-Quando cansou e dormiu
467-Não faltou o amor nela
468-Nem nele a “moral” caiu.
-
- 469-Onze horas da manhã
470-Vendo o sol pela janela
471-Salomé abriu os olhos
472-Viu bem pelo espelho nela
473-Completa felicidade...
474-Só não era mais donzela.
- 475-Ainda teve dois filhos
476-A moça de Jequié,
477-Livrou-se da bruxaria
478-Vivendo cheia de fé;
479-Ezequiel adorava
480-Sua esposa Salomé

TEXTO 06: História da Princesa da Pedra Fina**(João Martins de Athayde)**

01-No reino da Pedra Fina	07-Naquela linda princesa	13-Chamavam-se os três menino
02-havia uma princesa	08-só era em que se falava	14-João, Antônio e José
03-misteriosa, encantada	09-nesse lugar também tinha	15-José que era o caçula
04-uma obra da natureza	10-um pobre que trabalhava	16-do tamanho dum bebê
05-com ela duas irmãs	11-com três filhos no roçado	17-a sua mãe lhe estimava
06-que eram a flor da beleza	12-com isso se sustentava.	18-nunca deu-lhe um cafuné
.....		
19-Disse o marido à mulher:	25-Estando o velho cansado	31-Pegou Antônio a brincar
20- – Vou trabalhar no roçado	26-com os filhos a trabalhar	32-fazendo riscos no chão
21-os meninos também vão	27-às duas horas da tarde	33-dizendo: – Estou com vontade
22-para ajudar-me doutro lado	28-diz ele: – Vou descansar	34-de comer muito feijão
23-você cá mate um franguinho	29-meus filhos tenham paciência	35-misturadinho com bredo
24-apronte-o, leve-o guisado.	30-não tarda mamãe chegar.	36-acho melhor do que pão.
.....		
37-Aí respondeu João:	43-De modo misterioso	49-Disse José: – Eu descobro
38-Eu desejava comer	44-respondeu o Cazuzinha:	50-creio que não me crimina
39-muita banana com casca	45- – O que tenho no pensamento	51-não é pra mim nem de vocês
40-até a barriga encher	46-nenhum dos dois adivinha	52-é pra quem Deus determina
41-ambos mandaram José	47-então será um segredo	53-eu queria ver as pernas
42-dar também seu parecer.	48-ou do rei ou da rainha.	54-das moças da Pedra Fina.
.....		
55- – Oh! Atrevido menino!	61-Levantou-se o velho irado	67-Aí deu umas lapadas
56-(respondeu o pai deitado)	62-dizendo por este jeito:	68-no seu caçula Zezinho
57-e levantou-se dizendo:	63- – Você ainda acha pouco	69-nisto foi chegando a velha
58- – Cachorro, bruto, safado	64-os males que me tem feito?	70-que já vinha no caminho
59-não respeitas as princesas	65-assim nós todos iremos	71- – Meu velho, pra que fez isso?
60-queres morrer enforcado?	66-sofrer pelo seu respeito!	72-pra que deu no bichinho?
.....		
73- – Porque foi muito atrevido	79- – Se elas souberem disso	85-Aí a velha zangou-se
74-minha velha Umbelina	80-nos mandariam chamar	86-começou logo a chorar:
75-ele buliu com pessoas	81-nos metiam na prisão	87- – Vamos pra casa meu filho
76-tão altas que nos domina	82-mandavam a ele matar	88-para seu pai não lhe dar
77-desejando ver as pernas	83-eu só dei essas lapadas	89-inda a princesa sabendo
78-das moças da Pedra Fina.	84-para o exemplo ficar.	90-não lhe manda degolar.
.....		
91-José sempre se lembrava	97-Esse inocente menino	103-A mãe partida de pena
92-do pai o que tinha feito	98-saiu, só levou um pão	104-abençoou o menino
93-dizendo que a família	99-não tinha um vintém no bolso	105-vendo o filho tão pequeno
94-sofria por seu respeito	100-só quis do pai o perdão	106-sair como um peregrino;
95-saiu vagando no mundo	101-da sua cara mãezinha	107- – Rogo a Deus como bom pai
96-o qual por Deus foi aceito.	102-a sua santa benção.	108-que zele por teu destino.
.....		
109-O Cazuzinha era novo	115-Ficou com bastante medo	121-Ele atravessou o rio
110-porém era destemido	116-no atravessar do rio	122-quando em terra pisou
111-já fazia mais de um mês	117-só ouvia urros de fera	123-sentiu que estava com sede
112-que ele tinha saído	118-no pé dum monte sombrio	124-água no chapéu tirou
113-chegou na beira de um rio	119-porém tinha pouca água	125-no chapéu veio uma pedra
114-medonho e desconhecido.	120-por ser tempo de estio.	126-que muito lhe admirou.
.....		
127-Era um brilhante encantado	133-Saiu por ali afora	139-O rapaz aperreado
128-mas ele não conhecia	134-quando foi no outro dia	140-já vendo a hora sofrer
129-julgando não ter valor	135-entrou num grande reinado	141-tirou a pedra do bolso

130-pouca importância fazia	136-que ele não conhecia	142-começou a oferecer
131-depois guardou-o no bolso	137-sem ter um vintém no bolso	143-dizendo: – Quem quer comprar?
132-e pensou no que fazia.	138-tomou uma hospedaria.	144-eu tenho é pra vender.
.....		
145-José muito aperreado	151- – Em todo este reinado	157-Disse também o logista:
146-sem jeito com que passar	152-(lhe respondeu o caixeiro)	158- – Esta jóia é um primor
147-deu a pedra a um lojista	153-o senhor vá procurando	159-só quem a pode comprar
148-perguntando: – Quanto dá?	154-até pelo estrangeiro	160-é o nosso imperador
149-respondeu: – É um brilhante	155-para comprar esta pedra	161-só ele terá dinheiro
150-eu não a posso comprar.	156-bem poucos terão dinheiro.	162-com que pague o seu valor.
.....		
163-O rapaz saiu pra rua	169-Deu-lhe mais um palácio	175-Na corte tinha um barbeiro
164-com a tal pedra na mão	170-e um posto de capitão	176-que no reinado vivia
165-assim que o rei a viu	171-pelo seu merecimento	177-também era conselheiro
166-ficou com tanta ambição	172-todos lhe davam atenção	178-em tudo se intrometia
167-mandou chamar o rapaz	173-era um estrangeiro nobre	179-disse logo a todo mundo
168-comprou-a por um milhão.	174-filho de outra nação.	180-que a pedra o rei a possuía.
.....		
181-O rei mandou colocar	187-O barbeiro quando viu	193-Lhe disse o imperador:
182-a pedra em sua coroa	188-disse muito admirado	194- – Aonde vou encontrar
183-como era um brilhante	189- – Isso só ficava bem	195-outra pedra como esta?
184-de uma espécie muito boa	190-tendo outra em cada lado	196-é asneira procurar...
185-servia de ornamento	191-tendo mais uma na frente	197- – O moço que lhe vendeu
186-pra sua nobre pessoa.	192-fica um rei mais respeitado	198-é quem pode lhe arranjar.
.....		
199- – Rei senhor, mande chamar	205- – Sim senhor, está muito bem!	211-Veio o moço e o barbeiro
200-ele não dirá que tem	206-Mandou logo procurar	212-para a presença do rei
201-lhe mostre pena de morte	207-dali saiu o barbeiro	213-lhe disse o imperador:
202-veja se a pedra não vem	208-ver se podia encontrar	214- – Sabes pra que te chamei?
203-pois ela não há de tê-la	209-quando encontrou foi dizendo:	215-porque preciso outra pedra
204-só rei senhor, mais ninguém.	210- – Rei senhor manda chamar.	216-igual a que te comprei.
.....		
217-Disse o rapaz ao rei:	223- – O senhor vai ver a pedra	229-Saiu José muito triste
218- – Outra eu não posso arranjar	224-me chegue aqui qualquer dia	230-pensando de qual maneira
219-ainda eu tenho dinheiro	225-peça por ela o que quiser	231-poderia se livrar
220-não tenho aonde comprar	226-não resgatei a quantia	232-dessa cena traiçoeira
221-eu achei esta no rio	227-porém chegando sem ela	233-foi sair no mesmo rio
222-porém sem nunca esperar	228-morrerá no mesmo dia.	234-aonde achou a primeira.
.....		
235-Foi pelo mesmo lugar	241-Ele já estava cansado	247-Dizia ele consigo:
236-aonde tinha passado	242-de por ali procurar	248- – Eu sei que vou morrer
237-seguiu pelo rio adentro	243-bebeu água sem ter sede	249-essa pedra que procuro
238-procurando com cuidado	244-nada de poder encontrar	250-é impossível obter
239-uma pedra que igualasse	245-desenganado da vida	251-me acabo aqui afogado
240-a que ficou no reinado.	246-pegou sozinho a falar.	252-não dou gosto ao rei me ver.
.....		
253-José pegou a ouvir	259-De repente aquele fogo	265-José nem pôde falar
254-uma coisa que estrondava	260-transformou-se num leão	266-vendo aquela tempestade
255-chegando ao pé da serra	261-brigando com uma serpente	267-o leão falou com ele
256-ainda mais intimidava	262-troando que só trovão	268-pedindo por caridade:
257-de repente viu um fogo	263-safa fogo dos dentes	269- – Mata- me esta serpente
258-que perto dele brilhava	264-de faiscar pelo chão.	270-que dou-te a felicidade.
.....		
271-Respondeu sem ter maldade	277-Ele atirou no leão	283-Era uma moça encantada
272-a serpente: – Criatura	278-aquela fera valente	284-uma excelente menina
273-mata o leão que dou-te	279-com um tiro muito certo	285-a origem do encanto
274-o que tu andas à procura	280-morreu instantaneamente	286-foi para cumprir a sina
275-depois te farei feliz	281-morto que fosse o leão	287-era essa a tal princesa
276-que sou uma virgem pura!	282-desencantava a serpente.	288-do reino da Pedra Fina.

289-Ele com ela abismou-se	295-Dali saiu a princesa	301- – Se teu ferro está cortando
290-somente pela beleza	296-com José acompanhado	302-anda cá, vem me ferir
291-perguntou-lhe: – Quem sois vós?	297-desceram de rio abaixo	303-corta este dedo ao meio;
292-disse ela: – A princesa do	298-ambos juntos conversando	304-mas ele não quis ouvir
293-Reino da Pedra Fina	299-no lugar que procurava	05-disse ela: – Corta logo
294-que venho em tua defesa.	300-ela parou lhe falando:	306-que o sangue vem te servir.
307-José sem querer cortar	313-Disse ela: – Está aí	319-Daí foram para casa
308-julgando ser uma asneira	314-o que você procurava	320-que o rei tinha lhe dado
309-mas quando cortou-lhe o dedo	315-esteve aqui há pouco	321-ia em companhia dela
310-corria sangue em biqueira	316-procurando e não achava	322-porém muito embelezado
311-do sangue saíram duas pedras	317-porque estava brigando	323-pela sua formosura
312-do formato da primeira.	318-e o leão me arranhava.	324-esqueceu-se do mandado.
325-Passando mais alguns dias	331-Ele aí pegou a pedra	337-O rei disse ainda a ele
326-a princesa lhe falava:	332-foi levar ao rei senhor	338-(quando entregou-lhe o dinheiro):
327- – José, vai levar a pedra;	333-que gratificou a ele	339- – Como eu te considero
328-o rei a tempo esperava	334-com dois tantos do valor	340-inda mais que um conselheiro
329-José respondeu a ela:	335-e lhe fez mais um presente	341-vou mandar-te fazer a barba
330- – Eu disso nem me lembrava.	336-de um título superior.	342-pelo meu próprio barbeiro.
343-No palácio de José	349-Estava fazendo a barba	355-Quando chegou no palácio
344-quando o barbeiro chegou	350-quando a princesa sorriu	356-foi dizendo: – Rei senhor
345-entrou respeitosamente	351-o barbeiro admirou-se	357-agora vi uma moça
346-dizendo o cumprimentou:	352-da formosura que viu	358-mais linda que uma flor
347- – Vim fazer a vossa barba	353-assim que findou a barba	359-na casa do coronel:
348-que o monarca mandou.	354-no mesmo instante saiu.	360-pra mim tem todo valor!
361- – Rei meu senhor, se apronte	367-O rei mandou vir um carro	373-Passando o carro por baixo
362-não perca esta ocasião	368-e perguntou: – Como é?	374-avistou logo a princesa
363-vá lá no palácio dele	369-você me diz essas coisas	375-debruçada na janela
364-e preste bem atenção	370-porém eu não tenho fé;	376-em traje de camponesa
365-pois a moça que vi lá	371-à tarde foi passear	377-deu um ataque e caiu
366-Faz render um coração.	372-onde morava José.	378-quando viu a boniteza
379-Aí pegaram o rei	385-No outro dia o barbeiro	391-Disse o barbeiro ao rei:
380-pensando que ele morria	386-foi ao rei aconselhar	392-o moço, seu coronel
381-deram-lhe medicamento	387-dizendo: – Não desanime	393-talvez com essa invenção
382-porém ele nem bebia	388-eu tenho jeito pra dar	394-nos caia a sopa no mel
383-levaram ele pra corte	389-tenha mais perseverança	395-mande ele no reinado
384-foi tornar no outro dia.	390-que sempre vem a gozar.	396-das laranjas de Babel.
397- – Diga que a sua esposa	403-O rei tomou o conselho	409- – Uma laranja mimosa
398-desejou muito comer	404-mandou logo chamar	410-quero que vá me buscar
399-uma laranja de lá	405-por esse mesmo barbeiro	411-no Reino das Laranjeiras
400-para o filho não perder	406-que o recado foi dar	412-pra em dez dias chegar
401-está grávida há seis meses	407-disse a José: – Apareça	413-se não fizer o que digo
402-vive em tempo de morrer.	408-que o rei quer lhe falar.	414-eu lhe mando degolar.
415-O pobre banhado em pranto	421- – O rei me disse que fosse	427- – Não tenhas medo José
416-chorando em casa chegou	422-uma laranja buscar	428-descansa para jantar
417-a princesa comovida	423-No Reino das Laranjeiras	429-enquanto eu existir
418-depressa lhe perguntou	424-como é que posso acertar?	430-algum remédio hei de dar
419- – O que foi, José?	425-se não chegar com dez dias	431-vou te arranjar um cavalo
420- – Foi o rei que me mandou...	426-ele manda me matar.	432-que tu possas viajar.
433-Pegou ela a ensinar	439-Ele compreendeu tudo	445-Dizendo: – Quem quer comprar

434-como devia fazer	440-foi para o ponto esperar	446-por cinco contos de réis
435-dizendo: – Pelas três horas	441-com pouco viu um moleque	447-um cavalo muito gordo
436-você irá receber	442-em um cavalo a saltar	448-calçado de mãos e pés?
437-de um moleque um cavalo	443-muito gordo e bem selado	449-disse José: – Compro eu
438-que vem lhe oferecer.	444-capaz dum homem montar.	450-tu pedes cinco eu dou dez.
.....		
451-Ele pagou ao moleque	457-A princesa chamou ele	463- – Basta que de hora em hora
452-aquela grande quantia	458-tornou a recomendar:	464-você dê-lhe uma lapada
453-porém todo privilégio	459- – Daqui lá só são mil léguas	465-corra, siga à toda pressa
454-o cavalo possuía	460-numa hora hás de chegar	466-não te importes com nada
455-o mesmo estava arreado	461-porém este teu cavalo	467-porém quando chegar lá
456-da forma que ele queria.	462-não é preciso açoitar.	468-encontra a porta fechada.
.....		
469- – Fique ali bem escondido	475- – Dentro tem leões e lobos	481- – Não te importes com nada
470-para ninguém o perseguir	476-ursos, camelos urrando	482-porque assim determina
471-quando bater meia-noite	477-cobras, serpentes assanhadas	483-quando entrar vá chamando:
472-o portão há de se abrir	478-leão, leoa rosnando	484-Oh! laranja tagerina
473-entre sem fazer zuada	479-pantera, porco do mato	485-me acompanha a um chamado
474-para ninguém não o vir.	480-sobre as laranjas avançando.	486-do Reino da Pedra Fina.
.....		
487-José chamou a laranja	493-José dizendo as palavras	499-Correu com essa laranja
488-ela veio, ele levou-a	494-todo bicho se mordida	500-os bichos atrás pra tomar
489-fez como a princesa disse	95-para tomar a laranja	501-numa grande violência
490-e não deu passada à-toa	496-um puxava outro queria	502-viu-se o portão se fechar
491-montando no seu cavalo	97-José arribou com ela	503-nem a cauda do cavalo
492-corria como quem voa.	498-Já acabou-se a porfia	504-eles puderam pegar.
.....		
505-Não é preciso saber	511-José que vinha contente	517-Disse ela: – Vou te mostrar
506-quanto o cavalo corria	512-com a laranja na mão	518-o poder da natureza
507-nem mesmo uma ave rapina	513-entregou ela à princesa	519-pegou, partiu a laranja
508-a favor da ventania	514-ela prestou atenção	520-em cima de uma mesa
509-basta dizer que tirava	515-disse José: – Veja bem	521-saiu de dentro uma moça
510-umas mil léguas por dia.	516-a laranja é esta ou não?	522-mais linda que a princesa
.....		
523-Disse a princesa a José:	529-Chamava-se Romana	535-Elas ficaram falando
524- – Esta é a minha irmã	530-o corpo um tanto delgado	536-em tudo que se passou
525-que o leão carregou	531-olhos pretos muito vivos	537-que o rei queria a laranja
526-um dia pela manhã	532-nariz bastante afilado	538-come de fato chegou
527-depois juntou as bandas	533-dentes alvos, boca linda	539-José foi levar no dia
528-e a laranja ficou sã.	534-rosto bem feito e corado.	540-que o tempo completou.
.....		
541-O rei ficou satisfeito	547-José foi com o barbeiro	553-Disse o barbeiro ao rei:
542-e lhe deu muito dinheiro	548-este voltou na carreira	554- – Todas elas são donzelas
543-deu-lhe mais uma medalha	549-dizendo ao rei: – Vi agora	555-eu nunca vi neste mundo
544-com honra de brigadeiro	550-outra moça verdadeira	556-duas figuras tão belas
545-depois tirou-lhe também	551-lá na casa de José	557-rei meu senhor faça tudo
546-para ser seu conselheiro	552-mais linda que a primeira!	558-para gozar todas elas.
.....		
559- – Ainda temos outro jeito	565-José seguiu para a corte	571-Disse o monarca: – José
560-rei senhor mande chamar	566-fingindo ter paciência	572-esta vez é a terceira
561-José pra ir ao reinado	567-para acudir o chamado	573-para buscar-me uma lima
562-das limeiras de Tupar	568-que vinha com muita urgência	574-no Reinado das Limeiras
563-ele indo essa viagem	569-cumprimentou os vassalos	575-já que tiveste coragem
564-nunca mais há de voltar.	570-cheio de benevolência	576-de voltar das Laranjeiras.
.....		
577-Disse a princesa: – José	583-Saiu ele à toda pressa	589-Chegou, ouviu o sussurro
578-eu lhe hei de proteger	584-correndo por uma estrada	590-de muitos bichos que havia
579-preste-me bem atenção	585-saiu de casa ao meio-dia	591-ele morrendo de medo
580-repare o que vou dizer	586-foi chegar de madrugada	592-porém não se mexia

581-ensinou tudo a José	587-achou o portão fechado	593-até o próprio cavalo
582-como devia fazer.	588-esperou pela entrada.	594-de medo também tremia.
.....		
595-Quando batiam seis horas	601-Ele entrou e foi chamando	607-José agarrou a lima
596-ia o portão se abrindo	602-pela linda camponesa	608-com uma mão segurou
597-ele entrou e foi vendo	603- – Eu venho aqui te buscar	609-as feras partiram em cima
598-feras de dentes rangendo	604-obrigando a natureza	610-porém José se livrou
599-debaixo da tal limeira	605-preciso que não me faltes	611--quando ia chegando perto
600-tinha um leão dormindo.	606-ao chamado da princesa.	612-aí o portão se fechou.
.....		
613-Como ele correu com medo	619-No reinado tinha uma	625-A lima ficou partida
614-não podia ter demora	620-do Reino das Laranjeiras	626-ela com jeito fechou
615-chegando, entregou a lima	621-depois chegou a caçula	627-não tinha nenhum defeito
616-na mão de sua senhora	622-do Reino das Limeiras	628-a José ela entregou
617-disse ela: – Quero ver	623-era a caçula mais bela	629-depois que findou o prazo
618-o que vão inventar agora	624-do que as duas primeiras.	630-foi quando José voltou.
.....		
631-O rei recebeu a lima	637-Chegou junto com José	643-Disse ele: – Rei senhor
632-foi tratando de pagar	638-o barbeiro conhecido	644-eu lhe digo com franqueza
633-deu tanto dinheiro a ele	639-quando viu as três princesas	645-fui à casa de José
634-que não tinha onde botar	640-foi correndo espavorido	646-e lá vi outra princesa
635-o barbeiro foi com ele	641-e sem poder dizer nada	647-que aquela só sendo feita
636-pra seu cabelo cortar.	642-do que tinha acontecido.	648-pela mão da natureza.
.....		
649- – Pra rei senhor gozar elas	655- – Rei senhor mande logo	661-Mandaram chamar José
650-outro conselho vos dou	656-fazer um grande alçapão	662-ele depressa chegou:
651-mande José ao inferno	657-dizendo: – É este o caminho	663- –Quero que vá no inferno
652-dizendo que precisou	658-vai por debaixo do chão	664-o monarca assim falou:
653-de saber notícia certa	659-quando entrar, feche a porta	665- – Para levar um ofício
654-do finado seu avô.	660-morrerá sem remissão.	666-ao finado meu avô.
.....		
667- – Traga notícia de lá	673-A princesa disse a ele:	679- – Pega estas duas pedras
668-e volte pra me dizer	674- – O rei faça o que quiser	680-leva elas duas na mão
669-isto que estou lhe dizendo	675-eles agora vão ver	681-elas num lugar escuro
670-o senhor tem que fazer;	676-a força duma mulher,	682-te servem de lampião
671-volta José soluçando	677-ninguém judia contigo	683-lá tu fazes um discurso
672-na certeza de morrer.	678-enquanto eu vida tiver.	684-na porta do alçapão
.....		
685- – Nesta hora por ali	691-José compreendeu tudo	697-Todos disseram: – Aquele
686-fica tudo admirado	692-aprontou-se pra sair	698-nunca mais há de voltar
687-afrouxas as pedras da mão	693-quando o rei deu o ofício	699-que só do pulo que deu
688-e dá um pulo de lado	694-pegou ele a discutir	700-viu-se o fogo brilhar
689-o fogo que sai das pedras	695-pulou dentro, saiu fora	701-labaredas do inferno
690-deixa tudo encandeado.	696-sem ninguém o pressentir.	702-na porta veio encontrar.
.....		
703-José no mesmo momento	709-Todo dia ela queimava	715-José como quem está preso
704-pra sua casa voltou	710-muito enxofre no fumeiro	716-seu cabelo não cortava
705-chegando mais que depressa	711-porém sempre às escondidas	717-não lavava pés nem mãos
706-em um quarto se trancou	712-fazia muito ligeiro	718-as unhas nunca aparava
707-a mulher pegou a roupa	713-assim foi continuando	719-um banho nunca tomou
708-no fumeiro desprezou.	714-completou um ano inteiro.	720-nem nunca se barbeava
.....		
721-Vou dizer o que fazia	727-No palácio de José	733-O rei andava de novo
722-o rei com o seu barbeiro	728-quando o rei ali saltava	734-começava a rodear
723-que montava no seu carro	729-a princesa na janela	735-ela deixava a janela
724-na roupa só tinha cheiro	730-mas nem o cumprimentava	736-procurava outro lugar
725-iam visitar as moças	731-se o rei subia a calçada	737-depois se desenganou
726-só chegavam no terreiro.	732-o palácio se fechava.	738-e não quis mais passear.
.....		

739-Vamos tratar de José	745-Quis a princesa vingar-se	751-Dizendo:”Meu caro neto
740-de qual forma se arranjou	746-do que o barbeiro fazia	752-eu aqui estou sossegado
741-lhe disse a princesa um dia:	747-escreveu uma resposta	753-fiquei ciente de tudo
742- – Eu vou ver que jeito dou	748-com grande aristocracia	754-que me foi participado
743-para o barbeiro passa	749-com letras feias e gregas	755-pelo mesmo portador
744-pelo que você passou.	750-que só o diabo sabia	756-lhe comunico o passado.
.....		
757-Eu aqui sou um guerreiro	763-Vinha na carta dizendo	769-Aí José se vestiu
758-não me sujeito a ninguém	764-“as suas ordens estou	770-com a roupa esfarrapada
759-mande sem falta o barbeiro	765-mande cá o seu barbeiro	771-fedendo muito a enxofre
760-que por hora aqui não tem	766-bem sabe que lá não vou	772-a espada enferrujada
761-para cortar meu cabelo	767-aceite mil saudações	773-com os cabelos de monge
762-e minha barba também.”	768-do finado seu avô.”	774-a barba toda assanhada.
.....		
775-Botou a carta no bolso	781-Ele repeliu o praça	787-José entrou no palácio
776-no mesmo instante levou	782-com muita benevolência	788-foi logo avisando o rei
777-antes de chegar na corte	783-dizendo: – Sou general	789-que de longe perguntou-lhe:
778-ele com um praça encontrou	784-conheço a jurisprudência	790- – Quem és que até me espantei?
779-ele era um general	785-vá mudar de roupa nova	791- – Sou o general da carta
780-e o praça não se importou.	786-pra me fazer continência.	792-que do inferno cheguei.
.....		
793- – Ontem cheguei da viagem	799-Quando ele leu o ofício	805- – É pra seguir amanhã
794-ele mandou um ofício	800-pelo assunto primeiro-	806-não deixe mais demorar
795-receba ele está aqui	801-viu logo que seu avô	807-meu avô manda chamá-lo
796-pra trazer fiz sacrifício	802-mandou chamar o barbeiro	808-e eu não posso negar
797-só não fui mal na viagem	803-disse o rei: - – Vá se aprontar	809-é para fazer-lhe a barba
798-porque lá vi um patrício.	804-pra ir no mesmo roteiro8	810-e seu cabelo cortar. .
.....		
811-Disse ele: – Sigo já	817-Ele morreu de repente	823-José que era o rei
812-como o general seguiu;	818-daquela morte fatal	824-de oda aquela nação
813-fez também o seu discurso	819-ficou José descansado	825-a princesa disse a ele:
814-quando o alçapão se abriu	820-de quem lhe fez tanto mal	826- – Teu pai está na prisão
815-ele, navalha e tesoura	821-depois morreu sempre o rei	827-tua mãe também está presa
816-no grande abismo caiu.	822-ficou sempre o general.	828-junto com o teu irmão.
.....		
829- – Pois é bom que saia cedo	835-José foi para o ponto	841-Os soldados responderam:
830-vai para aquele lugar	836-com pouco avistou seu pai	842- – Vão todos aí processados
831-espera pelo teu povo	837-sua mãe e seus irmãos	843-os levamos para o juiz
832-que eles têm que passar	838-dando suspiro e ai	844-para ser interrogados;
833-e os toma dos soldados	839-diz ele às praças: – Este povo	845-respondeu José com raiva:
834-quero com eles falar.	840-daqui pra diante não vai.	846- – Dêem meia-volta, soldados!
.....		
847-José levou todos eles	853-Disse a velha: – Com certeza	859-Botaram o jantar pra eles
848-e entregou à princesa	854-nós todos vamos morrer	860-pra Antônio feijão com bredo
849-ela foi cortou-lhes as cordas	855-pois o rei não se ocupa	861-pra João, banana com casca
850-sentou-se numa marquesa	856-benefício nos fazer;	862-ficaram todos com medo
851-ficaram todos com medo	857-disse o velho: – E é na forca	863-disse a velha consigo:
852-quando chegaram na mesa.	858-pegaram a se maldizer.	864- – Está descoberto o segredo.
.....		
865-A princesa disse a ela:	871- – A senhora me responda	877- – Conte a história direito
866- – Vejo tudo amedrontado	872-quantos filhos já tem tido?	878-não é preciso negar
867-minha velha sente-se aqui	873- – Só tenho Antônio e João	879-queda José, seu caçula?
868-me conte o que foi passado	874-outros já têm morrido;	880-deve inda se lembrar;
869-se não disser morre tudo	875- – A senhora não tem outro	881-disse a velha: – Essa história
870-de um por um degolado.	876-que está no mundo perdido?	882-eu não preciso contar.
.....		
883-A velha morta de medo	889- – Ele era inteligente	895-Disse a princesa: – O menino
884-sempre lhe fez o pedido	890-não sei se era por sina	896-apanhar não merecia
885-dizendo: – Eu tive José	891-pois desejou ver as pernas	897-se por acaso a senhora
886-meu caçula querido	892-das moças da Pedra Fina	898-visse ele conhecia?

887-faz dez anos que ele	893-meu marido teve medo	999-lhe disse a velha: – Conheço
888-anda no mundo perdido.	894-foi com ele à disciplina.	900-em qualquer hora do dia.
.....		
901- Ela perguntou à velha	907-José não agüentou mais	913-José abraçou a todos
902-(porém lhe mostrando agrado):	908-partido de comoção	914-como era bom irmão
903- – A senhora conhece aquele	909-abraçou-se com a velha	915-casou Antônio com Romana
904-que se acha ali sentado?	910-chorando pediu perdão	916-a caçula com João
905-lhe disse a velha: – É o rei	911-ajoelhou-se aos pés dela	917-foram viver no reinado
906-que governa este reinado.	912-para tomar-lhe a benção.	918-na mais perfeita união.
.....		
919-Portanto devemos ter	925-Viveram todos felizes	
920-o pensamento adiantado	926-gozando mil maravilhas	
921-José, um menino pobre	927-José como uma estrela	
922-trabalhando no roçado	928-que no firmamento brilha	
923-desejou ver a princesa	929-mostrou que ele sozinho	
924-por isso foi castigado.	930-felicitou a família.	

TEXTO 07: A camponesa e o príncipe encantado (Manoel D’Almeida Filho)

- 1-Com minha pena na mão,
2-Debruçado em minha tabula
3-Advogo a minha causa
4-Embora não seja rábula,
5-Versando uma linda história
6-Pela estrada da fábula.
- 7- Houve em toda Babilônia
8- Passados misteriosos
9- Que às vezes assombravam
10- Os entes mais corajosos
11- Como também destruíram
12- Alguns seres invejosos
- 13- Pelo menos existia
14- Numa populosa aldeia
15- U’ a moça muito rica,
16- Porém, sendo muito feia,
17- Não tinha quem a quisesse
18- Nem por uma hora e meia.
-
- 19- Alguém até lhe chamava
20- A rainha da feiúra,
21- Porém ela sendo rica
22- Sempre fazia uma jura
23- Que a riqueza lhe dava
24- Um pouco de formosura.
- 25- Chamava-se Messalina,
26- Feia, magra e amarela;
27- Tinha ciúme das moças
28- Fosse esta, fosse aquela,
29- Pois todo rapaz bonito
30- Só queria para ela.
- 31- Vivia no maior luxo,
32- O seu pai era banqueiro,
33- Usava as mais lindas jóias,
34- Passeava o dia inteiro
35- E dizia que comprava
36- Um marido com dinheiro.
-
- 37- Vamos deixar Messalina
38- Mergulhada na feiúra
39- Para seguir no rumo
40- Duma linda criatura
41- Moça pobre, porém tinha
42- Fé, bondade e formosura.
- 43- Chamava-se Maria,
44- Uma linda camponesa
45- Que não possuía nada,
46- Porém a Mãe Natureza
47- Ofertou-lhe uma coroa
48- Com os dotes da beleza.
- 49- Maria que já não tinha
50- Mais conforto paternal
51- Restava-lhe apenas
52- O carinho maternal
53- E a luta pela vida
54- Em um meio fraternal.
-
- 55- Pois com a sua mãe
56- Enfrentava “o ganha pão”
57- Trabalhando pelas roças
58- Nas campinas do sertão
59- Em benefício da pátria
60- Engrandecendo a nação.
- 61- E no tal príncipe encantado
62- Alguém falava de sobra
63- Que aparecia às moças
64- Transformado numa cobra,
65- Porém ninguém na aldeia
66- Acreditava na “obra”.
- 67- Tinha moça que jurava
68- Até pela alma dela
69- Que havia visto a cobra
70- E conversado com ela,
71- A serpente perguntando
72- Se queria o amor dela.
-
- 73- E dizendo: - Eu não sou cobra,
74- Sou um príncipe encantado
75- Que por mão de uma fada
76- Me vejo tão castigado
77- Até o dia que seja
78- Com uma moça casado
- 79- Porque só quando casar
80- Tomarei a forma humana,
81- Receberei a coroa
82- Da mão da fada tirana
83- Para governar meu reino
84- Com a minha soberana
- 85- E a moça que comigo
86- Se arriscar nessa “empresa”
87- Irá ser feliz na vida
88- Com as honras de princesa
89- Para gozar as delícias
90- Dos banquetes da riqueza.
-
- 91- Porém é que a maioria
92- Tinha medo da manobra;
93- Havia até quem dissesse:
94- A minha pobreza dobra,
95- Porém o diabo é quem vai
96- Se casar com uma cobra.
- 97- Tinha outra que dizia:
98- – Só quem estiver perdida
99- Com o Satanás no couro
100- Ou por outra decidida
101- Nos dentes da serpente
102- Perder o “diabo da vida”.
- 103- Porém acontece que
104- A camponesa Maria
105- Trabalhava pelas roças
106- E dizia todo dia
107- Que quando encontrasse a cobra
108- Com ela se casaria.
-
- 109- Porque o príncipe encantado,
110- Sempre ouvia falar nele,
111- Por estar virado em cobra
112- Tinha muita pena dele;
113- Pensava em desencantá-lo
114- Ou lá se acabar com ele.
- 115- Até que a camponesa
116- Certo dia trabalhando
117- Numa roça sertaneja
118- Ela viu se aproximando
119- Uma enorme serpente
120- Que com calma foi falando:
- 121- – Maria, venho pedir-te
122- Como um verdadeiro amigo
123- Pelo amor de Jesus
124- Me salva deste perigo
125- Porque eu só sou feliz
126- Se te casares comigo.
-
- 127- Eu sou um príncipe encantado,
128- Dou-te as honras de princesa;
129- Se aceitares meu amor,
- 133- Encontrarás muito ouro,
134- Prata, safira e brilhante
135- Com que deverás comprar
- 139- E depois chamar um padre
140- Procurando convencê-lo
141- Que quer se casar comigo;

- 130- Hoje com toda certeza
131- Quando chegares em casa
132- Acharás grande riqueza.
- 136- Um palacete importante
137- E arrumá-lo de tudo
138- Que achar interessante.
- 142- Pra não haver dismantê-lo,
143- Diga-lhe que eu sou cobra
144- Porém não quero morde-lo.
-
- 145- Porém jamais diga a ele
146- Que sou um príncipe encantado,
147- Porque se alguém souber
148- Ficarás tudo enfiado;
149- O mistério do encanto
150- Assim não será quebrado.
- 151- Convença o padre que quer
152- Se casar com uma cobra,
153- Porém nem a sua mãe
154- Há de saber a manobra,
155- Porque só o sacramento
156- Concretizará a obra.
- 157- Portanto se conseguires
158- Breve serás coroada,
159- Porém se tiveres medo
160- Com a luta começada
161- Dobrarás o meu encanto
162- E será mais encantada.
-
- 163- Porém se tu com coragem
164- Fizeres o que te digo,
165- Seremos muito felizes
166- Cortaremos o perigo
167- Vencendo assim para sempre
168- Os laços do inimigo.
- 169- Vencida a dificuldade,
170- No dia do casamento
171- E depois da cerimônia
172- Pelo santo sacramento
173- Quebrar-se-á o mistério
174- Que tem meu encantamento.
- 175- Há de pôr secretamente
176- Na nossa alcova sagrada
177- Uma bacia de prata
178- Com água sacramentada
179- Contendo sete perfumes
180- E uma rosa encarnada.
-
- 181- No mesmo instante que for
182- O enlace terminado
183- Eu entrarei para o quarto,
184- Na água serei banhado;
185- Quebrar-se-ão os encantos
186- Ficarei desencantado.
- 187- Maria olhou para a cobra
188- E arrepiou-se de medo,
189- Porém tinha garantido
190- De aceitar o enredo;
191- Sustentou que não morreria
192- Sem descobrir o segredo.
- 193- Disse a cobra: – Há de provar
194- Que comigo não tens dolo;
195- Para mostrar que me amas
196- Senta-te aqui no solo,
197- Pra que possa deitar
198- Minha cabeça em teu colo.
-
- 199- Maria disse consigo:
200- “Aqui vou morrer sem vela”
201- Sentou-se, embora com medo,
202- E a cobra chegou-se a ela,
203- Deitou a cabeça fria
204- Numa perna da donzela.
- 205- A moça ficou olhando
206- Só atenção da serpente
207- Que abriu a boca e disse:
208- – Maria, eu estou ciente
209- Que dentro de poucos dias
210- Serei gente novamente.
- 211- Dizendo isso, saiu
212- Do colo de sua amada
213- E disse a Maria: – Vá,
214- Prepare nossa morada,
215- Que chegarei no dia
216- Pra resolver a “parada”.
-
- 217- Maria então despediu-se
218- Satisfeita e radiante;
219- Quando chegou na choupana
220- Viu um monte de brilhante,
221- Barras de ouro e de prata
222- Em quantidade importante.
- 223- A mãe de Maria disse:
224- – Nunca vi tanta grandeza!
225- Ela respondeu: – Mamãe,
226- Eu agora sou princesa
227- E temos de viver
228- Sobre os braços da riqueza.
- 229- A mãe disse: – Pelo que
230- Eu ouço da tua boca
231- Estou vendo que a riqueza
232- Que nós temos não é pouca
233- Porém com este mistério
234- Terminou ficando louca.
-
- 235- Maria disse: – Mamãe,
236- Vou fazer uma manobra,
237- Assine o que eu fizer,
238- Que nossa fortuna dobra;
239- Vou comprar um palacete
240- E casar com uma cobra.
- 241- A velha disse: – Estás doida?
242- Ou estás embriagada?
243- Maria disse: – A senhora
244- Se cale, não diga nada,
245- Deixe ver o resultado
246- Da sua filha adorada.
- 247- A pobre velha calou-se
248- Pensando em não dar desgosto;
249- Maria foi à cidade
250- E comprou para seu posto
251- O mais rico palacete
252- E ornamentou a seu gosto.
-
- 253- Depois procurou o padre
254- E com rigorosidade
255- Lhe explicou como quis
256- Que queria de verdade
257- Se casar com uma cobra
258- Pra sua felicidade.
- 259- O padre lhe disse: – Moça,
260- Você perdeu a razão?
261- A cobra foi quem botou
262- O mundo na perdição
263- Quando fez Eva pecar
264- E depois trair Adão.
- 265- Maria disse: – Porém
266- O senhor deixe comigo,
267- Me case com a serpente,
268- Não seja meu inimigo,
269- Que fica por minha conta
270- Os horrores do perigo.
-
- 271- Dou-lhe dez barras de prata
272- E cinco quilos de ouro,
273- Mil quilates de brilhantes
274- Que aumentam seu tesouro,
275- Pra fazer meu casamento,
276- Oficializando o namoro.
- 277- O padre pensou e disse:
278- – A cerimônia é a toa,
279- Porém eu vou arranjar
280- Porque a oferta é boa,
281- E, mesmo havendo dinheiro,
282- Todo crime Deus perdoa.
- 283- Quando correu a notícia
284- Que a moça ia casar
285- Com uma cobra horrenda,
286- Todo povo foi olhar –
287- Até Messalina, a feia,
288- Também foi testemunhar.

- 289- Quando aproximou-se o dia
290- Na hora a cobra chegou,
291- As testemunhas correram,
292- O sacristão desmaiou,
293- O padre ainda correu
294- Com medo, porém voltou.
- 295- Só Maria não moveu-se
296- Do lugar aonde estava;
297- Enquanto esperava a cobra,
298- A todo povo animava,
299- E, não havendo motivos,
300- Alguém que “correu”, voltava.
- 301- O padre voltou tremendo,
302- Começando o himeneu
303- Fez logo a pergunta clássica:
304- – Sim, a cobra respondeu.
305- E a moça, também falando,
306- A mesma resposta deu.
- 307- Terminada a cerimônia,
308- A serpente retirou-se,
309- Penetrou na sua alcova
310- Depois por dentro trancou-se
311- E na bacia de prata
312- Na água benta banhou-se.
- 313- Quando a cobra entrou na água
314- Se ouviu um rebuliço
315- Com um sussurro abafado
316- Como abelhas num cortiço:
317- Foi na hora que quebrou-se
318- O mistério do feitiço.
- 319- No mesmo instante a serpente
320- Em um príncipe transformou-se,
321- Abriu o seu guarda-roupa,
322- Urgentemente trajou-se,
323- Abriu a porta sorrindo
324- E ao povo apresentou-se.
- 325- Foi uma alegria imensa
326- Entre o povo convidado
327- Cada um que abraçasse
328- O príncipe desencantado
329- Que foi aclamado rei
330- Pela fada coroado.
- 331- As moças agora vendo
332- Maria rica e feliz
333- Com coroa de rainha
334- Nos braços do rei Luiz,
335- Por isso todas tiveram
336- Uma inveja infeliz.
- 337- Quando viram aquela cena
338- Tiveram raiva de sopra,
339- Pois por falta de coragem
340- Perderam aquela manobra
341- Cada uma que quisesse
342- Casar-se com uma cobra.
- 343- E a rica Messalina
344- Disse: – Chegou minha hora;
345- Com toda essa feiúra
346- Vou por este mundo afora
347- Em procura duma cobra
348- Para me casar agora.
- 349- Maria, que era pobre,
350- Achou uma cobra rica,
351- Quanto mais eu que possuo
352- Dinheiro que justifica
353- A minha alta linhagem
354- Que atrás de ninguém fica.
- 355- Vou procurar uma cobra
356- Pelas matas do sertão
357- Para se virar num príncipe
358- Da maior reputação
359- Depois casar-se comigo
360- E ganhar meu coração.
- 361- Porque eu vou procurar
362- Uma cobra muito bela
363- E trazê-la pra cidade
364- Pra me casar com ela,
365- Ou ela se desencanta,
366- Ou morro nos dentes dela.
- 367- Assim Messalina foi
368- Com a sua idéia má,
369- Encontrou uma cascavel
370- Em um pé de manacá
371- Contendo já vinte e cinco
372- Enrugas no maracá.
- 373- Quando ela viu a cobra,
374- Disse: – Encontrei meu amor!
375- Vem logo, querido príncipe,
376- Para sentir meu calor
377- E tirar meu coração
378- Deste fogo abrasador.
- 379- Ela foi se aproximando;
380 - A cobra se preparou,
381- Lambeu-se e armou o bote –
382 -A moça desconfiou,
383- Ficou falando de longe
384- Porém perto não chegou.
- 385- Falou muito e pelejou
386- Só pensando em amansá-la,
387- A cascavel assanhou-se
388- Dando bote em toda escala,
389- Virando em todos os lados
390- Com vontade de pegá-la.
- 391- Messalina vendo a hora
392- Pela cobra ser mordida,
393- Arranjou um gancho grande
394- Em uma vara comprida
395- E pôs no pescoço dela
396- Para agarrá-la em seguida.
- 397- Assim Messalina trouxe
398- A cascavel num amarrado,
399- Dizendo: – Encontrei agora
400- Um lindo príncipe encantado
401- E dentro de poucos dias
402- Comigo há de ser casado.
- 403- Chegando em casa ficou
404- No maior contentamento
405- Preparou logo um palácio
406- Com um riquíssimo ornamento
407- E chamou o padre para
408- Fazer o seu casamento.
- 409- O vigário, quando soube,
410- Desconfiou da manobra
411- E disse: – Por que as moças
412- Só casam agora com cobra?
413- Isso vai dar em “sujeira”
414- Para completar a obra.
- 415- O vigário foi, porém
416- Achando aquilo cruel
417- Lá viu quando Messalina
418- Desatou a cascavel;
419- O padre pulou e disse:
420- – Valei-me, meu São Miguel!
- 421- Messalina disse: – Venha
422- Fazer o meu casamento.
423- Disse o padre: – Deus me livre,
424- Pois veneno eu não agüento!
425- O sacristão já estava
426- Agarrado com São Bento.
- 427- Nessa hora a cascavel
428- Que já estava se assanhando
429- Deu um bote em Messalina
430- E ficou dependurado.
431- Ela disse: – Foi um beijo
432- Que levei de meu amado.
- 433- Abraçou a cascavel
434- Também tentando morder,
- 439- O padre assistiu de longe
440- Aquela triste manobra
- 445- Assim morreu Messalina,
446- A feia, rica, orgulhosa;

435- Porém foi ficando cega 441- E disse: – Fica o exemplo 447- E Maria foi feliz
436- E assentando o cabelo... 442- Como um castigo de sobra 448- Porque não era invejosa;
437- Em dois minutos estava 443- Para a moça que quiser 449- Enquanto o orgulho morre
438- Já mais fria do que gelo. 444- Ainda casar com cobra. 450- A humildade é quem goza.

451- **A** camponesa casou-se
452- **L**indo foi seu anel;
453- **M**essalina consumiu-se
454- **E**ntre o orgulho infernal
455- **I**sto serve de espelho
456- **D**ando um eterno conselho
457- **A** quem só conhece o mal.

TEXTO 08: O romance de João Besta e a Jia da lagoa (Francisco Sales Areda)

- 01-O poeta é um repórter
02-Das ocultas tradições,
03-Revelador dos segredos,
04-Guiado por gênios bons,
05-Pintor dos dramas poéticos,
06-Em todas composições.
- 07-Por isso, chamo a atenção
08-A toda e qualquer pessoa,
09-Para assistir a este drama,
10-De uma história rica e boa,
11-Sobre a vida de João Besta
12-E a Jia da Lagoa.
- 13-Lá num subúrbio da Grécia,
14-Em tempos que longe vão,
15-Habitou um rico velho,
16-Chamado Plínio Gastão,
17-Pai de três filhos, chamados
18-José, Manuel e João.
- 19-Manuel era um tacanho,
20-José, muito interesseiro,
21-E João, um tolo pateta,
22-Muito humilde, hospitaleiro,
23-Que não conhecia ganância,
24-Nem gostava de dinheiro.
- 25-José e Manuel andavam
26-Tudo lorde e bem tratado,
27-E João só vivia em casa
28-Dormindo sujo e rasgado –
29-Por isso só lhe chamavam
30-O João Besta amalucado.
- 31-Os dois irmãos de João Besta
32-Combinaram um certo dia
33-Pedirem dinheiro ao pai –
34-Sendo em grande quantia –
35-Para andarem pelo mundo,
36-Bem longe da moradia.
- 37-João Besta, ouvindo a história,
38-O seu plano também fez –
39-Chegou perto dos irmãos
40-E disse, muito cortês:
41- – Eu também vou pelo mundo,
42-Conhecer terra mais vocês!
- 43-Logo ali, os dois irmãos
44-Disseram: – esta é de suco!
45-Nós vamos nos separar,
46-Porque ninguém e caduco,
47-Para sair pelo mundo,
48-Acompanhando um maluco!
- 49-E pediram logo ao pai
50-Pra andarem o mundo inteiro.
51-O velho disse: – Eu consinto,
52-Porém, respondam ligeiro
53-Se querem minha bênção,
54-Levando pouco dinheiro,
- 55-Ou querem minha riqueza,
56-Com a minha maldição!
57-José disse: – Eu quero é ouro,
58-Que encha saco e surrão –
59-Que eu, tendo riqueza mesmo,
60-Me importo lá com bênção!...
- 61-E Manuel disse: – Eu também
62-Quero é ouro e fantasia,
63-Para virar este mundo
64-Na riqueza e na orgia –
65-Que bênção não enche o bucho
66-E nem me dá garantia!
- 67-Nisto o velho abriu um cofre,
68-Disse aos filhos: – Aí têm
69-Três mil contos para os dois –
70-Levem, não quero um vintém!
71-E sejam amaldiçoados
72-Pra séculos sem fim! Amém!
- 73-Aí João Besta chegou
74-E disse ao pai nessa hora:
75- – Se o senhor consentir,
76-Eu também quero ir embora,
77-Junto com os meus irmãos,
78-Por este mundo a fora!
- 79-Disse o velho: – Tu também
80-Queres minha maldição –
81-Ou queres pouco dinheiro,
82-Pra tua alimentação?
83-Disse João: – Eu quero ir liso,
84-Levando sua bênção!
- 85- – Pois então Deus te abençoe!
86-Disse o pai, lhe abraçando.
87-E lhe entregou três moedas.
88-João Besta saiu cantando:
89-Olé, olé, que estou rico!
90-Adeus! Até não sei quando!
- 91-José e Manuel, na frente,
92-Sorriam pra se acabar.
93-E dizia um par o outro:
94- – João Besta vai se enrascar!
95-Do meu dinheiro não dou –
96-Se ele quiser, vá ganhar!
- 97-O outro também dizia:
98- – Do meu não dou um tostão –
99-E vamos nos apartar,
100-Para deixar esse João!
101-Ele, se quiser, que coma
102-Da besteira e da bênção!
- 103-Com três dias de viagem,
104-Chegaram os três rapazinhos
105-Num sombrio arvoredo,
106-Onde havia três caminhos.
107-E pra se apartarem ali,
108-Combinaram o dois mesquinhos.
- 109-Disse José: – É aqui
110-Que começa nossa história
111-Somos três, e três caminhos –
112-A quadra é satisfatória!
113-Cada um segue por um,
114-Pra ver quem ganha a vitória!
- 115-Porém, faltando três dias
116-Para um ano completar,
117-Neste mesmo arvoredo,
118-Teremos que nos juntar –
119-E daqui irmos pra casa,
120-Nossas histórias contar!
- 121-Disse Manuel: – Está certo.
122-Eu sigo c aminho em frente!
123-E José pelo da esquerda,
124-Tomou rumo diferente.
125-João seguiu pela direita,
126-Caminhando paciente.
- 127-Manuel, que seguiu em frente,
128-Saiu num reino estrangeiro.
129-Todo o mundo lhe abraçou,
130-Por ser lorde e ter dinheiro –
- 133-E José, pela esquerda,
134-Chegou em uma cidade.
135-Montou uma casa de Jóias
136-E foi gozar à vontade,
- 139-Com poucos tempos depois,
140-A filha de um barão
141-Foi a noiva de José,
142-Com toda a satisfação.

- 131-Até que findou noivando
132-Com a filha de um banqueiro.
- 137-Sendo querido por todos
138-Da rica sociedade.
- 143-Agora vamos saber
144-Qual o destino de João.
-
- 145-Que seguiu pela direita,
146-Macio como um cordeiro.
147-Adiante, numa lagoa,
148-Ele fez seu paradeiro
149-E arriou, pra descansar,
150-Na sombra de um Joazeiro
- 151-Armou a rede e deitou-se.
152-Depois de ter descansado
153-Levantou-se e fez um fogo
154-E se pôs acororado,
155-Assando um taco de carne,
156-Para comer um bocado.
- 157-Nisto, saltou uma jia,
158-Do tamanho dum cururu,
159-Disse a João: –Guarde essa carne,
160-Que aí tem comer pra tu!
161-E mergulhou na lagoa,
162-Macia como um muçú.
-
- 163-João, ali, tomou um choque,
164-Que o coração quase voa.
165-E, vendo uma mesa composta,
166-Disse João: – Que coisa boa!
167-Minha carne vai render
168-Na beira desta lagoa!
- 169-Sentou-se encostado à mesa
170-Pra se servir do que havia:
171-Bebida de toda espécie,
172-Comer que ele nem conhecia.
173-Encheu a barriga e deu
174-Graças a Deus e à Jia.
- 175-Depois, sentou-se na rede,
176-Cantando uma modinha:
177- – Olê, olê, lá-ra-rá,
178-Que vida boa esta minha –
179-Brincar, comer e beber,
180-E dormir nesta redinha!
-
- 181-Nisso a Jia apareceu
182-Na beirada da lagoa,
183-Disse: – Olê, olá, lá-rá,
184-Tu és a única pessoa
185-Que prende meu coração
186-Com esta tão linda loa!
- 187-Desarma tua redinha,
188-Pra não sujar nem rasgar,
189-Que aí tem cama pra tu
190-Dormir e desenfadar.
191-Nisso, João viu uma cama
192-Tão linda de encantar.
- 193-Guardou a rede no saco
194-E na cama se deitou –
195-Era um perfume tão grande,
196-Que ele se embriagou.
197-Daí a poucos momentos,
198-De novo a Jia falou:
-
- 199- – João, venha pro café,
200-Que está pronto na mesa!
201- Nisso avistou junto dele
202- Tanta coisa de grandeza,
203-Que João dizia consigo:
204- – Nunca vi tanta riqueza!
- 205-Estava uma mesa posta,
206-Com a toalha de brilhante;
207-A louça de pérola e ouro,
208-Era um tesouro importante,
209-E, junto dele, tocava
210-Uma música delirante.
- 211-Acompanhando a música
212-Uma voz assim dizia:
213-Lê, olê, lá-rá, lá-ri,
214-Paz, amor, soberania!
215-Carobi, califa, Alá,
216-Ainda serei tua um dia!
-
- 217-João olhava a todo canto,
218-Porém não via ninguém.
219-Nisso, viu um violão –
220- Embora sem tocar bem,
221-Pegou logo o instrumento
222-E assim cantou também:
- 223- – Oh, luar do céu, luar
224-Que do luar sereno vejo!
225-No luar do luar, luar,
226-Luar de lua te almejo –
227-Neste luar enluarado,
228-Meu luar, dá-me um beijo!
- 229-Nisso, João sentiu de leve
230-Que alguém se aproximou
231-E à forma de duas mãos
232-Pelo rosto lhe pegou –
233-E um invisível beijo
234-Com toda a força aplicou.
-
- 235-João dizia: – Ora bolas!
236-Que coisa tão rica e boa!
237-Eu nunca mais vou embora
238-Da beira desta lagoa –
239-Aqui eu viro cascalho,
240-Brincando e cantando loa!
- 241-Assim, João ficou ali,
242-Passando bem e brincando,
243-Ouvindo cantiga e música
244-E ele também cantando –
245-E a Jia, a toda hora,
246-Ao redor dele saltando.
- 247-Quanto mais dias passavam,
248-Mais a Jia lhe agradava –
249-E João tomou tanto amor,
250-Que quando não lhe avistava,
251-Tocava no violão
252-E cantando lhe chamava.
-
- 253-Com esse prazer infindo,
254-Sete meses já fazia
255-Que João lá na lagoa,
256-Brincava e se distraía,
257-Passando bem e gozando
258-Ao lado de sua Jia.
- 259-Até que João disse um dia:
260-Solteiro só vive à toa,
261-Porém me acho feliz,
262-Com esta Jia tão boa!
263-Vou falar-lhe em casamento,
264-Pra ser dono da lagoa!
- 265-E justamente propôs
266-Casamento a Dona Jia.
267-Ela, com todo o prazer,
268-Lhe respondeu que queria.
269-Como noiva oficial
270-Cresceu mais a alegria
-
- 271-Porém João ficou pensando
272-Como era que casava
273-Com aquela Jia feia,
274-Mas que tanto lhe agradava –
275-Assim o tempo corria
276-E o amor multiplicava.
- 277-Afinal, chegou o dia
278-Que José fez o contrato.
279-De manhã, a Jia disse:
280- –Meu João, não sejas ingrato:
281-Vai atrás dos teus irmãos,
282-Para cumprir com o trato.
- 283-João ficou admirado
284-Com essa frase da Jia –
285-Sem ele ter dito nada,
286-Ela de tudo sabia!
287-Seguiu logo e encontrou
288-Os irmãos no mesmo dia.
-
- 289-Seguiram os três para casa.
295-Disse José: – Eu fui bem
- 301-Manuel disse também:

- 290-Depois de terem chegado,
291-À noite, o velho sentou-se
292-Com os três filhos de lado
293-E disse: – Agora me contem
294-Cada um seu resultado!
- 296-Na classe de aventureiro,
297-Porque saí num país
298-Que ganhei muito dinheiro –
299-E sou noivo com a moça
300-Mais rica do mundo inteiro!
- 302- – Cheguei em uma cidade,
303-Fiz muitos negócios bons
304-E tive a felicidade
305-De arranjar uma noiva
306-Rica e linda de verdade.
-
- 307-João aí ficou calado,
308-Com vergonha de dizer.
309-Mas o velho olhou pra ele
310-E disse: – João, vamos ver!
311-O que também arranjuste
312-É necessário eu saber!
- 313-Disse João: – Nem andei muito,
314-Nem ganhei muito dinheiro –
315-Que cheguei numa lagoa
316-E lá passei o ano inteiro
317-Namorando com uma Jia,
318-Na sombra de um juazeiro.
- 319-José e Manuel caíram
320-Numa risada sem fim
321-E o velho disse: – Meu filho,
322-Como se é besta assim?
323-Querer casar com uma Jia –
324-Bonita nora pra mim!
-
- 325- – É verdade, disse João,
326-Mas a Jia me agrada:
327-Cada um cumpre o destino
328-No seu ponto de parada –
329-Mesmo, eu sou quem vou casar,
330-Isto não quer dizer nada!
- 331- – Está certo, disse o velho.
332-Mas, quando chegar o dia
333-Que vocês vierem casados,
334-Está ali a estribaria
335-Para você se arranchar
336-Com a sua Dona Jia!
- 337-Os meninos vêm pra casa,
338-Com suas noivas também,
339-Mas você, com sua Jia,
340-Em minha casa não vem –
341-Que aqui não é lagoa
342-Para sapos de ninguém!
-
- 343-João ficou muito triste,
344-Mas se conservou calado.
345-No outro dia, seguiu
346-Cada irmão para seu lado,
347-Procurando suas noivas,
348-Pra voltar tudo casado.
- 349-E ficou certa a chegada,
350-Com trinta dias depois.
351-Então, atrás da riqueza,
352-Caminharam logo os dois
353-E João Besta, atrás da Jia,
354-Por si também se dispôs.
- 355-Então, na dita lagoa,
356-Chegou João no quinto dia.
357-Debaixo do Juazeiro
358-Já encontrou sua Jia
359-E uma mesa composta,
360-Com toda a comedoria.
-
- 361-Foi um banquete elegante
362-Que a Jia deu a João.
363-À noite, teve retreta,
364-Com farra e muita função
365-E mais de quinhentos sapos
366-Fazendo reunião
- 367-E assim continuava
368-Toda a noite a brincadeira,
369-Festa, mesada e pagode,
370-Com cantiga à noite inteira –
371-E João, no meio dos sapos,
372-Era aquela bagaceira!
- 373-Até que chegou o dia
374-Do casamento de João.
375-Juntaram-se todos os sapos,
376-E o Cururu capelão
377-Veio, com as testemunhas,
378-Cumprir a lei da nação.
-
- 379-Na hora, chegou a Jia
380-Toda trajada de branco,
381-De palma, véu e capela,
382-Pisando com passo franco.
383-E João dizia consigo:
384- – Vou enfrentar o barranco!
- 385-Ali se juntaram os sapos,
386-Que dava quase um milhão.
387-Chegou o Cururu velho,
388-Juntou a Jia com João –
389-Celebrou o casamento,
390-Com toda a veneração.
- 391-Depois de feito o casório,
392-Com toda a camaradagem,
393-João olhou de lado e viu
394-Uma linda carruagem
395-E a saparia pronta
396-Para seguir a viagem.
-
- 397-A Jia entregou a João
398-Uma caixinha fechada
399-E disse, a ele falando:
400- – Meia légua pra chegada,
401-Tu abres esta caixinha,
402-Que para ti foi guardada!
- 403-João sentou-se com a Jia,
404-Muito triste e pesaroso,
405-E oito sapos puxaram
406-O cortejo valoroso.
407-Atrás, a música trinava
408-Em um tom harmonioso:
- 409-Ba-rá, bu-ru, ei-ei-ei,
410-Rá-rá, ró-ró, oi-oi-oi!
411-Tu-ru, tu-tu, mé-mé-mé!
412-Á-é, ó, á, moi-moi!
413-Bum-bum, bum-bum, crá-crá-crá,
414-Ti-ri, ri-ri, foi-foi-foi.
-
- 415-Na casa do pai de João,
416-Já era um frevo danado,
417-Porque Manuel e José
418-Com as noivas tinham chegado –
419-E só faltava João Besta,
420-Com seu cortejo animado.
- 421-E então, com meia légua,
422-Como a Jia tinha dito,
423-João foi abrindo a caixinha –
424-Deu um estrondo esquisito,
425-Que ele caiu por terra,
426-Dez minutos, quase frito!
- 427-Quando despertou, estava
428-Nos braços de uma princesa
429-Olhou, não viu nem um sapo.
430-Disse João: – Mas que beleza!
431-Agora, sim, vou fazer
432-A meu povo uma surpresa!
-
- 433-Todos os sapos que seguiam
434-Em gente se transformaram –
435-Príncipes, reis, rainhas, músicos
436-Na carruagem rumaram.
- 439-O velho estava na porta,
440-Soltou um grito estridente,
441-Dizendo: – Lá vem João Besta
442-Com um cortejo imponente –
- 445-Manuel e José ficaram
446-Com suas noivas sentados.
447-O velho correu pra João,
448-Com todos os seus convidados

437-Na casa do pai de João, 443-E vem trazendo a princesa 449-E ninguém quis saber mais
 438-Com dez minutos chegaram. 444-Mais linda do Oriente! 450-Dos dois amaldiçoados.

.....
 451-Em outro salão que havia, 457-Manoel, com esse desgosto, 463-E João voltou entre os seus,
 452-Formaram lindos coretos, 458-Tomou veneno e morreu. 464-Com sua princesa boa.
 453-Tocaram música e dançaram 459-José também enforcou-se, 465-Quando chegou, lá não tinha
 454-E recitaram sonetos – 460-Sua noiva enlouqueceu. 466-Jia, sapo e nem lagoa –
 455-Sem se lembrarem dos outros, 461-A outra ganhou o mundo – 467-Era um reino e um trono
 456-Que ódio, estavam pretos! 462-Nunca mais apareceu! 468-E, para ele, uma coroa.

.....
 469-Filho sem bênção dos pais,
 470-Sempre é mal sucedido.
 471-Agora, João, por ser bom,
 472-Livrou-se e foi protegido
 473-E então por João da Lagoa
 474-Seu nome ficou conhecido.

TEXTO 09: História do Capitão do navio (Silviano Pirauá de Lima)

01-Vou narrar uma história	07-Num dia de sexta-feira	13-Ele chamou a mulher
02-do tempo da inocência	08-ouviu uma voz perguntar:	14-pegou então a contar:
03-de um homem que sofreu	09-“Queres passar bem em moço	15- Há três noites desta parte
04-uma horrenda inclemência	10-ou quando velho ficar?”	16- ouço uma voz perguntar
05-sem se maldizer da sorte	11-quando foi no outro dia	17-se quero ser pobre em moço
06-sem faltar-lhe a paciência.	12-a voz tornou-lhe a falar.	18-ou quando velho ficar.
.....		
19-Então lhe disse a mulher:	25-Quando foi no outro dia	31-Animais que possuía
20- Tenho um conselho pra dar	26-a mesma voz lhe falou	32-morreram e se sumiram
21-queira padecer em moço	27-ele então respondeu	33-morreu a escravatura
22-antes de velho ficar	28-como a mulher ensinou	34-os que ficaram fugiram
23-você enquanto for moço	29-no outro dia seguinte	35-vendeu a propriedade
24-tem força pra trabalhar.	30-a desgraça começou.	36-e os bens se consumiram.
.....		
37-Se acabou a riqueza	43-Ganhava no alugado	49-Foi um dia pro serviço
38-ficou ele pobrezinho	44-de conhecido ou estranho	50-cumprir assim seu mister
39-foi trabalhar de alugado	45-a sua mulher no rio	51-às nove horas do mesmo
40-para sustentar os filhinhos	46-lavava roupa de ganho	52-saiu de casa a mulher
41-só não morreu na miséria	47-as injúrias para ela	53-para o rio lavar roupa
42-por Jesus ser seu padrinho.	48-eram de todo tamanho.	54-lá em um porto qualquer.
.....		
55-Nessa mesma ocasião	61-Chamou logo os empregados	67-A meretriz chamou ela:
56-chegou um navio no porto	62-botaram n’água o escaler	68- Mulher, conversa comigo
57-o capitão do navio	63-o capitão do navio	69-É TUA FELICIDADE
58-viu a mulher, ficou morto	64-saltou na barra de pé	70-se fizeres o que eu te digo
59-fez logo um mau juízo	65-mandou uma meretriz	71-que de agora por diante
60-para fazer mal ao outro.	66-para iludir a mulher.	72-eu terei gosto contigo.
.....		
73-Então a mulher lhe disse:	79- O capitão do navio	85-Aí a mulher zangou-se
74- Pois diz para eu ouvir	80-é um homem de posição	86-tratou de a repelir:
75-A meretriz respondeu:	81-ficou muito apaixonado	87- Mudemos esta conversa
76- O que me traz por aqui	82- por tua linda feição	88-Pois eu não a quero ouvir
77-é só trazer um recado	83-e te manda oferecer	89-tu sabes que sou casada
78-de muito bom para ti.	84-alma, vida e coração.	90-para que vens me iludir?
.....		
91- Não seas tola, mulher	97- Mulher, saia-se daqui	103- Você com o capitão
92-eu iludo para o bem	98-não quero conselho teu	104-vive limpa e asseada
93-porque teu marido é pobre	99-meu marido já foi rico	105-anda de meia e sapato
94-não possui um só vintém	100-tudo que tinha perdeu	106-de ouro e pedra esmeralda
95-o capitão do navio	101-hoje me vejo em pobreza;	107-pra lhe servir toda vida
96-nada falta, tudo tem.	102-louvido seja, meu Deus.	108-nunca lhe falta criada.
.....		
109- Vaidosa iludideira	115-O que fez a meretriz	121-Depois disse a meretriz:
110-tudo isso eu tenho tido	116-iludindo a pobrezinha:	122- Mulher me faça um favor
111-hoje me acho em pobreza	117- Eu não estou iludindo	123-meu marido neste instante
112-que só possuo um vestido	118-isso é caçoada minha	124-lá de dentro me chamou
113-honrarei até a morte	119-se fosse para iludi-la	125-você vai junto comigo
114-a barba do meu marido.	120-por dinheiro eu cá não vinha.	126-que eu sozinha não vou.
.....		
127-A mulher lhe perguntou:	133-A meretriz conversava	139-A meretriz entrou logo
128- Você também é casada?	134-com respeito e educação	140-e a outra ficou fora
129-disse a meretriz: – Eu sou...	135-a fim de botar a outra	141-disse ela à traiçoeira:
130-A outra ficou calada	136-na vala da perdição	142- Tarde pouco, vamos embora;
131-Até que se levantou	137-até que pôde chegar	143-diz baixinho a meretriz:
132-e seguiu de camarada.	138-na porta da embarcação	144- Seu capitão, é agora.

145-A meretriz chamou ela	151-Aí veio o capitão	157-A mulher triste chorosa
146-com muita delicadeza:	152-fazendo muita gracinha:	158-lhe respondeu com franqueza:
147- – Senhora, entre sem medo	153- –Venha a meus braços, mimosa	159- –Seu capitão do navio
148-Venha ver que boniteza!	154-quero dar-te uma buquinha	160-reconheço que estou presa
149-afinal tanto iludiu	155-meu coração, minha vida	161-porém guardo até a morte
150-que pôde deixá-la presa.	156-agora és toda minha.	162-ao meu marido firmeza.
163- –Reconheço que estou presa	169-Vamos tratar sobre o homem	175-Assim que ele foi chegando
164-nas ondas do mar perdida	170-quando da roça voltou	176-estavam os filhos dando ai
165-já hoje me considero	171-diziam os filhos chorando:	177-disse: – Quedê a tua mãe?
166-uma infeliz desvalida	172- –Mamãe ainda não chegou!...	178- –Nós não sabemos, papai
167-a barba do meu marido	173-podem bem imaginar	179-foi ao rio lavar roupa
168-hei de honrar toda vida.	174-como esse homem ficou	180-até aqui não voltou mais.
181-Saiu ele à procura	187-Voltou o homem tristonho	193-Com dois dias de viagem
182-vagando como judeu	188-sem ter nenhuma demora	194-encontrou um rio de nado
183-perguntava a todo mundo	189-percorreu a vizinhança	195-pegou o filho mais velho
184-ninguém notícia lhe deu:	190-no espaço duma hora	196-foi botar do outro lado
185- –Ninguém sabe ninguém viu	191-botou os filhos na frente	197-deixando o outro mais novo
186-aqui não apareceu.	192-seguiu por ali afora.	198-em um cantinho sentado.
199-Chegou sentou o filho	205-Aí disse o pobre homem:	211-Saiu por ali afora
200-voltou de cabeça baixa	206- –Ai meu Deus, fiquei sozinho	212-em um reinado chegou
201-chegando não acha o outro?	207-já fiquei sem a mulher	213-aí falou com o rei
202-para o outro lado marcha	208-agora sem meus filhinhos!	214-pra ser seu trabalhador
203-chegou lá do outro lado	209-só quero que Deus me seja	215-ficou o homem tratando
204-procura o outro não acha.	210-protetor, pai e padrinho.	216-de uma horta de flor.
217-Estando ele há quatro anos	223-Passando mais quatro anos	229- – Senhor, me acho doente
218-nesse serviço grosseiro	224-esse rei caiu doente	230-não acho quem se condoa
219-como era muito sabido	225-por não ter uma pessoa	231-passo-lhe um testamento
220-certo, fiel, verdadeiro	226-nem no reino um parente	232-dou de presente a coroa
221-foi tirado pelo rei	227-chamou esse cujo homem	233-tome conta do reinado
222-para ser seu conselheiro.	228-da coroa fez presente.	234-para não ficar à toa.
235-Passou-lhe um testamento	241-Quando foi no outro dia	247-O capitão do navio
236-pegou a coroa e lhe deu	242-viu dois rapazes chegar	248-pedi ao rei dois soldados
237-esse rei quando fez isso	243-pedindo pra sentar praça	249-pra garantir o navio
238-no outro dia morreu	244-na guarda nacional;	250-com medo de ser roubado
239-ficou ele como dono	245-chegando um navio no porto	251-foram os dois soldados novos
240-e o reinado como seu.	246-fez ponto na beira-mar.	252-que tinham praça sentado.
253-Um soldado disse ao outro:	259-Quando ele disse isto	265- – Meu pai era um homem rico
254- – Homem, não sei o que faça	260-o outro disse entre ais:	266-e depois empobreceu
255-vivo no mundo sozinho	261- – Então você é como eu	267-animais, terra e gado
256-chorando minha desgraça	262-que também perdi meus pais	268-tudo o que tinha perdeu
257-se eu tivesse pai e mãe	263-os tormentos meus são tantos	269-ficou com minha mãe
258-não tinha sentado praça!	264-que quase não falo mais.	270-comigo e um irmão meu.
271- – Foi um dia pro serviço	277- –Meu pai saiu à procura	283- – Voltou meu pai para casa
272-o seu dinheiro ganhar	278-mamãe não apareceu	284-consigo mesmo dizia:
273-minha mãe foi lavar roupa	279-ele a todos perguntava	285- – Não posso mais suportar
274-em um porto à beira-mar	280-ninguém notícia lhe deu	286-essa horrenda tirania!...
275-deu a tarde, o sol se pôs	281-talvez ela caiu n'água	287-ele com esse desgosto
276-e nada dela chegar	282-e o peixe grande comeu.	288-mudou-se da freguesia.
289- – Com dois dias de viagem	295- –Esperei muito por ele	301-A mulher de dentro ouvindo
290-encontrou um rio de nado	296-até que não pude mais	302-quando a história acabou-se

291-me deixou em uma margem	297-nada dele vir me ver	303-veio olhar para os soldados
292-em um cantinho sentado	298-eu só, fiquei dando ai	304-rindo com maneira doce
293-pegou meu irmão mais velho	299-sem parente nem aderente	305-áí eles imaginaram
294-foi deixar no outro lado.	300-sem irmão, sem lar, sem pai.	306-que com mau sentido fosse.
.....		
307-A mulher voltou ligeira	313-Respondeu o capitão:	319-A mulher seguiu pensando
308-falou para o capitão:	314- –Eu pra lograr teus carinhos	320-o que tinha no sentido
309- –Doze anos dessa parte	315-te levo em qualquer lugar	321-o capitão do navio
310-que vivo nesta prisão	316-meu coração, meu benzinho	322-foi muito bem recebido
311-se me levas ao palácio	317-só não te levo ao céu	323-quando a mulher foi chegando
312-te darei meu coração.	318-porque não sei o caminho.	324-foi conhecendo o marido.
.....		
325-Antes dela se sentar	331-Levantou-se o capitão	337-Aí respondeu a mulher:
326-disse para o rei primeiro	332-falando de um certo jeito:	338- –Senhor capitão, eu sei
327-mande chamar os soldados	333- – Soldados não vêm à Corte	339-soldado não tem respeito
328-que o navio guarneceram	334-porque nem um tem respeito	340-falo em presença do rei
329-para contar uma história	335-não é possível, senhora	341-se não houvesse soldado
330-perante seus conselheiros.	336-o seu pedido ser feito.	342-também não havia lei.
.....		
343-Disseram os conselheiros:	349-Quando os soldados chegaram	355- –Senhora, nós conversamos
344- – Está muito bem apoiado;	350-ficaram ambos defronte	356-relativo à criação
345-mandaram um portador	351-foi a mulher e lhes disse:	357-até que depois soubemos
346-para chamar os soldados	352- – Soldados, quero que contem	358-que nós dois somos irmãos
347-o capitão ficou logo	353-aquela história passada	359-foi essa nossa conversa
348-um pouco desconfiado.	354-que vocês contaram ontem.	360-outra não contamos não.
.....		
361-Lhes reponde a mulher:	367-Um soldado disse ao outro:	373- – Meu pai era um homem rico
362- –Foi essa que eu bem sei	368- – Sei que estamos enrascados	374-e depois empobreceu
363-eu quero ela contada	369-só relato esse segredo	375-animais, terra e gado
364-é na presença do rei	370-porque me vejo obrigado	376-tudo que tinha perdeu
365-para ele escutá-la	371-ele aí contou o caso	377-ficou com minha mãe
366-pelo artigo da lei.	372-do que jeito que foi passado.	378-comigo e um irmão meu.
.....		
379- –Um dia foi pro serviço	385- – Meu pai saiu à procura	391- – Voltou meu pai para casa
380-o seu dinheiro ganhar	386-mamãe não apareceu	392-consigo mesmo dizia:
381-minha mãe foi lavar roupa	387-ele a todos perguntava	393- –Não posso mais suportar
382-em um porto à beira-mar	388-ninguém notícia lhe deu	394-esta horrenda tirania;
383-deu à tarde, o sol se pôs	289-talvez ela caiu n'água	395-ele com esse desgosto
384-e nada dela voltar.	390-e o grande peixe comeu.	396-mudou-se de freguesia .
.....		
397- – Com dois dias de viagem	403- –Esperei muito por ele	409-O rei conheceu os filhos
398-encontrou um rio de nado	404-até que não pude mais	410-pegou eles pela mão
399-me deixou em uma margem	405-nada dele vir me ver	411-mandou trajá-los de príncipes
400-em um cantinho sentado	406-fiquei sozinho dando ai	412-na mesma ocasião
401-pegou meu irmão mais velho	407-sem parente nem aderente	413-a mulher sempre com medo
402-foi botá-lo no outro lado.	408-sem irmão, sem lar, sem pai.	414-que não tivesse o perdão.
.....		
415-A mulher triste e chorosa	421-Disse o rei ao capitão:	427- – Doze anos que andaste
416-dando suspiro e gemido	422- –Com toda força que tinha	428-dentro do mar degredada
417-contou logo ao esposo	423-consigo eu logo converso	429-levando descomposturas
418-tudo o que tinha sofrido	424-esta mulher é minha;	430-sendo muito maltratada
419-por todos foi apoiada	425-deu-lhe honra competente	431-sem ser falsa a seu marido
420-teve o perdão do marido.	426-trajou-a como rainha.	432-merece ser perdoada.
.....		
433-Os filhos foram exaltados	439-Pegaram o capitão	445-Hoje os filhos são príncipes
434-foi perdoada a mulher	440-não o quiseram matar	446-ele é o rei majestade
435-o capitão morreu logo	441-fizeram uma fogueira	447-sua mulher é rainha
436-tentado por Lucifer;	442-vivo o mandaram queimar	448-de alta dignidade;
437-fiquem todos na certeza	443-pegaram a cinza dele	449-Deus dê a quem contou esta
438-Deus protege a quem quer.	444-voaram dentro do mar.	450-saúde e felicidade.

TEXTO 10: O Sertaejo Antônio Cobra Choca João José da Silva.

A autoria é atribuída a José Vilanova, por Renato Carneiro Campos. *Ideologia dos Poetas Populares – Funarte, 1977.*)

01-Quando o cangaceirismo	07-Este coronel morava	13-O coronel Vicentinho
02-em alto grau dominava	08-pertinho de Murici	14-homem de pequena idade
03-no Estado de Alagoas	09-um quilômetro mais ou menos	15-trinta e seis anos talvez
04-o povo todo falava	10-sendo o mais rico dali	16-forte e valente à vontade
05-no coronel Vicentinho	11-e era o legítimo dono	17-o que quisesse fazia
06-valente que admirava.	12-do engenho Jundiá.	18-ali por toda a cidade.
.....		
19-Na arte de conquistador	25-Trabalhar naquele engenho	31-Mulher casada ali perto
20-era muito viciado	26-alguns sertanejos iam	32-ele mandava chamar
21-infinidades de moças	27-com três ou quatro filhas moças	33-e o marido com medo
22-já havia deflorado	28-porque de nada sabiam	34-era quem ia levar
23-à responsabilidade	29-terminavam na fornalha	35-não indo no mesmo dia
24-ele nunca foi chamado.	30-as suas filhas perdiam.	36-ele mandava matar.
.....		
37-Ali perto aonde ele	43-Os vigias do engenho	49-E assim vivia ali
38-via uma menina bela	44-vigiavam de pertinho	50-aquela sussuarana
39-ele seduzia a pobre	45-quando viam uma menina	51-praticando o que queria
40-findava junto com ela	46-filha de qualquer vizinho	52-por comum toda semana
41-e depois o pagamento	47-eles levavam logo	53-e todo mundo temia
42-era matar o pai dela.	48-pro coronel Vicentinho.	54-aquela fera tirana.
.....		
55-De quando em vez se achava	61-O coronel Vicentinho	67-No dia que o coronel
56-o corpo de um desvalido	62-mandou buscar na Bahia	68-no engenho se zangava
57-assassinado por ele	63-um cavalo puro-sangue	69-no cavalo puro-sangue
58-sem nada ter cometido	64-por avultada quantia	70-num instante se montava
59-e se guardava o segredo	65-montado nesse cavalo	71-saía pisando tudo
60-estava tudo decidido.	66-pra todo canto ele ia.	72-que no caminho encontrava.
.....		
73-Com medo da grande fera	79-No engenho Jundiá	85-Se num partido de cana
74-de casa ninguém saía	80-em caldo não se falava	86-um sujeito defecasse
75-se uma pessoa visse	81-mel também não se comia	87-e por casualidade
76-logo de longe corria	82-cana também não se chupava	88-um empregado o pegasse
77-quando ele estava assim	83-e no partido de cana	89-ele comeria toda
78-de ninguém se condoia.	84-um cabra não defecava.	90-porqueira que ali ficasse.
.....		
91-Em qualquer um baile perto	97-Finalmente era uma fera	103-Porém existe um provérbio
92-quando o coronel chegava	98-o coronel Vicentinho	104-talvez o leitor conheça
93-ele pegava a beber	99-andava mais com um negro	105-não há lente que não erre
94-no fim da conta obrigava	100-chamado Antônio Passarinho	106-duro que não esmoreça
95-toda mulher dançar nua	101-era o vigia geral	107-quem em muitas pedras bole
96-não dançando ele matava.	102-na brigada era sozinho	108-uma lhe cai na cabeça.
.....		
109-Um valente encontra outro	115-Ninguém pode ser o dono	121-Deixo agora o coronel
110-é caso muito aprovado	116-de tudo que a terra cria	122-como a piranha na loca
111-quem procura um dia acha	117-o dinheiro é inimigo	123-mordendo e matando gente
112-assim é tudo traçado	118-orgulho é outra heresia	124-como cobra em cana soca
113-quem pensar que o céu é perto	119-a língua é quem mais castiga	125-pra falar num sertanejo
114-morre de braço estirado.	120-cada coisa tem seu dia.	126-chamado Antônio Cobra Choca
.....		

127-Esse Antônio Cobra Choca	133-Os cabelos encruzados	139-Só andava de revólver
128-era filho do Teixeira	134-o rosto um tanto pequeno	140-carga dupla carregado
129-era um tipo sarará	135-o corpo um tanto banzeiro	141-um punhal de quatro quinas
130-os beijos cheios de frieira	136-bebia de andar sereno	142-destes que chamam lombado
131-e lá no dia de sábado	137-era deste que cuspia	143-pelos reveses da sorte
132-comprava briga na feira.	138-e a baba dava veneno.	144-sempre vivia atrasado.
.....		
145-Houve uma seca em Teixeira	151-Cobra Choca conhecendo	157-Abraçou a sua mãe
146-que deixou sem remissão	152-suas estradas à-toas	158-A velha dona Jacinta
147-a pobreza se acabando	153-despediu-se dos parentes	159-preparou o seu revólver
148-sem o milho e sem o feijão	154-e mais algumas pessoas	160-botou o punhal na cinta
149-e obrigou Cobra Choca	155-saiu pra ganhar dinheiro	161-deu um adeus a Teixeira
150-deixar seu belo sertão.	156-no Estado de Alagoas.	162-partiu num dia de quinta.
.....		
163-Com alpercatas furnidas	169-Com destino às Alagoas	175-Com dez dias mais ou menos
164-bom revólver e bom punhal	170-Cobra Choca foi assim	176-passou em Curumati
165-um grande chapéu de couro	171-disse: – Nem tão cedo agora	177-Canta-Galo, Ponta-Negra
166-roupa de cáqui afinal	172-o Teixeira vê a mim	178-e depois viu de <i>per si</i>
167-uns trapos a tiracolo	173-e mesmo eu não sou jumento	179-os grandes canaviais
168-e pequeno capital.	174-que espera tempo ruim.	180-do engenho Jundiáí.
.....		
181-Bem pertinho deu-lhe uma	187-Defecou e levantou-se	193-Cobra Choca respondeu-lhe:
182-dor de barriga tirana	188-da dor estava abatido	194- – Sim senhor findei agora
183-ele arriou os troços	189-ia passando um vigia	195-deu-me uma dor de barriga
184-perto duma jitirana	190-perguntou-lhe enfurecido:	196-eu das canas fiz escora
185-e saiu quase correndo	191- – Me parece que estavas	197-aquilo que prejudica
186-para o partido de cana.	192-defecando no partido?	198-é bom se botar pra fora.
.....		
199-O vigia respondeu-lhe:	205-Cobra Choca preparou-se	211-Ele ainda quis gritar
200- – Prepare-se desta vez	206-falando bem moderado:	212-mas estava aberturado
201-para limpar com as mãos	207- – Está certo eu limpo tudo	213-Cobra respondeu-lhe logo:
202-a safadeza que fez	208-pode ficar sem cuidado	214- – Se gritar está derrotado
203-e depois disso levar	209-saltou, pegou o vigia	215-é com Antônio Cobra Choca
204-de bolos 43.	210-fincou-lhe o punhal lombado.	216-que você está pegado.
.....		
217-Tomou-lhe logo o seu rifle	223-E arrastou o vigia	229-O vigia comeu tudo
218-um cacete de quiri	224-o pobre se maldizendo	230-como menino chorava
219-e disse: – Vou arrastá-lo	225-no lugar da seboseira	231-Cobra Choca tomou dele
220-tirá-lo logo daqui	226-era apanhando e comendo	232-cento e dez que ele levava
221-e você vai comer toda	227-se não comer eu lhe sangro	233-E disse sorrindo: – Deste
222-porqueira que fiz aqui.	228-Cobra Choca era dizendo.	234-cobrinho eu precisava.
.....		
235- – Agora pra não morrer	241-O vigia viu-se livre	247-Perguntou-lhe o coronel:
236-vá embora, é seu recurso	242-nessa hora desabou	248- – Que deseja amigo meu
237-e avise o coronel	243-E Antônio Cobra Choca	249-Aqui por este terreno
238-que num pequeno discurso	244-pra casa-grande marchou	250-Cobra Choca respondeu:
239-um cabra lhe obrigou	245-falou na porta e o velho	251- – Desejo ganhar dinheiro
240-beber caganeira a pulso.	246-a ele se apresentou.	252-porque meu sertão morreu.
.....		
253- – Sou natural de Teixeira	259-O coronel Vicentinho	265-Em que o senhor trabalha
254-do sítio de Pororoca	260-aí fez um ar de riso	266-faça o favor me dizer
255-a minha mãe é Jacinta	261-disse: – Eu tenho serviços	267-Cobra Choca disse: – Em tudo
256-meu pai é Pedro Janoca	262-de gente eu ando no piso	268-que pra mim aparecer
257-meu nome próprio é Antônio	263-mesmo de um Cobra Choca	269-eu sou um homem pra topar
258-Apelido Cobra Choca.	264-no me engenho eu preciso.	270-só boto pra derreter.
.....		
271-O coronel Vicentinho	277- – Isto de volta é asneira	283-Saiu e pediu licença
272-respondou-lhe: – Olhe acolá	278-Cobra Choca respondeu	284-ao coronel Vicentinho

273-aquela barraca nova	279-Porque eu também sou homem	285-e procurou a barraca
274-ajeite os troços e vá	280-ninguém é mais do que eu	286-pronto pra pegar cedinho
275-mas minha volta é por dentro	281-o homem que der em mim	287-o coronel disse à tropa
276-como barba de imbuá.	282-pode dizer que morreu.	288-aquele cabra é bonzinho.
.....		
289-O cabo no outro dia	295-Lá Cobra Choca brigou	301-Levaram logo a notícia
290-juntou a sua maloca	296-com um tal de Gavião	302-ao coronel Vicentinho
291-foi à barraca também	297-meteu-lhe a foice num braço	303-Cobra Choca foi chamado
292-chamou Antônio Cobra Choca	298-que o braço arriou no chão	304-para trabalhar sozinho
293-lhe entregou uma foice	299-mas Cobra Choca era bom	305-em uma várzea de cana
294-e foram pra uma broca	300-foi quem venceu a questão	306-da casa grande pertinho.
.....		
307-Agora aqui é preciso	313-Certo dia Isabel	319-Cobra Choca olhou e disse:
308-eu falar em Isabel	314-ia alegre cantando	320- – Ó que menina aloprada!
309-menina de quinze anos	315-passou por perto onde estava	321-das pernas do meu agrado
310-e filha do coronel	316-Cobra Choca trabalhando	322-estava perto um camarada
311-bonita como Iracema	317-ela com a roupa curta	323-ouvei foi logo contar
312-virgem dos lábios de mel.	318-bonitas pernas mostrando.	324-aproveitou a parada.
.....		
325-Foi à casa grande e disse	331-O coronel Vicentinho	337-Logo imediatamente
326-ligeiro ao coronel:	332-mandou um portador lá	338-foi e provou ser fiel
327- – Cobra Choca neste instante	333-disse: Diga ao Cobra Choca	339-porém foi bem prevenido
328-pilheriou Isabel	334-que sem falta venha cá	340-sua volta era cruel
329-E ficou ali na várzea	335-disse Cobra Choca: – Eu vou	341-quando chegou disse assim:
330-igual um lobo cruel.	336-pra ver o que é que há.	342- – Pronto senhor coronel.
.....		
343-Irado como um leão	349-Cobra Choca disse: – Achei	355-O coronel conheceu
344-perguntou-lhe o coronel:	350-e fiquei embelezado	356-que era pra se acabar
345- – Disseram-me que você	351-via as pernas da menina	357-disse sorrindo: – Eu mandei
346-está um lobo cruel	352-e fiquei todo arrepiado	358-um portador lhe chamar
347-estava achando bonita	353-se quiser alguma coisa	359-porque eu gosto de homem
348-as pernas da Isabel?	354-disponha de seu criado.	360-que só diz pra sustentar.
.....		
361-Isabel chegou ali	367-Pediu licença e saiu	373-Convidou-a pra fugir
362-fez pra ele um ar de riso	368-uma cartinha anotou	374-e marcando logo o dia
363-e Cobra Choca com isso	369-e no outro dia quando	375-ela lhe disse que sim
364-quase perdia o juízo	370-a hora se aproximou	376-com perfeita garantia
365-e disse: – Do teu amor	371-pela varanda alta noite	377-trataram e ele saiu
366-menina santa eu preciso.	372-a ela a carta entregou.	378-pra barraca onde vivia.
.....		
379-Preparou as suas armas	385-Ele a palestrar com ela	391-Deixo agora o Cobra Choca
380-na hora se dirigiu	386-como quem não se aperreia	392-palestrando no caminho
381-meia-noite mais ou menos	387-a lua brilhava muito	393-com Isabel sua noiva
382-com a menina saiu	388-dos vales até a aldeia	394-gozando dela o carinho
383-o coronel Vicentinho	389-quando o dia amanheceu	395-para referir-me um pouco
384-estava dormindo, não viu.	390-estavam com légua e meia.	396-ao coronel Vicentinho.
.....		
397-Quando o dia amanheceu	403-O coronel Vicentinho	409- – É Antônio Cobra Choca
398-a criada fez na hora	404-ficou igual um leão	410-disse assim o coronel
399-o café e acordou	405-chamou Curuja e Castelo	411- pois ontem à madrugada
400-o coronel sem demora	406-Aratanha e Putrião	412-ele levou Isabel
401-depois disse ao coronel:	407-e disse logo aos cabras	413-peguem e matem lá mesmo
402- – Dona Isabel foi embora.	408- – Vão me buscar um ladrão.	414-façam um trabalho cruel.
.....		
415-Disseram os cabras: – Nós vamos	421-Saíram os quatro cabras	427-Quando Isabel viu a tropa
416-lá não deixemos ninguém	422-e na frente o coronel	428-valeu-se logo em chorar
417-o coronel disse: – Agora	423-com 5 léguas distantes	429-porém Cobra Choca disse-lhe:
418-resolvi e vou também	424-no sítio do Rafael	430- – Sente-se vá descansar
419-eu mesmo quero sangrá-lo	425-avistaram Cobra Choca	431-que você vai ver agora

420-e bebo o sangue que tem.	426-no colo de Isabel.	432-Cobra Choca vadiar.
.....		
433-Armou-se e tomou a frente	439-Cobra Choca matou três	445-Cobra Choca ai partiu
434-assim que a tropa veio	440-naquela ocasião	446-feito uma fera assanhada
435-a tropa fez logo fogo	441-ficou Antônio Passarinho	447-pra pegar o coronel
436-e Cobra Choca no meio	442-mas quase morto no chão	448-ele estranhou a parada
437-com dez minutos de luta	443-o coronel Vicentinho	449-viu que morria entregou-se
438-o estandarte era feio.	444-aí mudou de feição.	450-mesmo no meio da estrada.
.....		
451-Não me mate Cobra Choca	457-Ele suspendeu as armas	463-E Cobra Choca casou-se
452-respondeu-lhe o coronel	458-o barulho terminou-se	464-com sua noiva Isabel
453-que lhe dou com muito gosto	459-foram onde estava Isabel	465-ficou o maior amigo
454-a minha filha Isabel	460-com o pai ela abraçou-se	466-da sogra e do coronel
455-e será de hora em diante	461-saíram para o engenho	467-e o coronel dizia:
456-meu genro amável e fiel.	462-o prazer manifestou-se.	468- – Cobra Choca é cascavel.
.....		
469-Ficou morando com ele	475-No engenho de Jundiaí	
470-muito alegre e prazenteiro	476-hoje não tem mais maloca	
471-o coronel Vicentinho	477-come-se mel à vontade	
472-deixou de ser cangaceiro	478-ali todo mundo emboca	
473-ficou igual uma ovelha	479-graças a Jesus primeiro	
474-depois que apanhou primeiro.	480-e a Antônio Cobra Choca.	

TEXTO 11: Cidrão e Helena (Severino Gonçalves de Oliveira)

01-Neste romance se vê	07-No mesmo assunto, descrevo	13-Pertinho dele, morava
02-Luta, batalha e terror,	08-Uma história verdadeira,	14-Um velho por nome João,
03-Força, coragem e vingança,	09-Falando sobre um barão,	15-Sincero, honesto e fiel,
04-Tristeza, pranto e horror,	10-Pai de uma filha solteira	16-De bondoso coração.
05-Bravura, honra e critério,	11-Conhecido ali na zona	17-Este só tinha um filho,
06-Ódio, triunfo e amor.	12-Pelo Terror da Ribeira.	18-Que se chamava Cidrão
.....		
19-Cidrão era um bom rapaz,	25-Na hora que o barão soube	31-Chamou a filha zangado
20-De muita capacidade.	26-Daquela amizade fina,	32-E disse neste momento:
21-Por ter bom conhecimento	27-Gritou e disse zangado,	33- –Eu quero que você mande
22- E educabilidade,	28-Como uma fera assassina:	34-Acabar seu casamento –
23-Com a filha do barão	29- –Se acaba o mundo, porém	35-Ou acaba, ou sua vida
24-Consagrou uma amizade.	30-Eu vou cortar essa sina!	36-Vai findar em sofrimento!
.....		
37-Helena disse: – Papai,	43-O barão disse: – Eu acabo	49-Mas, antes dela sair,
38-Certas coisas não convém!	44-Com tudo isto ligeiro!	50-Em um reservado então,
39-Cidrão é um rapaz sério,	45-Levou a filha e botou	51-Escreveu uma cartinha
40-Só a ele eu quero bem!	46-Num navio passageiro	52-E mandou para Cidrão –
41-Se não casar com ele,	47-E mandou depositá-la	53-Se o espírito não me engana,
42-Não caso com mais ninguém!	48-Nos confins do estrangeiro.	54-Foi assim a narração:
.....		
55-Cidrão, eu peço que venhas	61-Por causa do nosso amor	67-Eu vou partir hoje mesmo,
56-Consolar os prantos meus –	62-Eu estou na desventura,	68-Tristemente constrangida –
57-Te lembras daquelas horas	63-Sofrendo grande tormento,	69-Vem cá, sem perda de tempo,
58-Que eu consolava os teus?	64-Passando grande amargura –	70- Vem ver a minha partida!
59-E, se não nos virmos mais,	65-Mas nosso amor só se acaba	71-Demais, recebe um abraço
60-Dá-me o derradeiro adeus!	66-Nos côncavos da sepultura!	72-De tua amante querida!
.....		
73-Quando o rapaz recebeu	79-Ele, olhando, inda avistou	85-Cidrão, quando viu Helena,
74-A cartinha, nessa hora	80-A dita embarcação,	86-Ficou triste e soluçando.
75-Que leu a tal despedida,	81-Dentro do grande oceano.	87-As lágrimas de sentimento
76-Regressou sem ter demora,	82-Naquela ocasião,	88-Caíam de quando em quando.
77-Mas quando chegou no porto	83-Ele ainda via Helena	89-Ele, com gestos de louco,
78-O navio tinha ido embora.	84-De lá dando com a mão.	90-Voltou para casa chorando.
.....		
91-Quando ele chegou em casa,	97-O rapaz disse chorando,	103-Quando foi no outro dia,
92-Contou a situação.	98-Banhado em pranto e com pena:	104-Em uma mata que tinha,
93-Os seus pais aconselharam	99- – Eu não posso me esquecer	105-O rapaz cortou madeira
94-Naquela ocasião,	100-Daquela terrível cena!	106-Do jeito que lhe convinha
95-Porém o rapaz não tinha	101-O jeito é eu viajar,	107-E tratou de ali fazer
96-A menor consolação.	102-Em procura de Helena!	108-Uma pequena barquinha.
.....		
109-Quando preparou a barca,	115-Quando completou dois meses	121-Em um rochedo de pedra
110-Destinou-se a viajar:	116-Que o rapaz ausentou-se,	122-Ele pôde então chegar.
111-Arrumou os necessários,	117-Dentro do grande oceano	123-Subiu-se e ficou olhando
112-Como quem ia pescar.	118-Sua barca naufragou-se –	124-Naquele triste lugar –
113-Ali, sem perda de tempo,	119-Ele, com muito trabalho,	125-Comendo lesma e bebendo
114-Entrou em busca do mar.	120-Da morte ainda salvou-se.	126-Água salgada do mar.
.....		
127-Ali passou onze meses,	133-Ele, um dia, no rochedo,	139-Quando ele viu o navio,
128-Que nem um prisioneiro	134-Estava chorando, com frio.	140-Gritou e deu com a mão.
129-Agora, vamos tratar	135-Pediu a Deus que mostrasse	141-Naquele momento ali,
130-De um assunto verdadeiro,	136-A ele ali um desvio –	142-Parou a embarcação –
131-Mostrando como Cidrão	137-Quando, naquele momento,	143-Não teve um só passageiro
132-Foi parar no estrangeiro.	138-Vinha passando um navio.	144-Pra não prestar atenção.

145-O capitão do navio,	151-Entrou em um salva-vida	157-O moço vinha barbudo,
146-Por ser um homem sem medo,	152-E seguiu sem ter demora.	158-Na mais cruel desventura –
147-Disse já aos companheiros:	153-Quando chegou no rochedo,	159-O cabelo cresceu tanto
148- – Ali existe um segredo!	154-De pena quase que chora,	160-Que batia na cintura,
149-Eu vou ver qual o mistério	155-Quando foi chegando o moço	161-Parecia um cadáver
150-Que tem naquele rochedo!	156-Naquela tocante hora.	162-Que saiu da sepultura!
163-Quando o capitão viu ele,	169-O capitão disse ao moço:	175-Essa moça é tão bonita,
164-Gritou e disse ligeiro:	170- –Nós vamos para a Argentina,	176-Que parece uma verbena!
165- – Se deseja alguma coisa,	171-Assistir a um casamento,	177-As faces dela parecem
166-Se disponha, companheiro!	172-Na cidade Carolina,	178-O perfume de açucena –
167-Cidrão disse: –Eu só pretendo	173-De uma moça, filha única,	179-O mundo não cria mais
168-R regressar ao estrangeiro!	174-Do barão Luís da Campina.	180-Outra moça igual a Helena!
181-Cidrão disse: – Eu acredito	187-Quando ele disse assim,	193-Mas, não escutando aquilo,
182-Que essa mocinha é bela!	188-Ficou de feição mudada.	194-O levou na mesma hora
183-Quero que vocês me levem	189-Disse: –Eu ando aqui perdido,	195-E botou-o no seu navio.
184-Para a residência dela,	190-Distante da minha amada!	196-Urgente, sem ter demora,
185-Pra ver, se por este meio,	191-O capitão, nesta hora,	197-Ligou as velas do barco
186-Eu posso falar com ela.	192-Desconfiou da parada.	198-E seguiu de mar a fora.
199-Com três dias de viagem,	205-Chegando na Argentina,	211-Naquele dia seguinte,
200-Chegaram na Palestina.	206-Deram soltura a Cidrão.	212-Deu-se uma terrível cena:
201-De lá tornaram seguir,	207-Ele, como um desvalido,	213-Cidrão, como penitente,
202-Cumprindo o revés da sina;	208-Saiu nessa ocasião	214-Em um estado de pena,
203-Com cinco dias completos,	209-Mendigando pelas ruas,	215-Foi pedir uma esmola
204-Chegaram na Argentina.	210-A fim de arranjar o pão.	216-A sua querida Helena.
217-Chegando num palacete,	223-A moça deu a esmola	229- –Qual Cidrão? o penitente
218-Avistou uma donzela.	224-E, na mesma ocasião,	230-Perguntou, muito espantado.
219-Cidrão, naquele momento,	225-Começou chorar e disse	231-Helena disse: – É um moço
220-Foi se aproximando dela,	226-Ao penitente então:	232-Que mora em outro Estado –
221-Curvou os joelhos no chão,	227- – O senhor, tirando a barba,	233-É noivo meu e vivemos
222-Pedindo uma esmola a ela.	228-É a cópia de Cidrão!	234-Um do outro separado!
235-Cidrão disse: – Eu lamento	241-Entre nosso amor sem fim,	247-Puxou o retrato e disse:
236-A sua vida singela!	242-Foi assinado um contrato –	248- –Está vendo esta donzela?
237-Eu também, há mais de um ano,	243-Eu digo não é mentira,	249-Eu, na mais tremenda luta,
238-Gostava de uma donzela	244-Ninguém pense que é boato!	250-Me obrigo a morrer por ela!
239-E hoje ando padecendo,	245-Em lembrança eu trago aqui	251-Helena, olhando o retrato,
240-Aquí separado dela!	246-Da minha noiva o retrato!	252-Conheceu que era o dela.
253-Helena ficou pasmada	259-Helena pegou a chorar,	265-Helena ali, mais Cidrão,
254-Naquela ocasião –	260-Naquele triste momento,	266-Começou dizendo a ele:
255-Conheceu que o penitente	261-Em ver seu noivo querido	267- –O meu pai tem um instinto,
256-Era seu noivo Cidrão!	262-Naquele padecimento –	268-Que nunca se viu daquele!
257-Chorou em ver seu amado	263-E Cidrão também contou	269-Quer que eu case com um negro,
258-Naquela situação.	264-A ela o seu sofrimento.	270-Pra fazer os gostos dele!
271-Somente porque o negro,	277-Mas não tem nada, Cidrão,	283-Você venha por detrás,
272-Na cidade é o potentado –	278-Vamos com isto pra frente!	284-No dia do casamento,
273-Na riqueza é o maior,	279-Meu pai quer que eu me case	285-Que eu já estou preparada –
274-Aquí dentro do Estado:	280-Com o tal negro indecente –	286-Arribo ali no momento
275-Tem cinco navios no porto	281-Eu caso, porém, na festa,	287-E deixo o negro na sala
276-E dez fazendas de gado.	282-Contigo eu pego a tangente!	288-Dando pitomba no vento!
289-Helena, dizendo aquilo,	295-Deu-lhe o dinheiro dizendo:	301-Cidrão se ausentou, dizendo:

- 290-Pra dentro fez um revés.
291-De volta, deu a Cidrão
292-Um brilhante e dois anéis
293-E, em moeda legal,
294-Deu trinta contos de reis.
- 296- – Com este vá se tratar,
297-Depois saia pela rua,
298-Procurando até comprar
299-Um cavalo bom e forte,
300-Que dê pra nós viajar.
- 302- – Com isto eu não me empanco!
303-No mesmo dia, comprou
304-Um cavalo bom e franco,
305-Castanho, da frente aberta,
306-Dos quatro mocotós brancos.
-
- 307-Depois, comprou um revólver,
308-Um punhal e um facão
309-E encomendou ali
310-Um decente cinturão,
311-Com a cartucheira larga,
312-Que coubesse munição.
- 313-Quando Cidrão preparou-se,
314-Se ausentou nesse momento
315-E ficou ai oculto,
316-Nas garras do sofrimento,
317-Esperando pelo dia
318-Do infeliz casamento.
- 319-Quando foi com quatro dias,
320-Numa tarde linda e bela,
321-Cidrão estava sentado
322-Perto de uma capela,
323-Quando foi chegando o negro,
324-De braço com a donzela.
-
- 325-Quando entraram na capela,
326-Casaram na mesma hora,
327-O negro, muito vexado,
328-Regressou sem ter demora
329-E Cidrão ficou zombando
330-Do dito noivo caipora.
- 331-Quando chegaram na casa
332-Do barão Luís da Campina,
333-Travaram uma grande festa,
334-Que só se ouvia a buzina,
335-Tocando piano e flauta,
336-Violão e concertina.
- 337-O negro gritava viva,
338-No meio da população.
339-A moça também gritava,
340-Naquela ocasião,
341-Porém o sentido dela
342-Estava somente em Cidrão.
-
- 343-A moça disse ao negro:
344- –Eu estou incomodada,
345-Quero descansar um pouco!
346-Aí chamou a criada.
347-O negro sorriu e disse:
348- – Pode ir, querida amada!
- 349-No momento que a moça
350-Da sala ausentou-se dele,
351-Fez um bilhete vexada,
352-Que nunca se viu daquele,
353-E botou a subscrita,
354-Para ser entregue a ele.
- 355-O bilhete estava escrito,
356-Dizendo assim mais ou menos:
357-Eu vou arribar com outro,
358-Saiba você, seu moreno!
359-E, se achar ruim por isso
360-Se enforque ou beba veneno!
-
- 361-A moça fez o bilhete
362-Naquela ocasião;
363-Deixou em cima da mesa
364-E seguiu para o oitão.
365-Quando abriu a tal porta,
366-Foi encontrando Cidrão.
- 367-No momento que Cidrão
368-Foi avistando a donzela,
369-Pegou-a no braço e disse:
370- –Venha cá, querida bela!
371-Montou-se ali no navio
372-E queimou o chão com ela.
- 373-Viajaram a noite toda,
374-Sem de Deus perder a fé.
375-Quando foi no outro dia,
376-Na mata do Cabaré,
377-Pararam a dita jornada,
378-Para tratar de um café.
-
- 379-Aqui, deixo Cidrão
380-Junto com sua pequena,
381-Conversando sobre os dramas,
382-Daquela terrível cena.
383-E vou falar sobre o negro,
384-Quando procurou Helena.
- 385-O O negro, à meia-noite,
386-Ergueu-se com gentileza
387-E foi procurar o quarto
388-Helena ali com certeza –
389-Em vez de Helena, encontrou
390-A carta em cima da mesa.
- 391-Quando o negro leu a carta,
392-Gritou alto por Helena.
393-Conheceu que ali tinha
394-Perdido a sua pequena –
395-Naquele momento ali,
396-Quase lhe dava a gangrena.
-
- 397-O negro ficou ali
398-Pior do que Satanás.
399-Mandou chamar vinte praças,
400-Homens de instinto voraz,
401-E seguiu atrás da moça
402-Com vinte policiais.
- 403-Com três léguas distante,
404-Cidrão e a sua amada
405-Estavam tomando café,
406-Quando ouviram uma zoada –
407-Era o dito batalhão
408-Que vinha pela estrada.
- 409-Quando o grupo foi chegando
410-Naquela ocasião,
411-O negro avistou Helena
412-De parelha com Cidrão.
413-Naquele momento, o moço
414-Recebeu voz de prisão.
-
- 415-Cidrão respondeu, dizendo:
416- –É engano de vocês!
417-Bateu a mão no revólver
418-Com a maior rapidez –
419-De um só tiro derrubou
420-Seis soldados de uma vez!
- 421-Aí, partiu para o negro,
422-Dizendo: – Cabra atrevido!
423-Sua noiva é esta aqui,
424-Cabra, cretino, bandido!
425-Nisto, meteu-se o revólver
426-Que destampou-lhe o ouvido.
- 427-E gritou para os soldados:
428- –Esta nos fica em memória –
429-Vamos ver de nós aqui
430-Quem é que canta vitória!
431-Porém não ficou na luta
432-Um pra contar a história.
-
- 433-Cidrão disse pra Helena:
434- –Eu vou voltar num segundo,
435-Para mostrar a seu pai
436-Que não sou um vagabundo –
- 439-Naquele momento ali,
440-Cidrão voltou apressado
441-E, quando chegou na casa,
442-Bateu na porta vexado.
- 445-Cidrão, naquele momento,
446-Deu um grito e disse assim:
447- – Fui eu o tal que raptei
448-A sua filha pra mim!

437-Embora que, na chegada, 443-O pai da moça saiu 449-Encostou-se a ele e disse:
 438-Se acabe o resto do mundo! 444-Como um leão enfezado. 450- –Mas diga se achou ruim!

.....
 451-Naquilo, o velho partiu 457-O velho, quando se viu 463-Cidrão disse: –Não Senhor!
 452-Para estrangular Cidrão. 458-Abecado na goela, 464-Assim também é demais!
 453-Cidrão deu-lhe uma rasteira, 459-Disse a Cidrão: –Eu lhe dou 465-Naquele momento ali,
 454-Bateu com ele no chão, 460-A minha filha tão bela – 466-Chamou o padre Morais,
 455-Pegou-lhe na goela e disse: 461-E, se quer a minha velha, 67-Casou-se e ali ficou
 456- –Me dá sua filha ou não? 462-Pode se amigar com ela! 468-Vivendo na santa paz.

.....
 469-Casou Cidrão com Helena,
 470-I dali não ausentou-se –
 471-Roubou a moça do negro,
 472-I não desmoralizou-se
 473-Lutou e no fim de tudo,
 474-O negro foi quem danou-se!